

1120

DM
CUNHA/A.1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLINICA


Dissertação de Mestrado

Crescer e Envelhecer de uma forma especial...
História de Vida de uma Centenária


Ana Catarina Pereira Cunha – Nº 11964

DISSERTAÇÃO ORIENTADA POR: Prof. Doutor António Diniz
Instituto Superior de Psicologia Aplicada

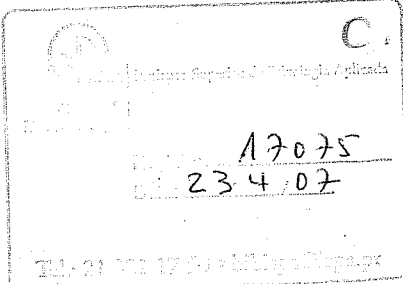
2005



ISPA



17075



23 4 07

17075

AGRADECIMENTOS

À Dr.^a V. pela disponibilidade, carinho e modo amável com que sempre me recebeu; pela partilha da sua história, pelas confidências e pelos momentos agradáveis que me proporcionou e, sobretudo, por me mostrar uma alegria e vontade enorme de viver.

Ao Prof. Doutor António Diniz, pela orientação e por ter fomentado a procura do rigor e da precisão.

À Prof. Doutora Isabel Santana, pelo contacto precioso que me proporcionou com a Dr.^a V. e pela incansável ajuda na concretização deste trabalho.

Ao Prof. Doutor Mário Simões, pela disponibilidade demonstrada e pelo material que me facilitou.

Às colegas de Mestrado Susana Pinto e Vera Cunha, pelo saudável convívio e consagrado companheirismo.

Ao meu tio, Dr. Rogério Silva, pelo seu incentivo e apoio para que eu concretizasse este objectivo.

Aos meus Pais, pela incansável paciência e suporte emocional que revelaram ao longo da vida, principalmente durante esta etapa, e pela compreensão demonstrada nos momentos de ausência.

Aos grandes amigos Heloisa Costa, Ana Martins e Raquel Lemos pelo carinho, ajuda e apoio na resolução dos problemas existenciais.

RESUMO

O sujeito desta investigação tem 106 anos, é do sexo feminino, viúva, com seis filhos, não institucionalizada, sem aparente deterioração cognitiva grave e com um grau de autonomia aceitável. Procurou-se a compreensão da sua história de vida à luz das principais perspectivas do desenvolvimento ao longo do ciclo-de-vida. Pretendeu-se investigar a relação entre os ganhos/perdas ao longo do desenvolvimento e a forma como operam a plasticidade, os mecanismos de adaptação selectiva e compensatória e a resiliência durante o curso de vida. Elaborou-se a história de vida que se alicerçou em entrevistas de estilo não directivo que, uma vez cronologicamente organizadas, foram alvo de uma análise de conteúdo. Neste curso de vida procuraram-se as dinâmicas das principais influências do desenvolvimento em variadas áreas de competência (familiar, social, ocupacional). Destacou-se a importância da plasticidade em elaborar vínculos afectivos como um mecanismo de resiliência facilitador da recuperação após acontecimentos traumáticos. Evidenciou-se a importância de investigar em estudos futuros, nesta área, o tipo de narrativas nos indivíduos mais idosos e averiguar se as estratégias mnésicas utilizadas, principalmente a recordação selectiva, serão factores de resiliência.

Palavras-Chave: ciclo-de-vida, sucesso no envelhecimento, mecanismos de adaptação, história de vida, resiliência.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	6
PARTE I – REVISÃO DE LITERATURA/ FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	
1. Sobre o desenvolvimento humano.....	9
1.1. Concepções unitárias.....	9
1.2. Concepções focais: a meta-teoria do ciclo-de-vida de Baltes.....	14
2. Sobre o envelhecimento humano.....	18
2.1. Envelhecimento cognitivo.....	18
2.2. Consequências emocionais do envelhecimento	22
2.3. Sucesso no envelhecimento.....	26
2.3.1. O modelolo SOC de Paul Baltes e seus colaboradores.....	26
2.3.2. A teoria do controlo.....	31
2.3.3. Resiliência e memória.....	35
3. Perfis de funcionamento no envelhecimento.....	39
4. Formulação do problema.....	46

PARTE II – MÉTODO

1. Considerações metodológicas.....	50
2. Descrição da participante.....	54
3. Instrumentos.....	57
3.1. Instrumentos de recolha da história de vida.....	57
3.2. Instrumentos de análise da história de vida.....	59
4. Procedimentos.....	60
4.1. Procedimentos de recolha da história de vida.....	60
4.2. Procedimentos de análise da história de vida.....	62

PARTE III – RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO

1. Análise cronológica.....	67
2. Análise categorial temática.....	84
3. Análise do tipo de narrativa.....	96
4. Análise do biograma.....	100

PARTE IV – CONCLUSÃO

Conclusão.....	103
Referências.....	111

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Montagem da História de Vida.....	119
Anexo 2 – Cronograma dos encontros	142
Anexo 3 – Temas para as entrevistas directivas	144
Anexo 4 – Transcrição integral das entrevistas.....	147
Anexo 5 – Quadro de análise categorial temática.....	203
Anexo 6 – Biograma.....	204

INTRODUÇÃO

A longevidade pode considerar-se um fenómeno em expansão. Na verdade, o envelhecimento da população é uma realidade de amplitude mundial, pelo que a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001) prevê que em 2025 existirão 1,2 biliões de pessoas com mais de 60 anos, sendo que os muito idosos, com 80 anos ou mais, constituem o grupo etário de maior crescimento. Portugal não é excepção a este panorama. De acordo com os dados mais recentes do Instituto Nacional de Estatística (INE, 1999) entre 1960 e 1998 o envelhecimento da população portuguesa traduziu-se por um decréscimo de 35,1% na população jovem e um incremento de 114,4% da população com mais de 65 anos. De referir que o crescimento não é homogéneo dentro da própria população idosa, pois é o grupo dos 75 e mais anos que cresce a taxas mais elevadas. Paralelamente, a esperança de vida no sexo feminino é superior à do masculino, verificando-se que as mulheres com 65 anos vivem em média mais três anos e meio do que os homens.

São de todos conhecidas, e saudosamente recordadas, as histórias dos avós. Aliás, desde sempre os indivíduos, das mais diferentes culturas, se serviram de histórias ou narrativas para darem um significado às suas vidas. As histórias que contamos aos outros são poderosas porque encerram uma perspectiva do passado e podem determinar o modo como vemos o futuro. Sarbin (in Gonçalves, 2003) identifica as histórias como formas de organizar episódios no tempo e no espaço, bem como maneiras de ordenar as nossas fantasias, as narrativas não contadas, as memórias, os sentimentos de ódio e amor...

Nas narrativas temos em comunhão e em jogo um conjunto de actores localizados espacial e temporalmente, direccionados para o mundo e para os outros como seres intencionais. Através das histórias que contamos aos outros, e uma vez que elas organizam a nossa experiência e moldam o nosso comportamento, tentamos explicar e dar um sentido às nossas vidas, à nossa identidade. Mas uma identidade apenas pode ser mantida enquanto outros desempenharem papéis que sustentem a construção da mesma. A presença de um outro (presente ou imaginário) é, assim, essencial, e, portanto, o desenvolvimento de uma narrativa de *self* é sempre um

processo de co-autoria. O *self* não é fundamentalmente uma propriedade do indivíduo, mas dos seus relacionamentos – um produto da interacção social.

Assim, a natural associação da progressiva longevidade com o inquestionável poder das histórias e narrativas, torna por si só evidente a extraordinária importância do estudo das histórias de vida para a compreensão da evolução do sujeito em sociedade.

Neste estudo pretendeu-se analisar e estudar a trajectória de vida de uma centenária à luz de diferentes teorias do desenvolvimento humano (Adler, 1959; Erikson, 1980; Levinson, 1986; Gilligan, 1997; Baltes, 1997; Heckhausen & Shulz, 1996), tendo como método de investigação a história de vida (Poirier, Valladon, & Raybaut, 1999). Centrám-nos, principalmente, nas perspectivas focais do desenvolvimento (Baltes, 1997; Heckhausen & Shulz, 1996), com a intenção de compreender a existência (ou não) de um padrão de funcionamento adaptativo e resiliente ao longo do ciclo-de-vida, que esta na base de um envelhecimento de sucesso.

Perseguindo este objectivo, na primeira parte do trabalho procedemos a uma revisão de literatura onde abordámos as perspectivas do desenvolvimento que considerámos mais pertinentes para este caso, com a finalidade de podermos delimitar a formulação do(s) problema(s) em estudo. Assim, apoiando-nos nas influências que Baltes, Staudinger, & Lindenberger (1999) consideram como fundamentais no desenvolvimento, procurámos estabelecer quais as mais determinantes ao longo deste curso de vida. Pretendemos esclarecer de que forma foram arquitectadas as três estratégias adaptativas – selecção, optimização, compensação (Baltes & Freund, 1998) - ao longo do ciclo-de-vida; como foi gerida a plasticidade e o balanço entre os ganhos/perdas com o envelhecimento. Pretendemos, também, encontrar e estudar a capacidade de resiliência ao longo da trajectória de vida e, principalmente, no envelhecimento (Garmezy, 1999; Kaplan, 1999; Kumpfer, 1999; Anaut, 2005).

Na segunda parte do texto, dedicámo-nos às questões metodológicas. Descreveu-se a metodologia utilizada – história de vida -, o sujeito participante, os instrumentos utilizados e as várias fases e etapas de recolha e análise do material. Assim, a descrição dos instrumentos e do procedimento baseou-se numa dicotomização entre instrumentos e procedimentos de recolha e de análise da história de vida,

salientando-se o recurso a “estratégias múltiplas” de recolha e análise (Burguess, 1997) que, também, promoveram a validação dos resultados obtidos. A recolha da informação foi feita através de entrevistas de estilo não directivo e de observação participante num contexto naturalista com o recurso a um diário de campo e a um gravador (Burgess, 1997; Fernandes, 2002; Ghiglione & Matalon, 1992; Legrand, 1992; Vieira, 2002). A história de vida foi sujeita a uma análise de conteúdo (Bardin, 1977; Legrand, 1992; Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1999; Vala, 1986), da qual resultou, na terceira, uma apresentação e discussão dos resultados conseguidos através do recurso a quatro técnicas: análise cronológica, análise categorial temática, análise do tipo de narrativa e biograma.

Por fim, a conclusão consistiu na quarta parte do estudo e nela pretendemos articular os resultados mais relevantes com o corpo teórico. Procurámos responder às questões do estudo, deixando outras em aberto para possíveis investigações futuras na área da resiliência no envelhecimento, principalmente quando o destaque é dado a centenários.

PARTE I – Revisão de literatura / Formulação do problema

As concepções do desenvolvimento ao longo do ciclo-de-vida valorizam o crescimento e a mudança englobados num contexto sócio-cultural específico. Prosseguimos com uma abordagem das concepções unitárias do desenvolvimento, nomeadamente as de Adler, Erickson e Levinson, que serviram de base para as perspectivas focais. O estudo centrou-se principalmente nestas últimas, onde foram abordadas as concepções da meta-teoria do ciclo-de-vida de Baltes e a teoria do controlo de Heckausen e Schultz que surge como uma adaptação da primeira. O foco do trabalho reside nos conceitos do envelhecimento bem sucedido e nos processos que regem o balanço entre os ganhos e as perdas associados à velhice, com destaque para as temáticas do envelhecimento cognitivo, as consequências emocionais do envelhecimento, e a resiliência.

1. Sobre o desenvolvimento humano...

1.1. Concepções unitárias do desenvolvimento

A psicologia individual de Adler (1959) compreende uma visão holística do comportamento humano, sustentando que o principal motivo que o anima é a busca de um ideal de perfeição. Segundo o autor, as motivações principais que geram o comportamento revelam-se por existir, à partida, no ser humano “sentimentos de inferioridade”. Todos os indivíduos (uns mais, outros menos), possuem este sentimento devido às experiências que tiveram enquanto crianças, quando o poder e os privilégios eram da responsabilidade dos adultos. Para colmatar este “sentimento de inferioridade” prevalece uma tendência para a busca de um “sentimento de superioridade”¹. A teoria de Adler reside no estudo da relação

¹ De acordo com Coleman e O’Hanlon (2004), os sentimentos de inferioridade ressurgem com o envelhecimento, visto este estar associado a um declínio cognitivo e, por sua vez, o idoso verificar uma diminuição no estabelecimento de relações sociais. Contudo, no sentido de os colmatar é encorajado a interessar-se pelos outros vindo a (re) situar-se e a ganhar um sentido de si e de pertença.

dialéctica entre estes dois motivos, a qual resulta numa trajectória individual de vida. Esse fio condutor da existência, que muitas vezes é desconhecido, traduz o “estilo de vida”. Mas, porque todos os problemas importantes da vida são problemas de natureza social, o estilo de vida só pode ser entendido no contexto social em que o indivíduo se insere.

Então, desta forma, para a construção de um “estilo de vida” vemos que a família é tida como fundamental na compreensão do comportamento, uma vez que ele se forma logo na primeira infância, sob a influência de factores como a ordem de nascimento, inferioridade ou superioridade física e desleixo ou superprotecção parental. Deste modo, Adler (1959) dá especial importância à função das “memórias precoces”, que se revelam como as primeiras recordações que o indivíduo tem acerca das relações familiares e sociais e que, por sua vez, vão ser fundamentais na construção do “papel de vida” pois exercem influência na formação e concepção do seu papel social e grupal. Revelam-se com valor preditivo das características da personalidade.

Tal como Adler, Erikson (1980) compreende o desenvolvimento como um processo holístico. Numa abordagem relativa à formação da identidade, Erikson (1980) elaborou o modelo mais conhecido e, provavelmente, mais reconhecido, de evolução da estrutura da personalidade ao longo do ciclo-de-vida. A evolução é considerada através de um jogo de interacções entre a maturação e as pressões ambientais. O desenvolvimento operar-se-ia segundo uma progressão de oito estádios, cada um destes alicerçando-se no precedente e constituindo a base do seguinte. Segundo Buss (in Fonseca, 2005), a teoria de Erikson terá sido a primeira a considerar a vertente bidimensional do desenvolvimento psicológico (interacção entre a realidade social e percurso individual).

Ainda segundo Erikson, cada etapa da vida, desde o nascimento até à morte, tem os seus desafios ou tarefas críticas – as tarefas psicossociais – que resultam da intensa interacção entre o percurso individual e as exigências sociais que devem ser abordadas para adequar o desenvolvimento a um meio instável. Cada pessoa possui um potencial de amadurecimento e a necessidade de a partilhar com os outros, assumindo compromissos cada vez mais amplos que envolvem mudanças, interacções, ajustes e adaptações contínuas, permitindo abrir o leque de respostas possíveis. Na verdade, enquanto o sujeito se desenvolve, a sociedade vai impondo

determinadas exigências, às quais ele tem que se adaptar (Erikson, 1980; Erikson, Erikson, & Kivnick 1986). Por cada nova exigência, surge uma nova crise que o sujeito terá que resolver. De acordo com Marchand (2001), durante estas crises o sujeito pode resolvê-las situando-se num *continuum* e não encarando-as como alternativas, o que implica que este pode deslocar-se da possibilidade óptima até à possibilidade negativa de resolução. Deste modo, o ideal será a criança estruturar as suas relações sociais com base na confiança, autonomia e na assertividade, o adolescente com base na formação de uma identidade, o adulto jovem com base no amor e na intimidade, o adulto em redor da atenção e do cuidado do outro, da generatividade e o idoso em torno da sabedoria e da integridade do eu.

O conceito de generatividade, tomado por Erikson (1980²), diz respeito à interdependência das gerações, relevando a necessidade dos sujeitos se sentirem úteis e cuidarem dos outros. Assim, tanto os adultos como as crianças dependem mutuamente uns dos outros. Quando esta interdependência generativa falha, o indivíduo entra num processo de estagnação em que se centra de uma forma infantil nele mesmo, sofrendo um empobrecimento pessoal. Note-se que depois de, no início, a generatividade ser associada à procriação, hoje ela foi estendida a outros domínios, como à promoção do bom desenvolvimento das futuras gerações, apostando-se na qualidade parental, dos professores e dos mentores, pretendendo-se fomentar uma boa qualidade de vida para os indivíduos e para o meio em que estão inseridos (MacAdams, 2001).

O último estágio do desenvolvimento é o da Integridade do Eu versus Desespero. Espera-se que o sujeito, quando alcança esta etapa, revele uma avisada aceitação dos factos da vida e consiga defender a dignidade do seu estilo de vida, sem demonstrar sentimentos de pesar por este não ter sido diferente. Espera-se ainda que cada um seja responsável pela própria vida e que, de uma forma geral, consiga fazer uma aceitação do eu e percepcione a própria vida com sucesso. Do outro lado, caso não surja essa sabedoria, o indivíduo pode deparar-se com um sentimento de desespero e temor da morte (Erikson et al., 1986).

² A generatividade é um conceito originalmente proveniente da matemática – propriedade de algumas funções matemáticas; depois foi usado na linguística por Chomsky (in Chomsky, 2002) com a sua gramática generativa. Erikson foi o responsável por trazer este conceito para o léxico da psicologia moderna.

Como a teoria de Erikson (1980) envolve a interacção entre a maturação e as influências ambientais na compreensão do desenvolvimento, para além de ser uma teoria focalizada na totalidade do ciclo-de-vida, também deu um primeiro contributo para a emergência da noção de “curso-de-vida”, que foi, posteriormente, desenvolvida por Levinson (1986).

Tal como Erikson, também Levinson (1986) identificou períodos ao longo do desenvolvimento, aos quais deu o nome de estações, que eram ultrapassados através de uma alternância entre fases estáveis e fases de transição. Este autor dedicou-se, principalmente, ao desenvolvimento do adulto, e a sua concepção tem como tema chave a noção de “estrutura de vida” que corresponde à fase estável do desenvolvimento (cria-se graças às interacções sucessivas entre o eu e o mundo exterior). Nas fases de transição, as estruturas precedentes são analisadas e podem, mesmo, ser remodeladas. Assim, a vida adulta desenvolve-se de modo sequencial ao longo de uma alternância entre as fases estáveis e as de transição, as quais são variáveis de pessoa para pessoa, comportando um desenho subjacente à vida do indivíduo num determinado momento. É uma teoria de mudança que abarca os conceitos de desenvolvimento ao longo do ciclo-de-vida e do curso-de-vida. Abrange o desenvolvimento pontuado por temáticas, com marcos cronológicos e sociais previamente estabelecidos e comuns a todos os indivíduos, e dedica-se às vicissitudes relativas à vida de cada indivíduo e às particularidades individuais (desejos, objectivos, compromissos, relacionamentos,...) (Levinson, 1986).

A teoria das estações da vida adulta pressupõe que o ciclo-de-vida se desenvolve em quatro eras ou estações: a estação que precede a vida adulta, o início da vida adulta, a vida adulta intermédia ou a meia-idade e a vida adulta tardia. Na estação da jovem adultez, Levinson (1986) destacou como relevantes a ocorrência do “sonho” e a presença de um “mentor”. O “sonho” revela-se como um motor de idealização, através do qual o indivíduo se projecta no futuro, no mundo dos adultos. É o sonho que confere energia, vitalidade para a disponibilidade de meios orientados para a concretização dos objectivos futuros. Pode sofrer transformações, no entanto, a sua importância reside na congruência de objectivos encontrados após as modificações exercidas. O conceito de “mentor” revela-se como outro tema-chave desta teoria. Caracteriza-se pela presença, no curso-de-vida, de um indivíduo mais velho que assume uma função de modelo, que orienta, ajuda, dá conselhos ao sujeito e ajuda-o a implementar o seu sonho na vida adulta.

Esta abordagem focalizou-se mais na estrutura de vida masculina, pois generalizou-se com base na análise de biografias de homens, contemplando mais o universo e as crises masculinas (aliás, o mesmo se passou com Erikson). Na verdade, Levinson não ficou indiferente às críticas a que a sua primeira investigação foi sujeita, pelo que conseguiu fazer uma mesma análise, desta vez com uma amostra no feminino, pouco antes de falecer (Coleman & O'Hanlon, 2004).

Assim, verificou-se que no caso das mulheres, o curso de vida era pautado pelas mesmas estações que nos homens; constataram-se, no entanto, muitas diferenças entre géneros no que concernia à dinâmica associada às estruturas de vida. No caso das mulheres verificou-se uma maior ambivalência nas estruturas de vida. O sonho no feminino prevalecia, contudo, era equacionada em primeiro lugar a vida familiar e o desempenho do papel materno, com o desejo de ser uma “boa mãe”. Mesmo as mulheres que atribuíam importância a uma carreira profissional tinham como sonho o desejo de casar e de constituir família (Durkin, 2000). Para a compreensão das diferenças encontradas, Levinson (in Coleman & O'Hanlon, 2004) introduziu o conceito de separação por géneros, o que significava que os mundos dos géneros masculino e feminino tinham construções de base muito diferentes em vários níveis. Isto incluía uma diferenciação nos papéis relativos às esferas doméstica e pública. Num contexto dominante de sociedade patriarcal, ao género masculino era suposto assumir um papel activo na esfera pública, enquanto que às mulheres era normativo reservarem-se à esfera doméstica. O conceito de mentor revelou-se diferente para ambos os géneros; para as mulheres era bastante difícil encontrarem alguém com as características de mentor, mesmo para aquelas que tinham carreiras profissionais, contudo, nas mulheres casadas o marido poderia ser visto enquanto tal.

Na verdade, segundo Gilligan (1997), era normativo as mulheres motivarem-se pelo sonho relacionado com o casamento, no qual a sua estrutura de vida iria centrar-se no cuidar dos outros (cuidar e educar os filhos, cuidar do marido, responsabilizar-se pelas tarefas domésticas, dominar a esfera social, cuidar dos amigos e dos parentes idosos, lidar e suportar com as crises familiares e, de forma geral, assegurar a sobrevivência da família). Contudo, muitos factores contribuíram para que as mulheres começassem a evoluir nos seus sonhos, aproximando-os mais dos domínios do género masculino, por exemplo o aumento da longevidade e a

consequente necessidade de se sentirem autónomas e independentes; evolução dos sistemas escolares que se encarregam de assegurar a alimentação dos filhos; aumento da taxa de divórcios, em que a dimensão de família eterna era posta em causa. A revolução sexual veio dar à mulher o poder de reivindicar mais liberdade, oportunidades iguais e mais espaço para a concretização de sonhos relacionados com a esfera de desejos e objectivos pessoais. A mulher reivindica uma carreira e objectivos, anteriormente atributos do mundo masculino, sem nunca perder a sua feminilidade (Coleman & O'Hanlon, 2004).

Após esta breve comparação entre algumas concepções unitárias do desenvolvimento, verificamos que o "papel de vida" (Adler, 1959) se constrói logo na primeira infância, sendo que as memórias precoces poderão revelar-se como fundamentais para o seu conhecimento. Os sentimentos de inferioridade tendem a reaparecer na velhice (Coleman & O'Hanlon, 2004), contudo, se o curso-de-vida for orientado por um sonho onde o papel do mentor sobressai (Levinson, 1986), o indivíduo tenderá, com o envelhecimento, a centrar-se na integridade do eu (Erikson, 1980). Sobressaíram, ainda, as diferenças entre géneros, principalmente relativamente ao sonho (Durkin, 2000).

1.2. Concepções focais do desenvolvimento – meta-teoria do ciclo-de-vida de Baltes

O desenvolvimento humano é compreendido através de um jogo interactivo de componentes fundamentais: biológicos, sócio-históricos, sociais e psicológicos

A vida adulta é marcada pelo desempenho de papéis que envolvem determinadas tarefas – familiares, sociais, profissionais, políticas. Esta fase do desenvolvimento humano é a maior de todas as fases do ciclo vital, razão pela qual surgiu a importância de estudar e investigar o modo como estas tarefas são resolvidas, ou não. Na verdade, é relevante assinalarmos a altura em que essa resolução é conseguida, pois o desenvolvimento do indivíduo varia consoante sejam resolvidas no início da vida adulta, no meio ou na fase final do ciclo-de-vida – velhice.

A fase do jovem adulto compreende o período cronológico entre os 20 e os 40 anos, a de meia-idade, o intervalo entre os 40 e os 60 anos de idade, a de terceira idade o intervalo entre os 60 e os 80 anos e, por fim, a quarta idade, abrange os

indivíduos com idade superior aos 80 anos. O termo “quarta idade” foi introduzido por Neugarten com o objectivo de a distinguir da “terceira idade” (Baltes & Smith, 2003), sendo, para Baltes (1997, 1999, 2003), esta a fase do desenvolvimento humano que vai concentrar mais investigações nos próximos tempos uma vez que, devido ao avanço da medicina e das melhores condições de vida a nível social, educacional e económico, cada vez mais pessoas vivem mais tempo.

A teoria do ciclo-de-vida de Baltes (1997;1999) é uma meta-teoria, visto ser resultante da análise de várias teorias já consideradas, estando em jogo interacções entre diversas escolas de pensamento. Segundo Baltes, Staudinger, & Lindenberg (1999), três acontecimentos merecem especial relevância para o desenrolar das perspectivas associadas a esta concepção do desenvolvimento: drásticas mudanças demográficas no sentido do aumento da percentagem de idosos na sociedade ocidental; a emergência da gerontologia como um campo de especialização científico; e, o envelhecimento dos investigadores e dos sujeitos dos estudos longitudinais do desenvolvimento da criança, iniciados nos anos de 1920 e 1930. Esta concepção, tendo como premissa a procura do equilíbrio entre os “ganhos” e as “perdas” durante o desenvolvimento, procura novas formas de inteligência durante a fase adulta e o envelhecimento. Segundo Butler (in Baltes et al., 1999), as reminiscências e a revisão de vida são exemplos de processos cognitivos que emergem mais tardiamente no desenvolvimento. Tem, ainda, como objecto de estudo o desenvolvimento psicológico do indivíduo desde o nascimento até à velhice. Distingue-se pelo facto de assumir que o desenvolvimento não termina com a adolescência ou no início da vida jovem adulta, mas que se prolonga, sim, durante todo o ciclo-de-vida (Baltes et al., 1999).

Na verdade, esta concepção considera o desenvolvimento como um processo longo, conduzido num sentido multidireccional, implicando ganhos e custos. Tem como objectivo fornecer conhecimentos acerca de três componentes fundamentais do desenvolvimento humano: factores normativos no desenvolvimento inter-individual, diferenças no desenvolvimento inter-individual e plasticidade intra-individual durante o desenvolvimento (Baltes et al., 1999).

Em termos de desenvolvimento cognitivo, a relação entre inteligência fluida e inteligência cristalizada é um bom exemplo para explicar esta dinâmica interaccional. A inteligência fluida é considerada como um tipo de inteligência onde predominam as funções relacionadas com o raciocínio abstracto, e com o

processamento rápido da informação; este tipo de inteligência começa a entrar em declínio a partir do fim da adolescência. Em contrapartida, a inteligência cristalizada, que revela primazia sobre os conhecimentos factuais e pragmáticos, orientados para a solução de problemas do dia-a-dia, continua a aumentar na vida adulta e mesmo durante a velhice (Baltes et al., 1999). A inteligência fluida é mais favorecida por factores biológicos, relacionados com a idade, enquanto que a cristalizada está mais dependente dos processos sociais e culturais. Aquando do desenvolvimento humano, com o declínio da primeira, ganha-se na segunda. A equipe de investigadores do Max Plank Institute de Berlim, liderada por Baltes (1997,1999) investiga esta forma dual de inteligência e define o conceito de "sabedoria" como o modo mais apurado e específico do funcionamento pragmático, dependendo este muito mais da inteligência cristalizada do que da fluida. A "sabedoria" pressupõe uma elevada compreensão do desenvolvimento do ciclo-de-vida, da própria natureza humana, das relações sociais, dos objectivos de vida e das incertezas que caracterizam o percurso individual.

Outra premissa desta concepção diz respeito à permanência de uma certa plasticidade durante um percurso de vida individual. A plasticidade caracteriza-se pela variabilidade intra-individual e precisa o potencial que cada sujeito tem para lidar com diferentes formas de desenvolvimento, visto este evoluir num sentido multidireccional. Podemos colocar a questão: será que um mesmo indivíduo "optava" por um desenvolvimento diferente se o meio e as condições exteriores fossem diferentes? Na realidade, segundo Baltes e colaboradores (1999), a plasticidade cognitiva existente em diferentes idades sobressai mais no período correspondente à segunda metade de vida do que no período correspondente à infância.

A arquitectura da teoria do ciclo-de-vida eleva-se com as sucessivas interacções dinâmicas dos factores biológicos e culturais no indivíduo. Deste modo, cada um de nós é uma síntese destas fontes de influência. Baltes e colaboradores (1999) distinguem três grandes categorias que influenciam o desenvolvimento humano: as ligadas à idade, as que estão ligadas ao período sócio-histórico de vida e as relacionadas com acontecimentos de vida não normativos ou autobiográficos.

As influências relacionadas com a idade são normativas, ou seja, resultam do conjunto de determinantes biológicos e ambientais fortemente correlacionados com a idade cronológica e são comuns a todos os indivíduos. Podemos especificar

algumas doenças de natureza genética, a escolarização obrigatória, a reforma fixada por lei. Estas influências são relativamente preponderantes durante o período da infância, sofrendo, até à adolescência, um declínio abrupto, para voltarem a ter um papel mais activo a partir daquela etapa e durante a vida adulta e a velhice. Os factores biológicos são decisivos durante o crescimento e o envelhecimento, tendo como indicadores normativos a escolarização e o período da reforma. O indivíduo não tem controlo sobre eles.

As influências sócio-históricas revelam-se de maior importância pelo facto de os indivíduos de diferentes gerações viverem acontecimentos históricos diferentes. Na realidade, neste último século verificámos mudanças abruptas na forma como, nomeadamente, a sociedade ocidental evoluiu. No caso particular da Europa, a evolução de uma estrutura agrícola e campestre para uma outra industrializada e de serviços, revelou repercussões definitivamente marcantes no desenvolvimento individual e colectivo. Também a progressão verificada ao nível educativo sofreu grandes mudanças, principalmente após a Segunda Grande Guerra, tendo as gerações posteriores vindo a aproveitar do sistema de escolarização obrigatória. Em Portugal, pensemos no 25 de Abril Também sob estas influências os indivíduos não têm controlo. O grau de influência no desenvolvimento destes factores históricos varia na proporção inversa dos factores relacionados com a idade. Elas revelam-se muito fortes na infância, atingindo um ponto óptimo na adolescência e a partir desta fase declinam até à velhice. Com o avançar da idade, os indivíduos tornam-se cada vez mais autónomos relativamente às influências históricas (Grob, Krings & Bangerter, 2001).

Por fim, as influências não normativas são aquelas que estão intimamente relacionadas com os acontecimentos autobiográficos. Referem-se, tanto às escolhas pessoais que o indivíduo faz, sendo, por isso, por ele controladas (como, por exemplo, o casamento, o divórcio, a constituição de família, o emprego), como àqueles acontecimentos que ocorrem inesperadamente na sua vida e que muitas vezes tomam uma magnitude capaz de a modificar completamente: são os acontecimentos que não consegue controlar, podendo-se destacar, como exemplos, a viuvez, o desemprego, a solidão, o facto de ganhar o totoloto, de ter um acidente... Estas influências têm como natureza a especificidade e a unicidade na vida de alguém, e o seu efeito no desenvolvimento fica cada vez mais forte ao longo da vida enquanto envelhecemos.

2. Sobre o envelhecimento humano....

2.1 Envelhecimento cognitivo

Admite-se cada vez mais que os padrões de declínio biológico no ser humano são diferentes nos vários aparelhos e sistemas, e resultam da interação de um somatório de processos intrínsecos, geneticamente programados, de factores ambientais, de diferenças nos estilos de vida e dos efeitos das doenças (Rendas, 2001).

Sobre o envelhecimento existem inúmeras concepções e modelos. De acordo com os modelos biológicos do desenvolvimento, o envelhecimento corresponde a uma fase de senescência com perda da capacidade funcional e com uma evolução tendencial para estados patológicos em que se inclui a demência (Santana, 2003). Por outro lado, segundo uma perspectiva de evolução contínua, o envelhecimento é considerado um estágio de desenvolvimento do indivíduo e as modificações no desempenho cognitivo são conceptualizadas como adaptações e não, propriamente, como perdas ou deteriorações. Na verdade, em estudos recentes com ressonância magnética funcional, verificou-se a presença de plasticidade cerebral associada ao envelhecimento, bem como um desempenho variável do idoso em determinados domínios cognitivos, que se adapta ao modelo individual de plasticidade neuronal (Santana, 2003).

O funcionamento dos sujeitos idosos, principalmente na quarta idade, raramente é óptimo, pelo que as capacidades físicas e intelectuais não são completamente utilizadas no dia-a-dia. Assim, geram uma parcela de reserva à qual podemos aceder consoante as motivações e solicitações ambientais. A plasticidade (Baltes & Baltes, 1990; Baltes et al., 1999) é a capacidade para recuperar ou manter comportamentos adaptativos após uma deterioração inicial. Refere-se, portanto, às reservas que o indivíduo dispõe para otimizar o seu comportamento quando este entra num período de declínio. Com o envelhecimento, a plasticidade diminui através da interação das influências relativas aos factores associados à idade e aos acontecimentos não normativos. Por um lado, com o envelhecimento há uma subutilização das reservas e, por outro, o próprio envelhecimento cerebral cria condições para que essa plasticidade diminua. Baltes e colaboradores (1999)

distinguem dois tipos de reservas: as capacidades de reserva de base (*baseline reserve capacities*) e as capacidades de reserva desenvolvimentista (*developmental reserve capacities*). As primeiras referem-se aos desempenhos máximos que um indivíduo pode atingir numa situação, definindo o nível de plasticidade disponível. Quando há uma optimização dos desempenhos, isto é, quando estes são exercitados e desenvolvidos, é estimado o potencial ontogenético da plasticidade. Esta margem de desenvolvimento corresponde à capacidade de reserva desenvolvimentista.

A função cognitiva é definida como o processo intelectual responsável pelo conhecimento e compreensão de conceitos, envolvendo activamente fenómenos como percepção, pensamento, raciocínio e memória. Neste domínio, com o envelhecimento verificam-se declínios ao nível da inteligência fluida, que é mais dependente de factores biológicos como o envelhecimento cerebral; no entanto, estes declínios podem ser compensados pela inteligência cristalizada, mais pragmática, que, por sua vez, é mais dependente dos factores culturais e parece não declinar com a idade, como vimos no capítulo precedente. Contudo, apesar desta compensação ser possível e realizável, P. Baltes e M. Baltes (1990) enunciam-nos que, nesta etapa de vida, o balanço entre ganhos e perdas vai-se tornando cada vez menos positivo porque o desenvolvimento, para além de nunca trazer somente ganhos, em cada mudança caminha para uma adaptação selectiva. Assim, uma mudança positiva na capacidade adaptativa implica a ocorrência de perdas noutras capacidades desenvolvimentais.

O envelhecimento frequentemente está associado a dificuldades de memória e à lentidão de raciocínio. Nesse sentido, acredita-se que os idosos ficam com dificuldades em lembrar e compreender situações novas que lhes são apresentadas, mas, em contrapartida, superam os jovens em raciocínios que exigem maior "sabedoria". A aprendizagem e a memória encontram-se dependentes da plasticidade cerebral, contudo, a partir da quarta idade (80-100 anos), as alterações cerebrais que estão na base das várias dificuldades de memória tornam-se mais difíceis de colmatar. Estudos neuropatológicos demonstram que, a partir dos 80 anos, o hipocampo (estrutura cerebral responsável por processos mnésicos) perde 20%-30% dos seus neurónios, podendo, nos casos mais graves, degenerar em estados demenciais, particularmente na doença de Alzheimer (Kandel & Squire, 2002).

Algumas funções cognitivas, como a atenção e o planeamento, podem afectar tanto a memória como a compreensão da linguagem; e outros factores de ordem biológica (alimentação adequada) ou psicológica (estado de humor positivo) influem na manutenção das funções cognitivas (Smith, 1996). Apesar do declínio de algumas capacidades mnésicas (mas não de todas) ser mais acentuado do que o das capacidades linguísticas (que envolve conhecimentos aprendidos durante a vida do indivíduo) a verdade é que existem diferentes “memórias” e apenas algumas sofrem um decréscimo durante o envelhecimento.

Actualmente confirma-se a existência de múltiplos sistemas de memória a qual, por sua vez, pode ser classificada segundo diferentes aspectos, como, por exemplo, o temporal. Algumas lembranças fazem referência a conhecimentos recentemente adquiridos e a esse tipo de memória chama-se memória de curto prazo. Outras, pelo contrário, fazem referência a conhecimentos adquiridos há muito tempo que estão armazenados numa memória chamada de longo prazo. Relativamente a esta dicotomia, os idosos têm muito mais facilidade em buscar informações à memória de longo prazo do que à de curto prazo (Baddeley, 1986)

Um tipo de memória de curto prazo muito afectada pelo avanço da idade é a memória de trabalho que capacita a pessoa a fazer uma tarefa complexa que envolve duas ou mais actividades ao mesmo tempo. Este tipo de memória envolve muita atenção que, com a idade, fica bastante prejudicada, (Baddeley, 1986). Um outro tipo de memória também bastante afectado com o envelhecimento é a memória dirigida para os factos do futuro, a memória prospectiva. É uma memória direccionada ao que se passa no dia-a-dia de cada pessoa. Ela também exige muitos mecanismos atencionais, mas ainda outros mecanismos cognitivos importantes: planeamento, intenção e motivação.

Nas diferentes memórias acima citadas existe um envolvimento de motivação, atenção e intenção, pelo que é compreensível que os indivíduos que não possuem um humor mais positivo (ou seja, aqueles que apresentem sintomatologia mais depressiva ou ansiógena) apresentem dificuldades de memória, não conseguindo organizar seu dia-a-dia de forma adequada (Smith, 1996).

As memórias que vamos guardando das nossas experiências vão permitir que nos conheçamos e nos identifiquemos com um passado específico e individual que potencia o relacionamento com os outros e com o meio, transformando-nos num

presente emocional e intelectual inigualável e projectando-nos num futuro, também ele, com um cunho mnemónico muito pessoal. A memória episódica é uma memória de eventos específicos, localizados num espaço e tempo bem determinados e também bastante permeável aos efeitos do envelhecimento (Baddeley, 1996).

Na verdade, muitos são os autores que aderem a uma perspectiva funcional da memória (Baddeley, 1996; Bruce, 1989; Neisser, in Bluck, 2003) que não está dirigida para a categorização da informação como correcta ou incorrecta, actual ou enviesada, mas sim para a compreensão de como o sistema mnésico funciona enquanto se sucedem as inevitáveis interacções indivíduo/sociedade-meio. Interessa-lhes a compreensão de como os indivíduos recordam os eventos das suas vidas. Quanto à memória de eventos pessoais (memória autobiográfica)³, ela fica preservada para os eventos relacionados com os períodos da infância, adolescência ou da vida adulta do idoso. Daí, a tendência que os idosos têm, para se lembrarem de detalhes de factos antigos, bem como conseguirem contar histórias bastante ricas em detalhes e coerência. Muitas terapias de adaptação do indivíduo a uma idade mais avançada incluem o enriquecimento e a valorização de autobiografias, que ajudam a conferir um novo significado à vida do idoso (Smith, 1996).

As recordações autobiográficas envolvem, implicitamente, um pensar do passado no presente, pelo que a compreensão do passado tem como função principal preservar o *self* do indivíduo ao longo do ciclo-de-vida. Um conhecimento autobiográfico é também fundamental nas situações em que o indivíduo se depara com condições adversas no seu desenvolvimento e precisa de fazer mudanças, para que o *self* se torne mais adaptativo, favorecendo a regulação emocional. Sendo o indivíduo um Ser social por natureza, Pillemer (in Bluck, 2003) valoriza a partilha das memórias pessoais como impulsionadora de relações genuínas e de empatia, sólidas e repletas de afectos. A memória autobiográfica é directiva, na medida em que nos possibilita questionar crenças passadas, permitindo-nos pensar o passado de forma a planear, decidir e predizer o presente e o futuro. Questiona-se se a memória autobiográfica é afectada pela idade. Segundo Bluck (2003), após

³ Tulving (in Conway, 1990) definiu a memória autobiográfica como uma memória não só de eventos específicos no tempo e no espaço (como a memória episódica), mas também como uma memória de factos pessoais dentro de todo um universo de vivências semânticas e emocionais. Resulta, assim, de interpretações complexas de eventos que se situam num tempo onde participam múltiplos actores em diversos locais (Conway, 1990).

uma revisão de diversas investigações, verificou-se que com o aumento da idade havia maior dificuldade em lembrar memórias autobiográficas caracterizadas por informações muito detalhadas. Contudo, observou-se que, com o envelhecimento, os indivíduos conseguiam recordar melhor acontecimentos mais relacionados com o *self* e com o contexto emocional envolvente. Estudos realizados por Rubin, Wetzler e Nebes (1986) acerca da evolução da memória autobiográfica ao longo do ciclo-de-vida, demonstraram que os eventos que eram mais facilmente e maioritariamente recordados eram aqueles que correspondiam ao período entre os 10 e os 25 anos. Este período, denominado por pico de reminiscência da memória autobiográfica, caracteriza-se pelo aumento de evocação de memórias precoces numa altura da vida em que o poder de retenção, característico do processo mnésico, diminui substancialmente. Estas etapas desenvolvimentais são muito importantes, pois reflectem a transição de um eu infantil para um eu jovem adulto, sendo uma altura crítica para a formação da personalidade como estável e coesa. De acordo com Webster (2001), as reminiscências variam com o género. Nas reminiscências dos homens predominam temas relacionados com a carreira profissional e outras conquistas pessoais, prevalecendo temáticas de auto-controlo e dominância. Em contrapartida, nas reminiscências das mulheres dominam os eventos interpessoais e são enfatizados os relacionamentos sociais mais significativos, a intimidade e o campo mais emotivo.

De acordo com Smith (1996), o declínio cognitivo tende a aumentar a partir dos 85 anos, quando existe um risco mais elevado de desenvolver uma demência. Infelizmente, há uma grande percentagem de pacientes diagnosticados como portadores de esquecimentos benignos, que evoluem para a doença de Alzheimer. Esta doença inicia-se por sintomas muito parecidos aos dos esquecimentos benignos, é irreversível e, progressivamente, as dificuldades em todas áreas da cognição (como linguagem, atenção e raciocínio) vão-se tornando mais graves.

2.2. Consequências emocionais do envelhecimento

O relacionamento do idoso com o mundo que o rodeia caracteriza-se por um conjunto de dificuldades adaptativas, tanto do foro fisiológico como emocional, que influenciam a realidade social, a aceitação da novidade, alterações na escala de valores e a disposição geral para o relacionamento objectal. No relacionamento

com a sua história, o idoso pode atribuir novos significados a factos antigos e os tons mais maduros da sua afectividade passam a colorir a existência com matizes alegres ou tristes, culposas ou meritosas, frustrantes ou gratificantes, satisfatórias ou sofríveis...Por tudo isto, a dinâmica do idoso é exuberante, rica e complicada, (Gibson, 2000).

Os determinantes patogénicos envolvidos nas perturbações mentais dividiam-se em dois: aqueles que a pessoa traz consigo e aqueles que a vida lhe oferece (Billig, 1999). O equilíbrio psíquico no idoso depende, basicamente, da sua capacidade de adaptação à existência presente e passada, bem como às condições da realidade que o cercam. Ajuriaguerra (in Salthouse, 1992), ao afirmar que “envelhece-se como se viveu”, estava a referir-se ao facto de que os traços de personalidade se vão tornando mais marcantes com o envelhecimento. Na verdade, verifica-se é na prática clínica que os indivíduos com dificuldades adaptativas envelhecem com mais dificuldades, o que permite deduzir que quanto melhor é a adaptação da pessoa à vida, melhor será a sua adaptação ao envelhecimento. Com o envelhecimento não há, de facto, uma destruturação psíquica mas sim uma alteração estrutural na dinâmica psíquica, novos arranjos psicodinâmicos e uma nova arquitectura afectiva distinta da anterior. Os afectos reprimidos ao longo da vida não encontram mais, na velhice, a energia suficiente para se manterem reprimidas e eclodem na consciência através de um culto ao passado. “Envelhece-se como se viveu” e uma das funções psíquicas que se altera com o envelhecimento é a afectividade. Relembramos que a afectividade é a capacidade de experimentar emoções e sentimentos, como que um estado de ânimo que proporciona a tonalidade do relacionamento do indivíduo com o mundo e consigo mesmo.

Uma das alterações afectivas sofridas com o envelhecimento é a “incontinência emocional”. Trata-se de uma forma de alteração peculiar ao envelhecimento e que se caracteriza por uma grande facilidade em produzir intensas reacções afectivas, bem como uma incapacidade em controlá-las. Para além desta incontinência emocional, podemos encontrar, também, labilidade afectiva, cuja característica é a mudança rápida de emoções. Pode haver hipomania acompanhada de explosões do humor ou manifestações de cólera perante estímulos insignificantes (Gibson, 2000).

A qualidade de vida no envelhecimento tem sido, muitas vezes, associada a questões de dependência-autonomia (Baltes & Silverberg, 1994). A dependência observada nos idosos resulta tanto de alterações biológicas (deficiências ou incapacidade) como de mudanças nas exigências sociais (desvantagens) e, frequentemente, as últimas parecem determinar as primeiras. Baltes e Silverberg (1994) descrevem três tipos de dependência: estruturada, em que o valor atribuído ao indivíduo é determinado, em primeiro lugar, pela participação no processo produtivo (na velhice salienta-se a dependência gerada pela perda do emprego); física, que se revela pela incapacidade funcional individual para realizar actividades de vida diária; e, comportamental, normalmente antecedida pela dependência física e que é socialmente induzida. Independentemente do nível de competência do idoso, o meio espera incompetência.

Já aconteceu a cada um de nós, durante a vida, ter tido o sentimento de que tudo nos escapa, de termos perdido todo o controlo. Pelo contrário, noutras circunstâncias, podemos experimentar o inverso, de dominar totalmente a situação. De facto existem situações nas quais os indivíduos desenvolvem sentimentos de total impotência. Temos como casos extremos as guerras, as grandes fomes, a opressão. O lugar de controlo é externo à pessoa, o que poderá desenvolver um sentimento de resignação. Muitas pessoas idosas são vítimas de perdas de autonomia e de solidão geradoras de sentimentos de impotência para lidar com o meio. Entretanto, investigações realizadas acerca do envelhecimento do controlo pessoal revelam que as histórias de vida, bem como o estado de saúde, variam imenso de idoso para idoso, o que significa que tentativas de generalização serão, eventualmente, abusivas neste domínio (Baltes & Baltes, 1990; Rudinger & Thomae, 1990; Baltes, 2001a; Baltes, 2001b)

Baltes e Silverberg (1994) estudaram a relação entre processos de dependência/autonomia durante o curso de vida. Esta relação elucida-nos acerca do desenvolvimento durante a infância, a adolescência, a fase adulta e a velhice. Deste modo, o nascimento e o crescimento são fases em que os processos de dependência continuamente diminuem, enquanto que os processos de autonomia/independência tendem a aumentar. Os processos de dependência devem ter um percurso de declínio, enquanto que os processos de autonomia devem ser estimulados. Na sociedade ocidental esta postura é adaptativa, na medida em que no desenvolvimento de sucesso a autonomia é vista como um objectivo a alcançar. No entanto, o processo de individuação e autonomia é mais

pronunciado na fase da adolescência. Nesta fase o indivíduo prepara-se para um posterior desenvolvimento no qual vai atingir a maturação da relação entre os processos de autonomia e de conectividade social; é a fase da interdependência. Na verdade, a interdependência é o objectivo final da maturidade adulta e será a base para uma boa adaptação do eu e do estabelecimento do bem-estar subjectivo e da generatividade.

Esta perspectiva de desenvolvimento do curso de vida, normativa, envolvendo o balanço entre os processos de dependência, autonomia e interdependência, prometendo um desenvolvimento bem sucedido durante a fase da adultez, é generalizada ao envelhecimento. Contudo, esta extensão lógica não deixa de ser questionável, uma vez que o processo, organizado e previsível da interdependência no adulto, não se ajusta às mudanças verificadas no envelhecimento. De facto, nesta fase corre-se o risco de os sujeitos abusarem dos processos de interdependência, perdendo a noção de autonomia. A ênfase posta nos processos de autonomia parece estar em consonância com as tarefas desenvolvimentais de conquista de integridade do eu (Erikson, 1980) e de busca de significado para a vida e para a morte. Por outro lado, a conectividade social mantém-se sem, contudo, asfixiar os processos de autonomia. Como no caso da adolescência, a conectividade social é uma base importante para facilitar a segurança e a manutenção da autonomia.

Ainda segundo Baltes e Silverberg (1994), a perda de autonomia pode estar relacionada com a influência de factores internos, externos ou de ambos. Os factores intrínsecos envolvem o declínio de competências físicas e/ou mentais; assim, por exemplo, a imaturidade física e mental tem influência durante a infância, enquanto que o declínio cognitivo influencia particularmente o envelhecimento. Os factores extrínsecos estão associados a processos de socialização que diferem de indivíduo para indivíduo e determinam as suas trajectórias. A perda de autonomia nos idosos está, muitas vezes, dependente de factores externos, como as dificuldades económicas. Quando estes problemas ocorrem, terá que ser a família ou um serviço de apoio social a encarregar-se do idoso, assumindo, assim, conseqüentemente, o controlo de parte da sua vida. O idoso perde autonomia e torna-se dependente, perdendo, também, parte do controlo da própria vida. No entanto, esta conotação negativa do estado de dependência é, também, compensada pela criação de conectividade social e interdependência, que esse mesmo estado acarreta. Permite ao idoso compensar algumas das perdas sentidas,

ganhando, assim, um maior controlo sobre a sua vida. Na realidade, o sentimento de dependência é essencial em todas as fases do curso de vida; por exemplo, se este não existisse na fase adulta, seria extremamente complicado os indivíduos constituírem família.

2.3. Sucesso no envelhecimento

2.3.1 O modelo SOC de Paul Baltes e seus colaboradores

Segundo P. Baltes e M. Baltes (1990), o conceito de “envelhecimento óptimo” já data de algumas décadas, contudo, só recentemente é que se tornou uma área em expansão, tendo sido promovido, principalmente, pelas investigações em torno das áreas da gerontologia e da política social. Este recente interesse provém sobretudo do facto de a população estar a envelhecer cada vez mais, mas também perspectiva uma nova visão acerca do envelhecimento, uma visão mais optimista e esperançosa.

Discussões acerca do sucesso no envelhecimento tendem a convergir com a procura de condições e de factores que ajudem a compreender o potencial do envelhecimento e, se possível e desejável, a encontrar meios de modificar a natureza do envelhecimento tal como ele é entendido e vista hoje em dia. Num primeiro instante, poderíamos dizer que a relação entre envelhecimento e sucesso é paradoxal: na verdade, o envelhecimento desenha-se através de um quadro de perdas, declínio, aproximação à morte, enquanto que o sucesso no desenvolvimento nos remete para noções de ganhos e balanços positivos. Os investigadores da meta-teoria do ciclo-de-vida, nomeadamente P. Baltes e M. Baltes (1990), ao associarem o envelhecimento ao sucesso, pretendem conceptualizá-lo de forma diferente daquela como é visto hoje. Pretende-se participar activamente no processo de envelhecimento e não, simplesmente, aceitá-lo passivamente como uma das fases do ciclo vital. Uma análise construtiva deste período leva-nos a descobrir que a sua articulação com o sucesso é possível, mas naturalmente diferente da encontrada nas primeiras fases do ciclo de vida.

Aqui coloca-se a questão relativa à concepção do próprio conceito de sucesso no envelhecimento. O que quererá significar este sucesso, será diferente do considerado noutras fases do desenvolvimento? Na verdade, em gerontologia, o

Durante a última década, investigadores da meta-teoria do ciclo-de-vida (Baltes & Baltes, 1990; Baltes, 1997; 1987; Baltes & Freund, 1998; Baltes et al, 1999; Baltes & Singer, 2001) trabalharam no sentido de encontrar um modelo que explique o sucesso no desenvolvimento, mais especificamente no envelhecimento. Articularam, assim, o modelo da Selecção–Optimização–Compensação (SOC), segundo o qual se define a selecção de um domínio funcional onde o sujeito inicialmente foca os seus recursos, de seguida optimiza-se o potencial do desenvolvimento (maximizando os ganhos) e finalmente compensam-se as perdas, assegurando a manutenção do funcionamento (minimiza as perdas). Este modelo descreve, de forma geral, um processo de adaptação que depende do indivíduo/grupo em causa, variando, por isso, com factores fenotípicos, sócio-históricos e culturais (Baltes & Singer, 2001)

Assim, a selecção consiste numa tarefa adaptativa permitindo a escolha e a prioridade de objectivos, hierarquizando-os, requerendo, para isso, processos motivacionais e energia suficiente (selecção electiva). Quando há um declínio dos recursos terá que haver uma reorientação de objectivos no sentido de colmatar as perdas sentidas (selecção para compensação de perdas) (Baltes & Freund, 1998). A optimização é um processo que reflecte o modo como o indivíduo conduz o seu comportamento de forma a aumentar e enriquecer as suas reservas bem como a maximizar as escolhas de vida em que qualidade e quantidade foram constantes (ganhos). Investigações feitas neste domínio demonstraram que os sujeitos mais idosos continuam aptos para implementar este processo de optimização. A compensação, tal como a selecção, é um processo que resulta de uma restrição no potencial adaptativo. Assume relevância quando determinadas capacidades comportamentais já se encontram perdidas ou estão abaixo das condições mínimas de funcionamento. Assim, o indivíduo precisa de investir em novos recursos que lhe permitam manter um determinado nível de funcionamento. Estes recursos podem ser a recriação de novas estratégias mentais ou o suporte do avanço tecnológico (por exemplo, o uso de estratégias mnésicas para compensar alguns lapsos de memória ou o uso de aparelho para ouvir melhor) (Baltes & Baltes, 1990; Baltes, 1997; Baltes & Freund, 1998).

Como já foi referido anteriormente, com o avançar da idade verifica-se um declínio cognitivo, nomeadamente ao nível da inteligência fluida; pelo contrário, a inteligência cristalizada/pragmática continua em desenvolvimento, sendo na velhice

sucesso traduz-se, muitas vezes, pela longevidade; quanto mais tempo o indivíduo vive, melhor sucedido é o seu envelhecimento. Contudo, esta definição é bastante controversa visto que, com a longevidade, o indivíduo depara-se com inúmeras condições adversas: perda de entes queridos, solidão, doenças... Deste modo, a Sociedade Americana de Gerontologia, em 1955, ilustrou esta questão dual através da seguinte frase “ adicionar vida aos anos e não somente adicionar anos à vida” (Baltes & Baltes, 1990, p. 5).

Assim, de acordo com estes autores, verificamos que a identificação de indicadores para um envelhecimento de sucesso é uma tarefa complexa que implica a interacção de múltiplos critérios: longevidade, saúde física, saúde mental, eficácia cognitiva, competências sociais e produtividade, controlo pessoal e bem-estar subjectivo. Na investigação em ciências sociais e, especificamente em psicologia, tende-se a abusar um pouco dos critérios de medida subjectivos, como a avaliação de satisfação de vida, auto-conceito, auto-estima, etc; contudo, este ênfase reflecte o paralelismo esperado entre o mundo subjectivo e objectivo do indivíduo, uma vez que a realidade é vista como uma construção social e individual. Através do uso de mecanismos psicológicos, somos capazes de adaptar, com sucesso, avaliações subjectivas a diversas condições objectivas. Contudo, apesar de importantes, estes indicadores são insuficientes para uma adequada definição de sucesso no envelhecimento. Na verdade, para uma criteriosa avaliação das condições ambientais essenciais para o sucesso, precisamos também de indicadores objectivos, tais como definições normativas de um estado de desenvolvimento ideal, e da avaliação da eficácia do sistema, o que nos proporciona o seu grau de adaptabilidade e plasticidade (Baltes & Baltes, 1990; Baltes, 2001a; Baltes & Singer, 2001). É, pois, desejável que o indivíduo siga um estilo de vida saudável (mantenha uma alimentação saudável, não consuma bebidas alcoólicas em excesso, não fume, pratique exercício físico regularmente...), de forma a reduzir eventuais condições patológicas; que evite soluções únicas para os problemas e que promova a flexibilidade individual e social. Deverá, também, fortalecer as capacidades de reserva de base através de uma maior escolaridade e de actividades que promovam saúde e desenvolvam a motivação. Devido a perdas na capacidade de adaptação a novas situações, os indivíduos mais idosos deverão encontrar estratégias compensatórias que, por sua vez, deverão ser objectivas e adaptadas à realidade, de modo a que consigam realizar algumas aspirações. Com o avanço da idade, o indivíduo tem que aprender a aceitar as perdas associadas e a reorientar os seus objectivos e aspirações para uma nova fase da vida.

a altura em que mais se evidencia. Os investigadores do sucesso no envelhecimento consideram a sabedoria como uma forma de inteligência cristalizada e como um indicador positivo do envelhecimento. Contudo, este marcador é de difícil avaliação, pois não pode ser medido cientificamente como podem sê-lo a inteligência ou a personalidade. Por isso, a sabedoria foi definida como um conhecimento especializado acerca da pragmática da vida, acerca das difíceis decisões que têm que ser tomadas, do planeamento e revisão da vida e da sensatez no estabelecimento de objectivos de vida. Na verdade, a sabedoria pode entender-se como um conhecimento holístico e integrativo acerca do mundo dos “negócios” humanos, tendo o poder de envolver o indivíduo num sentimento de bem-estar subjectivo. A sabedoria é encarada como uma meta-heurística que orchestra o desenvolvimento humano para alcançar níveis mais complexos de funcionamento. Por exemplo, quando os sujeitos são “guiados” pela sabedoria, só se centram nos objectivos a que se propuseram como factores de desenvolvimento, que não prejudicam ou violam os direitos dos outros, antes pelo contrário, poderão co-produzir meios para que os outros tenham um bom desenvolvimento. Neste sentido, a sabedoria é considerada como uma integração da mente e do que é virtuoso (Baltes, 1997)

Uma investigação realizada pela fundação McArthur (in Fontaine, 2000) para a velhice bem sucedida, concluiu que é necessário que determinados requisitos de natureza cultural, biológica e psicológica sejam preenchidos. Vamos expô-los por ordem de melhores preditores: o nível de escolaridade, embora não se saiba se esta capacidade perdura por toda a vida ou é desenvolvida através de actividades como a leitura, as palavras cruzadas, etc; o aumento da actividade física fatigante (sem excesso), indutora da manutenção da capacidade de expiração pulmonar (que está significativamente correlacionada com a manutenção das actividades cognitivas); e, por fim, a percepção da eficácia pessoal ou a auto-confiança.

Para além destes preditores, sabe-se que a manutenção das relações sociais e de actividades produtivas contribui para o bem-estar subjectivo do idoso e, conseqüentemente, para a sua qualidade de vida e envelhecimento óptimo. Numa investigação realizada por Cameron (in Fontaine, 2000), onde participaram 6000 pessoas com idades compreendidas entre os quatro e os 99 anos, concluiu-se que os sentimentos de felicidade, de tristeza e de bem-estar subjectivo não se degradavam com a idade e que os idosos não tinham uma satisfação de viver inferior à dos adultos.

Uma investigação realizada por Baltes (2001a), no *Berlin Age Study*, sobre as diferenças encontradas no funcionamento psicológico, entre os idosos que pertencem ao grupo etário da quarta idade e indivíduos mais novos, chegou a resultados complementares dos encontrados pela fundação MacArthur. Foram avaliados três domínios de funcionamento: a cognição, o *self* e personalidade e as relações sociais. No domínio da cognição foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos considerados, sendo o grupo dos participantes pertencentes à 4ª idade substancialmente pior. Em contrapartida, as diferenças, entre grupos, encontradas relativamente à personalidade, noção de *self* e relações sociais não foram estatisticamente significativas. Verificou-se, também, que dentro dos participantes com mais de 85 anos, muitos apresentavam declínios em múltiplas áreas psicológicas que se reportavam, depois, num abatimento no bem-estar subjectivo.

Através desse estudo conseguiram-se desmistificar algumas ideias acerca da quarta idade. Verificou-se que somente 24% dos idosos considerados estavam sob medicação; qualidade, e não a quantidade, é o principal problema da medicação nos mais velhos. 29% dos participantes avaliaram a sua saúde física como boa, 38% como satisfatória e 33% como medíocre. Embora as mulheres tenham uma maior esperança de vida, neste grupo o seu estado de saúde física não era muito diferente da dos homens: 60% das mulheres com mais de 85 anos precisavam de ajuda para manter cuidados de higiene, como o banho, em contraste com 32% de homens. A prevalência de um diagnóstico clínico de depressão não diferia entre os vários grupos de idades considerados nesta investigação. Embora se verifique um declínio geral no funcionamento cognitivo nos participantes com mais de 70 anos, somente 17% dos participantes exibiam deficiência cognitiva e 14% tinham diagnóstico de demência; contudo, cerca de metade dos participantes com idade superior aos 90 anos sofriam de demência. A ideia de que a maior parte destes indivíduos mais idosos, ocupa grande parte do seu tempo preocupado com a morte, e como vai morrer, é falsa; 70% dos participantes reportaram que os seus pensamentos são substancialmente mais ocupados com o bem-estar da família e de entes queridos. Concluiu-se que mesmo os indivíduos da quarta idade, apesar do declínio mnésico, continuam capazes de realizar novas aprendizagens, e que 70% dos participantes se sentiam com domínio sobre as suas próprias vidas.

2.3.2. A teoria do controlo

Embora o modelo SOC (Baltes & Freund, 1998), anteriormente exposto, seja fundamental para a compreensão do trajecto de vida do nosso sujeito, ele deixa algumas questões por responder. Revela-se limitador no sentido em que não nos permite saber qual a importância relativa dos mecanismos de selecção e de compensação ao longo do curso de vida; o que motiva esses mecanismos e como estão regulados e articulados de modo a optimizarem o desenvolvimento pelo ciclo-de-vida (Heckhausen & Schulz, 1996). Como resposta a estas limitações, Heckhausen e Schulz (1996; 2000) articularam a teoria do controlo que deriva do modelo SOC (Baltes & Freund, 1998) e que tem como principal linha mestra o constructo controlo. O comportamento humano é orientado no sentido de conseguir obter controlo sobre o meio exterior.

O modo como os adultos percebem e avaliam o processo de envelhecimento está relacionado com o leque de estratégias de manejo que têm disponíveis. Uma estratégia de manejo que se revela de extrema importância no bom envelhecimento é a do controlo primário e secundário (Heckhausen & Schulz, 1996;2002).

A teoria do controlo de Heckhausen e Schulz (1996,2002) tem como principal assumção a noção de que cada comportamento humano, para ser efectivo, precisa de preencher dois requisitos: gerir a selectividade e compensar as experiências de adversidade. Nesta teoria, os autores fazem a distinção entre controlo primário e secundário no desenvolvimento ao longo do ciclo-de-vida. O controlo primário é relativo ao comportamento sobre o exterior; o indivíduo agindo no meio ambiente de forma a ajustá-lo às suas necessidades e desejos individuais. O controlo secundário tem uma orientação interna, isto é, tem como objectivo principal focar e desenvolver mecanismos motivacionais necessários ao controlo primário. É usado tendo em vista as necessidades de manutenção do potencial do controlo primário o qual tem primazia funcional.

Ao longo do desenvolvimento humano, a disponibilidade do controlo primário varia e sofre diversas mudanças (Heckhausen & Schulz,1996). Na verdade, a capacidade de controlo primário cresce rapidamente durante a infância, mantém-se durante a meia-idade e começa a decrescer com a velhice. O uso de estratégias de controlo secundário depende da sua necessidade funcional. É durante a

adolescência que as estratégias de controlo secundário começam a desenvolver-se, isto porque, nesta fase, também as capacidades cognitivas se encontram em desenvolvimento. Deste modo, o adolescente torna-se capaz de utilizar esquemas complexos de causalidade. As capacidades de controlo primário e secundário têm o seu maior desenvolvimento durante a fase de jovem adulto, atingindo o pico na meia-idade, quando a maior parte das pessoas atinge uma posição estável na carreira e constitui família. A partir da meia-idade, e com o envelhecimento, as estratégias de controlo primário começam a declinar, pelo que os papéis sociais se tornam mais restritos acompanhando um declínio a nível físico. É nesta fase que as estratégias de controlo secundário são cada vez mais precisas, sendo, por isso, mais activadas.

Na verdade, o funcionamento humano, para ser bem sucedido, gravita em torno de duas esferas: o princípio de selectividade (ou a selecção) com a compensação de perdas ou desajustes; e os dois tipos fundamentais de controlo (o primário e o secundário). Desta forma, Heckhausen (2002) propõe a construção de um modelo que integre estas duas dimensões cruciais e que seja regulador do desenvolvimento. É o modelo da optimização dos controlos primário e secundário, construído tendo por base dois tipos diferentes de estratégias conceptuais: por um lado, os controlos primário e secundário, e, por outro, os mecanismos de selecção e de compensação. A integração e combinação destas duas dimensões resultam num conjunto de quatro estratégias reguladoras do desenvolvimento: controlo selectivo e compensatório primários e controlo selectivo e compensatório secundários.

As estratégias de controlo selectivo primário têm como alvo principal a orientação das acções no sentido da concretização de objectivos. Há um investimento focado nas habilidades, no tempo, nas capacidades do indivíduo para atingir os objectivos propostos. Estes tipos de estratégias implicam, muitas vezes, o recurso à prática e ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de certas capacidades.

As estratégias de controlo compensatório primário são necessárias quando os recursos internos do indivíduo se demonstram insuficientes para alcançar os objectivos a que se propôs. Este tipo de estratégias envolve, muitas vezes, o recurso à ajuda de outras pessoas e à utilização de ajudas técnicas. Temos como exemplo o uso de óculos, de aparelhos auditivos, cadeiras de rodas...

As estratégias de controlo selectivo secundário são definidas por potenciar a capacidade de selecção envolvida na realização dos objectivos definidos através das estratégias de controlo selectivo primário. Têm a sua acção traçada mais numa esfera psicológica onde os factores motivacionais são de grande importância. A atenção dispendida, o empenho envolvido e a activação de capacidades especificamente relacionadas com a concretização dos objectivos propostos, evitando a distração por caminhos alternativos, são alguns exemplos deste tipo de estratégias.

As estratégias de controlo compensatório secundário atenuam os efeitos negativos das falhas verificadas ao nível dos processos motivacionais, promovendo, a longo prazo, as potencialidades do controlo primário. A adversidade e as experiências traumáticas com que nos deparamos no ciclo-de-vida podem, por vezes, atingir e afectar a eficácia do *self* e a auto-estima. Estas estratégias – tais como a desistência de concretizar objectivos irrealistas, o recurso a comparações sociais e intra-individuais protectoras do *self* e também a atribuições igualmente reparadoras para o *self* – constituem um leque de “compensações” que equilibram os efeitos negativos da adversidade.

No entanto, nenhuma destas quatro estratégias é funcional por si só, elas têm de estar enquadradas e orquestradas num contexto específico do desenvolvimento. Na verdade, elas até se podem tornar disfuncionais quando aplicadas em situações desfavoráveis. Por exemplo, as estratégias de controlo selectivo primário podem-se tornar ineficazes, e mesmo prejudiciais para o controlo futuro, quando são direccionadas para objectivos inapropriados. Também as estratégias de controlo compensatório primário e secundário se podem verificar disfuncionais quando o indivíduo, prematuramente, procura ajuda ou desiste de concretizar os seus objectivos.

Deste modo, a regulação das quatro estratégias requer um processo de organização superior que Heckausen e Shulz (1996; 2000) definiram por optimização. A optimização é fundamental para manter um balanço entre as quatro estratégias; para promover uma selecção de objectivos adaptados à idade do indivíduo; para lidar de forma operativa e ajustada com os aspectos positivos e negativos decorrentes das escolhas feitas ao longo do ciclo-de-vida. Heckausen e Shulz (1996;2000) baseados na posição de que o controlo primário tem primazia funcional sobre o secundário, referem que o funcionamento humano se torna

adaptativo quando promove e mantém o potencial do primeiro ao longo do ciclo-de-vida. Propõem a existência de três princípios gerais de optimização: a selecção de objectivos razoáveis, realistas e apropriados que, numa perspectiva de curso de vida, se relacionam com as tarefas de desenvolvimento normativas para a idade; é, também, essencial que o indivíduo mantenha alguma diversidade no potencial de controlo primário; a diversidade dota o sujeito de um leque de “matéria” para seleccionar os seus investimentos, proporcionando-lhe escolhas adaptativas; finalmente, a regulação, ao longo do ciclo-de-vida, dos aspectos positivos e negativos resultantes dos investimentos e escolhas feitas, englobando, também, as consequências das escolhas não feitas.

É pertinente relacionar-se a teoria do controlo com a resiliência, uma vez que os mecanismos de *coping* são considerados estratégias de controlo secundário e responsáveis pelo conjunto de processos cognitivos que permitem a mudança e a facilitação de respostas adaptativas face as adversidades (sendo, assim, propulsores da resiliência). A resiliência representa-se através da manifestação de “competências” (Garmezy, 1999), através de um repertório de comportamentos adaptativos que revelam competência para superar adversidades. Quando ocorre resiliência, tem que haver de raiz um trauma que, sentido como acontecimento interno, provoca um choque emocional no indivíduo.

Segundo Pereira (2004), o facto de alguém se tornar resiliente ao longo da vida aumenta as capacidades de o continuar a ser, embora possa vir a desenvolvê-la em qualquer etapa de vida. A resiliência é uma estratégia adquirida e desenvolvida que possibilita ao sujeito traçar o seu percurso de vida, renovando-o, após o trauma que o atingiu. Durante o ciclo-de-vida deparamo-nos, frequentemente, com adversidades, umas vezes resultantes de opções tomadas conscientemente, outras vezes, de circunstâncias externas e de factores não normativos do desenvolvimento (Baltes et al., 1999), provocando repercussões internas muitas vezes devastadoras. Como já referimos anteriormente, e baseando-nos na teoria do controlo primário e secundário de Heckhausen e Shulz (1996), as estratégias de controlo compensatório secundário destinam-se, exactamente, a atenuar os efeitos negativos da adversidade, de modo a promover, a longo prazo, as potencialidades do controlo primário. Desta forma, será que podemos conceptualizar a resiliência como uma estratégia de controlo compensatório secundário, através da qual as atribuições e representações internas que o indivíduo constrói de si mesmo e da

realidade têm um poder reparador do eu, permitindo o (re)ajuste dos efeitos negativos da adversidade?

2.3.3. Resiliência e memória

Garnezy e Kumpfer (1999) referem que uma das questões principais no estudo da resiliência diz respeito à determinação dos processos protectores do eu. Assim, estes autores relevam como fundamental o estudo do desenvolvimento do indivíduo desde a infância, de modo a precisar acontecimentos *stressores* e o repertório comportamental adoptado para os ultrapassar. A partir daí torna-se possível prever que tipo de características internas, e para com o exterior, a criança desenvolve por forma a dar respostas positivas ou negativas. Os factores internos, relativos às características do *self* que predispõem o sujeito para o desenvolvimento da resiliência são as características motivacionais e espirituais, as competências cognitivas, sociais e comportamentais, a estabilidade emocional e o bem-estar físico (Kumpfer, 1999). Assim, revelam-se como factores predisponentes de resiliência a existência de sonhos e objectivos de vida, bem como a determinação e perseverança para a sua realização, a percepção de controlo sobre as próprias vidas, o sentimento de unicidade, de esperança e o optimismo, o nível de inteligência, sucesso escolar e profissional, consciência moral, *insight*, auto-estima, capacidade de planeamento e de avaliação das consequências comportamentais, capacidade de resolução de problemas, criatividade, competência para relacionamentos interpessoais e íntimos, empatia, felicidade, uso do humor como estratégia de manejo, saúde física e manutenção de qualidade de vida (Kumpfer, 1999). Investigações acerca da variação da resiliência entre géneros evidenciaram que as mulheres mostravam mais predisposição para a desenvolverem (Dunn, in Kumpfer, 1999).

Nesta sequência, Pereira (2004) revela que as características de um indivíduo resiliente se definem por um conjunto de atitudes que se cultivam e desenvolvem ao longo da trajectória de vida, e delas constam: a presença de uma auto-estima elevada, sem, contudo, cair no narcisismo; a capacidade de se socializar de forma cordial com os outros; o sentido de humor e dispor de um projecto de vida com dimensão prática.

Especificando, agora, a resiliência no envelhecimento, facilmente constatamos que as características mencionadas dificilmente fazem parte da construção social que

temos de um idoso. No entanto, é de extrema importância que estas características sejam valorizadas ao ponto de existirem cada vez mais idosos que irradiem graça e humor, revelando um nível de bem-estar subjectivo invejável. Apesar desta dimensão cultural e ambiental, salientamos que é imprescindível que a criança ou o idoso, após passarem por uma experiência traumática, tenham uma relação de confiança com alguém que os acolha e alente. Na realidade, com o envelhecimento não faltam factores que induzam no indivíduo afectos negativos relacionados com perdas sentidas em diferentes esferas, principalmente na cognitiva e social

Michel Manciaux (in Pereira, 2004) refere a existência de uma série de factores responsáveis pela manutenção da resiliência no idoso. Entre eles, salientam-se a importância concedida à cultura, à “abertura de espírito”, à diversificação de actividades e à capacidade de conseguir quebrar algumas rotinas, à capacidade de fazer amigos e de manter amizades antigas, de desenvolver a vida espiritual e de ser capaz de parar e meditar acerca da vida.

Boris Cyrulnik (in Pereira, 2004), fala-nos em resiliência neurológica quando o idoso, ao contar a sua história, muitas vezes centrada na infância, o faz num ambiente coloquial e interactivo, e, principalmente quem viveu uma infância satisfatória, activa, e quem lhe resistiu bem, é duplamente premiado no que concerne à resiliência. Isto porque, ao recordar os eventos desse tempo bem passado, está a trazer de volta as atitudes tidas e o ambiente vivido antigamente, o que ajuda o idoso a avançar e a resistir ao presente. Ainda de acordo com Boris Cyrulnik (in Pereira, 2004), o efeito das reminiscências, isto é, a recordação mais viva de memórias do passado do que do presente, e que dão voz aos sonhos de criança, poderá estar relacionado com dois factores: com o facto de a pessoa idosa se encontrar num ambiente onde haja alguém a quem possa comunicar e falar dos seus sonhos, e a sua vida possa ser ouvida, ou com o facto de ter tido uma infância tão feliz e impregnada de sentido, não excluindo, com isto, as adversidades, mas incluindo, sim, a capacidade de as vencer.

Desta forma, a capacidade de resiliência confere plasticidade e resistência na superação das adversidades ao longo do ciclo-de-vida (Kaplan, 1999), e a relação entre ela e a memória, especialmente a explicação de determinados tipos de esquecimentos e distorções mnésicas, pode ser realizada. O esquecimento é um mecanismo fisiológico de eliminação de informações irrelevantes, sem o qual sobrecarregaríamos o sistema desnecessariamente. Naturalmente, tendemos a

eliminar os conteúdos que não têm um importante significado afectivo ou que sejam pouco utilizados. Na verdade, esse processo de eliminação inicia-se na própria percepção, isto é, captamos mais facilmente aquilo que faz sentido para as nossas vidas e deixamos de perceber muitas coisas que não se afinam com nossa estrutura de percepção.

Por vezes esquecemos o passado, outras vezes tendemos a distorcê-lo, principalmente quando as lembranças transportam conteúdos que atormentam e magoam. Os erros de memória são tão fascinantes como importantes. Schacter (2003), psicólogo que se dedica ao estudo da memória, desenvolveu uma abordagem para a compreensão das causas e consequências das imperfeições da memória. Propõe que as falhas de memória podem ser classificadas em sete transgressões: a transitoriedade, a distração, o bloqueio, a atribuição errada, a sugestibilidade, a distorção e a persistência. A transitoriedade, a distração e o bloqueio são “erros” de omissão, quando o sujeito não consegue, realmente evocar informação; a transitoriedade está relacionada com o enfraquecimento da memória provocado pelo envelhecimento. A distração envolve uma ruptura na interface entre a atenção e a memória. O bloqueio refere-se a uma busca frustrada de uma informação que pode estar a ser resgatada há algum tempo. Em contraste com estes “erros”, os restantes são do domínio de atribuições internas. A atribuição errada implica associar uma memória a uma fonte errónea, a sugestibilidade refere-se a uma atribuição errada, à construção de lembranças criadas como resultado a perguntas tendenciosas; a distorção reflecte influências poderosas do nosso conhecimento actual e opiniões sobre o modo como lembramos o passado. Finalmente, a persistência refere-se à recordação de informação ou de acontecimentos perturbadores que gostaríamos de eliminar totalmente da mente. No entanto, apesar de Schacter (2003) considerar e estudar estes “erros”, eles não são compreendidos sob um ponto de vista pejorativo, antes pelo contrário, este autor considera-os como um subproduto de características desejáveis e adaptativas da mente humana, tornando-se mecanismos que facilitam a resiliência.

Os eventos do passado sobrevivem e reflectem-se em registos escritos e nas memórias humanas. No entanto, as memórias que temos do passado são, muitas vezes, reescritas para se acomodarem às opiniões e necessidades do momento presente. De acordo com Schacter (2003), existem cinco tipos de distorções: as distorções de coerência e de mudança que mostram como as teorias que formamos acerca de nós mesmos nos podem levar a reconstruir o passado de forma

predominantemente parecida com o presente; as distorções de *insight* revelam que as recordações de eventos do passado são filtradas por conhecimentos actuais; as distorções egocêntricas ilustram a função poderosa do eu na criação de imagens, e recordações da realidade; por fim, as distorções estereotipadas demonstram como as lembranças genéricas moldam a interpretação do mundo.

As distorções egocêntricas da memória reflectem a importância do papel do *self* na regulação e organização da actividade mental. Temos tendência para acreditar mais nas nossas próprias recordações de eventos do que nas de outras pessoas. Isto revela-se através do modo como as memórias nos surgem na mente: sob a forma de detalhes vívidos e intensos. É esta intensidade que dá um acesso directo às nossas recordações, algo nunca conseguido para com as recordações de outras pessoas. Na nossa sociedade os indivíduos são incentivados a ter opiniões elevadas de si próprios e muitas vezes acham que têm habilidades e atingiram metas que não correspondem à realidade, (Schacter, 2003). Pesquisas realizadas pela psicóloga social Shelley Taylor (in Schacter, 2003), indicam que muitos indivíduos estão sujeitos a “ilusões positivas”, caracterizadas por uma opinião exagerada do seu próprio valor. Isto é, a maioria das pessoas tende a ver traços positivos de personalidade como mais adequados a si próprias. Da mesma forma, têm uma propensão maior a reivindicar mais êxitos do que fracassos para si mesmas, e a atribuir os fracassos a forças fora do seu próprio controlo. O papel predominante do *self* na codificação e evocação de acontecimentos, combinado com a forte tendência de revelar uma imagem positiva de si, cria um terreno fértil para as distorções de memória, que fazem com que lembremos o passado colorido por uma luz positiva para nós mesmos. No entanto, as situações que magnificam o *self* podem também resultar da amplificação de dificuldades sentidas no passado. As distorções egocêntricas da memória reflectem-se em várias manobras relacionadas (recordação selectiva, exagero de dificuldades passadas e autodepreciação no passado) que cercam o *self*, no presente, de uma aura de ilusões positivas (Schacter, 2003). Quando os eventos recordados foram bastante significativos na vida do orador, eles caracterizam-se como partes de memórias autobiográficas que, todas reunidas, constituem a narrativa/história de vida dessa pessoa. Segundo Neisser (1994), estas histórias de vida revelam-se importantes para estudo pois são um dos caminhos possíveis para definir a personalidade e o eu dos sujeitos. Podemos concluir que as narrativas de vida têm as memórias como alicerces e o sucesso no envelhecimento reflecte resiliência que, por sua vez, pode estar relacionada com a selecção e possível distorção de lembranças.

3. Perfis de funcionamento no envelhecimento

Inúmeras formas de crescimento e de desenvolvimento correspondem a múltiplas maneiras de envelhecer. O envelhecimento até à quarta idade não implica, necessariamente, um modo de vida vazio e dependente. Até os mais velhos dos mais velhos podem ter uma vida produtiva e com sentido, uma vida cuja independência é mantida e diariamente conquistada.

Na realidade, o envelhecimento é uma experiência heterogénea, na medida em que ocorre de modo diferenciado consoante a influência de factores como as circunstâncias sócio-históricas, intelectuais, de personalidade e da ocorrência de patologias durante o envelhecimento normal. Prevaecem, deste modo, diferentes padrões e perfis de envelhecimento, destacando-se o envelhecimento normal, o óptimo e o patológico. O envelhecimento normal caracteriza-se como aquele ao qual se associam as alterações típicas relacionadas com este processo; o patológico descreve um quadro de doenças e disfuncionalidades; o óptimo reflecte a ausência de prevalência de doenças, de incapacidades, uma boa funcionalidade física e mental revendo-se numa óptima qualidade de vida (Neri, 2001).

Pretendemos, neste capítulo, averiguar as diferenças funcionais no envelhecimento em dois grupos de indivíduos: o grupo de indivíduos pertencentes à terceira idade e os que pertencem à quarta idade. Destacámos os resultados de investigações recentes realizadas neste âmbito, como é o caso do *Berlin Aging Study* (BASE) (Baltes & Mayer, 1999). Trata-se de uma extensa investigação interdisciplinar realizada com 515 idosos de 70 a 100 anos, seleccionados ao acaso na população da cidade de Berlim e agrupados por género e idade.

A perspectiva geral acerca da quarta idade é dada mais fidedignamente quando consideramos factores como o estado físico, mental, psicológico e social. De acordo com Neri (2001), tal facto apoia-se na definição de qualidade de vida como um fenómeno de várias facetas, sendo melhor descrito através de um constructo multidimensional, com referência a critérios biológicos, sociais e psicológicos actuantes nas relações passadas, actuais e futuras do indivíduo, considerando-se a pessoa como um ser holístico. Na verdade, o que confere à investigação do BASE

a sua força é o facto de se ter conseguido fazer uma avaliação multimodal através de sessões extensivas e completas: observação intensiva, avaliações médicas, psiquiátricas, psicológicas, sociais, recolha da história de vida e acesso ao estado económico dos sujeitos. Assim, tomando este ponto de análise holístico e multivariado, verificou-se que as perdas associadas ao envelhecimento se tornavam mais marcantes quando os indivíduos atingiam idades mais avançadas, sendo que esta diferença significativa sobressaía mais nas mulheres do que nos homens.

Baltes e Smith (2003), nas investigações que realizaram com os indivíduos mais velhos, revelaram que existe uma grande diferença funcional entre o grupo dos sujeitos pertencentes à terceira idade e o grupo dos pertencentes à quarta idade. Assim, segundo eles, a quarta idade é compreendida como uma fase caracterizada por uma incompletude biocultural, vulnerabilidade e imprevisibilidade, ao contrário dos sucessos inerentes à terceira idade. Os mais velhos dos mais velhos (quarta idade) encontram-se no limite das suas capacidades funcionais, por questões inerentes ao próprio envelhecimento fisiológico e por haver uma restrição de intervenção ao nível das políticas sociais.

Actualmente, e ainda segundo estes investigadores, a distinção entre a terceira e a quarta idades reside nas perspectivas positiva e negativa associadas ao envelhecimento; à qualidade de vida inerente ao aumento de anos de vida. Na verdade, as expectativas positivas acerca do envelhecimento estão directamente associadas ao grupo de indivíduos pertencentes à terceira idade, pelo que o “optimismo” dos gerontologistas se dirige a este círculo. Uma das boas notícias sobre o envelhecimento é que cada vez mais pessoas idosas vivem durante mais tempo; a esperança de vida da população em geral, na sociedade ocidental, e da população envelhecida, em particular, tende a aumentar. Congruentemente com esta posição, Vaupel (in Baltes & Smith, 2003) acrescenta que nos países mais desenvolvidos há um acréscimo anual em oito por cento de centenários. Paralelamente, investigações mais recentes acerca da plasticidade cognitiva (Goteborg em estudos com gémeos Suecos, bem como as próprias investigações de Baltes & Smith, in Baltes & Smith, 2003) demonstraram que os idosos de setenta anos de hoje se comparam aos de sessenta e cinco anos de há trinta anos atrás. Isto reflecte que os idosos dos países mais desenvolvidos ganharam, aproximadamente, cinco anos de qualidade de vida.

Estas mudanças na esperança e qualidade de vida não estão associadas a factores de ordem genética, mas sim a uma movimentação contemporânea de factores sociais e culturais. Deste modo, a qualidade de vida depende da melhoria de recursos psicossociais, tais como a leitura, a escrita, o acesso à informática e às novas tecnologias. Assim, a qualidade de vida melhora quando os indivíduos mais idosos são sujeitos a estímulos que potenciem as suas adaptações ao meio, fomentando a saúde física e psicológica ao longo do curso de vida. Sem dúvida que uma boa política de apoio à saúde, ao crescimento e ao envelhecimento, caracterizada por um suporte social e tecnológico, facilita a conquista de uma boa qualidade de vida global e, conseqüentemente, aos mais velhos.

De acordo com Baltes e Smith (2003), as evidências que melhor suportam o potencial positivo do envelhecimento cerebral são as que se baseiam em estudos longitudinais em que os idosos são expostos a condições de treino cognitivo e a melhores condições de saúde associadas ao trabalho e ao lazer. Na verdade, nos países ocidentais a maioria das pessoas mantém a capacidade mental funcional até cerca dos setenta anos. Contudo, é ao nível da inteligência emocional que os idosos se destacam. A inteligência emocional representa a capacidade para compreender as causas das emoções e para desenvolver estratégias que evitem o conflito emocional ou modulem as suas conseqüências negativas. A sabedoria é o exemplo mais preponderante do que a velhice pode deter: define-se, segundo Baltes e Smith (2003), como o modo mais completo de interpretação do sentido da vida e das condutas individuais. Na investigação do BASE, os indivíduos mais velhos foram aqueles que conseguiram maior pontuação em tarefas de sabedoria. Também se destaca, nos mais idosos, maior predisposição para o ajuste psicológico às mudanças inerentes ao envelhecimento, bem como às diversas perdas sentidas nos domínios da saúde e do meio social. Deste modo se compreende o recurso a estratégias que fomentam o bem-estar subjectivo, a satisfação pela vida e o sentido de controlo da própria vida, que se resumem numa postura optimista perante esta.

Na investigação do BASE verificou-se ainda que o avanço da idade aumenta a discrepância entre a avaliação subjectiva que os sujeitos fazem do seu estado de saúde e de bem-estar e a respectiva avaliação objectiva, o que demonstra que a avaliação subjectiva da saúde não muda com o aumento da idade, sobressaindo a capacidade psicológica que os indivíduos têm para transformar a realidade. Tal capacidade evidencia-se através da plasticidade do *self*, nos indivíduos mais

idosos, de facilitar uma adaptação e reconstrução interna às mudanças no curso de vida: os sujeitos tendem a demonstrar bem-estar subjectivo, mesmo quando as condições de vida reais são adversas e mais negativas.

Questiona-se se estas descobertas acerca da terceira idade se podem generalizar aos indivíduos pertencentes ao grupo da quarta idade. Assim, as investigações do BASE revelaram que ao contrário do que sucedia com os idosos da terceira idade, os da quarta idade demonstravam muitas consequências negativas associadas ao envelhecimento, pelo que o aumento do número de anos de vida implicava uma deterioração na dignidade humana; quantidade não significa, necessariamente, qualidade de vida. A evidência mais saliente acerca deste declínio revelou-se quando Singer (in Baltes & Smith, 2003), ao aplicar treino cognitivo a sujeitos da quarta idade, verificou que estes não melhoram as suas capacidades mnésicas. Mesmo os sujeitos mais saudáveis não revelaram melhorias cognitivas, mantendo-se as dificuldades na aprendizagem de novos elementos. No domínio do *self* e da personalidade, estes investigadores verificaram que no grupo dos indivíduos pertencentes à quarta idade há uma espécie de “mortalidade psicológica” caracterizada por sentimentos de perda: de identidade, de autonomia e do sentido de controlo das próprias vidas. Contudo, Costa e Mcrae (in Lima, 2004) ⁴ defendem que os traços de personalidade se mantêm estáveis com o envelhecimento, pelo que indivíduos neuróticos tenderão a envelhecer de forma mais pessimista e os extrovertidos de modo mais optimista.

De acordo com Baltes e Smith (1999,2003), a quarta idade é caracterizada como uma estrutura arquitectónica inacabada, na qual a eficácia do papel da cultura, enquanto mecanismo facilitador de adaptação, tende a reduzir-se e a acompanhar a perda da plasticidade que já se verificara do ponto de vista biológico. Segundo Smith (2000), as investigações do BASE revelaram a ocorrência de quatro grandes proposições relativas ao funcionamento psicológico na quarta idade. A primeira enuncia que os resultados indiciam que a partir dos 80 anos há um declínio nas dimensões que avaliam o bem-estar subjectivo; embora a maioria dos participantes revelem satisfação face à sua situação actual de vida, verificou-se que os indivíduos pertencentes ao grupo da terceira idade reportaram maior satisfação

⁴ Costa & Mcrae (in Lima, 2004) adaptaram e mensuraram os cinco grandes factores da personalidade estabelecidos por Goldberg (1981) através do NEO-PI-R. Os cinco factores representam tendências biológicas que impelem o indivíduo a comportar-se e a sentir de determinada forma Estes factores (abertura à experiência, consciência, extroversão, agradabilidade e neuroticismo) são pouco influenciados pela experiência e tendem a manter-se estáveis ao longo do ciclo-de-vida.

pela vida e bem-estar subjectivo do que os que pertencem ao grupo da quarta idade. Esta variabilidade detectou-se pela avaliação de doenças físicas e de outras incapacidades (audição, visão, mobilidade, força), que foi superior no grupo dos sujeitos da quarta idade. A análise dos dados revelou que, neste grupo, havia um declínio nos afectos positivos, na avaliação das dimensões positivas do bem-estar subjectivo, como por exemplo na satisfação com o envelhecimento e com a vida em geral. Pelo contrário, os afectos negativos (frustração, tristeza) mantiveram-se estáveis, não se tendo verificado nem aumento nem diminuição com o avanço da idade.

Outra proposição diz respeito ao declínio intelectual que se intensifica no grupo da quarta idade; contudo, no domínio cognitivo predomina uma grande variabilidade de perfis. Assim, sugere-se que as diferenças individuais encontradas nesta área sejam dependentes da história de vida do indivíduo e de factores culturais, pelo que os favorecidos socialmente (com níveis de escolaridade mais elevados, mais recursos financeiros e experiência profissional) apresentam performances mais elevadas, em tarefas cognitivas, do que os restantes.

A terceira proposição desta investigação resultou na distinção de nove subgrupos de indivíduos como resultado da avaliação dos seus perfis de funcionamento psicológico. Estes perfis foram determinados segundo doze indicadores de funcionamento que incluíram avaliações do *self*, da inteligência, da personalidade e de redes sociais. Quatro destes subgrupos reflectiam diferentes padrões de bom funcionamento ou de sucesso no envelhecimento e eram caracterizados por elevados níveis de desempenho cognitivo, leque variado de objectivos pessoais, diversos interesses e ocupação de tempos livres, rede social alargada e satisfação com a vida, em geral. Os restantes cinco subgrupos englobavam os indivíduos que revelavam baixos padrões de funcionamento e eram caracterizados pela presença de declínios cognitivos, de sentimentos de solidão, de dependência de outros e de diminuição no bem-estar subjectivo. Da amostra de BASE, 70% dos indivíduos com idades compreendidas entre os 70 e os 84 anos foram incluídos nos subgrupos de bom funcionamento, enquanto que somente 25% dos indivíduos com idades superiores a 85 anos o foram. Deste modo, a terceira proposição enuncia que a quarta idade reflecte padrões de funcionamento que se encontram no limite da resiliência psicológica.

A última proposição desta investigação refere que na quarta idade o funcionamento psicológico prediz a mortalidade dos indivíduos; esta proposição surge na lógica da precedente, na medida em que estudos anteriores sugeriam uma correlação positiva entre o declínio cognitivo e a proximidade da morte. Esta relação já não se torna tão clara quando se comparam índices relativos ao bem-estar subjectivo. Retomando os subgrupos constituídos nesta investigação, verificou-se que os indivíduos pertencentes à quarta idade e ao grupo de bom funcionamento psicológico apresentavam maior longevidade (traduzida por mais dois anos de vida) do que os indivíduos pertencentes ao grupo de baixo funcionamento.

Apesar das limitações associadas à quarta idade, é importante debruçarmo-nos sobre o envelhecimento bem sucedido e sobre o modo como os mais idosos ultrapassam os acontecimentos de vida não normativos com que se deparam, nomeadamente a morte de familiares próximos, amigos, conjugue. Segundo P. Baltes e M. Baltes (1990), o envelhecimento bem sucedido depende de uma série de critérios como a longevidade, a saúde biológica, a saúde mental, a eficácia cognitiva, a competência social, o controlo pessoal e a satisfação de vida. Na verdade e de acordo com Neugarten (in Baltes & Smith, 2003), as adaptações às mudanças associadas ao envelhecimento dependem de uma série complexa de factores ambientais, interpessoais e intrapessoais relacionados entre si.

Neste sentido, também o Estudo Longitudinal de Bona sobre o Envelhecimento (Rudinger & Thomae, 1990), que consistiu na observação intensiva de mais de duas centenas de idosos ao longo de um período de cerca de 20 anos, debruçou-se sobre o modo como as pessoas percebiam as situações problemáticas associadas ao envelhecimento e como lhes faziam face, tendo permitido compreender melhor a relação entre as variáveis psicológicas e as características socioambientais. As pessoas idosas, perante as mudanças impostas pelo envelhecimento, têm revelado duas possibilidades de adaptação: ou ajustam as suas representações cognitivas da realidade ou modificam o seu comportamento social, assumindo novos papéis (Fonseca, 2005). Esta constatação levou Rudinger e Thomae (1990) a enunciar e defender uma teoria cognitiva do envelhecimento, segundo a qual a percepção subjectiva do indivíduo, mais do que a objectiva, o impele a dar uma resposta. Nesta investigação, estudaram as relações entre diversas variáveis (o estado de saúde, a satisfação com a vida familiar, a satisfação com a situação económica, o bem-estar subjectivo) e o envelhecimento bem sucedido ou o bem-estar subjectivo do idoso, chegando à conclusão de que a personalidade deve ser vista como o

factor fundamental na compreensão da adaptação da pessoa idosa. Não se trata tanto das circunstâncias de vida que suscitam determinados comportamentos, mas sim da percepção subjectiva dessas circunstâncias que induzem comportamentos adaptativos. O efeito perturbador dos acontecimentos depende do significado que a pessoa lhe atribui, pelo que a percepção cognitiva dessa situação pode ser distorcida com uma finalidade defensiva, a fim de permitir um melhor suporte da realidade.

Com o aumento da idade, os acontecimentos de vida que poderão provocar reacções de *stress* e de desconforto, normativamente, serão mais frequentes. A entrada na reforma, a morte de amigos e do próprio conjugue são perdas com que o indivíduo idoso se depara e com as quais terá que aprender a lidar e a superar. Uma investigação realizada por Holmes e Rache (in Rudinger & Thomae, 1990) acerca dos acontecimentos de vida que provocavam mais desgaste e níveis de *stress* mais elevados, revelou que a morte do conjugue era o acontecimento mais *stressante* enquanto que as violações à lei induziam menos *stress*. A questão da morte é, sem dúvida, um tema importante a ser considerado como acontecimento de vida *stressante*, pois o idoso está mais confrontado com ela, tanto pela proximidade da sua própria mortalidade como da das pessoas que lhe são mais significativas.

Kubler-Ross (1974) é uma psiquiatra americana que se dedica à investigação sobre o modo como a morte é encarada por pacientes terminais. A sua obra relata os resultados de entrevistas a cerca de duzentas pessoas que entraram na última fase das suas vidas. Deste modo, Kubler-Ross pôde desenvolver um modelo de cinco fases que elucidam o modo como o indivíduo lida com a proximidade da morte: a negação, a raiva, a negociação, a depressão e a aceitação. Após choque emocional, as pessoas tendem a negar a morte; contudo, a autora considera esta fase como uma defesa temporária, sendo logo substituída por uma aceitação parcial. Quando não se torna possível manter essa primeira fase, ela é substituída por sentimentos de raiva, revolta, ressentimento, que surgem face ao confronto com a interrupção das actividades de vida e com projectos inacabados. O terceiro estágio, o da negociação, é o menos conhecido, igualmente útil ao paciente, embora de tempo mais curto. Esta fase é uma tentativa de adiamento e inclui uma promessa implícita de que o paciente não pedirá outro adiamento, caso o primeiro seja concedido. Psicologicamente, as promessas e tentativas de negociação podem estar associadas a uma culpa recôndita. Quando o doente em fase terminal não

pode mais negar a sua doença, o seu alheamento e estoicismo, a sua revolta e raiva, darão lugar a um sentimento de grande perda mas de resignação: é a etapa da depressão. Só os indivíduos que conseguiram superar as suas angústias e ansiedades atingem esta fase. Um paciente que tiver o tempo necessário e ajuda para superar as etapas precedentes, atingirá um estágio em que não voltará a sentir mais depressão e raiva pelo seu destino e começa a aceitá-lo. Contudo, segundo Kubler-Ross (1974), não devemos confundir aceitação com felicidade, mas sim como que a uma fuga de sentimentos, como se a dor se tivesse desvanecido e a luta entre a vida e a morte cessado.

4. Formulação do Problema

Muitas vezes, o envelhecimento inscreve-se num registo bastante paradoxal: por um lado, todos queremos viver o mais e o melhor possível, desejando o mesmo para aqueles que amamos; por outro, reconhecemos que envelhecer pode ser estigmatizante e embaraçoso porque compromete as capacidades do indivíduo. A qualidade de vida na velhice é compreendida como um fenómeno complexo e sujeito a múltiplas influências, sendo produto de uma história que se vai delineando à medida que os indivíduos e as sociedades se desenvolvem.

Este trabalho centra-se na qualidade de vida e no sucesso no envelhecimento que se revelam como processos de importância crescente nas sociedades ocidentais, em geral, e na portuguesa em particular.

Enquadrando este estudo nas teorias do desenvolvimento humano (Adler, 1959; Erikson, 1980; Levinson, 1986; Gilligan, 1997; Baltes, 1997; Heckhausen & Shulz, 1996), pretendeu-se analisar a trajectória de vida do nosso sujeito, uma centenária, recorrendo-se à abordagem da história de vida. A qualidade de vida no envelhecimento foi o foco deste trabalho que se dividiu em duas questões essenciais: saber se a qualidade de vida do nosso sujeito se devia, particularmente, às circunstâncias específicas da sua vida, ou, se o modo como revelava o seu discurso, maneira de pensar e sentir, seriam comuns aos encontrados noutros centenários.

Segundo Gubrium (2001), as histórias que contamos têm como foco e pontos de partida os temas clássicos das trajetórias de vida. Fala-se, assim, de celebrações, tragédias, tempo, espaço, nascimento, envelhecimento, morte. Sharon Kaufman's (in Gubrium, 2001) realizou um estudo que se traduziu na análise das narrativas de vida de sujeitos idosos, com idades compreendidas entre os 70 e os 97 anos. A cada um era dada a oportunidade de contar a sua história, de acordo com os seus termos específicos e de forma espontânea e livre. Quando se esperava que estas histórias se iam ancorar em acontecimentos geracionais significativos, tais como a Grande Depressão ou a Segunda Guerra Mundial, o que se verificou foi que estes eventos históricos não eram privilegiados. Observou-se, sim, que os sujeitos se ancoravam em acontecimentos directamente relacionados com eles mesmos, dando maior relevância a experiências e vivências individuais.

Como, aparentemente, estávamos perante um caso de envelhecimento bem sucedido, a meta-teoria de Baltes foi a que privilegiámos como fundamento de análise do curso de vida. Tivemos, portanto, em consideração, o balanço encontrado entre os ganhos e as perdas com o envelhecimento, o modo como a plasticidade intraindividual se manifestou ao longo do desenvolvimento e de que forma foram operacionalizados os mecanismos de selecção, optimização e compensação para o alcance de comportamentos adaptativos.

Porque o indivíduo se desenvolve entre constantes e recíprocas interacções com o meio e porque os factores sócio-históricos são uma das principais influências que facilitam a constituição do curso de vida, pretendemos contextualizar esta trajetória abordando temáticas relacionadas com o papel feminino e da família em finais do século XIX e inícios do século XX, período de grande parte da vida do nosso sujeito. Procurámos, neste estudo, encontrar os tipos de influências mais determinantes no curso de vida. Debruçámo-nos, para isso, sobre as influências que Baltes e colaboradores (1999) consideram como fundamentais: influências relacionadas com a idade, as influências sócio-culturais e os acontecimentos de vida não normativos.

A abordagem da história de vida surge como uma forma de aceder à individualidade permitindo a compreensão da multiplicidade de factores e de intervenientes que influenciaram o desenvolvimento e a adaptação. Esta metodologia sublinha as influências, as experiências, as circunstâncias e as lições de vida que o sujeito viveu e sentiu como mais relevantes no seu percurso de vida.

Ao recolhermos a história de vida da nossa participante tivemos como objecto de estudo o discurso resultante das suas memórias autobiográficas que nos facilitou a análise do desenvolvimento adaptativo e da capacidade de resiliência ao longo do curso de vida. Relacionando este tipo de memórias com estratégias de distorção mnésica, quisemos encontrar um padrão de funcionamento adaptativo que fosse facilitador de resiliência.

Contudo, entrevistar e recolher a história de vida de um idoso com o objectivo de se averiguar o modo como o processo de envelhecimento está a ser vivido pressupõe alguns cuidados: em particular é importante relativizarem-se as questões ligadas à idade e evitar a interpretação de todos os eventos narrados como directamente relacionados com a idade (Wenger, 2002). Segundo Wenger (2002), o investigador precisa de se consciencializar da heterogeneidade presente no envelhecimento e quando os sujeitos têm mais de 80 anos, como é o caso da nossa participante, é necessário ainda ter em consideração determinados factores: ser viúva, estar susceptível à perda de amigos e pares sociais, viver sozinha ou estar dependente de alguém, ter problemas de mobilidade, de audição, visão. Poderá demonstrar sinais de declínio cognitivo e, por consequência de todos estes factores, manifestar uma baixa auto-estima e um estado depressivo geral.

Gubrium (2001) ao pedir a idosos institucionalizados que lhe falassem das suas vidas verificou que havia uma tendência contraditória entre aquilo que percepcionavam no presente e como descreviam o passado: quando manifestavam e valorizavam queixas relativas à situação presente, tendiam a desvalorizar os acontecimentos do passado; quando ocorria a situação inversa, isto é, quando desvalorizavam o estado presente, enalteciam as experiências passadas. Esta diferença nas narrativas poderá traduzir a forma como ligam o presente ao passado. Nasce, assim, o conceito de "ligação de narrativas" (Gubrium, 2001) que se torna útil na análise e compreensão da construção de narrativas. O narrador, ao contar a sua história, reúne diferentes esferas de significados no contexto das experiências vivenciadas ao longo da trajectória de vida. Ao ouvir os idosos contarem as suas histórias, cedo se tornou evidente que eles não se limitavam a organizar um sentido entre as conexões que estabeleciam, mas também, frequentemente, as reajustavam com o objectivo de lhes concederem uma forma e de as enquadrarem no ambiente que as recebia. De facto, os idosos, demonstravam que as suas histórias eram editadas tal como os livros que têm muitas edições, com a diferença de estas serem activamente editadas. Muitas

vezes, os idosos tendem a contar as suas narrativas afastando-as do contexto do envelhecimento, formulando-as como testemunhos do sucesso e da adaptação. Há uma necessidade de construir um contexto subjectivo para enquadrar o presente e as suas conexões com o passado.

Nesta investigação não se pretendeu encontrar resultados susceptíveis de generalização, uma vez que cada sujeito tem a sua própria história e percorre um desenvolvimento multidireccionado, onde as influências culturais jogam com a plasticidade intraindividual e os ganhos e perdas decorrentes do curso de vida permitem evidenciar diferentes arquitecturas entre as três estratégias adaptativas – selecção, optimização, compensação. Será que os acontecimentos de vida não normativos foram geridos por estes três mecanismos? De que forma? E quais as perdas e ganhos mais significativos? Terá o sujeito, do género feminino, correspondido às exigências sócio-culturais esperadas?

Procurámos responder a estas questões com o recurso à análise da sua história de vida, sem, contudo, nunca esquecermos que o acto de contar uma história determina, profundamente, o que sabemos acerca de nós mesmos, dos outros e do ambiente que nos rodeia. Seja devido ao envelhecimento ou a outra faceta experiencial, as narrativas traduzem não tanto o que a experiência realmente foi mas sobretudo o significado que o sujeito deseja dar a conhecer a si próprio e aos ouvintes.

PARTE II - MÉTODO

1. Considerações metodológicas

Contar uma história é um processo altamente dinâmico e interactivo na medida em que uma história pressupõe, pelo menos, um contador e, pelo menos, um ouvinte. Quando se trata de uma história de vida está presente a noção de que a vida das pessoas é organizada com a contribuição das suas narrativas. Na verdade, os cientistas sociais (Bruner, 1990; Schotter, 2000, Atkinson, 2002) aperceberam-se de que a forma como as pessoas interpretam as suas experiências tem uma poderosa influência nas suas vidas e que elas interpretam as vivências sob a forma de histórias coerentes que as ajudam a encontrar um fio condutor para os diversos acontecimentos que pautam as suas vidas. É interessante notar a forma como as pessoas constroem as suas narrativas: enfatizam os acontecimentos que encaixam no “argumento” e ignoram os que não encaixam.

A realidade é entendida como uma construção social e, tal como Schotter (2000) descreve, o construcionismo social busca investigar o contínuo fluxo da actividade comunicativa humana, dando destaque aos processos linguísticos e relacionais que possibilitam a produção de conhecimento sobre o *self* e sobre o mundo em que vivemos. A noção do *self* depende das práticas discursivas através das quais as pessoas dão sentido ao mundo e às suas próprias acções. Nesta sequência, Bruner (1990) salienta que a condição humana é construída graças à interacção verificada entre a acção e o contexto cultural, sendo o indivíduo munido de processos intencionais que adquirem um significado nesse sistema cultural. A organização do *self* faz-se através das interpretações e compreensões que o indivíduo interioriza dos sistemas culturais e a capacidade de narração da sua história de vida reflecte o modo como o *self* está organizado, sendo definido a cada momento pela forma como as pessoas se descrevem a si mesmas (e são descritas pelas outras). Este

autor servia-se das narrativas para analisar a maneira como os indivíduos constroem as suas vidas. Segundo uma perspectiva construcionista, as histórias de vida são estudadas não só pelo grau de congruência com a realidade objectiva, mas também pela forma como o narrador estrutura e conta a sua realidade.

Pretende-se estudar o indivíduo, na sua singularidade, a sua vida é método e objecto de estudo e é neste duplo papel que reside o aspecto incontornável e marcante desta metodologia, também designada de biográfica (Legrand, 1992). O levantamento de histórias de vida pode fazer-se com base em biografias, autobiografias, mas igualmente em diários e outras fontes de informação similares. É enorme a riqueza e complexidade da informação recolhida. Esta é a razão pela qual estes estudos são também designados de intensivos, em oposição aos de natureza extensiva que recorrem a técnicas como os questionários estandardizados destinados a grupos de maior ou menor dimensão.

As histórias de vida⁵ como objecto de pesquisa científica deram origem a um notável conjunto de estudos logo a seguir à Primeira Guerra Mundial. O interesse manifestado pelas histórias de vida aumenta, então, significativamente, acompanhando, de algum modo, as grandes mudanças técnico-económico-sociais então experimentadas pela sociedade ocidental (Poirier, Clapier-Valladon, Raybaut, 1999). O relato de um percurso singular torna-se uma janela aberta para entender o Outro. O primeiro estudo de referência foi o de W.I.Thomas e F. Znaniecki, em 1918, intitulado “The Polish Peasant in Europe and América” (1984). Mas as contribuições mais significativas para esta nova perspectiva ficaram a dever-se à Escola de Chicago, que influenciada por Robert Park (1929) produziu um notável conjunto de estudos onde é patente o interaccionismo simbólico de George Mead. Mead (in Park, 1929) trouxe para as ciências sociais uma nova maneira de pensar o comportamento social dos indivíduos. O indivíduo deixa de ser visto como algo unitário, uma “pessoa” que existe como se fosse completamente independente dos outros, mas sim como um ser complexo com várias dimensões diferentes, construído a partir das suas relações com aquilo que ele designa por “outros significantes”, cujo comportamento tem importância social ou consequências para

⁵ Esta metodologia também foi utilizada por Freud nas interpretações psicanalíticas que fazia dos casos clínicos que acompanhava. Contudo, já Allport (in Atkinson, 2002) tinha usufruído das narrações biográficas para desenvolver uma teoria da personalidade; esta, no entanto, chegou a atingir um nível de maior maturidade com os contributos de Erikson que, com o estudo da história de vida de Luther e Gandhi, explorou a influência dos factores históricos nos percursos de vida. Sarbin (1986) usou as narrativas para a compreensão da experiência humana, utilizando-as sob a forma de “metáfora narrativa”, conceito central para a formação do *self*.

os outros. As acções humanas inserem-se, assim, no interior de um processo comunicativo e para que se dê a comunicação, cada indivíduo deve conhecer a maneira de reagir do outro perante os seus actos.

É facto notório na história das ciências humanas a influência exercida pelo método experimental desenvolvido no âmbito das ciências físicas e biológicas sobre as formas a que nelas se recorre para investigar os fenómenos sociais. Entretanto, o que foi a princípio um verdadeiro fascínio, pois servir-se de tais métodos era condição para se ter o reconhecimento como disciplina científica, tornou-se, com o tempo, uma verdadeira tirania, tal como foi observado por Hayeck (1953). Não se trata aqui de reconstituir essa história, mas de lembrar que este é um dos principais pontos que dão origem às insatisfações que vão surgindo no interior de cada uma dessas disciplinas e que provocam rupturas e mudanças. Tais mudanças dizem respeito não somente à busca de novos métodos de investigação, mas, sobretudo, a um novo modo de conceber a própria ciência. Ou seja, ao abrir mão dos métodos experimentais, dos modelos positivistas que traduziam a ambição de se constituir em cada campo uma ciência racional e objectiva, estava-se, na verdade, a abdicar de um conceito de ciência em favor de outro, pretendia-se aceder à dimensão do subjectivo, à tradição da oralidade, do vivido e do sentido (Ferrarotti, 1988; Legrand, 1992; Poirier, Clapier-Valladon, Raybaut, 1999).

O exame realizado por Ferrarotti (1988) com o intento de mostrar a especificidade do método biográfico, inicia-se pela consideração dos dois tipos de materiais que podem ser utilizados nessa abordagem. Os materiais biográficos primários, isto é, as narrativas ou relatos autobiográficos recolhidos por um pesquisador, em geral através de entrevistas realizadas em situação face a face. E os materiais biográficos secundários, ou seja, os materiais biográficos de toda espécie, tais como, correspondências, diários, narrativas diversas, documentos oficiais, fotografias, etc., cuja produção e existência não tiveram por objectivo servir para fins de pesquisa. Nas suas versões tradicionais, o método biográfico sempre deu maior preferência aos materiais secundários, por se mostrarem mais objectivos. Mas, para Ferrarotti (1988), a condição fundamental para uma renovação do método biográfico passa pela inversão dessa tendência. Na defesa deste ponto ele é enfático, chegando mesmo a incentivar os pesquisadores a fazerem mais uso das narrativas autobiográficas, pois são elas que trazem e explicitam com toda a força a subjectividade do sujeito: "devemos voltar a trazer para o coração do método biográfico os materiais primários e a sua subjectividade explosiva. Não é só a

riqueza objectiva do material primário que nos interessa, mas também e sobretudo a sua importância subjectiva no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e recíproca entre o narrador e o observador” (p.25). Este método chega onde outras investigações só conseguem abordagens tangenciais e dá sentido a temáticas que, utilizadas por outras metodologias, se tornam estagnadas. É uma abordagem realista que absorve a verdade do sujeito, permitindo-nos a observação e o estudo dos processos subjectivos tão característicos dos indivíduos. Assim, esta experiência deverá ser tão rica e intensa para o narrador como para o investigador que está a ouvir, transformando-se num co-autor (Bruner, 1990).

O modo como o sujeito conta, reconta, enquadra e compõe a sua história é a premissa central desta abordagem narrativa (Atkinson, 2002). Realmente, é essencial darmos a voz ao narrador de forma a compreendermos, o melhor e mais profundamente possível, o seu modo de relacionamento consigo mesmo e com os outros. Aqui, a entrevista qualitativa é o meio através do qual acedemos à narrativa. Segundo Kvale (in Warren, 2002), a entrevista qualitativa tem como base o princípio da conversação, enfatizando-se a capacidade de escuta e de colocação de questões pela parte do investigador, e de resposta a essas questões pela parte do entrevistado. A epistemologia inerente a esta metodologia é construtivista (Warren, 2002), uma vez que os entrevistados são considerados e vistos como pessoas que vão partilhar a sua vida com sentido, sentimento e emoções. Mais uma vez, a abordagem positivista, em que o entrevistado assume uma postura passiva e limitada a questões fechadas, é aqui banida.

De acordo com Rubin e Rubin (in Warren, 2002), este tipo de entrevistas ganha o seu verdadeiro sentido quando o investigador se predispõe a ouvir o significado do que está a ser dito. Neste sentido, a biografia recolhida é uma micro-relação social: aquele que narra a sua história de vida narra-a sempre para alguém. De facto, no processo de elaboração de uma narrativa há sempre a tentativa de uma comunicação, mesmo que seja com um interlocutor imaginário como muitas vezes acontece com os diários íntimos. Assim, tanto mais isto se aplica à situação da entrevista, na qual o pesquisador é quem estimula e recolhe a narrativa, sendo que quem conta a sua vida, não a está a contar a um gravador mas sim a um indivíduo. Além do mais, a narrativa não é um relatório de acontecimentos, mas a totalidade de uma experiência de vida que ali se comunica. Disto se evidencia o carácter de intencionalidade comunicativa da narrativa autobiográfica e, por isso, por mais que se pretenda escamotear, "toda entrevista é uma interacção social completa, um

sistema de papéis, expectativas, de injunções, de normas e valores implícitos, e por vezes até de sanções" (Ferrarotti, 1988, p. 27). Daqui decorre que, ao fazer-se uso do método biográfico, a situação interaccional vivenciada, isto é, o modo mediante o qual a narrativa ou as narrativas foram produzidas, não pode ser ignorado no processo de análise.

As histórias de vida têm como finalidade organizar e dar sentido aos elementos subjectivos da vida de alguém que estamos a entrevistar, os quais podem ser redefinidos por várias disciplinas (Atkinson, 2002; Becker, 1966). Uma história de vida é aquela história que a pessoa entrevistada escolhe contar o mais completa e verdadeiramente possível; a que ela consegue recordar e a que ela deseja que o entrevistador conheça. O resultado final de uma história de vida remete-nos para a narrativa pessoal das vivências do sujeito entrevistado. Descrevem-se os eventos, as experiências significativas vividas e os sentimentos a elas correspondentes, desde o período da infância até ao momento presente, ou seja, durante o ciclo-de-vida do sujeito (Atkinson, 2002). A história de vida pode vir a ganhar uma forma factual, poética, metafórica ou uma outra qualquer mais criativa; o importante é que essa seja a forma com a qual a pessoa que a conta se sinta o mais à vontade e confortável possível.

Narrar uma história de vida cumpre certas funções que, antigamente, estavam destinadas à narração de contos populares e míticos. Ao narrar a sua história, o sujeito encontra-se consigo mesmo, com outros e com o mistério da Vida e do Universo (Campbell, in Atkinson, 2002). Quando um indivíduo narra a sua história de vida está a dar-lhe um sentido, e a vê-la sob um ponto de vista objectivo e subjectivo que, por sua vez, o ajudam na formação da sua identidade e personalidade. Becker (1966) enfatiza que a história de vida sublinha as influências, experiências, circunstâncias e lições de vida que o sujeito viveu e sentiu como mais relevantes no seu percurso de vida.

2. Descrição da participante

A investigação focou-se no estudo do desenvolvimento, ao longo do ciclo-de-vida, de um sujeito idoso (106 anos), do género feminino, viúva, com seis filhos, sem deterioração cognitiva grave, confirmada por informadores (família e empregada), a

viver em residência própria, mantendo um certo grau de autonomia (só não fica sozinha durante a noite e tem uma empregada que se encarrega da maioria das tarefas domésticas), não lhe sendo administrada medicação psicofarmacológica, (somente complexos multivitamínicos).

A selecção da Dr.^a V. residiu no facto de ela ser uma pessoa muito idosa (na quarta idade), manifestar um funcionamento cognitivo razoável e capacidade de resiliência associada à presença constante do bom humor.

Da primeira vez que a vi estava sentada à braseira, com a camilha da mesa sobre as pernas. Esboça um sorriso sincero e pergunta quem sou. Afinal, ainda sou uma estranha, e a filha mais velha, com quem já tínhamos estabelecido contacto, apresenta-me como “aquela psicóloga que gostava de conhecer a história da vida da mãe”. Ri-se dizendo “ai a minha vida foi uma maravilha!”. Quer saber tudo sobre mim: nome completo, quando nasci, onde moro, contacto telefónico... Ao mesmo tempo que pergunta, vai apontando as informações numa folha formato A3, organizada por categorias: nome, morada, contacto telefónico... Nesta espécie de macro-agenda, verifico que já tem preenchido bastantes contactos pessoais, a maioria pertencente aos filhos.

Ficamos sozinhas. Vestia um casaco de lã cinzento por cima de uma blusa de cor clara e tecido leve; a saia, de tecido grosso, passava do joelho e usava pantufas que pareciam confortáveis. Era Inverno, mas dentro daquela sala acolhedora e quente o frio da rua não chegava. Para além da braseira, a sala é presenteada por uma grande e espaçosa lareira que não deixou de consumir lenha durante todo o tempo em que conversámos. A nossa participante tem 106 anos! Na verdade completou os 106 a 4 de Abril de 2005. De estatura muito baixa e cabelo todo branco, olhos brilhantes e expressivos, nesta fisionomia as rugas não testemunham idade tão avançada! Uma centenária com mãos de sexagenária, cuja face rosada e boa disposição definiram uma personagem atractiva e estimulante; estávamos a sucumbir na curiosidade... No primeiro contacto cumprimento-a com um beijo, que recusa: “não é preciso”. A empregada e a filha dizem: “não gosta de dar beijos”. Embora o gesto me tenha, de certa forma, assustado, a forma como o disse – com certeza e genuinidade – não me deixou preocupada. Venho, mais tarde, a surpreender-me quando, ao despedir-se de um dos encontros, toma a iniciativa de o fazer com um beijo...

Descubro uma pessoa com uma vontade imensa de ser ouvida, de contar a sua história. Exprime-se com uma postura descontraída, gesticulando enquanto fala. A alegria e o bem-estar que demonstra ressaltam quando, ao referir um certo tema, se lembra de uma canção a ele alusiva, e começa a cantar! Outras vezes lembra-se de quadras, e recita-as! A maioria do discurso termina em gargalhadas de satisfação, embora, talvez, associadas a uma ponta de nostalgia e saudade. Por vezes, o olhar, como que fixo num ponto certo, e as pausas feitas durante a narração de acontecimentos de vida, pareciam revelar toda uma saudade de um tempo bem vivido.

Naquela sala de estar, onde sempre nos encontrámos, vive-se história! Sempre rodeada de objectos com elevado valor sentimental: a guitarra que o pai mandou fazer, especialmente para ela quando era criança, os livros dos reitores da Universidade, onde estão homenageados um avô e um bisavô, fotografias de família – dos pais aos trinetos –, álbuns de postais que as tias escreviam e recebiam quando iam para o estrangeiro, peças de barro feitas por ela, um piano preto onde costuma tocar e cantar as velhas “modas”! Para além destes objectos que parecem estar constantemente a reavivar um passado, está sempre com ela a macro-agenda, um telefone portátil, e um calendário, no qual, em cada dia que passa, ela contorna uma bola!

No plano relativo à saúde física diz-nos, com satisfação e admiração, nunca ter tido uma dor! As maiores dificuldades que sente são ao nível da audição, embora também revele que se nota mais esquecida, queixando-se de estar a ficar com “a cabecita tonta”. Mantém a estabilidade postural, pois é capaz de realizar actividades motoras do quotidiano (colocar lenha na lareira, fazer jardinagem, varrer a casa, ...) sem que seja necessário recorrer a ajudas. A bengala está lá; contudo, o seu uso não é muito corrente! Gosta de aproveitar o sol e delicia-se por passear de carro por Portugal, com os filhos.

A Dr.^a V. completou o ensino universitário, licenciando-se em ciências físico-químicas na cidade de Coimbra, cidade que adora e onde viveu desde a mocidade até hoje! Tem uma grande vivenda antiga com uma extensão razoável de quintal à volta, onde gosta de passar algum do seu tempo a jardinar e a regar. Embora viva sozinha, pernoita, sempre, lá em casa, um dos filhos ou a empregada.

Com a continuidade dos encontros e das entrevistas, a relação estabelecida entre nós veio a tornar-se cada vez mais sólida e genuína. Esta intimidade desenvolveu-se, principalmente, porque ela sentia que eu estava lá e a ouvia; na verdade, é uma senhora com uma vontade imensa de recordar o passado e, nas suas próprias palavras, “recordar é viver”. Contudo, o tipo de narrativa que revelou foi muito factual, mas sobreinvestindo todos os acontecimentos com idealizações de si e dos outros que a rodearam, afastando e negando a presença de adversidades; centrou-se muito nas pessoas que já faleceram, descrevendo-as com um apego a pormenores narcísicos. Como é uma pessoa com uma longevidade tão avançada e com um percurso de vida “fora do normal”, como costuma dizer, já foi sujeita a várias entrevistas jornalísticas, pelo que o tipo de narrativa que estabeleceu connosco, pelo menos nas primeiras entrevistas, poderá ter sido equivalente ao que está habituada a desenvolver nesses contextos jornalísticos.

3. Instrumentos

3.1 Instrumentos de recolha da história de vida (h.v.)

A h.v. é utilizada como um “instrumento” de recolha de dados relativos à narrativa pessoal do sujeito. Pressupõe uma abordagem naturalista e construtivista, bem como o estabelecimento de uma relação de empatia e de estreita colaboração entre o entrevistado e o investigador. Através da h.v., e de todo o conteúdo humanista que ela comporta, é-nos facultado o percurso pelo caminho vivencial e psicológico do entrevistado, no decorrer do seu ciclo-de-vida (Atkinson, 2002).

Nesta sequência, e dentro de um conjunto de abordagens que envolvem as histórias de vida, centrámo-nos na abordagem psicológica que Poirier, Clapier-Valladon, Raybaut, (1999) denominam de psicobiografia: o objecto de estudo é o sujeito psicológico que, desenvolvendo a sua própria narrativa, nos revela o seu percurso ao longo de toda a sua existência.

Para Burgess (1997), na investigação que envolve observação participante, como a nossa, o observador é o principal instrumento. A observação participante permite-nos aceder aos significados que os sujeitos atribuem às situações sociais; é um modo de complementar a investigação, visto ser realizada em contexto naturalista, permitindo-nos a recolha de dados ricos e pormenorizados, de características

próprias e peculiares do sujeito, dando-nos acesso aos conceitos usados no dia-a-dia por ele. Esta técnica pode ser usada como um instrumento teórico segundo o qual se registam relatos, muitas vezes não estruturados, de outros informantes.

Na recolha da h.v. recorreremos ao uso de entrevistas não estruturadas e não directivas, tendo sido conferido à entrevistada a “liberdade da palavra”. Segundo Zweig (in Burgess, 1997), o entrevistador que se compromete na realização de entrevistas não estruturadas é visto pelo entrevistado como um amigo, um confidente que revela interesse pela sua história, compreensão e simpatia, e com quem pode manter uma conversa. No nosso caso, criou-se facilmente uma relação de empatia com a entrevistada. Esta técnica, permite que seja o sujeito a contar a sua história à sua medida, ou seja, com um discurso espontâneo e verdadeiro, possibilitando-nos apreender o modo como vê e sente as experiências da sua vida.

Com o objectivo de aprofundarmos algumas temáticas que sentimos pertinentes, recorreremos a entrevistas semi-directivas que tiveram como pressuposto a proposta de temas, encorajando a participante a falar acerca deles. Relativamente às anteriores, estas entrevistas podem ter significados ambíguos, uma vez que, para responder a esses temas, o sujeito interpreta-os segundo o seu quadro de referências (Ghiglione & Matalon, 1992).

A pesquisa de terreno envolve a recolha e a análise dos dados. Com este objectivo utilizámos um diário de campo no qual tomámos determinadas notas importantes para a investigação. As notas de campo envolveram questões a serem (re)colocadas na entrevista, as impressões subjectivas, descrições ambientais de retratos, livros, músicas. Estas notas, segundo Burgess (1999), dão ênfase a detalhes de acontecimentos durante a entrevista. Consistiram num registo contínuo de situações e conversas, nas quais participámos. De acordo com Fernandes (2002), o diário de campo permite-nos ordenar os acontecimentos apesar da dispersão sentida entre entrevistas; é um meio de ligação entre encontros, onde se registam cognições, sentimentos e acções pertinentes para o estudo e que não são passíveis de gravação audio-magnética. São, por isso, um processo de construção de sentido, onde se disciplinam várias evocações de factos simultâneos: vozes, atitudes, reacções emocionais, fotografias, canções... Este autor confere ao diário de campo várias funções de registo: das observações (que podem ser distantes e/ou participantes), das notas de terreno (onde descrevemos ambientes, características físicas e sociais, acontecimentos especiais), das notas

metodológicas (onde registamos as nossas cognições, sentimentos e dúvidas relativas à evolução do trabalho de campo, o tempo levado na investigação, alguns confrontos de dados experienciais com a teoria) e dos fragmentos discursivos (onde se incluem registos de frases soltas que surgiam espontaneamente durante os encontros e que servem para clarificar, relevar ou dar um novo sentido à narrativa).

Como registo da história de vida utilizámos um gravador de som, em boas condições fónicas, e o respectivo material para funcionar: pilhas e cassetes.

3.2 Instrumentos de análise da h.v.

O material recolhido através da h.v. foi sujeito a tratamento por um conjunto de técnicas sugeridas por Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1999) que envolveu a sequência de várias etapas. Quando obtivemos a versão definitiva, recorremos a métodos de análise de conteúdo, que utilizam um conjunto de técnicas específicas, facilitando-nos a compreensão de conteúdos relevantes no sentido de validar processos de inferência (Bardin, 1977; Vala, 1999).

Assim, depois de organizarmos cronologicamente a h.v., procedemos a uma análise de conteúdo das memórias autobiográficas relatadas pela nossa participante. A análise de conteúdo é uma das técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais. De acordo com Bardin (1977) a análise de conteúdo aparece “como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens”, (Bardin, pp 38, 1977). Ainda segundo esta autora, a intenção da análise de conteúdo é “a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não) (Bardin, pp.38, 1977).

Para Vala (1986), a análise de conteúdo não é um método, mas sim uma técnica de tratamento de informação que tem por finalidade efectuar inferências sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas. Esta técnica tem como objectivo decompor sistematicamente os dados (por exemplo, uma narrativa de vida) em elementos mais pequenos (categorias). Faz-se uma desmontagem do discurso, cabendo ao investigador/analista construir um modelo através do qual estuda os significados do discurso e o relaciona com o corpo

teórico que sustenta a investigação (Vala, 1986). Uma vez que nas histórias de vida o investigador não dispõe de hipóteses de partida, esta é a técnica de análise privilegiada, uma vez que permite a reunião dos dados de forma sistemática para depois serem organizados e classificados. Esta técnica poderá mostrar a importância dada pelo sujeito a variados temas relacionados com a sua trajectória de vida.

O tipo de material e os objectivos da investigação são sempre variáveis que têm que ser suficientemente bem discriminadas, na medida em que, dependendo deles, variam as questões colocadas no processo de análise de conteúdo. Assim, as questões podem variar desde frequências de ocorrência de determinados objectos (análise de ocorrências), a características associadas aos diferentes objectos (análise avaliativa), até questões relativas à estrutura de relações entre os objectos (análise associativa), (Vala, 1986). No entanto, para este autor, qualquer que seja o tipo de análise privilegiada, ela pressupõe sempre quatro operações: delimitação dos objectivos e definição de um quadro de referência teórico orientador da pesquisa, constituição de um *corpus*, definição de categorias e definição de unidades de análise.

Deste modo, a análise de conteúdo prosseguiu segundo uma análise cronológica onde salientamos os temas principais do desenvolvimento e uma análise temática em que sobressaíram temas mais específicos e relevantes da primeira análise. Procedemos com uma análise do tipo de narrativa, visto esta ser bastante peculiar, e finalizámos a análise com a construção de um biograma, que facilita a ilustração gráfica da análise temática.

4. Procedimento

4.1 Procedimento na recolha da h.v.

No método biográfico, principalmente nas h.v., o objecto de estudo é o indivíduo na sua singularidade. De acordo com Ribeiro (2002), sobressai a importância da forma como o investigador social se faz chegar às pessoas. Na verdade, a escolha de um método biográfico revela a importância e a necessidade de se considerar a perspectiva dos sujeitos. Privilegiamos as explicações e as interpretações que dão, bem como os significados que atribuem aos comportamentos e acções. Desta

forma, os primeiros contactos estabelecidos, e a forma como nos damos a conhecer, são fundamentais para que os objectivos destes estudos sejam concretizados.

O primeiro contacto que estabelecemos, com vista a realizar esta investigação, foi com a filha mais velha do nosso sujeito, via telefone. Expusemos o objectivo do estudo e garantimos a confidencialidade das informações recolhidas. Combinámos um primeiro encontro com a participante na presença dessa filha. Nesse encontro realizámos um consentimento informado: para Warren (2002), o consentimento informado permite que o sujeito compreenda as intenções do estudo, pelo que se espera que o investigador seja claro quanto às suas finalidades, a fim de evitar sugestões ambíguas para o sujeito. Assim, informámos a nossa participante e a filha dos nossos objectivos e de que todas as narrativas recolhidas seriam confidenciais, pelo que registos relativos a identificações de pessoas se tornariam anónimos. Pedimos permissão para utilizar um gravador de som, assegurando que todas as histórias ali contadas seriam somente trabalhadas por nós. Pedimos, igualmente, autorização para o uso do diário de campo. Receberam-nos com grande amabilidade, tendo permitido e concordado com a utilização dos nossos materiais.

Nesse primeiro encontro, a filha da nossa participante só esteve presente para nos receber; de seguida, ficamos a sós com a Dr.^a V. Descrevemos o modo como iriam decorrer estes encontros: a preferência por entrevistas não-estruturadas e algumas não-directivas mostrámo-nos disponíveis para que a calendarização e o horário dos encontros fossem decididos pela Dr.^a V., pelo que ficou acordado que iriam ser combinados telefonicamente, visto a participante não nos saber dizer quando poderia estar disponível. Ficou, também, acordado neste encontro que seria entregue o resultado final da h.v. (montagem na primeira pessoa), à Dr.^a V. e sua família.

Inicialmente, este encontro tinha por objectivo o estabelecimento de uma relação interpessoal especial com o sujeito; contudo, a Dr.^a V. mostrou-se tão colaborante que nos começou, nesse mesmo dia, a falar da sua vida. Incitámos a Dr.^a V. a começar a contar a sua história pelas memórias mais precoces que tinha, tentando, de seguida, fazer uma organização cronológica da sua existência.

Durante todo o processo de recolha da história de vida (cuja montagem do texto na primeira pessoa se encontra no Anexo 1), tivemos um total de seis encontros, com a duração aproximada de 90 minutos cada (vd. Anexo 2). Contudo, houve um período demasiado grande entre a 4.^a e 5.^a entrevistas, uma vez que a Dr.^a V. se encontrou bastante doente. No dia 19/03/04 já se encontrava melhor, pelo que fizemos uma visita informal, sem recorrer a entrevistas; a 5.^a realizou-se, depois, no dia 16/04/04 quando já estava francamente melhor. Durante o processo de recolha da narrativa, o objectivo inicial era fazê-lo recorrendo, preferencialmente, ao uso de entrevistas repetidas não directivas. Contudo, a partir deste 5.^o encontro aquele procedimento teve que ser modificado, pelo que começámos a orientar a entrevista para temas relacionados com experiências de conteúdo mais vivencial e emotivo (vd. Anexo 3). Contudo, só recorremos às entrevistas semi-directivas depois de estabelecer uma relação de confiança com a Dr.^a V, pelo que o estudo somente foi orientado nesse sentido nas últimas visitas, quando essa relação já estava implementada e suficientemente sustentada.

Na verdade, deparávamo-nos com algumas dificuldades, nomeadamente no que respeitava à prevalência de um discurso demasiado factual e centrado nos períodos de vida da infância, adolescência e fase jovem adulta. Foram, no entanto, respeitadas as “resistências” encontradas e, embora as entrevistas tenham adquirido um formato mais semi-directivo, era a participante quem “orquestrava” os encontros e o discurso.

Recorremos ao uso do diário de campo para registar as dúvidas sentidas (nomeadamente as relativas aos conteúdos e à forma das narrativas), as informações recolhidas no contexto da entrevista e fora do mesmo, e as conversas, informais, tidas com outros informantes (os filhos e a empregada). Estas informações revelaram-se de extrema importância para a análise da narrativa.

4.2. Procedimento de Análise da h. v.

De acordo com Atkinson (2002) à recolha de uma h. v. são inerentes três fases: primeiro, temos o estágio de planeamento da entrevista, em que se pretende averiguar a utilidade e o benefício da narrativa de vida; depois, temos a fase de entrevista propriamente dita, na qual o sujeito narra a sua vida, implícita ou explicitamente conduzida pelo investigador, que se socorre de meios de gravação

áudio e de um diário de campo; por fim, temos a fase de transcrição, interpretação e análise do material obtido.

Assim, após ultrapassarmos essas fases e obtermos a recolha do material, procedemos à análise da narrativa (Bardin, 1977; Vala, 1986; Legrand, 1992; Ghiglione & Matalon, 1992; Poirier et al., 1999) através da transcrição directa e integral das entrevistas (vd. Anexo 4), do seu ordenamento e posterior exploração de significado.

A h.v., recolhida pelas repetidas entrevistas, é considerada material de carácter intimista e pessoal, pelo que durante a transcrição preservou-se tudo, tal e qual estava gravado. Na verdade, os comentários, gracejos, expressões singulares, risos, repetições, foram todos transcritos. Pretendeu-se ter em texto o documento em bruto. Os comentários feitos pelo investigador foram relevados a uma cor diferente, tendo-se, também registado os comportamentos não verbais (gestos, suspiros, risos, pausas...) dentro de parênteses.

Seguimos as indicações de Poirier e colaboradores (1999), segundo as quais a transcrição directa envolve duas fases: na primeira, procede-se à transcrição do texto oral; na segunda, completa-se a primeira transcrição, que é sempre lacunar. Após esta transcrição total, preparámo-nos para a fase de organização do material em bruto, uma vez que nesse estado predominava a ininteligibilidade. Assim, os primeiros “retoques” envolveram a eliminação de alguns termos parasitas, como certas interjeições e alguns erros de linguagem falada. No entanto, para não descontextualizar o discurso e a narrativa, mantivemos algumas repetições e interjeições que julgámos serem importantes para a compreensão da história, e, principalmente, para a compreensão do tipo de narrativa. A pontuação também foi rectificada.

De seguida procedemos à clarificação e ordenação da narrativa, pusemos em evidência os elementos que traziam suplemento de informação, integrámo-los no texto e fizemos o agrupamento da narrativa por ordem cronológica. Na apresentação definitiva da história o texto aparece escrito na primeira pessoa, o que sob o ponto de vista de Poirier e colaboradores (1999), revela um modo de escrever que aproxima o leitor da sinceridade e subjectividade da narrativa. Após esta etapa constituiu-se um *corpus* definitivo sobre o qual incidiu a análise de conteúdo (Legrand, 1992, Poirier et al., 1999).

Assim, em primeiro lugar, delimitámos os objectivos e o quadro de referência teórico do estudo (Vala, 1986). Esta é a primeira etapa de qualquer investigação, na qual foram seleccionados um certo número de conceitos analíticos relativos a um modelo teórico. Nesta investigação procurámos determinar de que forma a trajectória de vida da Dr.^a V. se enquadrava nas concepções da meta-teoria do ciclo-de-vida de Baltes e de que modo os processos associados ao sucesso no envelhecimento se orquestraram para a organização da capacidade de resiliência.

Enquadrámo-nos numa selecção qualitativa de material, pois analisámos uma história de vida, o que implica a diversidade e heterogeneidade de fontes documentais adequadas ao modelo do investigador. A história foi reorganizada segundo um enquadramento temático e cronológico (Vala, 1986; Legrand, 1992). Depois, procedeu-se a uma análise categorial temática, onde se fez a definição de temas dominantes (pré-categorias) com vista a reduzir a complexidade da narrativa, a ordená-la, a identificá-la e a atribuir-lhe um sentido em função dos objectivos do estudo, ou seja, visando a simplificação do discurso (Vala, 1986; Legrand, 1992). Definiram-se, depois, as dimensões que se denominaram por “palavras-chave” e que permitiram a determinação e a clarificação dos conteúdos através do recurso a extractos significativos da narrativa. Finalmente, sobressaíram as categorias emergentes como resultado da interpretação e análise da narrativa (Cartwright, 1974). Segundo este autor, existem categorias de 1^a ordem (relativas a eventos factuais) e de 2^a ordem (relativas a dados afectivos) (vd. Anexo5).

Deste modo, e em consonância com o que foi exposto, construímos um quadro onde os períodos do desenvolvimento, segundo a concepção da meta-teoria do ciclo-de-vida, foram divididos da seguinte forma: infância, adolescência, adultez (jovem adulto, meia-idade), 3^a idade e 4^a idade. Nos períodos da infância e adolescência considerámos as seguintes pré-categorias: relações familiares e afectivas, relações sociais, percurso escolar, e locais significativos. Nos restantes períodos considerámos as mesmas pré-categorias, tendo substituído o percurso escolar pelo percurso profissional.

Uma vez que o modo de narração se manteve, de certa forma, homogéneo ao longo de todas as pré-categorias, considerámos pertinente fazer uma análise do tipo de narrativa: a produção do discurso obedeceu a uma tipologia facilmente categorizável.

Recorremos, também, à análise da história de vida por meio de um biograma (vd. Anexo 6). Este instrumento foi construído com o objectivo de conseguirmos uma melhor visualização dos dados resultantes da narrativa, uma vez que consiste na representação gráfica dos acontecimentos mais significativos do curso de vida do indivíduo (Da Agra & Matos, 1999). O biograma fez ressaltar os níveis de análise pretendidos através do registo da evolução cronológica da participante, analisando-se as vertentes familiares/afectivas, sociais, percurso escolar e profissional e locais significativos.

Como uma metodologia é sempre empregue com o objectivo de pesquisa, a validade das inferências é uma questão fundamental e, para que o trabalho tenha rigor científico, esta validade tem que ser operacionalizada. Assim, para a garantirmos recorremos ao método do consenso e da consistência: foram consideradas as validades intra e inter-codificadores. Neste seguimento, a validade e estabilidade intra-codificador foram conseguidas através do recurso a “estratégias múltiplas” (Burgess, 1997) de análise da história de vida: análise cronológica, análise categorial temática, análise do tipo de narrativa e do biograma. Com o recurso a estas quatro estratégias, obtivemos uma consistência temporal dos dados, que eram continuamente confrontados uns com os outros, à medida que íamos aplicando uma nova análise. Isto é, submetemos o mesmo material a análises diferentes com o objectivo de testar a concordância das inferências feitas. Veja-se, por exemplo, o ocorrido quanto à expressão dos afectos relacionados com a morte da mãe.

Análise Categorial Temática: Morte da mãe

Logo no início do curso de vida, a Dr.^a V. depara-se com um acontecimento de vida não normativo (Baltes et al., 1999): a morte da mãe, que faz emergir a categoria de perda. No entanto, a expressão dos afectos é limitada ou, mesmo, ausente, nomeadamente tratando-se de um tema que envolve uma carga afectiva importante (...)

Análise Cronológica: A mãe da Dr.^a V. é-nos descrita como uma pessoa rigorosa, dando grande importância à higiene e à aparência física, nomeadamente ao vestuário. Morre muito cedo, quando a nossa participante tem 7 anos (...) Omite sentimentos e emoções relativos à perda precoce da mãe, no entanto faz um movimento compensatório ao referir que quase não sentiu a falta da mãe, visto ter um pai, pessoas de família e amigas que a acarinharam muito.

Análise do tipo de narrativa: A adversidade é negada e completamente afastada, predominando um discurso, de certa forma, repetitivo, inscrito no factual e no concreto.

A análise seguinte permitiu avaliar a eficácia da análise anterior, o que conduziu a um afunilamento desses mesmos conteúdos.

A validade inter-codificadores foi garantida pelo acompanhamento constante de um juiz independente e externo. Este juiz foi supervisionando todo o trabalho de recolha e análise da história de vida, tendo contribuído, com os seus conhecimentos, para uma maior afinação na validade e fidelidade das inferências retiradas desta história de vida. Na verdade, como refere Stemler (2001), na investigação qualitativa a validação toma a forma de triangulação: a credibilidade das análises depende do recurso a estratégias múltiplas de análise, do confronto e supervisão com outro investigador e do confronto dos dados obtidos com a teoria que os sustenta. Só desta forma conseguimos proceder e encontrar estabilidade nas inferências que fazemos das análises.

PARTE III – RESULTADOS E SUA DISCUSSÃO

1. Análise Cronológica

Infância:

Relações Familiares e Afectivas

A Dr.^a V. nasceu no ano de 1899, no Porto. A pessoa que mais enaltece é o pai. Caracteriza-o como um “pai maravilhoso” e uma pessoa muito importante em S. Pedro do Sul. Narra episódios em que andava a cavalo e acompanhava o pai nas visitas que este tinha que fazer como médico. Foi o pai quem mandou fazer um violão pequenino, que se ajustasse ao seu tamanho, tendo também sido ele quem a ensinou a tocar esse instrumento. Todos estes episódios são descritos e sublinhados como especiais e maravilhosos, revelando uma idealização do objecto paterno, percebido como idealmente bom, belo, poderoso...

“...e então o paizinho!.. Esse foi especial, um pai extremoso (...) O meu pai era mesmo especial! Ele foi Presidente da Câmara, fez uma coisa que em Viseu não havia – um campo de ténis! (...) Outra coisa que o meu pai mandou fazer foi uma represa..., não é?...” (vd. Anexo1, p.121)

A mãe da Dr.^a V. é-nos descrita como uma pessoa rigorosa, dando grande importância à higiene e à aparência física, nomeadamente ao vestuário.

“...era bonitinha, bonita! Também era muito rigorosa, bem...dava-nos o banhinho, era muito rigorosa...queria que a gente andasse sempre, sempre muito arranjadinhas; mas eh...enfim...a minha impressão é de que ela era boa, não é?” (vd. Anexo1, p.120)

Morre muito cedo, quando a nossa participante tem 7 anos. No entanto, a imagem positiva prevalece: era professora primária e bisneta de um lente de Coimbra; bonita, gostava de "tocar piano e falar francês". Quando casou com o pai da Dr.^a V. já era viúva, tendo dois filhos do casamento anterior. A Dr.^a V. omite sentimentos e emoções relativos à perda precoce da mãe, no entanto faz um movimento compensatório ao referir que quase não sentiu a falta da mãe, visto ter um pai, pessoas de família e amigas que a acarinharam muito.

"...um pai extremoso e parentes... todos os parentes nos acarinhavam, tios tão bons, gente de família tão boa que não cheguei a sentir, pode dizer-se, a falta da minha mãe" (vd. Anexo1, p.121)

Caracteriza a irmã, mais velha 2 anos, como uma pessoa muito boa; tinha um cabelo muito bonito, ao contrário do seu que não era tão bonito, e tocava guitarra. Acompanhava-a nas actividades de exercício físico e também andava a cavalo com a Dr.^a V. e com o pai. Revela-se, contudo, uma figura um pouco ausente durante toda a narrativa. O facto de considerar o cabelo da irmã mais belo do que o seu poderá ser a manifestação de uma problemática de rivalidade fraterna?

"A minha irmã que era mais velhinha que eu dois anos, tocava guitarra, porque já tinha mais desenvolvimento (...) Era bonita, a minha irmãzinha! Está ali o retratinho dela! (...) Ela tinha um cabelo! Coisa mais linda! Um cabelo enorme, ondulado e loiro! O meu não era assim, era escuro e brilhante mas não era ondulado, era mais ou menos liso. Muito lindinha! Lindinha e boa rapariga! Também teve muitos filhinhos! Tinha um cabelo, lindo, lindo, lindo! Muito comprido, muito mais lindo que o meu, nem se compara!" (vd. anexo1, pp.126)

Outras pessoas da família também se revelaram importantes nesta fase. Por exemplo, os dois meio-irmãos, filhos da sua mãe, que caracterizava como muito simpáticos e muito bons, "sempre muito delicados".

"Ter meios-irmãos e termos assim, uma...de uma delicadeza!... de uma simpatia!...olhe, eu não posso dizer melhor deles, ah, é...que coisa linda! Esses dois irmãozinhos....são do lado, são do lado da minha mãezinha. E esses dois filhos foram para nós como verdadeiros irmãos! Podiam não ter gostado do casamento, mas não, foram de uma bondade connosco, sempre!" (vd. Anexo1, p.121)

Todas estas pessoas são descritas como especiais, maravilhosas e muito boas. Caracteriza-as com um recurso constante a idealizações, principalmente a figura paterna. Contudo, o discurso excessivamente factual afasta-a de narrar

acontecimentos com conteúdos de valência negativa como, por exemplo, o caso da morte da mãe.

“Eu tive muita sorte...apesar da minha mãe morrer quando eu era piquinina, mas tive um pai! E tios maravilhosos! Tios, primos, uma família que nunca mais acabava...” (vd. Anexo1, p.121)

Percurso Escolar

Refere que andou pouco tempo na escola primária, no entanto completou a 4ª classe no ensino oficial.

“Andei pouco tempo na escola, ainda me lembro que andei algum tempo na escola oficial, é verdade! Fiz a quarta classe. Sim, foi lá em S. Pedro!” (vd. Anexo1, p.123)

Depois, com 12 anos, foi estudar para Viseu. De salientar que as actividades lúdicas tinham uma relevância acentuada na sua educação.

“Mandou fazer um violão, tenho ali o violãozinho, pequenino! Eu era tão pequenina que não podia tocar num violão vulgar e o meu pai mandou cortar, mandou fazer um por medida, nem todos os pais tinham essas ideias, não é? (...) Ainda, aprendi um bocadinho de piano, mas muito pouco, muito pouco, agora, no piano é só acompanhamento para cantarolar, não sei tocar nada (...)era eu menina, quando aprendi a jogar ténis! (...) E nós quando éramos meninas andávamos muito de barco no rio (...) Muito, e isso era bom porque era um bom exercício (...) o meu pai gostava muito que nós nos desenvolvêssemos, tínhamos professor de ginástica” (vd. Anexo1, p.124)

Relações Sociais

A Dr.^a V. refere que tinha como amigos famílias de S. Pedro do Sul que a acarinharam desde que perdeu a mãe. Salienta a família M., a Dona G. M. que a levava e à sua irmã às festas e romarias, uma vez que o seu pai não tinha disponibilidade. Nessas festas havia muita dança e foguetes. A família do M.A. também é uma família de referência, costumava frequentar as festas dadas nos jardins dessa família. Não refere, contudo, relações de amizade com outras crianças da idade dela, mas sim com pessoas mais adultas.

“Houve uma senhora, D. G.M., de uma família M., lá de S. Pedro, julgo que ainda tem descendentes a possuir a casa, a casa é um palacete lindo, tem um jardim à frente, depois uma rua, que vai para a ponte, (...) como o meu pai era médico e não tinha tempo de andar a levar-me para as festas, ela resolveu levar-nos para as festas...(...) depois, então, foi mais na casa do M.A., porque essa família também nos acarinhou de uma forma extraordinária... É, eu convivia com gente muito especial!” (vd. Anexo1, p.122)

Locais Significativos

A infância da Dr.^a V. decorreu no Porto e, maioritariamente, em S. Pedro do Sul. Esta localidade assume-se de especial importância na medida em que a participante descreve e relembra com particular ênfase alguns locais particulares.

“E S. Pedro do Sul é lindo! Conhece?... S. Pedro do Sul? É de rios, há a confluência entre dois rios: o rio Vouga e o rio Sul e é mesmo ali é que convergem, ali naquela vila, é engraçadíssimo!” (vd. Anexo1, p.122)

Sobressai, também, a descrição exaustiva dos palacetes que frequentava, nomeadamente o de D. G.M e o da família do M.A.. Todos estes lugares são sinónimo de diversão e de apelo a afectos positivos.

“...a casa é um palacete lindo, tem um jardim à frente, depois uma rua, que vai para a ponte, e depois a propriedade da casa vai até ao Rio Vouga! É uma propriedade enorme, enorme, enorme... mas então, a casa tem palmeiras lindíssimas (...) os sogros viviam num palácio lá de S. Pedro, só queria lá ir consigo! Ai que lindo! Os tectos! Sabe esses tectos que fazem assim, em madeira, pintado, uma coisa linda, linda, linda! E uma quinta que nunca mais tinha fim!” (vd. Anexo1, p.123)

A aldeia de Manhouce era um dos locais para onde se deslocava frequentemente com o seu pai e a irmã, a cavalo. Ao referir estes eventos sente-se especial, denotando-os como acontecimentos fora do “normal” para a época social em que viveu. Predomina uma imagem de si positiva ao mesmo tempo em que tem necessidade de conferir uma importância particular às qualidades físicas e estéticas das situações.

“Manhouce, é uma aldeiazinha longínqua de Coute S. Pedro, tão longínqua que não havia estradas para lá, nos tempos antigos. O meu pai ia muitas vezes lá ver os doentes a cavalo e nós íamos atrás dele, a cavalo também. Não era assim vulgar, pois não?” (vd. Anexo1, p.121)

Refere, também como local significativo, Leça da Palmeira, onde vivia uma tia e para onde costumava passar férias na praia.

“(...)até porque íamos muito, quando éramos pequeninas, para a praia de Leça da Palmeira que fica ao pé de Matosinhos, o mar de Leça da Palmeira é o mar de Matosinhos. Leça da Palmeira... vivia lá uma tia e era para lá que íamos quando éramos pequeninas.” (vd. Anexo1, p.124)

Pré-adolescência/adolescência:

Relações Familiares e Afectivas

Durante este período de vida, a Dr.^a V. viveu em Viseu, cidade onde frequentou o liceu. Morou em casa de uma tia que era casada mas não tinha filhos, razão pela qual se sentiu muito acarinhada e tratada como se uma filha fosse.

“Fiz o liceu em casa dessa tia, que se chamava A. e eu tenho uma filha, também, chamada A.! É a madrinha dessa, quer dizer, é afilhada dessa, afilhada dessa tia A.! Foi uma tia fora de série, casou, não teve filhinhos, maneira que...era como se fôssemos os filhinhos dela, ai!” (vd. anexo1, p.125)

O pai continuou a viver e a exercer as suas actividades em S. Pedro do Sul indo, contudo, visitá-la várias vezes.

“O meu paizinho ficou em S. Pedro do Sul, mas chegava a lá ir muitas vezes! Deixei-me com muita gente lá em Viseu! É uma terra simpática, até, uma gente simpática... de uma maneira geral.” (vd. Anexo1, p.126)

A irmã também estudou em Viseu, em casa dessa mesma tia, no entanto, não prosseguiu os estudos como a nossa participante.

“A minha irmã também lá estudou, lembro-me que ela ainda lá esteve algum tempo, mas não foi como eu! Não tirou o liceu como eu! Fez uns examezinhos, não sei se foi de francês, de inglês não tenho a certeza, de francês fez!” (vd. Anexo1, p.126)

No que concerne a relações amorosas, revela que não teve namorados, embora tenha tido bastantes pretendentes que lhe escreveram declarações em versos.

“Coisas más? Não...não... tive namorados que me escreveram cartas...quer dizer não tive namorados, tive quem me escrevesse declarações, eu é que não...(...) Tenho uma ideia de ter havido dois ou três rapazes que me escreveram a declarar-se mas já nem me lembro do nome deles, já nem me lembro! Sim foi quando andava no liceu, não é? Até houve, os que escreviam versos! Havia o jornal académico, não é, e havia rapazes que escreviam lá... (...) Tive assim uns apaixonadinhos, um foi lente cá! E esse, realmente, foi muito dedicado, mas eu é que nunca...nunca houve namoro, só com o meu marido, ahahah (ri)” (vd. Anexo1, p.126)

Refere também o contacto e relacionamento regular com alguns primos, uma vez que muitos dos seus tios se tinham estabelecido por Viseu.

“Como a minha avó teve dez filhinhos, também tínhamos muitas primas! De maneira que uns tios viviam em Viseu, casaram lá e tiveram filhos lá, maneira que, éramos recebidas, também, em casa deles, não é? Fomos sempre muito bem tratadas, muito bem, lá em Viseu! Com os primos, priminhos...” (vd. Anexo1, p.126)

Percurso Escolar

Desde os 12 anos que frequentou um liceu em Viseu, regido por padres e cónegos. Como tinha uma nota de 16 valores, dispensou do exame de acesso à Faculdade, vigente nessa época. Com 18 anos veio para a Universidade de Coimbra, para o curso de Físico-Químicas. Contudo, a sua primeira vontade, o seu primeiro sonho, seria ir para Londres, onde também vivia uma tia, para depois vir para Portugal ensinar inglês. No entanto, o pai opôs-se e preferiu que optasse por tirar o curso superior em Coimbra. Refere que foi ela quem escolheu o curso.

“Fiz o liceu em Viseu, tinha alguns doze anitos, em casa de tios e tias, também boas a valer! Depois, como também tinha uma tia em Londres, pensei: “vou para Londres, aprendo inglês, depois venho para cá, ensino inglês, pronto, já ganho dinheiro...”, mas o meu paizinho tinha outra visão das coisas e disse: “não, é melhor formares-te cá em Coimbra” eh eh eh ... (ri)” (vd. Anexo1, p.125)

Relações Sociais

A Dr.^a V., uma vez mais, refere como principais influências e amizades figuras mais adultas. O convívio social é feito com padres e cónegos que, usualmente, frequentavam a casa da sua tia. Salaria que um desses padres terá sido seu professor, no liceu que frequentava.

“...era muito religiosa; dava almoços e jantares a padres e cónegos lá da igreja! Um deles foi meu professor, o cónego F.C. e o outro, D. C., foi bispo. Eram muito bons, muito simpáticos.” (vd. Anexo1, p.125)

Locais Significativos

Durante esta fase, salienta como local bastante significativo a casa B., quinta perto de Viseu onde viveu. Valoriza-a porque pertenceu aos seus avós, tendo estes, criado lá, três dos dez filhos. Tem uma capela onde sonhou casar, um dia.

“Pois é... ainda temos, então, um terreno nosso junto do Rio Pavia... Avogases que é um... um arrabaldinho... É... praticamente ainda em Viseu, mas é num extremo... é onde viviam os meus avós. Há uma casa grande onde foram criados três filhos.

Eram sacerdotes da família, engraçado... a casa tinha uma capelinha, onde eu sonhei casar!
 Mas houve um tempo em que aquilo andou assim um bocadinho fora da família, mas agora está dentro da família, a casa B.! Chama-se a casa B.! A casa B., é a casa maior que há para ali naqueles arredores...tem um jardim lindo, e depois tem uma quinta até ao Rio Pavia. Mas foi... lá que fiz o liceu e foi muito bom" (vd. Anexo1, p.125)

Faz também referência a Espinho, onde vivia um tio, com o qual costumavam ir passar alguns dias de férias. Faz analogia entre os tempos de férias passados quando era criança e adolescente.

"Leça da Palmeira... vivia lá uma tia e era para lá que íamos quando éramos pequeninas. Mais tarde íamos para Espinho porque tínhamos lá um tio que era até o director do Vale do Vouga, era engenheiro, ele é que fez o caminho de ferro do Vale do Vouga, e então íamos para Espinho quando éramos assim já meninas crescidas, com 18, 19 anos (...)(vd. Anexo1, p.124)

S. Pedro do Sul continua a ser um local significativo.

"Íamos muito a S. Pedro nas férias; o meu pai era presidente da câmara, maneira que nas férias, havia, he,he, as termas, de S. Pedro do Sul, que têm até o nome do meu paizinho lá. Maneira que, íamos para lá, para todas as festinhas que lá se faziam... não é?"(vd. Anexo1, p.126)

Aduldez

Jovem Adulta:

Relações Familiares e Afectivas

A Dr.^a V. veio para Coimbra estudar, e por Coimbra ficou, onde constituiu família. Continua a salientar a influência positiva do seu pai, no entanto, neste período, foram as relações sociais que estabeleceu que se mostraram mais importantes no desenvolvimento da sua trajectória de vida. É nesta altura que conhece o futuro marido, mais velho e que trabalhava como oficial no quartel de Santa Clara. Quando veio para Coimbra costumava cantar nas igrejas, e foi aí que o futuro marido lhe fez a corte.

"Vinha com a fama de cantar, isso foi também uma coisa importante para mim. Porque cantava nas igrejas! Cantava na Sé Velha! (...) A igreja de Sta Cruz é muito linda, tanto por fora, como por dentro, ah! É um encanto, mas então... para mim, tem história, não é? Que era onde o meu marido me ia ouvir cantar, ainda não namorávamos, mas ele já andava atrás de mim, (ri) ia-me ouvir cantar, ai! (ri) que graça!" (vd. Anexo1, p.129)

Entretanto começaram a namorar; descreve-nos como decorriam alguns encontros:

“Quando namorámos ia para casa dele, ainda ele vivia com os pais e eu ia para lá e depois à noite iam-me levar a casa, a mãe dele acompanhava-me e ia-me levar a casa. Foi sempre tudo muito na ordem, tudo muito bem! Ah!” (vd. Anexo1, p.133)

Relata um episódio de carácter romântico que decorreu quando aceitou o pedido de casamento.

“Santa Clara ainda agora, para mim tem um encanto especial, não é? Por causa do meu marido ser comandante do, da artilharia de Santa Clara, não é? (...)Maneira que, quando eu lhe disse que sim, ele acendeu as iluminarias do quartel, que só se acendiam no tempo da Rainha Santa, (...) quando eu lhe disse que sim a alegria foi tanta, que acendeu à noite...as iluminarias....” (vd. Anexo1, p.133)

Descreve o marido como muito bom e como um parceiro, facto que se revela pouco normativo para a época social em que se encontravam. Como factor comum na narrativa, também o marido é apresentado como uma figura totalmente boa.

“O meu marido era militar, e eu já era professora, mas ele olhe, encantou-se comigo e não me largou... E fez bem porque foi um bom marido! Muito bom, muito bom, era assim uma pessoa... dava banho aos meninos, poucos pais o faziam! Era muito querido...” (vd. Anexo1, p.133)

Verificamos, através desta fase, que a Dr.^a V., por ter casado tão tarde, investiu mais na esfera profissional e social em detrimento da familiar, o que se revelou, uma vez mais, como um aspecto não normativo.

“Mas só casei com 32, ah, ah,...foi muito bem, muito bem...porque agora, hoje, casam com 18, eu tenho pena! Casam cedo demais, não gozam a sua liberdade! Até tarde, eu foi sempre a gozar! A minha mocidade!.....” (vd. Anexo1, p.132)

Percurso Escolar

A entrada na faculdade é o ponto máximo de todo o seu percurso escolar. Refere que nesta etapa teve uma amizade muito forte e importante com uma colega de curso que também vinha de S. Pedro do Sul, a M.T. Revela-nos terem sido pessoas especiais e privilegiadas na vida académica, visto essa colega ser prima de um lente.

“Eu quando vim para cá, também foi interessante porque vim com essa minha amiga que tinha um primo que era o Doutor Á. B. que era lente, de maneira que daí também resultou uma coisa interessante, é que eu e a minha companheira, íamos para a Sala dos Capelos, para as tribunas, que são uma espécie de

camarotezinhos, porque como o primo era lente, tinha direito a mandar para lá a família, não é? E então nós íamos, caloiritas, eh eh ...(ri)" (vd. Anexo1, p.127)

Esse privilégio sentia-se também, por, nessa altura (1917), a Universidade ser frequentada por uma percentagem ínfima de raparigas.

"(...) Também muito poucas, muito poucas mulheres frequentaram a universidade, mas o que havia, era um respeito! Ai, os nossos condescípulos! Tinham um respeito que não é nada como agora, não é? É diferente! (vd. Anexo1, p.128)

Relações Sociais

Caracteriza a sua amiga como muito bonita: terá construído a imagem feminina com base na imagem que tinha da irmã?

"Era interessante porque tinha uma grande amiga, tenho ali o retrato dela, era linda, linda... era tão linda que eu dizia que a beleza dela passava também p'ra mim eh eh eh (ri) Chamava-se M.T." (vd. Anexo1, p.127)

A família G. foi também uma referência significativa para ela, pelo que ficou muito amiga dos filhos, P. e A.. É a primeira vez que refere amizades, para além da anterior, com pares. Nessa altura morava no Palácio dos Confusos, uma residência que inicialmente seria feminina tendo-se, posteriormente, tornado mista.

"E a uma célebre família G.! Essa família foi também, muito extraordinária, uma das meninas G. casou com um que foi ministro chamado Á. C. (ri) e com essa gente então, eu convivi muito, muito, muito (...) Fomos ali tão bem, tão bem tratadas! Íamos lá jantar e os 2 G., o P. e o A. é que nos iam acompanhar a casa, não chegavam a ir mesmo ao pé da casa! Ficavam perto..." (vd. Anexo1, p.129)

Relata que, tanto ela como a amiga, conviviam com muitas pessoas importantes, nomeadamente Condes e Viscondes, dentre eles o Marquês D.. Com esse Marquês manteve uma relação de amizade.

"Era assim, nós só íamos a casa dos Viscondes, dos Condes e Marqueses. O D.! O D. era o Marquês de E., rapaz que andou aqui a estudar e com quem eu dançava ali no tiro e sport que era onde havia festas era... um clube...(...) O D. era muito bem educado, muito simpático, e até se deu bem com o meu marido, foi sempre muito amável para o meu marido!" (vd. Anexo1, p.130)

Salazar foi, igualmente, uma das pessoas com quem se relacionou; conheceu-o através da família S. e S. Costumavam fazer viagens no mesmo comboio quando ia de férias para S. Pedro do Sul.

“Sabe que o Salazar era muito meu amigo? (...) ele dava-se muito com uma família de um lente, S. e S. e a mulher dele, Dona P., era uma senhora muito religiosa! E com quem eu me dava também muito bem, não é? (...) Quando ele esteve no poder senti poucas mudanças no estilo de vida, ele teve grandes...aderentes; eu só sei que fui utilizar os móveis dele!” (vd. Anexo1, p.131)

Locais Significativos

Coimbra foi o local que mais marcou a Dr.^a V. nesta fase da sua vida. Em Coimbra, muitos locais se tornaram especialmente importantes. Uma vez mais, o significativo, nesta história, remete-nos para acontecimentos felizes e bem vividos. Destaca-se a Igreja de Santa Cruz e a Sé Velha, toda a zona alta de Coimbra, principalmente o Palácio dos Confusos em que, quando se tornou residência mista, os rapazes que nela viviam eram caracterizados como educados e finos, um pouco à semelhança da imagem paterna.

“(...)cantava nas igrejas! Cantava na Sé Velha! Na Sé Nova, nem por isso, na Sé Velha cantava lá muito e noutras igrejas muito importantes cá de Coimbra. Santa Cruz! (...) Só queria ir consigo um dia ao palácio dos confusos! (...) E, a... e a casa onde eu vivi, tinha 3 cruces, 3 cruces assim de espécie, não é de cimento, essa coisa... ah, ah azulejo, exactamente! (...) eu ia para o último andar e consolava-me a ver o rio! A dona da casa era uma senhora, uma senhora velhinha, que alugava, portanto, a casa a estudantes, onde também havia rapazes. No começo eles comiam a uma hora e nós comíamos a outra, acabamos, depois, por comer todos juntos, eram uns rapazes muito finos, muito bem-educados, maneira que, comíamos todos juntos...” (vd. Anexo1, pp.128 - 129)

Dá, também, relevo ao penedo da meditação e ao Jardim Botânico.

“...é um sitio realmente, maravilhoso, é. Já foi ao penedo da meditação aqui? É fora do vulgar! Aquela coisa abrupta! É uma coisa fora do vulgar (...) O jardim botânico é muito lindo! Ah, também tem muita história, muita! Ah, ah, (ri muito) qualquer dia vou escrever, qualquer coisa, acerca da...da Coimbra, da velha Coimbra... menina e moça!” (vd. Anexo1, pp.129 e 130)

Enquanto narra a sua história, sente necessidade de especificar os acontecimentos recorrendo aos locais onde se sucederam, pelo que inúmeras zonas de Coimbra são descritas e referidas na narrativa. O apego ao factual é um factor comum no seu discurso; o factual camufla o emotivo.

Meia Idade:

Relações Familiares e Afectivas

Nesta fase da vida, a nossa participante mantém, de certa forma, as relações afectivas que construiu durante a etapa anterior. Casa com 32 anos de idade e é o marido quem se vai destacar nesta fase da sua vida. Assim, revela que casou em S. Pedro do Sul, vindo, deste modo, a não concretizar o sonho de casar na capela da casa da Balsa em Viseu. Contudo, quando mostra o retrato do casamento, não revela qualquer ressentimento, antes uma satisfação já tão característica. O marido, cerca de 5 anos mais velho, é-nos descrito sob uma tonalidade afectiva igual à das restantes pessoas significativas já anteriormente mencionadas, nomeadamente, o pai. Terá esta imagem masculina sido espelhada e construída com base na figura paterna?

“Estão ali retratos do meu casamento eh eh eh (ri)... em S. Pedro do Sul. Sim, casei-me em S. Pedro do Sul É extraordinário! (...) É verdade, estava jovenzinha, fresca como uma alface! O meu marido era militar, e eu já era professora, mas ele olhe, encantou-se comigo e não me largou... E fez bem porque foi um bom marido! Muito bom, muito bom, era assim uma pessoa...” (vd. Anexo1, p.133)

A posição social elevada é enaltecida e figura como central no seu curso-de-vida. O casamento deu-lhe uma aliança ainda mais robusta e contínua para a criação de relações com altas individualidades. Esta ânsia por estar em contacto com personalidades que se destacavam na sociedade poderá ser uma forma de colmatar qualquer falta de afecto, qualquer incompreensão, qualquer vazio? Ou o discurso recorrente deste conteúdo constituirá uma fuga dos temas que provocam dor e angústia?

“Eh eh eh. Pois foi... muito interessante, graças a Deus, toda a minha vidinha foi boa, e então quando o meu marido foi Governador Civil de Coimbra durante 6 anos, não foi brincadeira nenhuma! (...) tinha, assim, amigos de famílias muito boas, muito agradáveis, muito bem-educadas... enfim, de maneira que... mesmo já depois de casados nós dávamo-nos assim com pessoas importantes... os Condes do A., tem ouvido falar, não tem? (...) Houve uma vez que veio cá a Princesa de Inglaterra e, os governadores civis eram convidados; o meu marido como o era também foi, não é? E portanto lá íamos, nós às festas da princesa, ah, ah, ah.” (vd. Anexo1, p.133)

Foi também nesta etapa do curso de vida que teve seis filhos: quatro rapazes e duas raparigas. Refere que as gravidezes correram todas bem e os partos ocorreram sempre em casa. Caracteriza os filhos como muito “garoteiros” e

brincalhões. Relata um episódio em que P. Q., na altura seu vizinho, ficou incomodado com o barulho que os filhos faziam:

“O P.Q. é conhecido! Ele vivia ao pé de nós, mas como os meninos faziam muito barulho ele queixou-se porque lá em casa era uma risota, eles eram muito garoteiros, muito brincalhões, então, por isso, mudámo-nos de casa.” (vd. Anexo1, p.135)

Nesta fase não se encontrava sozinha para cuidar dos filhos, tinha como auxiliares a sogra e uma tia que viveram em sua casa durante algum tempo.

“Para ajudar a cuidar deles tinha a minha sogra, viveu cá muito tempo, e uma tia, uma tia também. A minha sogra até está ali no retrato connosco! Naquele grupo grande! Coitadinha, ela dava-lhes mimo, é verdade, já não estava numa idade em que podia trabalhar, dava-lhes mimo! Tratámos a sogra sempre com muita delicadeza e ela, coitadinha, morreu cá! Mas foi sempre muito bem tratada, médicos muito bons! Muito amigos do meu marido! Pelo que há mais pequenina coisa, vinham, morreu de velhinha, nunca teve nenhuma doença prolongada, nenhuma coisa assim, não, não.” (vd. Anexo1, p.135)

Entretanto, o pai, que tinha voltado a casar, enviúva novamente. A Dr.^a V. revelou-nos que a segunda mulher, Dona O., seria uma “criatura fraquinha que adoeceu e morreu”. Verificamos que o facto de conseguir falar da morte, tanto da sua sogra como desta segunda mulher do pai, assume uma posição dicotómica relativamente à incapacidade de falar da morte do pai e do próprio marido. Será a negação do afecto, será a distorção mnésica, ou o distanciamento afectivo, ou ainda uma resiliência tão grande que se construiu com a precoce idade dos 7 anos aquando da morte da figura materna?

Uma vez que a Dr.^a V. não consegue recordar a altura em que o pai faleceu, nem nos consegue dizer como faleceu, poderemos pressupor, considerando a referência à utilização da casa de S. Pedro pela sua irmã, que aquele acontecimento terá ocorrido nesta fase da sua vida?

“A minha irmã ficou em S. Pedro....Ela foi sempre muito boa para mim e eu fui mais tarde, para lá, para ao pé das minhas sobrinhas, e estava lá um mês ou assim, não sei quanto tempo é que lá estive porque eu....a casa, ficou com essa condição, de eu querer ir para lá, tenho direito a ir para lá! Engraçado!” (vd. Anexo1, p.136)

Relações Sociais

A relação de amizade que já mantinha com a amiga M.T. manteve-se e revela-se como muito importante. Ela também esteve a dar aulas no mesmo liceu em que a Dr.^a V. leccionava, no entanto, passado algum tempo, houve um afastamento.

Mantinha uma relação de amizade com as alunas.

“Eu dei-me sempre muito bem, muito bem com as alunas! E realmente tive colegas muito boas, muito boas! Pois, no que fosse preciso e em qualquer coisa em que precisasse de alguma ajuda, tive colegas maravilhosas, tive, tive! Agora as coisas são diferentes... Não sei, dá-me a impressão que não há aquela amizade que a gente tinha no outro tempo, a minha filha é professora e eu também...” (vd. Anexo1, p.132)

Este pressuposto poderá advir de alguns comentários feitos por uma das filhas que também é professora.

Os Condes do A. são um casal de referência.

“(...)enfim, de maneira que... mesmo já depois de casados nós dávamo-nos assim com pessoas importantes... os Condes do A. tem ouvido falar, não tem? A condessa... eu julgo que tenho aí retratos, com a condessa do A.. Era muito simpática e muito boa, muito boa para os pobres, um encanto. E... então eu dei-me muito bem com essa senhora. Agora, a casa da... como é que se chama aquele casarão enorme, na Baixa, agora é tribunal, parece-me que é tribunal...” (vd. Anexo1, p.134)

Predomínio, no discurso, de constantes enaltecimentos às figuras sociais com quem estabelecia relações. Todas são investidas como boas e idealizadas, afastando qualquer contacto/conhecimento com figuras/acontecimentos mais negativos. Este afastamento mostra-se altamente clivado e conscientemente esquecido: “pessoas más não prestam, não merecem ser lembradas” (vd. Anexo1, p.120)

Locais Significativos

O Governo Civil de Coimbra assume, nesta etapa da sua vida, um valor relevante, na medida em que costumava lá dar festas, principalmente quando eram os festejos da Rainha Santa Isabel. As festas perpetuam-se como denominador comum ao longo da sua trajectória de vida.

“Quando eram as festas da Rainha Santa, quando havia a procissão... nós dávamos lá uma festa, no governo civil, não é? É engraçado! Ah, ah, (ri) ...Quando vim cá para Coimbra, nunca calculei que havia de ser a esposa do governador civil! Aquilo era lindo... a procissão, hum, à noite, não é?” (vd. Anexo1, p.134)

Entretanto, o local mais significativo terá sido, mesmo, o Penedo da Meditação e a sua actual casa. Gosta de descrever a natureza conferindo a este espaço uma

tonalidade de sítio privilegiado. A necessidade de sobressair pela imponência é traçada por todo o discurso e, aqui, volta a rever-se.

“(…)aqui tem sido um lar tão bom, tão bom..., nunca aqui tive doenças, eh, é um sítio realmente, maravilhoso, é. Já foi ao P.M. aqui? É fora do vulgar! Aquela coisa abrupta! É uma coisa fora do vulgar...” (vd. Anexo1, p.135)

Percurso Profissional

A Dr.^a V. foi professora de Ciências Físico-Químicas no Liceu Infanta Dona Maria durante cerca de 35 anos. Refere que adorava dar aulas e que mantinha as melhores relações tanto com as alunas como com as colegas de trabalho.

“Fui professora de ciências Físico-Químicas no liceu D. Maria durante 35 anos, sabe, dantes era completamente diferente de agora...porque as alunas, eram amigas das professoras, tive alunas encantadoras! (...) E realmente tive colegas muito boas, muito boas! Pois, no que fosse preciso e em qualquer coisa em que precisasse de alguma ajuda, tive colegas maravilhosas, tive.” (vd. Anexo1, p.131)

Também costumava fazer tarefas de trabalhos manuais com as alunas, pelo que ainda hoje tem as peças de barro por ela feitas, na sala onde costuma passar grande parte do seu tempo.

“Também fazia com elas trabalhos manuais e ainda tenho aí algumas coisas feitas por elas em barro. Fizeram coisas, realmente, muito lindas ... (...)Hum...não aquelas fui eu que fiz. Fui, fui, eu trabalhava muito no barro, muito! Tudo isso era quando eu tinha jeito!” (vd. Anexo1, p.132)

Terceira Idade:

Relações Familiares e Afectivas

Durante esta fase do percurso de vida, a Dr.^a V. demonstra lacunas no relato dos acontecimentos significativos.

Contudo, as pessoas mais importantes terão sido o marido e os filhos. Pressupomos, também, que terá sido nesta etapa que o marido faleceu; no entanto, este assunto não é falado e, quando abordado, é imediatamente afastado. Poderá o sofrimento a ele associado ter sido tão esmagador que a fez evitá-lo de tal modo que o chegou a esquecer? Na verdade, soubemos, de forma indirecta, que este se havia suicidado na mesma casa em que viveram e onde ela continua a residir.

“Faleceu de quê? Bem, agora, não sei dizer, já não me lembro, a minha cabeça agora está muito fraquinha! Eu já não me lembro de quê que morreu...já não me recordo...

Era uma pessoa muito boa, muito boa, muito boa! Ele era muito bondoso! Tinha grandes amigos, grandes amigos. Morreu, morreu....quer dizer a mim também me aconteceu ter condes e marqueses na família, a ele também!” (vd. Anexo1, p.135)

Relativamente aos filhos, durante o discurso, aqueles que mais destaca são a Al., a An., o N. e o filho que é arquitecto e vive no Porto. Este último chama-se G., contudo, das muitas vezes que se refere a ele, uma vez que é com ele que vai passear de carro por Portugal, não o trata pelo nome, mas sim “pelo meu filho arquitecto do Porto”. O envelhecimento cognitivo poderá estar associado a algumas lacunas verificadas, principalmente nesta etapa.

“é arquitecto e que trabalha no Porto.... tem sido...ele é...uma coisa, vem cá com muita frequência e leva-me a passear, leva-me a passear, uma bondade!” (vd. Anexo1, p.135)

Continua, sempre, a caracterizar os filhos como muito bons. Refere, no entanto, ter netos que estudam em Coimbra mas com os quais não mantém contacto regular.

Relações Sociais

Relata, embora com incertezas pois tem queixas de memória, que foi com a filha Al. fazer umas viagens pela Europa. Assim, diz que esteve em Londres, Paris e Atenas. A viagem terá sido realizada de barco, no entanto, não se consegue lembrar em que altura. A cidade que mais gostou de visitar foi Atenas. Mais uma vez sobreinveste tudo, o que fez e conheceu, como algo extraordinário.

“Londres é interessante, e mesmo as pessoas simpáticas, mas já foi há muito tempo! E Paris também! E Atenas! Atenas, então é que foi uma maravilha! Fui, fui, não foi de avião, foi de...foi de barco, mas também andei de avião quando foi dessa viagem, não sei em que sítio é que eu andei de avião mas gostei imenso da Grécia! E das pessoas da Grécia, ai, são muito simpáticas! Pois é, por exemplo os italianos, já são diferentes! A Itália, praticamente não a conheço, não fiquei com ideia nenhuma, agora a Grécia sim!” (vd. Anexo1, p.137)

Locais Significativos

O local mais importante, nesta fase, continua a ser a sua casa no Penedo da Meditação. No entanto, revela um grande prazer em viajar com o filho G.

“(...) passear com o meu filho do Porto, ou com a G., com a G. também passeio muito, muito, ela é muito boa, mas com o meu filho arquitecto, também, ele tem uma

pachorra! Ah, ah, (ri) Costumamos ir ao Buçaco! Ao Luso e ao Buçaco.”__(vd. Anexo1, p.138)

Percurso Profissional

É nesta fase que a nossa participante se reforma. Acrescenta que lhe soube bem e que aproveitou para cuidar dos netos. Diz não ter sentido os efeitos directos do envelhecimento, uma vez que não gostava de ficar parada. Estava sempre em actividade, nomeadamente nas tarefas domésticas: no jardim, a varrer, a limpar, sempre a trabalhar.

“Ah, quando me reformei! Ah, soube-me bem! Bem, eu como tinha muitos netinhos, tinha sempre que dar uma ajuda...e foi sempre o melhor possível! (...) eu ia-me sentindo sempre nova, sempre a mexer-me, cá em casa...no jardim, a varrer, a limpar, sempre, sempre a trabalhar! Maneira que não me sentia muito...agora é que já é diferente...Bem, eu nunca tive uma dor! A cabeça é que está estonteadinha, está estonteada! Agora, dores, nunca tive! Eu acho isto uma coisa!” (vd. Anexo1, p.137)

Quarta Idade:

Relações Familiares e Afectivas

Actualmente, esta é a etapa do ciclo-de-vida em que a Dr.^a V. se encontra. Destaca as relações com os filhos como as mais significativas. No entanto, uma vez mais, releva uns filhos mais do que outros. Deste modo, voltam-se a destacar as filha Al. e An., os filhos N. e G.. Os três primeiros, talvez por viverem em Coimbra e a acompanharem mais directamente; o G. por a levar a passear de carro (o que adora).

“(...)oh, mas são todos muito bons! Mas uns....Os mais perto de mim... então o do Porto, esse ai vem cá só para me passear, eu tenho corrido....este distrito de Coimbra! E não só de Coimbra! Porque Portugal é muito lindo!” (vd. Anexo1, p.137)

O filho N. era aquele que se encontrava mais vezes em casa enquanto mantivemos os encontros. Na verdade, é ele quem pernoita na casa da Dr.^a V. quando alguma das empregadas não o pode fazer.

“Com o meu filho N. estou muita vez! Então, ele dorme cá muita vez! Quando não tenho empregada, ele dorme cá. Temos muito boa relação, é um filhinho muito bom, sempre! Graças a Deus são todos bons, ehehe” (vd. Anexo1, p.139)

Relata um episódio em que a família se reuniu e foi almoçar a uma localidade perto de Coimbra.

“No outro dia já sabe que nos juntámos todos? Fomos almoçar aqui perto! Ui! Ah! Não sabia? Fomos aqui a um restaurante eh.... conhece... como é que se chama, aqui em cima...Vale de Canas...é isso.(...) Tem uma sala de jantar, uma coisa enorme, não é! E então fomos, a família foi toda lá... almoçar! Um almoço muito agradável, (...) éramos quase cem, uma quantidade enorme!” (vd. Anexo1, p.138)

Sabe que no total tem 13 netos e “5 ou 6” bisnetos, no entanto, não nos consegue dizer o nome deles pois diz não recordar. Queixa-se que “anda com a cabeça fraca”, que tem dificuldade em lembrar acontecimentos e pormenores mais recentes.

“E agora, então, tenho mais uma bisneta! Ai, foi, foi! Nasceu ontem (ri) na maternidade é filhinha de uma médica! Como se chama? Olhe que eu não sei... são tantas...É uma jóia de pessoa, essa minha neta médica, é um encanto, os netos todos são um encanto! É uma sorte, mas uma sorte! Treze, ah, ah, (ri) uma grande família!” (vd. Anexo1, p.138)

Relações Sociais

Neste domínio, a esfera familiar é a social, acrescentando-se a esta a relação que estabelece com as duas empregadas que tem em casa. Não sabe o nome delas, uma vez que sente a memória a falhar bastante, no entanto refere que por reconhecimento poderá ser capaz de os lembrar.

“Eu tenho, tenho, várias empregadas, ora vem uma, ora vai outra, mas felizmente....bem os nomes, isso não me lembro, se me disserem vários nomes eu sou capaz de saber. A memória está assim...fraquita....é uma pena, não é?” (vd. Anexo1, p.140)

Consequências do envelhecimento

As dificuldades auditivas e as queixas de memória são os problemas que a nossa participante identifica como mais incapacitantes e resultantes do processo de envelhecimento. Contrapõe que a nível visual se encontra bem, embora com mais dificuldades do que quando era nova. Refere, mesmo, que ainda consegue ler sem óculos. Relativamente a ouvir mal, diz-nos que não há possibilidade de compensar, mas mostra-se conformada e aceitante dessa realidade, embora reconhecendo que lhe faz falta. Sobre as queixas de memória diz que está muito mal; no entanto, quando confrontada com o modo como se sente em relação a isso, demonstra uma

aceitação, recapitulando e enaltecendo a sua longa vida. Revela orgulho por esta sua longevidade e mostra sentir-se privilegiada por nestes muitos anos nunca ter tido uma dor. Sente-se única e especial, por serem poucas as pessoas que vivem tantos anos e, principalmente, tão bem vividos.

“Há muito pouca gente com esta idade! Penas?! Ah, perdas... Hum, tudo foi mais ou menos, não é, de modo natural, o meu pai não morreu muito cedo, a minha mãe é que morreu muito cedo, a minha mãe é que morreu muito cedo... É, é...tios, tive tios e tias....que eram maravilhosos, acarinhavam-nos de uma maneira....e até as pessoas que nem eram da família; famílias amigas!” (vd. Anexo1, p.140)

Idas ao médico, só quando teve os filhos; medicação, somente complexos vitamínicos... Mantém actividade no quintal, gosta de plantar e de varrer o terraço. Adoptou como estratégia o uso diário de um calendário, fazendo uma marca no dia em que se encontra. Diz que é uma forma de se sentir orientada no tempo.

“Não, não....nem me lembro de tomar alguma coisa assim de importante, tive sempre muita saúde! É uma coisa! Médico? Ah, sim, quando tive os filhinhos e isso...Mas por mim só, não me recordo de ter ido alguma vez ao médico...tive sorte, muita sorte! (...)
tenho que me conformar! Pois é, ouvir mal, é o pior que tenho, porque ver, ainda vejo bastante, é verdade, não vejo como antigamente mas ainda vejo, não é? Com a minha idade, não é? Estes números são todos enormes! Então hoje é 17 não é? É que eu marco, faço aqui uma bola no calendário, para marcar! Pois, assim sei a quantas ando...” (vd. Anexo1, p.140)

No que concerne a desejos futuros, gostaria de participar em actividades sociais em benefício dos pobres, contudo já não se sente com forças para tal. Deseja que toda a sua família tenha muita saúde e bem-estar durante muito tempo. O bem-estar subjectivo que demonstra, a graça e o humor que irradia, leva-nos a inferir que a nossa participante, ao longo da sua trajectória de vida, aprendeu a relativizar a adversidade, criando um escudo que defende a sua auto-estima perpetuando a noção de eficácia do eu.

2. Análise categorial temática

Após termos efectuado a análise cronológica da história de vida, passaremos agora a uma análise categorial temática da mesma. O nosso objectivo foi encontrar, em cada etapa do ciclo-de-vida, um tema predominante que nos permita, de certa forma, inferir o modo como se concretizou o sucesso adaptativo no envelhecimento

e a conseqüente resiliência. Para tal, foi necessário categorizar o material, de uma forma sistemática, voltando-se a reorganizar a narrativa pelas fases do ciclo-de-vida e pelas diferentes áreas de competências já analisadas anteriormente, (Cartwright, 1974).

A recordação é a sobrevivência do passado; este conserva-se em cada um, aflorando à consciência sob a forma de imagens-recordação. Na maior parte das vezes, recordar não é reviver, mas sim, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. As recordações são construídas pelos materiais que estão à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam a nossa consciência actual. Por mais nítida que nos pareça uma memória de um acontecimento antigo, ela não é a mesma imagem que experienciámos na infância, isto porque já não somos iguais ao que éramos na altura. A nossa percepção alterou-se e, com ela, os nossos juízos de realidade e de valor.

Posto isto, e porque todo o nosso material resultou de memórias, destacam-se as principais linhas de orientação temática desta trajectória, pouco usual, de vida. Elas são tomadas como capítulos cujos títulos apreendem o sentido dessas fases de vida. Esses títulos, bem como os aspectos da H. V. que os enquadram (palavras-chave) (Cartwright, 1974), foram desenvolvidos e analisados atendendo à revisão de literatura efectuada.

Infância – Crescer de uma forma....especiall: morte da figura materna, família alargada, relacionamento com o pai, lazer e educação.

Adolescência – Na casa B....: mudança de espaço físico e relacional, relacionamento com a irmã, identificação ao género feminino, educação e o ajuste de um sonho.

Jovem-Adultez – Coimbra, cidade dos amores: relacionamento de amizade, educação, relacionamento amoroso; relacionamentos sociais, importância dos acontecimentos não normativos.

Meia-Idade/Terceira-Idade – Uma família ideal...: casamento e constituição da família, esfera profissional/pessoal, morte do marido, reforma/generatividade

Quarta-Idade – “Gostava muito de escrever a minha vida”: memória social, integridade, reminiscências, estratégias de adaptação.

Note-se que para um enquadramento mais elucidativo do texto que se segue é apresentado no Anexo 5 um quadro onde se sintetiza a análise categorial temática.

Infância : Crescer de uma forma...especial!:

Morte da figura materna

Logo no início do curso de vida, a Dr.^a V. depara-se com um acontecimento de vida não normativo (Baltes e tal., 1999): a morte da mãe, que faz emergir a categoria de perda. No entanto, a expressão dos afectos é limitada ou, mesmo, ausente. Isto é relevante nomeadamente porque se trata de um tema que envolve uma carga afectiva importante. Estamos a falar de uma criança de sete anos que se confrontou com a morte da figura materna e de como foi feito este luto. Questiona-se o modo como terá enfrentado esta situação-problema de cariz traumático, remetendo-nos para a formação de um padrão de resiliência. Na verdade, segundo Garnezy (1999), a resiliência caracteriza-se através da manifestação de competências adaptativas face ao trauma. Estas competências podem assumir inúmeras formas (Anaut, 2005), pelo que supomos que a repressão dos afectos e a procura de apoio social terão sido as respostas adaptativas predominantes nesta precoce fase da sua vida.

Família alargada

Pertencia a uma família alargada (categoria emergente de aconchego), ao contrário da maioria das famílias actuais, restritas ao grupo conjugal e aos filhos, em geral, poucos. Incluía uma larga parentela de tios e primos que rodeavam de tal modo o núcleo familiar mais próximo (pai e irmã), que o faziam sentir-se parte de um todo maior. Poderá este envolvimento familiar e de outras pessoas exteriores à família servir como substituto da mãe? Sobressai, aqui, a resposta adaptativa de busca de apoio social como estratégia de manejo para lidar com a adversidade de ter perdido a mãe. Estamos numa fase crucial do seu percurso de vida, altura em que, segundo Adler (1959), começa a construção do “papel de vida” que determina um “estilo de vida”. Para que tal aconteça, as recordações que o indivíduo tem acerca das relações familiares e sociais vão ser fundamentais na formação e concepção do seu papel social e grupal (Adler, 1959). Na verdade, já desde tenra infância que a Dr.^a V. se sentiu privilegiada na esfera social e familiar, posição que me parece que foi perpetuada ao longo do curso de vida. Saliencia-se o apoio que sentiu da parte

da Dona G.M. que se revelou, nesta fase, como fundamental para o estabelecimento de uma relação segura de cariz materno. Realmente, foi notória a plasticidade (Baltes et al., 1997; 1999) da Dr.^a V. na capacidade de se vincular a uma pessoa exterior à família. Tal facto terá sido facilitador de resiliência, uma vez que, segundo Anaut (2005), o funcionamento resiliente está associado ao estabelecimento de relações afectivas com pessoas da esfera extrafamiliar, quando as relações primárias falham.

Relacionamento com o pai

Emerge uma relação idílica com o pai que, na verdade, era congruente com o contexto sócio-cultural da época (Higonnet, 1991). Na realidade, em princípios do século XX, nas classes sociais mais abastadas, era comum os homens deixarem-se comover pela fragilidade das suas filhas, pela sua delicadeza e docilidade. Segundo algumas educadoras, o apreço e estima das raparigas pelo pai seria a melhor preparação para o casamento. Era muito frequente as raparigas sentirem-se atraídas e seduzidas pela inteligência dos pais, nomeadamente quando estes assumiam posições sociais importantes nas quais predominavam a estimulação cognitiva e cultural. Estes são os pais que falam com as filhas, lhes guiam as leituras e cultivam os seus dotes para a arte, escrita e música (Higonnet, 1991). Deste modo, a Dr.^a V. investe o pai como uma figura totalmente boa, idealizando-o como poderoso e belo.

Lazer

Outra categoria que sobressai nesta etapa é o prazer lúdico: Higonnet (1991) refere que é comum nas vidas das mulheres e raparigas burguesas, a dedicação a *hobbies* e actividades lúdicas como o desporto, neste caso, o ténis e o remo. A dança, o canto e a participação em festas e romarias são, igualmente, temáticas frequentes na vida da Dr.^a V. Na narrativa, tornam-se instantes de significado especial e intenso, principalmente por lhe terem sido possibilitados pela figura paterna e por uma figura exterior à família, mas com funções maternas, a Dona G. M.

Educação

O conceito de vida burguesa envolve, neste caso, um acesso a uma igualdade intelectual que se confirma com a entrada na escola oficial, combatendo-se o estereótipo da sobrevalorização masculina. Surge a categoria da emancipação intelectual. De acordo com Mayeur (1991), após o ensino primário, comum aos dois

sexos, forma-se um modelo laico de instrução com conteúdos diferenciados para raparigas e rapazes. No entanto, para que se conseguisse implementar em Portugal essa reforma, foi preciso passar quase um século. Até lá, o ensino manteve-se fiel à tradição religiosa. Segundo um plano estabelecido por Talleyrand (in Mayeur, 1991), as raparigas, ao contrário dos rapazes, saíam das escolas a partir dos 8 anos, altura em que a sua educação ficaria sob a responsabilidade do pai e da mãe e a ser ministrada em casa. Apesar das influências sócio-históricas (Baltes et al., 1999) vigentes na época, a Dr.^a V. prosseguiu os estudos no ensino oficial e fora do ambiente familiar, pelo que podemos inferir que, nesta etapa do curso de vida, as influências não normativas se revelaram de maior importância.

Adolescência: Na casa da B....

Mudança de espaço físico e relacional

Com o abandono do seio familiar para ir estudar para fora, emerge a categoria de afastamento/separação do contexto familiar de origem para outro de família alargada. Os benefícios da família alargada a que pertencia fazem-se sentir quando é hospedada em casa de uma tia, a casa da B., tendo vindo a estabelecer com ela uma relação afectiva segura. Verifica-se que essa tia terá assumido uma função materna, confirmando-se a plasticidade da Dr.^a V. em estabelecer relações vincuativas ao longo do ciclo-de-vida. Uma vez mais, este padrão de plasticidade e de pluralidade dos estilos de relações vincuativas e seguras, ao longo do curso de vida, sustentam a construção da resiliência (Anaut, 2005). Assim, com a mudança de espaço há, também, um deslocamento no investimento de outras figuras significativas, sempre com uma constante idealização, percebendo-as como boas. Apesar de estar longe do pai, não revela, na narrativa, qualquer tipo de afecto de conteúdo negativo.

Relacionamento com a irmã

A Dr.^a V. descreve a irmã com insistência em pormenores que a qualificam, nomeadamente, em relação ao cabelo. Poderá esta descrição ter como função assegurar as referências identitárias na relação estabelecida? Dá particular importância às qualidades físicas e estéticas da irmã, conotando-as como positivas, ao contrário das suas. Contudo, parece demonstrar uma desvalorização relativamente aos seus atributos intelectuais. De acordo com a psicologia individual de Adler (1959), o principal motivo para o comportamento humano é a busca de perfeição, o que se traduz por uma busca de superioridade como compensação

para sentimentos de inferioridade. O estilo de vida forma-se na primeira infância, sob a influência de factores como a ordem de nascimento, inferioridade ou superioridade física e desleixo ou superprotecção dos pais, pelo que este autor defende que os filhos que nascem em segundo lugar tendem a modelar a sua personalidade através da percepção que têm do comportamento do irmão mais velho face às exigências parentais (Adler, 1959). Assim, o facto de a Dr.^a V. desvalorizar os atributos intelectuais da irmã mais velha, poderá ser uma forma de compensar os sentimentos de inferioridade que tinha face à sua auto-imagem (a inferioridade física é compensada pela superioridade intelectual).

Identificação ao género feminino

É também na adolescência que se fazem os grandes lutos, sendo um período crítico e durante o qual se formam e organizam os aspectos cruciais da personalidade. O ajustamento, por parte da criança, às alterações físicas e emocionais da puberdade, muitas vezes implicam sentimentos contraditórios e turbulentos onde a felicidade e a infelicidade andam de mãos dadas. A identidade feminina é construída a partir da influência de diversos aspectos que vão delineando a condição enquanto mulher. Ao género feminino somos induzidos a associar características tais como o amor, a bondade, a paciência, a docilidade e a castidade. Por um lado, há uma clara identificação a estas características, a tudo quanto é belo e bonito ao longo da sua vida, cabendo-lhe ser caridosa; por outro lado, também se assume como uma verdadeira protagonista activa da sua história, contrariando, dessa forma, o modelo patriarcal. A estruturação da crise de identidade de que nos fala Erikson (1980) conduz a Dr.^a V. a realizar uma ruptura com os estereótipos sociais (à mulher estão associadas as qualidades da interdependência e carinho e aos homens a vida autónoma de trabalho), pelo que resolve o conflito pelas duas valências, evitando o sentimento de difusão do *self*. Esta identificação ao género feminino terá sido sustentada pelas influências das relações de filiação que estabeleceu com as figuras anteriormente enunciadas.

Educação e o ajuste de um sonho

Com a continuidade da educação escolar no ensino oficial, sobressai, novamente, a importância das influências relativas aos aspectos não normativos em detrimento das influências sócio-históricas (Baltes et al., 1999). Na verdade, segundo Mayeur (1991), era nos conventos que as raparigas da nobreza e de classes mais abastadas recebiam a sua educação. Ali, elas aprendiam os “deveres do seu sexo” e o princípio da “educação materna” (Mayeur, 1991). Segundo as investigações de

Mirabeu (in Mayeur,1991), as mulheres tinham acesso a um modelo de escola masculina onde se ensinava a ler, a escrever e aritmética. No entanto, prevalecia a direcção para a “vida interior”, isto é, para o lar. Neste seguimento, embora tenha frequentado o ensino oficial, a maioria dos seus professores eram cónegos que frequentavam a casa da Balsa.

É nesta fase, ao terminar o ensino secundário e prestes a entrar no período da jovem adultez, que surge o sonho, conceito desenvolvido por Levinson (1986). Assim, o seu sonho reparte-se em duas esferas bem distintas: o sonho de casar na capela da casa da Balsa e o de continuar os estudos em Londres. De acordo com Durkin (2000), o sonho no feminino equaciona, em primeiro lugar, a vida familiar e o papel materno. No caso da Dr.^a V. prevaleceu, em primeiro lugar, o sonho de construir uma carreira profissional. Embora não tenha ido para Londres, como era seu desejo, prosseguiu os estudos no Ensino Superior em Coimbra, com a finalidade de vir a conquistar uma carreira profissional que lhe conferisse autonomia e independência. Houve, desta forma, um ajuste ao sonho, sofrendo mudanças e adaptações às realidades individuais e sociais. De acordo com Levinson (1986), o sonho é o motor do desenvolvimento durante o ciclo-de-vida. Isto não quer dizer, contudo, que seja imutável e estático, antes pelo contrário, a sua especificidade reside, sim, numa coerência continuada de procura de objectivos, sendo esta a propulsora do crescimento (Coleman & O’Hanlon, 2004). O sonho de casar e de constituir família ficou delegado para segundo plano. Até neste domínio podemos verificar a importância da influência dos acontecimentos de vida não normativos no seu curso de vida. Visto ter sido sob a influência do pai que decidiu ir estudar para a Universidade de Coimbra, podemos pressupor que o pai terá assumido a função de mentor e suportado a realização do sonho (Levinson, 1986).

Jovem-aduldez: Coimbra, cidade dos amores

Relacionamento de amizade

A cidade de Coimbra inscreve-se na sua vida como um marco fundamental na construção da sua trajectória pessoal. A Dr.^a V. estava na altura com 18 anos e a deparar-se com uma separação diferente e mais extrema: a de deixar a escola, o lar, as figuras de referência...Tinha como tarefa ser independente como nunca antes acontecera. Preparava-se um tempo de esperança e expectativa, mas, também, o que poderia ser de extrema tristeza e angústia. Nesta etapa destaca-se o estabelecimento de uma relação de amizade com uma pessoa da sua idade, sexo

e classe social. Pela primeira vez, torna-se saliente o estabelecimento de uma relação de amizade entre pares. A crise de intimidade *versus* isolamento que Erikson considera (1980) é aqui resolvida com o estabelecimento desta relação de intimidade, segundo a qual o *self* se integra no *nós*. Repete-se a caracterização centrada nos atributos narcísicos, conferindo extrema importância às qualidades físicas. Terá construído esta imagem tendo espelhado a imagem da irmã mais velha?

Na verdade, é intrínseca a este estágio do processo de separação a procura de relações entre pares mais complexas, bem como a de uma associação íntima fora da família.

A educação

Por ter pertencido a uma classe social mais elevada, frequentou a Universidade. Estávamos nos inícios do século XX e, em Portugal, eram muito poucas as mulheres que acediam ao ensino. Na verdade, segundo a História, verifica-se que nos princípios desse século as mulheres do mundo ocidental investem cada vez mais em carreiras intelectuais e liberais (Mayeur, 1991)..Esta remodelação reflecte-se, principalmente, nas famílias burguesas que queriam dotar as suas filhas com uma bagagem escolar e cultural, para que pudessem vir a ser independentes. Tanto a França como a Inglaterra conheciam a liberdade do ensino; no entanto, em 1914, também eram muito poucas as mulheres que frequentavam o Ensino Superior (Mayeur, 1991).

Relacionamentos sociais

A vida estabelecida em Coimbra continua a ser pautada por acontecimentos especiais: conhece pessoas importantes, frequenta as suas casas e tem acesso a locais, na universidade, de grande importância e valor académico. O destaque da vida social focaliza personalidades importantes com quem se relacionou, mostrando, sempre, um afastamento e uma omissão relativamente a afectos mais negativos e a situações adversas. Os relacionamentos sociais ocupam, nesta etapa do curso de vida, um papel fundamental facilitando a adaptação no desenvolvimento (Baltes et al. 1999).

Relacionamento amoroso

Foi, também, na cidade de Coimbra que a Dr.^a V. conheceu a primeira pessoa com quem estabeleceu uma relação amorosa e veio a casar com a idade de 32 anos. Congruentemente com a sua história, também este namorado/marido foi uma figura

totalmente idealizada e investida como muito bom. Ela percebe-se como protagonista de uma bela história de vida e de amor.

Importância dos acontecimentos não normativos"

Apesar de referenciar Salazar como seu amigo, verificamos que não dava importância às questões políticas e históricas dessa época. Destacamos, assim, que os factores sócio-históricos não são percebidos como muito influentes no seu percurso de vida. De acordo com o modelo proposto por Baltes e colaboradores (1999), segundo o qual o desenvolvimento humano é regido pela orquestração de diversas fontes de influência, nomeadamente as influências dos factores ligados à idade, dos ligados ao período histórico e dos relacionados com a história pessoal do indivíduo, leva-nos a inferir que, no caso da Dr.^a V., foram estes últimos que se assumiram como mais importantes e decisivos na sua trajectória de vida. Na verdade, o mesmo se verificou num estudo realizado por Sharon Kaufman (in Gubrium, 2001) em que se debruçou sobre a análise de narrativas de idosos.

Meia-Idade/Terceira-Idade: Uma família ideal...

Falamos em idade adulta, falamos em conquista de maturidade, onde a sabedoria parece ter mais a ver com as vivências e os sentimentos do que com a aquisição de conhecimentos. No entanto, o mundo adulto é permeado pelo infantil e o desafio consiste em integrar e reconhecer os lados do eu infantil no eu adulto. Trata-se de organizar uma gestão adequada dos dois lados para a maturidade ser progressivamente conquistada.

Esfera Profissional/Pessoal

O período adulto tem como característica especial o empenhamento no mundo exterior do trabalho, da comunidade e da sociedade em geral. De uma investigação realizada por Grob, Krings e Bangerter (2001), os sujeitos mais idosos, ao longo do desenvolvimento, realizavam as tarefas mais tradicionais: conseguir uma autonomia dos pais, decidir por uma carreira no final da adolescência, casar e ter filhos no início da vida adulta. No caso específico das mulheres, era comum estas ficarem como donas de casa durante a meia-idade, não construindo uma carreira profissional. A temática da carreira profissional assume uma grande importância nesta história de vida, uma vez que a Dr.^a V. seguiu um percurso pouco normativo para a época vigente e muito semelhante ao das jovens de hoje em dia. Ela, de certa forma, privilegiou a esfera profissional em detrimento da pessoal, pois investiu

na sua formação, frequentando o Ensino Superior, teve uma carreira profissional e casou com 32 anos. Uma vez mais, combate o estigma da mulher submissa e oprimida associado a uma sociedade patriarcal: aqui, também ela é responsável pelo sustento da família através da sua actividade profissional. Contudo, esse papel, não implica que renuncie à maternidade e ao trabalho doméstico.

Casamento e constituição da família

O casamento e a constituição de família foram passos e tarefas cruciais nesta etapa do curso de vida da Dr.^a V. Na verdade, a sua vida é descrita como maravilhosa por ter um marido muito bom, filhos muito bons e um pai muito bom. Descreve e caracteriza o marido através de características que espelham a figura paterna. Apesar de na sociedade patriarcal a mulher desenvolver, no casamento, uma posição responsável pelas tarefas domésticas, nesta relação o marido partilhava com ela alguma responsabilidade ao cuidar dos filhos, o que, por si só, não era normativo nesse tempo. Segundo Segalen (1999), nesta época era comum, com o casamento, as mulheres que tinham uma carreira profissional abandonarem-na para se dedicarem à educação dos filhos e ao estabelecimento de relações sociais. Tal como em muitas outras famílias, também nas burguesas não se fazia um controlo da natalidade (Segalen, 1999). As mulheres tinham mais filhos do que as suas mães, sendo a maternidade uma maneira de afirmar a sua especificidade e de lhes conferir uma identidade (Higonnet, 1991). A Dr.^a V. teve seis filhos, enquanto que a sua mãe somente tivera duas. As casas ficam cheias de crianças e as tarefas domésticas mais difíceis de suportar. Predomina uma complexidade de tarefas: a cozinha torna-se cada vez mais rica e específica, a mesa mais luxuosa, os objectos de decoração mais numerosos. Para ajudar a desempenhar as tarefas maternas e domésticas, é frequente a contratação de empregadas (ama dos filhos, criada e criada de quarto, cozinheira) das quais se mantém uma dependência de carácter quase feudal, tornando-as como que parte da família (Higonnet, 1991; Segalen, 1999). Apesar de ter casado tarde para a época, a constituição da família passou por estas fases típicas da sociedade patriarcal.

Morte do marido

O momento da perda do conjugue, a viuvez, representa, no ciclo-de-vida, um momento particularmente marcante. Simbolicamente, remete para a proximidade da morte, do fim. Psicologicamente, exige o reposicionamento face a si e aos outros. Na verdade, tivemos conhecimento de que o marido se teria suicidado na casa que ainda hoje a Dr.^a V. habita, pelo que tal facto terá sido vivido como um

acontecimento não normativo (Baltes et al., 1999) de cariz traumático. Supomos que poderá ter recorrido a respostas adaptativas em que predominavam a repressão dos afectos e a fuga-evitamento da situação (Anaut, 2005), uma vez que não referiu e fugiu a este tema.

Reforma/Generatividade

A entrada na reforma é uma condição que nos remete para uma representação social de “pessoa idosa” e, por consequência, para aspectos de vulnerabilidade afectiva e social. Na esfera psicológica, os objectivos de vida sofrem uma reestruturação e, por vezes, o abatimento e os afectos mais negativos tendem a surgir. A Dr.^a V. refere ter-se sentido bem quando se reformou, não evocando qualquer tipo de angústia relativa à mudança de papel e objectivos. Nesta fase faz sentido a noção de generatividade de Erikson (1980), na medida em que, depois de se reformar, a Dr.^a V. se dedicou aos netos. Na verdade, o conceito de generatividade diz respeito à interdependência entre gerações, enunciando a necessidade dos sujeitos se sentirem úteis e cuidarem uns dos outros (tanto ela como as crianças dependiam mutuamente uns dos outros) (Erikson, 1980). Com o envelhecimento há um declínio da inteligência fluida que é compensada pela inteligência cristalizada, mais pragmática e orientada para a sabedoria (Baltes & Baltes, 1990; Baltes et al., 1999), pelo que podemos considerar a generatividade como exemplo de inteligência cristalizada.

Quarta-Idade: “Gostava muito de escrever a minha vida”

O modo como a vida é vivida na fase final do seu ciclo resulta bastante da forma como se desenrolou toda a trajectória anterior, das relações de sociabilidade, familiares, profissionais...Os estilos de vida, a forma como expressamos a afectividade e como nos relacionamos com familiares e amigos, é variável e resultante de todo um contexto sócio-cultural em que vivemos. Segundo Ajuriaguerra (in Salthouse, 1992), “envelhece-se como se viveu”.

Memória Social

Relativamente a acontecimentos importantes, tende a destacar festas de família e viagens que faz com os filhos. A memória como função social poderá assumir aqui um papel crucial, uma vez que são mais valorizadas a partilha de memórias em torno de um tema comum a todos os protagonistas, o que poderá impulsionar a

criação e manutenção de relações genuínas. Será este tipo de recordações uma forma de resiliência no envelhecimento, revelando-se como competências motivacionais (para recordar) e sociais (Kumpfer, 1999)?

Integridade

A capacidade de resistir às vicissitudes da idade, resulta do modo positivo como foram encaradas e vividas as experiências de perdas com que a Dr.^a V. se confrontou ao longo da trajectória de vida; do modo como foi gerido o balanço entre as perdas e os ganhos com o envelhecimento (Baltes & Baltes, 1990; Baltes et al., 1999). O bem-estar sentido nas idades mais avançadas depende muito do estabelecimento de relações de confiança e de cumplicidade. É importante o idoso ser reconhecido como uma pessoa que partilha e não apenas como um ser que recebe; é crucial ele sentir-se ouvido e sentir que as suas opiniões são tidas em consideração. O bom relacionamento que mantém com os filhos (competências sociais), o bem-estar subjectivo e o humor que irradia são provas notórias de que, para além de ter construído um padrão de resiliência (Garmezy & Kumpfer, 1999), também se encontra na fase da integridade (Erikson & Kivnick, 1986). Esta etapa representa a fase da maturidade da pessoa defendendo a dignidade do seu estilo de vida, sem demonstrar sentimentos de pesar; revela-se capaz de aceitar e integrar as realizações e os fracassos.

Reminiscências

O desenvolvimento do indivíduo é um processo longo, conduzido num sentido multidireccional, implicando ganhos e custos. Ao envelhecimento é frequente associarmos queixas de memória e lentidão de raciocínio, pelo que a pessoa idosa acede mais facilmente à memória de longo prazo do que à de curto prazo (Smith, 1996). A Dr.^a V. tem vindo a sentir bastantes queixas de memória, principalmente para acontecimentos mais recentes ou que envolvam determinados pormenores como os situacionais, nominais ou temporais. As reminiscências caracterizam-se por uma maior frequência de acesso às memórias precoces (entre os 10 e os 25 anos), o chamado pico de reminiscência da memória autobiográfica (Rubin, Wetzler & Nebes, 1986). Daqui poderá resultar uma justificação para o facto de relatar mais vezes e mais pormenorizadamente acontecimentos relativos a esses períodos do desenvolvimento.

Estratégias de adaptação

Existe um conjunto de indicadores para o envelhecimento bem sucedido: longevidade, saúde física, saúde mental, eficácia cognitiva, competências sociais e produtividade, controlo pessoal e bem estar subjectivo (Baltes & Baltes, 1990).

De acordo com a teoria do controlo de Heckhausen e Shulz (1996,2002), o declínio cognitivo e físico, associado ao envelhecimento, reflecte-se num empobrecimento no uso de estratégias de controlo selectivo primário, pelo que a Dr.^a V., ao sentir perdas de memória, de visão e de audição, teve de se socorrer de estratégias de controlo compensatório primário (uso de óculos, do calendário, bloco de notas, necessidade de apontar o que considera importante). Deste modo, pretende-se que o balanço entre os ganhos e as perdas associados ao envelhecimento seja menos negativo e o mais adaptativo possível (Baltes & Baltes, 1990).

O optimismo, humor e boa disposição são constantes, bem como a evocação de figuras significativas investidas como totalmente boas. Na verdade, há uma prevalência de descrições de condições macrossociais, não sendo verbalizados os sentimentos e desejos do *self*. Centra-se mais na família em que cresceu e nas pessoas com quem conviveu, nos eventos relacionados com os outros, nos eventos sociais e na forma como cresceu (de salientar a presença constante de objectos biográficos como o violão, talvez com o objectivo de perpetuar uma continuidade temporal). Dominam os aspectos exteriores ao narrador, os aspectos situacionais. Serão estas características factores de resiliência (Garmezy & Kumpfer, 1999; Kaplan, 1999; Pereira, 2004; Anaut, 2005) que, entendida como estratégia de controlo compensatório secundário (Heckhausen & Shulz, 1996; 2002) é determinante no sucesso no envelhecimento?

3. Análise do tipo de narrativa

A narração é uma forma artesanal de comunicação em que não é visada a transmissão “em si” do acontecido, mas sim a forma como o acontecido teve ressonância e ganhou uma forma. O narrador tira o que narra da própria experiência e transforma-a em experiência para os que o escutam. Todas as histórias contadas pelo narrador inscrevem-se dentro da sua história (Gubrium,

2001). Todas estas histórias vivem da memória que faz cair a barreira que separa o presente do passado; lança-se uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além. A narrativa da Dr.^a V. classifica-se, de uma forma geral, como uma narrativa extremamente apelativa a todo um passado circunscrito pelos limites das reminiscências (Rubin, Wetzler & Nebes, 1986); a todo um passado cujos protagonistas estão mortos; a todo um passado em que os espaços estão mudados e onde a vida teve uma história. Qual será a função da memória autobiográfica senão a do conhecimento do passado, de como se organiza, ordena no tempo e se localiza cronologicamente (Bluck, 2001)?

A Dr.^a V., como idosa que é, atravessou uma sociedade com características bem marcadas e conhecidas; viveu num quadro de referência familiar e cultural, igualmente, reconhecível, o que implica que a sua memória actual esteja envolta num pano de fundo mais definido, não imbuído nas lutas e contradições que o presente exige às pessoas mais novas. De acordo com Halbwachs (1956), e a propósito da Dr.^a V., o facto de ela se centrar mais no passado do que no presente não quer dizer que esteja a descansar ou a fugir da realidade quotidiana mas, sim, a tomar consciência da sua história, a prestar atenção à sua própria substância de vida. Na realidade, analisando a sua narrativa de uma forma “quantitativa”, somos levados a afirmar que o passado ocupa quase todo o seu espaço mental.

A Dr.^a V., ao contar a sua história, reúne diferentes esferas de significados no contexto das experiências ao longo da sua trajectória de vida (Gubrium, 2001). Continuando com o suporte em Gubrium (2001), verificámos que as narrativas por ela contadas não se limitaram a organizar um sentido, mas eram também reajustadas com o objectivo de lhes conceder uma forma, bem como ao ambiente que as recebia. Na verdade, a Dr.^a V. tendia a contar as suas narrativas afastando-as do contexto do envelhecimento, formulando-as como testemunhos do sucesso e da adaptação. Há uma necessidade de construir um contexto subjectivo para enquadrar o presente e as suas conexões com o passado.

As narrativas foram (re)construídas tendo sempre como fundo um estado de humor e disposição bastante peculiares. Assim, através de um humor integrado na narrativa, a Dr.^a V. sobreinveste todos os acontecimentos da sua vida com um movimento de idealização das figuras significativas e de si mesma. Enquanto narra os factos, a tónica é posta num discurso cuja aparente megalomania é expressa pela consciência dos privilégios que detinha. A descrição que faz das situações

permanece muito apegada a pormenores qualificativos. O discurso revela-se num registo muito factual e agarrado a descrições de realidades exteriores, pelo que nos parece que o seu mundo interno se defende e esconde por detrás do cenário concreto que parece remeter a história para um tempo imobilizado, como se de um quadro se tratasse.

A adversidade é negada e completamente afastada, predominando um discurso, de certa forma, repetitivo, inscrito no factual e no concreto. O recurso ao uso de interjeições, ao humor, com risos típicos e a alguns cantos e declamações, são presenças assíduas ao longo de todas as entrevistas. Por exemplo, quando confrontada com a morte do marido, a Dr.^a V. refere não recordar a causa da morte e tende a fugir ao tema que poderá causar uma carga ansiógena demasiado forte por acordar “fantasmas” de morte. Realiza um movimento defensivo caracterizado por um discurso desconexo, como que delirante, refugiando-se na restrição e na superficialidade.

Podemos caracterizar este tipo de discurso como uma estratégia de “selecção-otimização-compensação” (Baltes & Singer, 2001) segundo a qual a Dr.^a V. selecciona as temáticas que deseja continuar a lembrar e a reviver, as otimiza colocando-as sempre em relevo no discurso, e procede a compensações quando assume posturas mais defensivas. Assim, esta orquestração confere um padrão adaptativo, o qual se rege por um conjunto de estratégias de controlo compensatório secundário (Heckhausen & Schulz, 1996) caracterizadas pelo combate à adversidade (seja ela o envelhecimento ou as temáticas dolorosas) através do desenvolvimento de mecanismos de *coping*, a que, no seu conjunto, podemos chamar resiliência (Garmezy & Kumpfer, 1999).

A resiliência pode assumir uma variedade de respostas adaptativas (Anaut, 2005) e no caso da Dr.^a V., ao analisarmos o seu tipo de discurso, salienta-se a repressão dos afectos e a fuga-evitamento de situações com possível carga ansiógena. No domínio mnésico, a resiliência parece estar associada ao “erro” da distorção da memória (Schacter, 2003). Na verdade, as imperfeições da memória, além de estarem associadas a uma consequência do envelhecimento cognitivo (Baltes & Singer, 2001) (declínio de plasticidade e de inteligência fluida), estão também associadas a um funcionamento adaptativo da própria memória. Assim, o facto de recordar somente o que foi positivo, não “recordando” o negativo, reflecte que a Dr.^a V. poderá ter procedido a distorções egocêntricas da memória (Schacter, 2003):

com sujeição a ilusões positivas, reivindicando mais êxitos que fracassos. Assim, estas recordações selectivas têm o poder de cercar o eu de uma aura de ilusões positivas.

Deparámo-nos com algumas dificuldades na condução das entrevistas, uma vez que assumiu um registo bastante parecido com o jornalístico (ou seja, muito factual e descritivo). Isto parece-nos estar relacionado com o facto de, anteriormente, ter feito outras entrevistas para meios da comunicação social, podendo, assim, estar pouco permeável a um outro tipo de encontros mais intimistas e profundos. Na verdade, os relatos que forneceu ao longo das várias entrevistas foram todos conduzidos de forma semelhante e repetida, como se a sua história já estivesse de tal forma vincada na memória que não conseguisse sair desse esquema rígido. A dificuldade em conseguir um outro tipo de relato mais relacionado e congruente com o *self* poderá estar relacionada com a diminuição da plasticidade associada ao avanço da idade biológica (Baltes, 1997; Baltes et. al, 1999). Assim, no domínio cognitivo, com o envelhecimento dá-se uma diminuição da inteligência fluida que é responsável pelo raciocínio (Baltes, 1997; Baltes et. al, 1999), pelo que parece ter sido difícil, no caso da Dr.^a V., distanciar-se de um tipo de registo mais factual, já muito bem interiorizado. O facto de nos termos socorrido de um gravador para registo das entrevistas também, provavelmente, terá contribuído para a associação a um tipo de relato mais em formato jornalístico e estereotipado. Apesar disso, a necessidade do uso desse método de registo foi-lhe explicada, bem como lhe foi, também, assegurada a confidencialidade com a garantia da devolução da H.V. escrita e cronologicamente ordenada.

Um trabalho de reconstrução de memórias acarreta sempre alguns aspectos relacionados com o quanto é difícil separar a recordação de “como éramos” da avaliação actual de “como somos”. O tipo de sociedade em que vivemos e o que nos exige, e o próprio mundo interno da Dr.^a V., podem modelar o seu passado e, na verdade, recompor a sua biografia individual ou grupal seguindo padrões e valores mais facilmente aceites.

Nas suas narrativas deparámo-nos com dificuldades na condução da história, parecia que “saltitava” entre aspectos importantes, perdendo-se ou omitindo informações que, por sua vez, eram enquadradas em períodos temporais bem determinados. Parecia que arquivava a sua vida em capítulos, passando entre eles; fechava-os, e quando voltava atrás, repetia consistentemente os mesmos marcos.

Este ritmo era repetido nas várias entrevistas que realizámos. Por exemplo, quando se centra na fase da jovem adultez, as temáticas da infância e as pessoas significativas dessa etapa ficam guardados nesse tempo, não se misturando com os desta nova fase. Havia um constante recomeço da sua história de vida, sempre seguindo o mesmo conjunto de temáticas relevantes. Uma das funções da memória e das histórias de vida é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada para si. A infância é larga, quase sem margens, pelo que é difícil transpô-la e chegar à juventude. Prevalece uma gama de *nuances* de pessoas, de lugares... O território da juventude continua a ser descrito de forma livre e rica, dentro da tipicidade da sua narrativa. São prevalentes as fases que correspondem aos intervalos das reminiscências (10-25 anos) e as idades cruciais no desenvolvimento da personalidade, nomeadamente a transição para a vida adulta. Já a idade madura é narrada com um “passo” mais rápido e, a partir dessa idade, prevalece uma narração muito pobre em acontecimentos, vivências, pormenores...

Nesta narrativa, para além de predominarem as temáticas sociais e situacionais, em detrimento da descrição de aspectos internos e relacionados com o *self*, como já referimos anteriormente, a história centra-se em marcos tradicionais, tais como a educação, o trabalho, o casamento e a constituição de família, ou seja em acontecimentos normativos, fortemente relacionados com a idade cronológica e comuns a outros indivíduos (Baltes et al.,1999) . Contudo, no caso da Dr.^a V. a especificidade da sua história reside no facto de estes acontecimentos terem ocorrido de uma forma atípica para o contexto sócio-cultural da época (casou tarde, frequentou o Ensino Universitário, teve uma carreira profissional) Dá, também, muita importância ao lazer, bem como às relações sociais. O modo como descreve as figuras relevantes no seu curso de vida reflecte uma homogeneidade afectiva sempre próxima da idealização. A tónica neste aspecto é de tal forma imposta que reflecte um modo de estar e de contar esta história imbuído num clima de alegria, de esperança e de vida.

4. Análise do Biograma

A análise desta h.v. foi complementada por um biograma (vd., Anexo 6) que foi construído com o objectivo de conseguirmos uma melhor visualização dos dados resultantes da narrativa, uma vez que este consiste na representação gráfica dos

acontecimentos mais significativos do curso de vida da Dr.^a V. (Da Agra, Matos, 1999).

Assim, o biograma fez ressaltar os níveis de análise pretendidos através do registo dos acontecimentos/ eventos marcantes na narrativa cronológica da Dr.^a V. (ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento). Neste gráfico, cada linha horizontal corresponde a áreas de vida do sujeito, nomeadamente família, escola, trabalho, lazer, residência, perda, vinculação afectiva, movimentos de separação/ afastamento. Nas colunas verticais estão divididas as diferentes etapas do ciclo-de-vida: infância, adolescência, jovem adulto, meia-idade, terceira idade, quarta idade e estão assinaladas as diferentes categorias consideradas para cada área de vida, consoante a sua predominância nas etapas do ciclo-de-vida.

Vinculação Social

Família

Apesar da morte da figura materna, a Dr.^a V. mantém a vinculação à família de origem e faz uma vinculação extra-familiar até à adolescência, altura em que abandona o lar para ir estudar para Viseu. Nesta fase, a vinculação é orientada para a família alargada, tendo sido com uma tia que estabeleceu o vínculo mais significativo. A vinculação com o agregado familiar verifica-se na fase da meia-idade com a união matrimonial, altura em que também experimenta a emancipação feminina com a maternidade. Entretanto, na terceira idade a categoria de perda é novamente vivenciada com a morte do marido, mantendo-se até à actualidade a vinculação à família constituída – filhos, netos e bisnetos.

Escola

O percurso escolar da Dr.^a V. é regular mas pouco normativo para a época sócio-histórica em que viveu a sua juventude. Verifica-se na adolescência a ambivalência em seguir o sonho normativo (casar) ou o não normativo (continuar os estudos), em que prevalece a emancipação intelectual com a frequência do Ensino Superior no curso de ciências Físico-Químicas na Universidade de Coimbra.

Trabalho

Iniciou o seu percurso profissional na Meia-idade, após ter terminado o curso superior. Foi professora de química e de física no liceu D. Maria em Coimbra durante 35 anos, altura em que se reformou.

Grupos de Pertença

Constata-se que ao longo da narrativa as relações sociais tiveram um papel muito importante principalmente na fase de jovem-adulta quando se deslocou para Coimbra, altura em que viveu no Palácio dos Confusos. Na meia-idade os contactos sociais decorrem principalmente do seu percurso profissional e do percurso profissional do marido.

Avaliação dos Contextos

Todos os contextos, familiar, escolar, trabalho e grupos de pertença são avaliados de forma muito positiva, algo de muito característico na sua narrativa, tal como já enunciámos anteriormente. Seja a relação com a família de origem, a extra-familiar e a constituída, todas são caracterizadas e avaliadas de um modo muito positivo. Os percursos escolar e profissional também foram avaliados globalmente de forma positiva, assim como as relações sociais que foi estabelecendo ao longo do curso-de-vida.

PARTE IV - CONCLUSÃO

É o indivíduo quem constrói os seus projectos de vida e a sua própria biografia. Mais do que estarem determinados pela sociedade e por limites etários, os projectos de vida são interactivamente (re)equacionados pelo indivíduo que propõe os objectivos a alcançar. Este trabalho teve como objectivo principal analisar e estudar a trajectória de vida da Dr.^a V. com base nas diferentes teorias do desenvolvimento humano ao longo do ciclo-de-vida, com o intuito último de compreender as dinâmicas adaptativas patentes no envelhecimento.

Apesar das diferentes perspectivas enquadradas nesta análise (Adler, 1959; Erikson, 1980; Levinson, 1986; Gilligan, 1997) que abordam o desenvolvimento humano enquanto conjunto de fases normativas cujas transições permitem a resolução de crises e tarefas desenvolvimentais, debruçámo-nos, principalmente, sobre as concepções focais do desenvolvimento. Deste modo, a meta-teoria do ciclo-de-vida de Baltes (1994; 1999; 2001) foi a perspectiva tomada como referência principal para a análise do curso de vida da Dr.^a V.

As concepções sobre o ciclo-de-vida reconhecem o desenvolvimento como um processo multidireccional e multidimensional (Baltes et. al, 1999). Com o passar dos anos há capacidades que se desenvolvem e outras que declinam, prevalecendo um equilíbrio entre os ganhos e os custos das mudanças. O desenvolvimento psicológico é determinado pela acção conjunta e interactiva de factores ligados à idade, história e a acontecimentos biográficos, variáveis de pessoa para pessoa (Fonseca, 2005).

O método de investigação que utilizámos para fazer o estudo e análise do curso de vida da Dr.^a V. foi o método das histórias de vida que teve como finalidade organizar e dar sentido aos elementos subjectivos da sua vida (Atkinson, 2002). Após a recolha do material, ele foi submetido a análise de conteúdo: análise cronológica, onde abordámos o desenvolvimento nas diversas etapas e em várias

áreas (relações familiares e afectivas, percurso escolar e profissional, relações sociais e locais significativos); análise categorial temática, segundo a qual se fez a definição de temas dominantes (pré-categorias) com vista a reduzir a complexidade da narrativa e a atribuir-lhe um sentido em função dos objectivos do estudo (Vala, 1986; Legrand, 1992); análise do tipo de narrativa e da produção do discurso; e apresentação do biograma que salientou, graficamente, os níveis de análise pretendidos (Da Agra & Matos, 1999).

Quanto ao contexto sócio-histórico, também sabemos que nas sociedades ocidentais entre a época de 1910-1970 era típico predominar uma família dual em que o pai trabalhava a tempo inteiro e a mãe a tempo parcial, pelo que a criação da criança por vezes ficava ao cargo de pessoas amigas que não eram da família (Grob, Krings, Bangerter, 2001). Ora isto não aconteceu com a Dr.^a V.

Assim, e após as análises anteriores, constatámos que a trajectória de vida da Dr.^a V. foi maioritariamente influenciada pelos factores que Baltes e colaboradores (1999) denominam de não normativos e acontecimentos biográficos. A emancipação foi uma categoria que se destacou ao longo de todo o curso de vida (dedicação ao desporto, continuação dos estudos, ter uma carreira profissional, constituição de família tardiamente, para a época...). Na verdade, criou com um estilo de vida (Adler, 1959) dominado pelos valores do mundo ocidental actual. Como o comportamento é interdependente do contexto em que se situa, coube-nos uma análise tendo por base o contexto sócio-histórico daquela época.

A infância é marcada pela perda precoce da figura materna, contudo, por pertencer a uma família alargada e por ter estabelecido vínculos a relações extra-familiares securizantes, revela não ter sentido a falta da mãe

Podemos supor que face este acontecimento não normativo de cariz traumático a Dr.^a V. recorreu aos mecanismos de selecção-optimização-compensação (Baltes & Baltes, 1990; Baltes & Silverberg, 1994; Baltes et. al, 1999; Baltes, 2001). Desta forma, face à perda sentida, a Dr.^a V. seleccionou (selecção por compensação) (Baltes & Freund, 1998) pessoas significativas capazes e seguras de lhe propiciar funções maternas (Dona G.M. e a tia que a acompanhou em Viseu); a optimização das relações foi conseguida devido ao suporte efectivo que estas figuras lhe devolviam, contudo, para compensar a perda básica, a Dr.^a V. também teve o carinho e o suporte incondicional do progenitor, bem como a atenção e afecto de

outros membros da família. A combinação entre estes mecanismos facilitou a orquestração de um funcionamento funcional e adaptativo, sentindo a segurança e confiança essenciais à formação da autonomia e independência. O sucesso na construção do suporte, ao ajudar a ultrapassar o trauma, poderá ter contribuído para o desenvolvimento de uma função de resiliência (Garmezy, 1999; Kaplan, 1999; Kumpfer, 1999; Anaut, 2005). O facto de alguém se tornar resiliente ao longo da vida, aumenta as capacidades de o continuar a ser, embora possa vir a desenvolvê-la em qualquer etapa de vida.

A idealização da figura paterna poderá ter conduzido a uma idealização de si mesma. Parece que espelhou esta imagem paterna nos indivíduos do sexo masculino com quem se foi deparando ao longo do desenvolvimento e, principalmente, mais tarde, no marido.

A infância foi marcada por acontecimentos não normativos (por exemplo, acompanhava o pai a cavalo, fazia actividades físicas, dedicou-se à música e frequentava festas e bailes) que se estendem à adolescência que é marcada por um afastamento do lar para ir estudar para Viseu (vd. pp. 34). É aqui que a tia assume as funções maternas e o suporte social essencial. Dada a contínua presença destas figuras maternas, a Dr.^a V. conseguiu fazer uma identificação ao género feminino.

Também ocorrem acontecimentos normativos na adolescência: a construção do “sonho” (Levinson, 1986; Gilligan, 1997; Durkin, 2000) que teve duas valências (uma mais normativa para época e género, que seria o sonho de casar na capela da casa da Balsa, e outra menos normativa, que seria a planificação de construir uma carreira profissional, indo estudar para Londres). Prevalece o sonho menos normativo que terá sofrido adaptações às realidades individuais (foi estudar para a Universidade de Coimbra), influenciadas pelo progenitor que assumiu a função de “mentor” (Levinson, 1986). Prevalecem os desejos de autonomia, independência e emancipação.

Na verdade, de acordo com Thébaud (1991), nos princípios do século XX verificase que as mulheres do mundo ocidental investem cada vez mais em carreiras intelectuais e liberais. Esta remodelação estrutural consiste num suporte de reprodução das famílias burguesas, que querem dotar as suas filhas com uma bagagem escolar que possa superar a ausência de “dote”. Contudo, na realidade

Portuguesa eram poucas as mulheres que nestas épocas conseguiam aceder a certas igualdades de direitos. Por exemplo, o Ensino Superior, por mais superior que fosse, não escapava à divisão sexual e, em 1930, ainda nenhuma mulher ensinava na Universidade (Higonnet,1991)

O reflexo da cultura e da história, relativamente ao papel da mulher continuam a ter menos força do que os acontecimentos não normativos, pelo que podemos concluir que não se verifica aqui a dinâmica de interacção entre os factores sócio-históricos (cujo grau de influência varia em proporção inversa à idade) e os não normativos (em que a influência varia em proporção directa com a idade) que Baltes e colaboradores (1999) estabeleceram, o que nos permite responder às questões colocadas na primeira parte do trabalho.

A fase de jovem-adulta parece ter sido, juntamente com a infância, das mais investidas. Uma vez mais, podemos analisar a interacção dos mecanismos de selecção-optimização-compensação (Baltes & Freund, 1998), contudo, desta vez, a selecção não é efectuada em função de perdas, mas sim guiada por uma motivação própria, que foi a entrada para o Ensino Superior (o foco do investimento foi a educação – selecção primária) (Heckhausen & Shulz, 1996); o facto de estar num contexto social facilitador do desenvolvimento nesta área (amizade e relações sociais que estabeleceu) favoreceu a optimização desta selecção; as relações sociais e todo o suporte que recebia delas assumem um papel fundamental na compensação como constantes recursos motivacionais.

Apesar de ter investido mais na esfera profissional (selecção primária), também investiu na esfera familiar, tendo, com a maternidade, assumido os papéis mais tipicamente femininos. Segundo o contexto sócio-histórico, tal como em muitas outras famílias, também nas burguesas não se fazia um controlo da natalidade (Segalen,1999). As mulheres têm mais filhos que as suas mães, sendo a maternidade uma maneira de afirmar a sua especificidade e de lhes conferir uma identidade (Higonnet,1991).

Na verdade, podemos concluir que foram em ambas as esferas que se verificaram as maiores gratificações ao longo do curso de vida, embora a esfera social também se tenha revelado como crucial, sendo, igualmente, muito investida. Uma vez mais, o facto de ser mãe, mulher, e ter uma carreira profissional de sucesso, revelou-se como um factor não normativo numa época em que o casamento representava uma

instituição onde se punha em comum o património de ambas as famílias e as mulheres abandonavam as carreiras profissionais para se dedicarem à educação dos filhos e ao estabelecimento de relações sociais (Segalen, 1999). Respondendo à última questão deste estudo (vd. pp.), e por predominarem as influências não normativas no seu curso de vida, concluímos que nem todas as exigências sócio-culturais respectivas ao género feminino foram correspondidas (a influência sócio-cultural, ao contrário do que se espera, não foi mais preponderante que os acontecimentos biográficos).

A adversidade e os acontecimentos mais traumáticos ou são afastados e negados (como por exemplo o caso da morte do marido), ou são desvalorizados (como por exemplo o caso da morte da mãe). Relativamente à morte do marido, não nos foi possível averiguar como lidou com o trauma, visto ter fugido a esse tema sempre que o evocávamos; sabemos, contudo, que terá sido um choque uma vez que a causa da morte foi o suicídio (soubemo-lo via informantes). Poderá ter desenvolvido resiliência como estratégia compensatória perante este acontecimento de carácter traumático.

Demonstrou, com regularidade, uma narrativa regida por idealizações, por descrições factuais e relativamente superficiais, não se aventurando a revelar sentimentos, não descrevendo as pessoas pelos seus traços de personalidade particular. Pelo contrário, nesse campo as figuras importantes ao longo do desenvolvimento são colocadas dentro de uma esfera de homogeneidade afectiva bastante positiva, recorrendo mais facilmente à caracterização por atributos e funções. Também na tipologia de narrativa tão peculiar, contornada por esses afectos positivos, se verificam as estratégias de “selecção-optimização-compensação” (Baltes & Singer, 2001) regidas por um conjunto de regras de controlo compensatório secundário (Heckhausen & Shulz, 1996) caracterizadas pelo combate à adversidade através do desenvolvimento de mecanismos de *coping*, que no seu conjunto, podemos chamar resiliência (Garmezy & Kumpfer, 1999). A resiliência assumiu-se sob a forma da repressão dos afectos e da fuga-evitamento de situações com possível carga ansiógena (Anaut, 2005). No domínio mnésico, a resiliência parece estar associada ao “erro” da distorção da memória (Schacter, 2003): o ego, durante a codificação e evocação dos acontecimentos, representa uma imagem positiva de si mesmo, criando-se, assim, um terreno fértil para as distorções de memória, que fazem com que lembremos o passado colorido por uma luz positiva para nós mesmos.

Na realidade, de acordo com Stern (1957), a função das memórias é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada para ele. O material indiferente é descartado, o desagradável alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim, forma-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo.

Com o avanço da idade, a inteligência cristalizada aumenta podendo compensar o declínio da inteligência fluida (Baltes & Singer, 2001); com a análise da H.V. da Dr.^a V. podemos pressupor que se verificou esta relação, pelo que ousamos assumir que o desenvolvimento da generatividade e da integridade (Erikson, 1980) sejam exemplos da conquista da sabedoria, premissa básica e essencial da inteligência cristalizada.

Também a relação esperada entre ganhos e perdas no envelhecimento, é que exista uma proporção maior de perdas e um declínio progressivo da capacidade adaptativa e da plasticidade, no entanto, e apesar desta interacção se verificar com a Dr.^a V., ela conseguiu otimizar um padrão de desenvolvimento adaptativo e resiliente em dois domínios: emocional e cognitivo. Assim, no domínio emocional predominam o bom humor, sentimentos de empatia, competências sociais, sendo uma pessoa atraente para o outro. No domínio cognitivo a Dr.^a V., ao sentir perdas de memória, de visão e de audição, teve de se socorrer de estratégias de controlo compensatório primário (uso de óculos, do calendário, bloco de notas, necessidade de apontar o que considera importante) (Heckhausen & Schulz, 1996;2002), de modo a que o envelhecimento seja menos negativo e o mais adaptativo possível (Baltes & Baltes, 1990). Sugerimos, deste modo, que a Dr.^a V. se revela como um caso de resiliência no envelhecimento: a longevidade centenária e o bem-estar subjectivo indiciam a presença deste funcionamento resiliente. Resiliência essa que parece ter sido construída e desenvolvida ao longo do curso de vida (como anteriormente explicitámos), tendo, agora, a expressividade máxima com o envelhecimento bem sucedido.

Durante o período de tempo em que estabeleci contacto com a Dr.^a V., através dos muitos encontros que tivemos, apercebi-me das particularidades específicas deste trabalho – o estudo da sua história de vida – que, sendo novidade para mim, revelou – e a Dr.^a V. muito contribuiu para isso – um sem número de experiências

positivas, mas também de dificuldades, que até então desconhecia quase em absoluto.

O que mais me marcou foi a própria personalidade da Dr.^a V., particularmente a forma sempre positiva como encara a vida e o peculiar sentido de humor que constantemente revela. Assinalo, ainda, o desejo enorme de dar a conhecer a sua história; sempre com tiradas poéticas alusivas aos temas sobre que falávamos; sempre com vontade de cantar mais uma “modinha” temporal, que acompanhava ao piano, enquanto recordava épocas. Gradualmente, estabelecemos uma relação de confiança que penso ter sido conseguida pelo facto de ter mantido uma atitude de ouvinte atenta que pretendia absorver tão exaustivamente quanto possível toda a informação que me ia debitando. O facto de a ter deixado fluir na narrativa, apenas orientando um pouco para certos temas que me pareciam pertinentes, poderá ter contribuído para que se sentisse uma verdadeira protagonista cuja história induzia interesse no espectador. Poderei equiparar o seu empenhamento na narrativa da sua história ao desejo de deixar um legado a alguém de uma geração mais nova, o que, no sentido *ericksoniano*, poderá constituir um exemplo de generatividade.

Contudo, e apesar do meu enriquecimento pessoal nesta tarefa, não posso esconder os períodos em que me senti mais perdida e com receio de poder não concluir este trabalho. Esses períodos coincidiram com uma fase em que a Dr.^a V. adoeceu, apesar de se ter recomposto rapidamente e com sucesso, e com o facto de a sua narrativa estar circunscrita a temas prevalentes de cariz positivo. Mesmo quando tentava abordar, directamente, situações de potencial carga ansiógena ou deprimente, a Dr.^a V. era evasiva e fugia, muitas vezes alegando falta de memória para tais acontecimentos. Outra limitação associada a este trabalho, mas expectável porque natural, foi inerente à própria idade, ou seja, às consequências fisiológicas do envelhecimento: as dificuldades auditivas, de memória recente (em cada encontro, apesar de me reconhecer, tinha que voltar a dizer o meu nome e a minha função, pelo que muitas vezes recontava as mesmas histórias) e alguma desorganização no discurso (saltava muito entre as diferentes temáticas). Aliás, esta última limitação tornou a organização cronológica da narrativa numa tarefa bastante complexa e difícil, visto ter-me deparado, após a transcrição integral das entrevistas, com um material cuja sequência aparentava um formato caótico e desorganizado.

No entanto, o saldo final, em minha opinião, foi bastante positivo. De facto, ter a honra de ouvir e de estudar uma história de vida de alguém com 106 anos de idade, foi extremamente gratificante, frutífero e enriquecedor, tanto do ponto de vista profissional como, e sobretudo, do pessoal. Ganhei uma lição de vida que me ensinou que, apesar dos anos passarem, das rugas aparecerem, das dificuldades de mobilidade e de audição estarem presentes e da memória por vezes falhar, o modo como se lida com a vida e connosco é a melhor bengala, o mais poderoso suporte que temos para viver bem. Porque, na realidade, é disso que se trata neste trabalho: de viver e envelhecer bem! Na Dr.^a V. encontramos, sem dúvida, um exemplo de felicidade que, acredito, irá manter até ao último segundo da sua vida.

Como o envelhecimento é caracterizado e determinado por uma imensa variabilidade, relativamente aos tipos de mudanças efectuadas, sua intensidade, ressonância interna e interação com o contexto, as conclusões que tirámos tornam-se possíveis, nunca definitivas. Propomos, dessa forma, uma posterior complementaridade deste estudo com outras histórias de vida em idosos centenários. Poderemos, assim, fazer comparações e analisar se os mecanismos por nós encontrados poderão ter algum valor preditivo ou se revelam, por si só, como exclusivos de determinados padrões de desenvolvimento. Numa sociedade com tendência crescente para o envelhecimento, parece-nos crucial uma melhor compreensão dos factores que poderão estar relacionados e agirem como variáveis para prever o sucesso adaptativo nesta fase do ciclo-de-vida.

A título de exemplo, e para finalizar esta conclusão com pistas para futuros trabalhos neste domínio, colocam-se duas questões que se seguem, decorrentes deste estudo.

Com o envelhecimento cognitivo será comum os indivíduos muito idosos socorrerem-se de um discurso narrativo dentro dos moldes do apresentado pela Dr.^a V. ?

O fenómeno de longevidade estará relacionado com uma modalidade de viver o presente com uma âncora reconfortante num passado idealizado que poderá resultar num factor de resiliência relacionado com a selecção e possível distorção de recordações?

Referências

Adler, A. (1959). *El sentido de la vida*. Barcelona: Luis Miracle, Editor

Anaut, M. (2005). *A resiliência. Ultrapassar os traumatismos*. Lisboa, Climepsi

Atkinson, R. (2001). The Life Story Interview. In Gubrium, J. F. & Holstein, J. A. (Eds.), *Handbook of interview research: Context & method* (pp. 121-140) CA: Sage Publications

Baddeley, A. D., Watts, F. N. & Wilson, B. A. (1996). *Handbook of memory disorders*. London: John Wiley and Sons.

Baltes, P. (1997). On the incomplete architecture of human ontogeny: Selection, optimization and compensation as foundation of development theory. *American Psychologist*, 50, 471-507

Baltes, P. (2001a). *Trends and profiles of psychological aging*. In Baltes, P. (coord.), Centre for Lifespan Psychology, in *Research Report 1998-2000*, (pp.126-130). Berlin: Max Planck Institute for Human Development.

Baltes, P. (2001b). *Lifespan psychology: Implications for conceptions of intelligence and cognition*. In Baltes, P. (coord.), Centre for Lifespan Psychology, in *Research Report 1998-2000*, (pp.126-130). Berlin: Max Planck Institute for Human Development.

Baltes, P & Baltes, M. (1990). Psychological perspectives on successful aging: the model of selective optimization with compensation. In P. Baltes, & M. Baltes (Eds), *Successful aging, perspectives from the behavioural sciences* (pp. 265-292). Cambridge: Cambridge University Press.

Baltes, P., & Freund, A. (1998). Selection, optimization and compensation as strategies of life management: Correlations with subjective indicators of successful aging. *Psychology and Aging*, 13 (4), 531-543

Baltes, P. & Mayer, U. (2000). Prospects and limits of aging well. *The Gerontologist*, 40 (6), 749-752.

Baltes, M. & Silverberg, S., (1994). The dynamics between dependency autonomy: illustrations across the life span In Featherman, D., L., Lerner, R., M., Perlmutter, M., *Life Span Development and Behaviour*, 12, 41-81, New Jersey: LEA

Baltes, P., & Singer, T. (2001). Plasticity and the aging mind: an exemplar of the biocultural orchestration of brain and behaviour. Available: <http://www.mpib-berlin.mpg.de/en/institut/dok/full/Baltes/autobiog/index.htm>.

Baltes, P., & Smith, J. (2003). New frontier in the future of aging: from successful aging of the young old to the dilemmas of the fourth age. *Gerontology*, 49 (2), 2-123

→ Baltes, P. B., Staudinger, U. M., & Lindenberger, U. (1999). Lifespan psychology: Theory and application to intellectual functioning. *Annual Review Psychology*, 471-507

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: edições 70

Becker, H. (1966). Introduction. In C., Shaw, *The Jack-Roller: a delinquent boy's own story* (pp. V-XIX). Chicago: The University Press of Chicago

Bergson, H. (1959). *Matière et mémoire*. Paris: PUF

Bluck, S. (2003). Autobiographical memory: Exploring its functions in everyday life. *Memory*, 11 (2), 113-123.

Burgess, R.G. (1997). *A pesquisa de terreno: Uma introdução*. Oeiras: Celta.

Bruner, J. (1990). *Actos de significado*. Lisboa: Edições 70.

Cartwright, D. (1959/1974). L'analyse du materiel qualitative. In L. Festinger, & D. Katz, *Les methods de recherché dans les sciences sociales* (Vol. 2, pp. 481-537). Paris: PUF

Chomsky, N. (2002). *On nature and language*. United Kingdom: Cambridge University Press

Conway, M. A. (1990). *Autobiographical memory: An introduction*. Bristol, Open University Press.

Da Agra, C., & Matos, A. P. (1999). In Da Agra (Dir.), *Droga-crime: Estudos interdisciplinares* (vol.11). Trajectórias desviantes. Lisboa: Gabinete de Planeamento e de coordenação do Combate à Droga.

Durkin, K. (1995/2000). *Developmental social psychology*. Oxford : Blackwell.

Elkind, D. (1967). Egocentrism in adolescence. *Child Development*, 38, 1025-1034

Erikson, E. H. (1980). *Identity and the life cycle*. New York: Norton & Company. (Originalmente publicado em 1959)

Erikson, E. H., Erikson, J. M., & Kivnick, H. Q. (1986). *Vital Involvement in Old Age: the experience of old age in our time*. New York: W.W. Norton & Company.

Fernandes, L. (2002). Um diário de campo nos territórios psicotrópicos: As facetas da escrita etnográfica In T. Caria, (org.) *Experiência etnográfica em ciências sociais*. (pp. 23-40). Lisboa: Edições Afrontamento.

Ferraroti, F. (1988). Sobre a autonomia do método biográfico. In A. Nóvoa, & M. Finger (Orgs), *O método (auto)biográfico e a formação* (pp. 17-34). Lisboa: Ministério da Saúde - Departamento de Recursos Humanos da Saúde/ Centro de Formação e Aperfeiçoamento.

Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.

Fonseca, A. (2005). *Desenvolvimento humano e envelhecimento*. Lisboa: Climepsi.

Garnezy, N. (1999). An interview with Norman Garnezy by Jon E. Rolf. In M. D. Glantz, & J. L. Johnson (Eds.), *Resilience and development: Positive life adaptations* (pp. 5-14). New York: Plenum.

Gergen, K.J. (1994). *Realities and relationships: Soundings in social construction*. Harvard University Press.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (1992). *O inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta.

Gibson, H. B. (2000). *Loneliness in later life*. New York: St. Martin's Press, LLC

Gonçalves, M. M. (2003). *Psicoterapia, uma arte retórica: Contributos das terapias narrativas*. Coimbra: Quarteto Editora.

Gilligan, C. (1997). *Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Grob, A., Krings, F., & Bangerter, A. (2001). Life markers in biographical narratives of people from three cohorts: a life span perspective in its historical context. *Human Development*, (4), vol. 44, 171-190, from ProQuest Company

Gubrium, J. (2001). Narrative, Experience and Aging In G. Kenyon, P., Clark, & B. Vries, *Narrative Gerontology, theory, research, and practice* (pp. 19-28) New York: Springer Publishing Company

Halbwachs, M. (1956). *La mémoire collective*. Paris: PUF

Hayek, F. (1953). *Scientisme et sciences sociales*. Paris: Librairie Plon

Heckausen, J., & Shulz, R. (1996). A life span model of successful aging. *American Psychologist*, 51 (7), 702-714

Heckausen, J. (2002). Developmental regulation of life-course transitions: A control theory approach. In Pulkkinen, L., & Caspi, A. (Eds), *Paths to Successful Development: personality in the life course* (pp. 257-280). Cambridge University Press

Higonnet, A. (1991). Mulheres e imagens. Aparências, lazer, subsistência. In G., Duby; P., Michelle (Eds) *História das Mulheres*, (pp. 297-321), (vol. 4). Porto: Edições Afrontamento

Instituto Nacional de Estatística (1999). *As gerações mais idosas*. Lisboa

- Kaplan, H. (1999). Toward an understanding of resilience: A critical review of definitions and models. In M. D. Glantz, & J. L. Johnson (Eds.), *Resilience and development: Positive life adaptations* (pp. 17-84). New York: Plenum
- Kenyon, G., & Randall, W. (2001). Narrative Gerontology: an overview. In G. Kenyon, P. Clark, & B. Vries, *Narrative Gerontology, theory, research, and practice* (pp. 3-17) New York: Springer Publishing Company
- Kubler-Ross, E. (1974). *Questions and answers on death and dying*. New York: MacMillan
- Kumpfer, K. (1999). Factors and processes contributing to resilience: the resilience framework. In M. D. Glantz, & J. L. Johnson (Eds.), *Resilience and development: Positive life adaptations* (pp. 179-224). New York: Plenum
- Legrand, M. (1992). L'approche biographique: Théorie, méthode, pratiques. *Análise Psicológica*, 4, (X), 499-514
- Levinson, D. (1986). A conception of adult development. *American Psychologist*, 41 (1), 3-13
- Lima, Margarida P. (2004). Envelhecimento e perdas: como posso não me perder?. *Psychologica*, 35, 133-145
- Mayeur, F. (1991). A educação das raparigas: o modelo laico. In G., Duby; P., Michelle (Eds) *História das Mulheres*, (pp. 277-295), (vol. 4). Porto: Edições Afrontamento
- Marchand, H. (2001). *Temas de desenvolvimento psicológico do adulto e do idoso*. Coimbra: Quarteto
- McAdams, D. P. (2001). Generativity in Midlife. In M. E. Lachman (Eds), *Handbook of Midlife Development* (pp. 395-436). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Neisser, U., & Fivush, R. (1994). *The remembering self: Construction and accuracy in the self-narratives*. Cambridge University Press

Neri, A. (2001). Velhice e qualidade de vida na mulher. In A. Neri (Org.), *Desenvolvimento e envelhecimento, perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas* (pp. 161-196). Campinas, SP: Papirus

Organização Mundial da Saúde (2001). *The world health report*. Geneva

Park, R. (1929). La ville comme laboratoire social. In Y. Grafmeyer, I. Joseph. (1990) *L'école de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine*. Paris: Aubier.

Pereira, M. (2004). O tempo de vida e a vivência do tempo. In M. L. Quaresma, A. Fernandes, D. Calado, & M. Pereira (Eds), *O sentido das idades da vida: interrogar a solidão e a dependência* (pp. 73-81). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Pereira, M. (2004). Isolamento e resiliência. In M. L. Quaresma, A. Fernandes, D. Calado, & M. Pereira (Eds), *O sentido das idades da vida: interrogar a solidão e a dependência* (pp. 83-98). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

Poirier, J., Clapier-Valladon, & Raybaut. (1999) *Histórias de vida: Teoria e prática*. (2ªed.). Oeiras: Celta

Pratt, M.; Norris, J. (1994). *The Social Psychology of Aging*. Blackwell Publishers

Pulkkinen, L., & Caspi, A. (2002). Personality and paths to successful development: an overview In Pulkkinen, L., & Caspi, A., *Paths to Successful Development: personality in the life course*, (pp. 1-13). Cambridge: Cambridge University Press

Randall, W. (2001). Storied Worlds: acquiring a narrative perspective on aging, identity and everyday life In Kenyon, G., Clark, P., & Vries, B. *Narrative Gerontology, theory, research, and practice* (pp. 31-59) New York: Springer Publishing Company

Ribeiro, M. (2002). E como é que, realmente, se chega às pessoas? Considerações introdutórias sobre as notas e o trabalho de campo como processo social. Caria, T., *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais, Antropologia (7)* (pp. 23-40) Edições Afrontamento.

- Rudinger, G. & Thomae, H. (1990). The Bonn Longitudinal Study of Aging: coping, life adjustment and life satisfaction. In P. Baltes, & M. Baltes (Eds), *Successful aging, perspectives from the behavioural sciences* (pp. 265-292). Cambridge: Cambridge University Press.
- Rubin, D., Wetzler, S., & Nebes, R., (1986). Autobiographical memory across lifespan In D. Rubin, *Autobiographical Memory*, (pp. 203-221). Cambridge: Cambridge University Press.
- Schacter, D. (2003). *Os sete pecados da memória: como a mente esquece e lembra*. Rio de Janeiro: Ciência Actual
- Shotter, J. (2000). *Conversational realities: constructing life through language. Inquires in social construction..* London: Sage
- Smith, J. (2000, December). *The fourth age: a period of psychological mortality?*. Material reported presented at the Harnack-Haus Forum
- Stemler, S. (2001). An overview of content analysis. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, 7 (17). Retrieved March 5, 2005 from <http://PAREonline.net/getvn.asp?v=7&n=17>
- Thomas, W., & Znaniecki, F. (1984). *The Polish Peasant in Europe and America*. Chicago: University of Chicago Press (Obra original publicada em 1918).
- Vala, J. (1986). *Análise de Conteúdo* In Silva, A., Pinto, J., *Metodologia das ciências sociais*, (pp. 101-128), Porto: Edições Afrontamento
- Vieira, R.. (2002). Vidas revividas: etnografia, biografias e a descoberta de novos sentidos. Caria, T., *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais, Antropologia (7)* (pp. 77-95) Edições Afrontamento.
- Warren, C.A.B. (2001). Qualitative Interviewing. In Gubrium, J.F., & Holstein, J.A. *Handbook of Interview Research: context & Method* (pp. 83-101) California: Sage Publications

Wenger, G. (2001). Interviewing older people. In Gubrium, & J.F., Holstein, J.A. *Handbook of Interview Research: context & Method* (pp. 259-277) California: Sage Publications

Anexo 1: História de Vida

História de Vida

Montagem do texto na 1ª Pessoa

Eu nasci no Porto, na Rua de Cedofeita, a 3/04/1899, Cedofeita, já lhe contei, onde nasceu Carolina Michaelis...

Aqui nasc... viveu Carolina Michaelis, está lá, na porta! Na Rua de Cedofeita. Enfim, é uma rua grandinha, não é assim muito estreitinha... no Porto as ruas são muito estreitinhas eh eh...(ri) é curioso até! Acho lindo, o Porto, muito simpático, eu tenho impressão – nos tempos actuais, não sei – mas nos tempos antigos não havia uma pessoa má no Porto. É um povo bom! Uma coisa curiosa, não há ideia de uma pessoa... Não, não, não conheço ninguém mau no Porto, interessante, não é? Se conheço alguém de quem não gostasse? Bem, há pessoas, assim, que não são sérias, mas agora, propriamente, não me lembro, eh, eh (ri) Pessoas más não prestam, (ri). Não merecem ser lembradas (ri). A minha vida foi muito interessante!

A minha mãe quando casou com o meu pai já era viúva e tinha dois filhos, já lhe contei. E em Leça da Palmeira vivia precisamente um pianista que... como é que se diz... que fazia música...um compositor, eh... e então esse compositor escreveu o minuete e depois então, eu aprendi a dançar o minuete... em menina. Em menina, aprendi a dançar o minuete eh eh eh (ri) foi uma vida realmente fora de vulgar...Também queria aprender a tocar piano, mas não... Havia piano, tínhamos piano, mas não consegui, tive muita pena, muita pena de não aprender. Nunca consegui. Passamos por, por Viseu quando fomos para S. Pedro de Sul porque a minha mãe foi professora numa terrinha que não era muito longe daqui, Pedralva! Não tinha curso nenhum! Mas era bisneta de um que foi lente cá em Coimbra e só isso bastava para ser lá professora mas foi durante pouquinho tempo. E depois foi, então, para S. Pedro, ah, ah (ri) a minha mãe.... Tocava piano... e falava francês eh, eh, eh (ri muito), era bonitinha, bonita! Também era muito rigorosa, bem...dava-nos o banhinho, era muito rigorosa...queria que a gente andasse sempre, sempre muito arranjadinhas; mas eh...enfim...a minha impressão é de que ela era boa, não é?

Em S. Pedro, foi muito interessante, não é? Ficámos sem mãezinha quando éramos pequeninas, não sei se teria alguns sete anos ou coisa assim.

Nós éramos só duas, os meus pais tiveram só dois, a minha avó é que teve dez eh eh ... (ri) ai que graça... eh eh ... (ri).... É extraordinário, é graças a Deus, ter assim uma família tão boa... e então o paizinho!.. Esse foi especial, um pai extremoso e parentes... todos os parentes nos acarinhavam, tios tão bons, gente de família tão boa que não cheguei a sentir, pode dizer-se, a falta da minha mãe. Eu não sei bem a doença que ela teve, mas sim ela morreu...relativamente nova, não é? E lembro-me que era lindinha, olhe, está ali o retrato eheheheh Julgo que terá falecido em casa, sim, teria sido...Já não me lembro, só me lembro que ela era viúva e que tinha dois filhos.

S. Pedro do Sul é um encanto de terra eh eh eh ... (ri). O meu pai era médico e director do hospital, e enfim, muito querido, muito querido, muito estimado, a ponto que tem, agora nas termas, uma rua com o seu nome: rua Dr. Ferreira de Almeida. Tive uma irmã muito boa, e...é engraçado que tínhamos irmãos muito bons, já lhe contei, não contei? Meios irmãos! Curiosíssimo, não é? Ter meios irmãos e termos assim, uma...de uma delicadeza!... de uma simpatia!...olhe, eu não posso dizer melhor deles, ah, é...que coisa linda! Esses dois irmãozinhos...são do lado, são do lado da minha mãezinha. E esses dois filhos foram para nós como verdadeiros irmãos! Podiam não ter gostado do casamento, mas não, foram de uma bondade connosco, sempre! Um deles era muito conhecido porque foi comandante dos bombeiros em Matosinhos em Leça da Palmeira, não é? E tem lá o retrato no quartel, era muito bom, muito amigo, lá daquela gente, não é? Maneira que têm um grande, retrato ampliado, no quartel dos bombeiros, ehehehe, ai meu deus! O outro também uma jóia, também era uma jóia! Quando eu fui para Lisboa fui para casa dele

Eu tive muita sorte...apesar da minha mãe morrer quando eu era piquinina, mas tive um pai! E tios maravilhosos! Tios, primos, uma família que nunca mais acabava...

Olhe, nunca ouviu falar das cantadeiras de Manhouce, nunca ouviu falar?

Manhouce, é uma aldeiazinha longínqua de Coute S. Pedro, tão longínqua que não havia estradas para lá, nos tempos antigos. O meu pai ia muitas vezes lá ver os doentes a cavalo e nós íamos atrás dele, a cavalo também. Não era assim vulgar, pois não? Foi assim uma vida linda, linda, linda, quando era pequenina. Não é vulgar, não é vulgar. Andar a cavalo quando era pequenina, atrás do meu pai, quando ele ia para ali e para acolá, ia para terrinhas difíceis, não havia estradas,

não é? O médico tinha que ir e eu e a minha irmã, com oito aninhos íamos atrás dele. Andar a cavalo naquela altura, quais eram as meninas que naquela altura, andavam a cavalo? E havia meninas ricas que tinham só cavalos como carruagens! Mas que exactamente quando saíam, iam na carruagem que tinha um cocheiro próprio! Que era o empregado da casa, o criado que levava. E lá iam no seu carro, não é? Lá em S. Pedro...e depois começou a haver automóveis! Primeiro não, era só carros...

O meu pai era mesmo especial! Ele foi Presidente da Câmara, fez uma coisa que em Viseu não havia – um campo de ténis! – era eu menina, quando aprendi a jogar ténis! As meninas da cidade não sabiam jogar ténis e nós que éramos provincianas, aprendemos a jogar ténis! Outra coisa que o meu pai mandou fazer foi uma represa..., não é?... no rio Vouga. E nós quando éramos meninas andávamos muito de barco no rio...Muito, e isso era bom porque era um bom exercício... era muito bom, o meu pai gostava muito que nós nos desenvolvêssemos, tínhamos professor de ginástica e até por vezes, o meu próprio pai nos ensinava ginástica.

Eh, eh, o rio Vouga! Onde eu tomei muitos banhinhos quando era novinha! É um encanto aquele rio, realmente! Muito bom!

No rio Vouga, pois foi! “Olha o Vouga entre verduras! Onde vai devagarinho, eh, eh, parece que vai pasmado de ver tão lindo caminho!” (recita). Isto é uma quadra do Correia de Oliveira, um poeta que lá vivia. eh eh eh (ri) realmente aquilo é lindo!

E S. Pedro do Sul é lindo! Conhece?... S. Pedro do Sul? É de rios, há a confluência entre dois rios: o rio Vouga e o rio Sul e é mesmo ali é que convergem, ali naquela vila, é engraçadíssimo! Eh, eu tenho lá parentes; tenho, tenho. Até há lá uma prima, ou sobrinha; sobrinha que tem a casa onde o meu pai viveu, e eu também em pequenina, não é? E agora é desses primos, mas dão-nos o direito de ir lá passar o tempo que a gente quiser! É curioso, não é?

Eu gostava muito de escrever a minha vida. Foi realmente muito boa, muito boa. Tenho muito que agradecer a Deus. Tanta coisa boa que me aconteceu, uma família muito, muito boa!

Houve uma senhora, D. G.M., de uma família M., lá de S. Pedro, julgo que ainda tem descendentes a possuir a casa, a casa é um palacete lindo, tem um jardim à

frente, depois uma rua, que vai para a ponte, e depois a propriedade da casa vai até ao Rio Vouga! É uma propriedade enorme, enorme, enorme... mas então, a casa tem palmeiras lindíssimas, e a senhora que lá vivia – chamava-se G. M. – como o meu pai era médico e não tinha tempo de andar a levar-me para as festas, ela resolveu levar-nos para as festas... A todas as festas que havia: romarias – dantes as romarias eram uma coisa muito vulgar – levava-nos para todo o lado! Essas festas eram religiosas, onde havia foguetes e dança, eu não dançava, mas participava no jogo de roda, chamavam jogo de roda! Isto não quer dizer que não soubesse dançar! Aprendi a dançar minuete, isso é que foi assim, uma coisa um bocadinho mais fora do vulgar; dançar o minuete nem toda a gente sabia!

Andei pouco tempo na escola, ainda me lembro que andei algum tempo na escola oficial, é verdade! Fiz a quarta classe. Sim, foi lá em S. Pedro!

Depois, então, foi mais na casa do M.A., porque essa família também nos acarinhou de uma forma extraordinária... É, eu convivia com gente muito especial! No Natal cantávamos e pedíamos esmola para os pobrezinhos, depois no final, íamos entregá-la, ao M.A. que era para ele dar aos pobrezinhos, ao avô deste. Ah, e então tem graça porque ele vinha-nos abrir a porta, já lhe contei? Em camisa de dormir. (ri) Mas era a fingir, tirava a camisa e ficava vestido, não é? Mas vinha-nos abrir a porta, olhe lá que brincadeira, com um cristal aceso, com a velinha acesa e camisa de dormir, era um brincalhão, não é? Nem todos os senhores tinham estas ideias, eh (ri) de nos vir receber. Mas era uma pessoa que gostava muito de música, de maneira que, os sogros viviam num palácio lá de S. Pedro, só queria lá ir consigo! Ai que lindo! Os tectos! Sabe esses tectos que fazem assim, em madeira, pintado, uma coisa linda, linda, linda! E uma quinta que nunca mais tinha fim! Ele gostava de oferecer jantares e a gente jantava lá na quinta, e então depois, íamos lá para casa cantar, isso é que era uma festa! Ele dava-se bem com o meu pai...., já conhecia a família... e ele casou lá com uma das senhoras da família Coelho, por isso é que o conheci, que ele era da Vista Alegre, não era? Terrinha donde ele....o M.A. era, da terrinha Vista Alegre...mas casou com uma senhora de lá de S. Pedro....

É, é, eu...tenho... um passado bom para recordar....

Sempre cantei, sempre cantei. Cantar o fado... e até sem ser fados. Também, nos coros da igreja... muito! O meu pai era uma pessoa muito acatadora, não é, respeitadora da religião mas ele não... não... hum... só mais tarde, só muito mais

tarde é que ele voltou a ter as suas... enfim, umas atitudes boas para a Igreja, mas houve assim muito tempo em que ele andou, assim, afastado da igreja... Mas deixava-nos ir e isso é que era o importante eh eh eh (ri). Lá em S. Pedro há igrejas muita lindas!

Ah! Fadinho de Coimbra! (ri) sei só um bocadinho, já sabe, eu já lhe contei do meu paizinho? Mandou fazer um violão, tenho ali o violãozinho, pequenino!

Eu era tão pequenina que não podia tocar num violão vulgar e o meu pai mandou cortar, mandou fazer um por medida, nem todos os pais tinham essas ideias, não é?

No Porto, mandou fazer um violão pequenino para eu poder tocar! A minha irmã que era mais velhinha que eu dois anos, tocava guitarra, porque já tinha mais desenvolvimento. Está ali o retratinho dela, era linda! E tinha um cabelo, ai que lindo! Que cabelo tão lindo, meu Deus! (vai buscar o violão) Foi o meu pai quem me ensinou a tocar violão, e então nisto tocava tudo! Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, sabia tudo!

Ainda agora sei, o ré, o ré é assim, olhe (toca o ré) (começa a tocar uma música e a cantar). Ai, mas não está bom...está desafinado, não está bom.. Tenho um amor enorme a este violãozinho! ah,ah (ri muito) Ainda, aprendi um bocadinho de piano, mas muito pouco, muito pouco, agora, no piano é só acompanhamento para cantarolar, não sei tocar nada, ah, ah, (ri)...é assim. É uma vida fora de série! Por causa de um pai muito bom, não é?

E foi assim, a minha mocidade, a minha juventude, foi um encanto! Todas as pessoas eram boas. É curioso! eh eh ...(ri). E a minha mocidade, também, até porque íamos muito, quando éramos pequeninas, para a praia de Leça da Palmeira que fica ao pé de Matosinhos, o mar de Leça da Palmeira é o mar de Matosinhos. Leça da Palmeira... vivia lá uma tia e era para lá que íamos quando éramos pequeninas. Mais tarde íamos para Espinho porque tínhamos lá um tio que era até o director do Vale do Vouga, era engenheiro, ele é que fez o caminho de ferro do Vale do Vouga, e então íamos para Espinho quando éramos assim já meninas crescidas, com 18, 19 anos.

O meu pai é aquele senhor com o chapéu (aponta para o retrato). É, é muito lindo! Por acaso! Ah, ah, ah, uma vez uma velhinha...quando ele estava no Estoril, já, já estava quase que na, na reforma, não é? Mas, então, ele estava lá, num, restau

num hotel, convivia com pessoas e tal e depois uma velhinha voltou-se para ele e disse: “ o senhor é muito bonito!” (ri). Uma velhinha podia dizer (ri) mas foi verdade Disse que ele era muito bonito! (ri) tem graça mas, realmente, não era só lindo era bom! A questão é essa, a beleza está em segundo lugar. Pois a certa altura, casou, casou a segunda vez, casou! Mas a senhora morreu, depois, muito novinha... Morreu, morreu...Era boa criatura, mas não sei já porque foi, morreu. Pois foi, o meu pai casou segunda vez casou, casou...Mas coitadinho, não teve sorte, era fraquinha, adoeceu e morreu...Tenho ideia, D.O., era o nome dela, ehehe

Fiz o liceu em Viseu, tinha alguns doze anitos, em casa de tios e tias, também boas a valer! Depois, como também tinha uma tia em Londres, pensei: “vou para Londres, aprendo inglês, depois venho para cá, ensino inglês, pronto, já ganho dinheiro...”, mas o meu paizinho tinha outra visão das coisas e disse: “não, é melhor formares-te cá em Coimbra” eh eh eh ... (ri) Tive tios que eram, realmente, muito bons. E tenho ainda primos em Londres, que são filhos de uma delas... Tenho primos londrinos! Eh eh eh (ri)

Pois é... ainda temos, então, um terreno nosso junto do Rio Pavia... Avogases que é um... um arrabaldinho... É... praticamente ainda em Viseu, mas é num extremo... é onde viviam os meus avós. Há uma casa grande onde foram criados três filhos. Eram sacerdotes da família, engraçado... a casa tinha uma capelinha, onde eu sonhei casar!

Mas houve um tempo em que aquilo andou assim um bocadinho fora da família, mas agora está dentro da família, a casa da B.! Chama-se a casa da B.! A casa da B., é a casa maior que há para ali naqueles arredores...tem um jardim lindo, e depois tem uma quinta até ao Rio Pavia. Mas foi... lá que fiz o liceu e foi muito bom, não é? Porque estava em casa de uma tia que não tinha filhos, e era muito religiosa; dava almoços e jantares a padres e cónegos lá da igreja! Um deles foi meu professor, o cónego F.C. e o outro, D.C., foi bispo. Eram muito bons, muito simpáticos. Fiz o liceu em casa dessa tia, que se chamava Al. e eu tenho uma filha, também, chamada Al.! É a madrinha dessa, quer dizer, é afilhada dessa, afilhada dessa tia Al.! Foi uma tia fora de série, casou, não teve filhinhos, maneira que...era como se fôssemos os filhinhos dela, ai! O nome é engraçado, é o nome de uma princesa! Morreu aqui, mas, tadinha, não foi aqui sepultada, foi sepultada em Lisboa porque tinha lá um jazigo....

O meu paizinho ficou em S. Pedro do Sul, mas chegava a lá ir muitas vezes! Deixei-me com muita gente lá em Viseu! É uma terra simpática, até, uma gente simpática... de uma maneira geral.

A minha irmã também lá estudou, lembro-me que ela ainda lá esteve algum tempo, mas não foi como eu! Não tirou o liceu como eu! Fez uns examezinhos, não sei se foi de francês, de inglês não tenho a certeza, de francês fez! Era bonita, a minha irmãzinha! Está ali o retratinho dela! (ri) não se vê bem daqui? Eu vou buscar! Ela tinha um cabelo! Coisa mais linda! Um cabelo enorme, ondulado e loiro! O meu não era assim, era escuro e brilhante mas não era ondulado, era mais ou menos liso. Muito lindinha! Lindinha e boa rapariga! Também teve muitos filhinhos! Tinha um cabelo, lindo, lindo, lindo! Muito comprido, muito mais lindo que o meu, nem se compara!

Íamos muito a S. Pedro nas férias; o meu pai era presidente da câmara, maneira que nas férias, havia, he,he, as termas, de S. Pedro do Sul, que têm até o nome do meu paizinho lá. Maneira que, íamos para lá, para todas as festinhas que lá se faziam... não é?

Coisas más? Não....não... tive namorados que me escreveram cartas... quer dizer não tive namorados, tive quem me escrevesse declarações, eu é que não... Tenho uma ideia de ter havido dois ou três rapazes que me escreveram a declarar-se mas já nem me lembro do nome deles, já nem me lembro! Sim foi quando andava no liceu, não é? Até houve, os que escreviam versos! Havia o jornal académico, não é, e havia rapazes que escreviam lá...eu sei que ainda tinha isso, não sei se para aí anda, esse jornalzinho pequenino, académico, com versos dedicados a mim! Na altura do liceu! Foi, foi, tenho toda a ideia. Tive assim uns apaixonadozinhos, um foi lente cá! Ainda me lembro do nome dele: L.A.! Foi lente cá na universidade! Era de perto de Viseu, aí de uma terrinha perto de Viseu... E esse, realmente, foi muito dedicado, mas eu é que nunca...nunca houve namoro, só com o meu marido, ahahah (ri).

Como a minha avó teve dez filhinhos, também tínhamos muitas primas! De maneira que uns tios viviam em Viseu, casaram lá e tiveram filhos lá, maneira que, éramos recebidas, também, em casa deles, não é? Fomos sempre muito bem tratadas, muito bem, lá em Viseu! Com os primos, priminhos...

E então, com 18 aninhos, vim para Coimbra, que é realmente a minha terra, a minha predilecção! Vim para Coimbra para tirar o curso de Físico-Químicas, e... e então, tirei as cadeiras, não é? O que era preciso para entrar? Havia também um exame. Não sei se... já não me recordo bem, mas quando se tinha uma nota elevada dispensávamos. Tenho a impressão que isso acontecia e eu tinha 16 valores, maneira que...Tive mais facilidade, é, é... Agora o curso foi complicado porque tinha muitas coisas! Tinha física, tinha química, tinha desenho...tinha, sei lá, ainda mais coisas, não é? Fi-lo no tempo normal, foi...eram quatro anos e depois tínhamos mais dois de...de estágio...,sim, estagiei cá em Coimbra!

Quando agente vai para a Sé Nova, à direita há um edifício enorme que agora é uma espécie de um museu e depois em frente tem um laboratório de química, assim com umas colunas muito antigas, foi o que eu frequentei... Calcorreei isso de uma maneira!

Coimbra, para mim, é uma terra extraordinária... é realmente linda e onde fui muito acarinhada, não é? Era interessante porque tinha uma grande amiga, tenho ali o retrato dela, era linda, linda... era tão linda que eu dizia que a beleza dela passava também p'ra mim eh eh eh ... (ri) Chamava-se M.T.C.S.B.... (procura no álbum de fotografias) é esta, olhe! Eu hei-de mandar fazer uma ampliação desta fotografia, era linda, linda, linda, casou com um rapaz F., da família F.! F. S., era uma família muito importante... olhe e tem muita graça aqui este retrato que é a minha mãe e a minha avó... nem toda a gente tem o retrato da mãe e da avó! Com saia de volume ainda!

Eu quando vim para cá, também foi interessante porque vim com essa minha amiga que tinha um primo que era o doutor A.B. que era lente, de maneira que daí também resultou uma coisa interessante, é que eu e a minha companheira, íamos para a Sala dos Capelos, para as tribunas, que são uma espécie de camarotezinhos, porque como o primo era lente, tinha direito a mandar para lá a família, não é? E então nós íamos, caloiritas, eh eh ...(ri).

Os meus tempos de juventude cá em Coimbra foram maravilhosos, uma amiga com um primo lente, bastava isto! Uma coisa um bocadinho fora do vulgar! Não foi só por ter o avô e o bisavô, reitores! Eu tenho aí o livro, já lhe mostrei, não já? Aqui (pegando no livro sobre os reitores da Universidade de Coimbra) já mostrei o retrato do meu avô e bisavô, não mostrei? São os reitores da Universidade: M.A. e C.M....

Também muito poucas, muito poucas, mulheres frequentaram a universidade, mas o que havia, era um respeito! Ai, os nossos condescípulos! Tinham um respeito que não é nada como agora, não é? É diferente! Tínhamos sempre amizade aos condescípulos, de uma maneira geral, os companheiros eram muito, muito simpáticos, eh, eh, eu vim numa altura boa!

Vivi sempre com a M.T. que também era minha colega de curso, no palácio dos confusos. Também era muito amiga da D.C., está aqui o retratinho, eu estou no meio, a M.T. que casou com o F. está ali e a directora do liceu, D.C., está ali. Ela mais tarde foi reitora do meu liceu, não é? Era um pouco mais velha, sim e era toda de letras!

Só queria ir consigo um dia ao palácio dos confusos! Vem-se da universidade por aquela ruazinha estreita, que vai à Sé Velha. Conhece essa ruazinha, não conhece? Pois é, essa é a que eu calcorreei anos e anos, não é? Mas depois havia, a certa altura, umas escadinhas, e essas escadinhas iam então para um larguinho que se chamava Palácio dos Confusos. E, a... e a casa onde eu vivi, tinha 3 cruces, 3 cruces assim de espécie, não é de cimento, essa coisa...ah, ah azulejo, exactamente! É, é a casa das cruces! Só me lembro que tínhamos possibilidade de ir para o último andar que era onde se comia, ah, a questão da condoria também, umas vezes vinham coisas de fora outras vezes era lá que se arranjava, enfim, tem muita história, mas finalmente, eu ia para o último andar e consolava-me a ver o rio! Era tão linda aquela vista! Havia uma vista linda do palácio dos confusos para o rio Mondego, ai é tão lindo, tão lindo, tão lindo! E então as serenatas que se passavam na ponte! A dona da casa era uma senhora, uma senhora velhinha, que alugava, portanto, a casa a estudantes, onde também havia rapazes. No começo eles comiam a uma hora e nós comíamos a outra, acabamos, depois, por comer todos juntos, eram uns rapazes muito finos, muito bem educados, maneira que, comíamos todos juntos... A Sé Velha... é muito linda, a Sé Velha, é um encanto, mesmo! E então não se pode descrever a minha vida cá, que linda coisa!

Porque, também tive uma sorte especial, em S. Pedro do Sul esteve delegado o Doutor F.M. que era irmão de um célebre A.M. que tem fama nos fados cá de Coimbra! O A.M., aquele que cantava na ponte! Na ponte antiga, de noite! O silêncio era de tal ordem, na cidade...agora, é só automóveis a toda a hora, ah, naquele tempo não havia o menor ruído! Ele ia para lá cantar e quem vivia ali perto, ouvia o cantar dele, eu fui uma das pessoas que o ouvi cantar!

Coimbra, para mim, tem histórias... antigamente havia aqui um carreirinho, por onde se vinha ao penedo, não havia nada destas ruas, nada! Era um carreirinho assim muito estreitinho, só apenas este largo é que existia! E, não sei se já lhe contei de um senhor que era assim, veterano, que se chamava veterano a esses estudantes antigos... E, quando eu e a minha amiga andávamos a passear, chegámos aqui, e a minha companheira que era muito linda, disse: “olha não vamos ao penedo, que ele pode vir falar connosco” e então...(ri) e ele vai assim: “ó minhas senhoras, o penedo da meditação é para ali” e essa minha companheira que era uma formosura, disse que nós não queríamos ir ao penedo, foi a primeira vez que eu quis ir ao penedo e não fui ao penedo! Para não darmos confiança... É, é (ri), ai os tempos mudaram, tanto, tanto, tanto!

Pois é, quando vim para Coimbra, também joguei ténis! Já havia ténis e eu joguei aqui, maneira que, isso tudo era assim uma coisa que me tornava um bocadinho.... diferente, não é? Ah, ah, ah, (ri muito) não era só andar a cavalo, ah, ah,, jogava o ténis... também. E cantar? Isso não se faz uma ideia, ah, ah, ah, ah (ri muito) Tocar piano, nunca, nunca, toquei nada que prestasse... só acompanhar, não é?

Vinha com a fama de cantar, isso foi também uma coisa importante para mim. Porque cantava nas igrejas! Cantava na Sé Velha! Na Sé Nova, nem por isso, na Sé Velha cantava lá muito e noutras igrejas muito importantes cá de Coimbra. Santa Cruz! Feita de pedra morena (começa a declamar) dentro de ti ouvem missas dois olhos que me dão pena, ah, ah, (ri) (volta a declamar, mas desta vez a cantar) Ah, ah, (ri muito) A igreja de Sta cruz é muito linda, tanto por fora, como por dentro, ah! É um encanto, mas então... para mim, tem história, não é? Que era onde o meu marido me ia ouvir cantar, ainda não namorávamos, mas ele já andava atrás de mim, (ri) ia-me ouvir cantar, ai! (ri) que graça!

Fomos muito acarinhadas cá em Coimbra! Em S. Pedro do Sul havia uma senhora que era filha de um senhor de cá que nos acarinhou de uma forma assim, também, fora de vulgar. Veio, também, para cá um senhor, que era padre, muito amigo da minha família! Esse, logo falou de mim, de uma maneira especial, para várias famílias e tal... e, e até por outros lados, a minha amiga apresentou-me a pessoas, ah, uma das pessoas importantes era um professor da universidade... a... foi sempre muito bom, e a mulher dele também! E a uma célebre família G.! Essa família foi também, muito extraordinária, uma das meninas G. casou com um

que foi ministro chamado A.C., (ri) e com essa gente então, eu convivi muito, muito, muito... Com essa família do A.C. e da Dona I.G. que nos tratou sempre de uma maneira....tive sorte! Ah, ah, ah (ri muito) A casa ainda lá está! A gente sobe, da baixa, não é? Por aquela coisa que tem um arco...Ah, é o quebra-costas e a, a casa dos G. fica logo ali ao lado, esquerdo, de quem sobe. Conheci esta família porque uns parentes da minha amiga que já cá tinham vivido em Coimbra conheciam-nos e, pronto, foram-nos apresentar à casa dos G. Fomos ali tão bem, tão bem tratadas! Íamos lá jantar e os 2 G., o P. e o A. é que nos iam acompanhar a casa, não chegavam a ir mesmo ao pé da casa! Ficavam perto, ah, ah, ah, que engraçado A. e o P....P.G., acho o nome engraçado, P.! Agora não se vê assim nenhum P.! P., P.G.....Tratavam-nos com carinho, uma coisa!

Há cá em Coimbra uma rua chamada Sanches da Gama! S.G. era poeta... ai, uma pessoa importante cá de Coimbra, não é? Tinha muitos filhos e queria que eu casasse com um dos filhos...Eh, Eh! Queria que casasse com um dos filhos dele mas eu não estava para lá virada (diz a frase a rir) Eu gostava muito daquela família porque foram sempre.., quando eu fui caleira e tudo, foram sempre muito bons para mim, mas lá para casar com um deles é que não, (ri)

Foi uma vida linda, linda, linda, linda,..... Era assim, nós só íamos a casa dos Viscondes, dos Condes e Marqueses. O D.! O D. era o marquês de E., rapaz que andou aqui a estudar e com quem eu dançava ali no tiro e sport que era onde havia festas era... um clube... Um clube que tinha uma parte na rua da Sofia e outra parte ali em Celas. Ah fartei-me de dançar! Com o D.. O D. era o Marquês decomo é que era, Marquês de....ah, ah, ah, (ri muito) ai que vontade de rir! Esqueço-me do título. O D. era muito bem educado, muito simpático, e até se deu bem com o meu marido, foi sempre muito amável para o meu marido! Ai que graça! (risos). Não! Nunca se declarou, não, era muito simpático, muito delicado, mas não! Ele até jogava ténis cá, quando a gente veio para cá, não é? No mesmo sítio onde agora ainda parece que está...Ele era, por acaso, muito amigo do meu marido! Davam-se muito bem...ahaha, davam-se muito bem, davam!

Coimbra encantou-me sempre, gostei sempre muito do rio, ... achei lindo sempre, Coimbra! Agora está com tantas alterações! Tem tido grandes alterações desde que eu vim para cá, tem coisas muito modernas, mas ainda tem as coisas antigas, porque ao pé do jardim botânico, aquilo é lindo, não é? O jardim botânico é muito lindo! Ah, também tem muita história, muita! Ah, ah, (ri muito) qualquer dia vou

escrever, qualquer coisa, acerca da...da Coimbra, da velha Coimbra... menina e moça! “Não há terra como a nossa, não há no mundo outra assim!” Ah...muita gente se encantava com Coimbra, ainda agora, não é? De vez em quando ainda vou à Sé Velha matar saudades, não se faz uma ideia!

Sabe que o Salazar era muito meu amigo? É verdade, ele era condescípulo de um tio meu, ambos andaram no seminário, era para serem padres, mas nenhum deles, afinal de contas o chegou a ser. Ele dava-se muito com uma família de um lente, Serras e Silva e a mulher dele, Dona Prudência, era uma senhora muito religiosa! E com quem eu me dava também muito bem, não é? E...maneira que...com o Salazar tive assim uma, a...a...um certo à vontade, não é? Sobretudo quando vínhamos de férias, ah, ah, ah (ri muito). Então, ele... vivia em Sta Comba e eu vinha de Viseu, nas férias, não é? Sempre, quase sempre íamos no mesmo comboio, e ele todo amável, delicado e tal e depois há mais outras coisas não é? E com esta coisa toda, eu utilizei os móveis do Salazar, olhe que dá vontade de rir, não dá, eh, eh, (ri) Utilizar os móveis do Salazar! Os móveis da sala de jantar! Ele também morava na Rua dos Grilos e quando se foi embora, foi para ministro, deu-me a mobília de sala de jantar porque não sabia onde a havia de pôr, deu-me para eu utilizar... que graça, eh. eh! Ainda me lembro de convidar pessoas amigas, fizemos lá uma jantarada e tal, mas depois deu-se a uma casa de pobres, a mobília não é?... Mas o Salazar era assim, ia no comboio, quando ia da terra dele para Coimbra, e muitas vezes, portanto, éramos companheiros de comboio! É, é o Salazar! Sim, ele era boa pessoa...errar todos erram e alguns erram mais, até sem querer! Quando ele esteve no poder senti poucas mudanças no estilo de vida, ele teve grandes...aderentes; eu só sei que fui utilizar os móveis dele! Não, não, não, o 25 de Abril para mim não me diz nada...não me tocou nada, Eu? Não, não, não (ri) não tenho nada contra o 25 de Abril (ri) Pode ser que tenha grandes influências sociais, mas para mim...nada!

Fui professora de ciências Físico-Químicas no liceu D. Maria durante 35 anos, sabe, dantes era completamente diferente de agora...porque as alunas, eram amigas das professoras, tive alunas encantadoras! O liceu da Infanta Dona Maria! Naqueles tempos era, um encanto! Muitas aulas práticas de física e de química, muitas aulas práticas no laboratório! Eu dei-me sempre muito bem, muito bem com as alunas! E realmente tive colegas muito boas, muito boas! Pois, no que fosse preciso e em qualquer coisa em que precisasse de alguma ajuda, tive colegas maravilhosas, tive, tive! Agora as coisas são diferentes...Não sei, dá-me a

impressão que não há aquela amizade que a gente tinha no outro tempo, a minha filha é professora e eu também....

Agora as alunas são assim um bocado frias, não é? É diferente, muito diferente....Eu tive, realmente, alunas encantadoras, encantadoras! Felizmente! Alunas muito boas e muito espertas. Algumas seguiram um caminho bom, formaram-se e... ainda nos encontrámos.... Também fazia com elas trabalhos manuais e ainda tenho aí algumas coisas feitas por elas em barro. Fizeram coisas, realmente, muito lindas ... está ali, não está, ali um menino Jesus? Que está a ser...adorado pelos reis magos e por ah ah Santa Nossa Senhora e o São José, eh, eh (ri) Hum...não aquelas fui eu que fiz. Fui, fui, eu trabalhava muito no barro, muito! Tudo isso era quando eu tinha jeito! Olhe, há ali uma coisa pequenina É o...o...o...aquele homem... é o....é o..... aí como é que se chama! É uma coisa... vulgar cá em Portugal, mas agora não me recordo. É do povo! É do povo! É o Zé Povinho, eh, eh, (ri) Foi muito agradável! Coimbra para mim, (começa a cantar) "Coimbra tem mais encanto, na hora da despedida" eh, eh, eh, (ri) (continua a cantar com melodia a canção que iniciou com a letra) Isto é uma cançãozinha de cá. Tempos livres não, não tinha, era mais trabalho que outra coisa!

Não tenho ideia nenhuma de me dar mal com alguém! Pois, não, não, não me recordo....não tenho ideia nenhuma de coisa desagradável É verdade, não me recorda. Os tempos antigos! Então com as alunas era um encanto, realmente! Era um encanto, eu gostava delas e elas gostavam de mim, ehehehe

Como já lhe disse, quando fim para cá tinha fama de cantar! Assim...na Sé Velha, o meu marido, quando ainda era noivo, ia-me ouvir cantar! A idade que eu tinha...agora de repente, a cabecita está assim fraca, não é? Não me lembro bem...Ah, vinte e poucos, vinte e poucos, vinte e poucos anos... Mas só casei com 32, ah, ah,....foi muito bem, muito bem...porque agora, hoje, casam com 18, eu tenho pena! Casam cedo demais, não gozam a sua liberdade! Até tarde, eu foi sempre a gozar! A minha mocidade!..... Quando o conheci... assim de repente... não sei...havia uma colega... que se dava muito com a família dele ... e... não sei se... foi por intermédio dela ... que eu fui a casa deles... eu lembro-me...lembro-me de eles estarem a jantar e eu ir para a sala sozinha, estava ali sozinha, e ele de vez em quando vinha ter comigo... não sei bem, já como eram essas vidas, sei que tinha um piano, tinha uma irmã que tocava piano... mas... já não me recordo bem, não...eh, eh, eh (ri) sei onde é a casa que é... há a praça da república, depois há aquela que vai para os arcos do jardim e logo... a quarta casa que se encontra

quando a gente vai a subir à direita é a casa... que era dos meus sogros... a casa dos meus sogros..... Quando namorámos ia para casa dele, ainda ele vivia com os pais e eu ia para lá e depois à noite iam-me levar a casa, a mãe dele acompanhava-me e ia-me levar a casa. Foi sempre tudo muito na ordem, tudo muito bem! Ah!

Estão ali retratos do meu casamento eh eh eh (ri)... em S. Pedro do Sul. Sim, casei-me em S. Pedro do Sul É extraordinário! É verdade, estava juvenzinha, fresca como uma alface!

O meu marido era militar, e eu já era professora, mas ele olhe, encantou-se comigo e não me largou... E fez bem porque foi um bom marido! Muito bom, muito bom, era assim uma pessoa... dava banho aos meninos, poucos pais o faziam! Era muito querido... ele era oficial, não é, em Santa Clara, foi lá o comandante, foi lá comandante, mas os soldados gostavam imenso dele. Dantes os oficiais tinham os impedidos, tem ouvido, não tem? Uma espécie de criados, não é? E como tínhamos aqui a quinta, grande, que era boa para cultivar – e dantes estava cultivada e agora não está nada – então, tínhamos esses impedidos que cultivavam isto tudo. Aqui tínhamos tudo: tínhamos batata, tínhamos milho, tínhamos tudo na quinta! Ai, como as coisas mudam! É uma coisa extraordinária. Mas é, os impedidos adoravam, gostavam muito do meu marido, de maneira que tínhamos sempre esses criados, davam-nos muito jeito. Até para fazer compras, fazer compras na cidade, dava muito jeito, muito jeito... Ai, meu Deus!

Santa Clara ainda agora, para mim tem um encanto especial, não é? Por causa do meu marido ser comandante do, da artilharia de Santa Clara, não é? Na altura em que o conheci não era comandante ainda, era oficial e os oficiais, havia assim um dia na semana em que tinham que estar a dirigir aquilo tudo, não é? Maneira que, quando eu lhe disse que sim, ele acendeu as iluminarias do quartel, que só se acendiam no tempo da Rainha Santa. Só nos dias da festa da Rainha Santa, é que à noite se acendia, quando eu lhe disse que sim a alegria foi tanta, que acendeu à noite...as iluminarias.... Por isso eu quando via as iluminarias acesas ria-me sempre! Achava graça!

Eh eh eh. Pois foi... muito interessante, graças a Deus, toda a minha vidinha foi boa, e então quando o meu marido foi Governador Civil de Coimbra durante 6 anos, não foi brincadeira nenhuma! Ele tinha muitos amigos... tinha também um feitio

especial. Dava-se bem com toda a gente, e tudo, mas... tinha assim amigos de famílias muito boas, muito agradáveis, muito bem-educadas... enfim, de maneira que... mesmo já depois de casados nós dávamo-nos assim com pessoas importantes... os Condes do Amial, tem ouvido falar, não tem? A condessa... eu julgo que tenho aí retratos, com a condessa do Amial. Era muito simpática e muito boa, muito boa para os pobres, um encanto. E... então eu dei-me muito bem com essa senhora. Agora, a casa da... como é que se chama aquele casarão enorme, na Baixa, agora é tribunal, parece-me que é tribunal...

Tivemos muitas vezes que ir a Lisboa. E portanto...assistir a imensas festas, não é? Houve uma vez que veio cá a Princesa de Inglaterra e, os governadores civis eram convidados; o meu marido como o era também foi, não é? E portanto lá íamos, nós às festas da princesa, ah, ah, ah. Ai, a sério, sabe...eu julgo que já lhe contei que fiquei ao lado do C....Ah,ah, ah (ri) Era...pouco simpático, ah, ah. A mulher era simpática, a mulher era simpática, mas ele era assim, um bocadinho...enfadonho. Ah, o C., ah, ai...eu digo coisas muito curiosas, realmente na minha vida, graças a deus com um marido muito bom, um pai muito bom e um marido muito bom... Quando eram as festas da Rainha Santa, quando havia a procissão...nós dávamos lá uma festa, no governo civil, não é? É engraçado! Ah, ah, (ri) ...Quando vim cá para Coimbra, nunca calculei que havia de ser a esposa do governador civil! Aquilo era lindo...a procissão, hum, à noite, não é? Tudo iluminado! E depois...foguetes e mais foguetes! Uma coisa...era bonito!

Um...um amor verdadeiro... lá isso foi... porque o meu marido foi um bom marido, era mais velho sim, uma diferença, não sei se eram 5 anos se quê, não me recordo bem, não me recordo bem...um bom pai... com uma paciência , dava banho aos filhinhos, nem todos os pais têm essa paciência, não é?

Como ele foi oficial...andou, andou na I Guerra, credo! O pior inimigo do homem é o próprio homem, é triste! Lembro-me, lembro-me...ainda me lembro da...já vivia nessa altura...da I Guerra Mundial! Não era brincadeira credo, que horror... O meu marido andou nisso, esteve a ajudar os ingleses. Não, não...nós ainda não éramos, não éramos casados...O pior inimigo...olhe que é o pior! Há cada coisa quase.....incompreensível, como é que o homem é tão mau para o próprio homem?! Nada é tão mau pró homem como o próprio homem, é cada coisa! Mas pronto...

Faleceu de quê? Bem, agora, não sei dizer, já não me lembro, a minha cabeça agora está muito fraquinha! Eu já não me lembro de quê que morreu...já não me recordo...

Era uma pessoa muito boa, muito boa, muito boa! Ele era muito bondoso! Tinha grandes amigos, grandes amigos. Morreu, morreu....quer dizer a mim também me aconteceu ter condes e marqueses na família, a ele também!

Vimos para aqui para esta casa por causa de não fazermos barulho ao P.Q.. O P.Q. é conhecido! Ele vivia ao pé de nós, mas como os meninos faziam muito barulho ele queixou-se porque lá em casa era uma risota, eles eram muito garoteiros, muito brincalhões, então, por isso, mudámo-nos de casa. Para ajudar a cuidar deles tinha a minha sogra, viveu cá muito tempo, e uma tia, uma tia também. A minha sogra até está ali no retrato connosco! Naquele grupo grande! Coitadinha, ela dava-lhes mimo, é verdade, já não estava numa idade em que podia trabalhar, dava-lhes mimo! Tratámos a sogra sempre com muita delicadeza e ela, coitadinha, morreu cá! Mas foi sempre muito bem tratada, médicos muito bons! Muito amigos do meu marido! Pelo que há mais pequenina coisa, vinham, morreu de velhinha, nunca teve nenhuma doença prolongada, nenhuma coisa assim, não, não.

Tínhamos sempre duas criadas, não era só uma! Duas e felizmente também tivemos sorte, eram simpáticas e boas, de boas famílias, não tenho a menor ideia de ter tido criadas más. Mas foi uma bela ideia porque aqui tem sido um lar tão bom, tão bom..., nunca aqui tive doenças, eh, é um sitio realmente, maravilhoso, é. Já foi ao penedo da meditação aqui? É fora do vulgar! Aquela coisa abrupta! É uma coisa fora do vulgar...

Tive seis filhinhos, duas filhinhas e quatro rapazes. E são todos muito bons, muito bons, muito bons.....Eu devo ter p'ra aqui retratos e mais retratos... Eu tirei muitos, muitos retratos... mas agora aqui não estou a ver nenhum.... Ali. estão... já com os filhinhos todos. A G. que tem agora 60 e tal anos é a que está sentadinha no chão. Vestidinha de branco...É a M. Al. é o nome de uma madrinha que é irmã do meu pai, M.Al.. É o nome de uma princesa qualquer, isso diz respeito a políticas, não é? Já não sei bem, essa princesa M.Al. de que partido era, sei que por ser daquele partido, demos o nome...Eh (ri) M.Al., não há muitas M.Al.... Ainda é professora, no liceu Dona Maria onde eu também fui professora. Ah... a mais velha é a A., são ambas muito boas, um encanto, filhinhas muito boas, filhinhas e filhinhos também....Este é o N., é o N., o que tem o centro hípico e este é filho, G., que é arquitecto e que trabalha no Porto.... tem sido...ele é...uma coisa, vem cá com

muita frequência e leva-me a passear, leva-me a passear, uma bondade! Este é o P., o meu filho militar... e é o pai dos meninos que andam cá....o pai dos meninos que andaram cá a estudar, na universidade e este é o Ale., o meu filhinho mais novo. Graças a Deus vieram perfeitinhos! Seis filhos, todos um encanto! Netos...são treze...eh, eh, eh (ri). Treze netos...E quatro bisnetos... ou cinco bisnetos... é assim uma coisa, agora de repente, eh... não me... não me lembro. é assim!

E agora é isto aqui nesta calma neste sossego.... do penedo da meditação... já foi ao penedo? É curioso aquele...É o terreno, não é vulgar... no penedo da saudade, também há uma coisa parecida, é uma coisa abrupta....Como é que a natureza fez uma coisa destas?! Só tenho que dar graças a Deus, mais nada. Eh, eh (ri) Antigamente era calcorrear, não se andava...havia já, havia já, eléctricos mas eu calcorreava, até mesmo quando vim para aqui calcorreava para ir para o Liceu! E o liceu D. Maria fica longe! Pois eu ia todos os dias a pé! Eu julgo que é por isso que estou aqui! É, eu acho que sim,...o sitio daqui, também, o sitio é especial, também é um ar muito puro, muito bom, não é? Agora é que é pior, ui! Com os automóveis....mas o que vale é o vento, que o vento ajuda muito a não vir o fumo para cima da casa.

A minha irmã ficou em S. Pedro....Ela foi sempre muito boa para mim e eu fui mais tarde, para lá, para ao pé das minhas sobrinhas, e estava lá um mês ou assim, não sei quanto tempo é que lá estive porque eu....a casa, ficou com essa condição, de eu querer ir para lá, tenho direito a ir para lá! Engraçado! Tenho, uma sobrinha muito simpática que vive mesmo em S.Pedro na mesma casa...Não, não, não, sempre me dei muito bem com ela, com a minha irmãzinha! Eheheh, muito simpática! E tem muitos filhinhos, tenho muitos sobrinhos! Foram seis. Também, e bonzinhos, bonzinhos

Aqui havia, realmente, umas festas de Natal lindas, lindas, lindas. Sim, sim, o Natal aqui sempre foi um encanto, sempre um encanto, com as crianças, não é? Meninos, muito alegres, muito alegres...e então sempre tivemos umas cantorias especiais, não é? Cantigas do Natal, isso é que...não é comum, muito vulgar em todas as famílias. Fazíamos sempre uma árvore grande, uma árvore toda enfeitadinha, um encanto! Também tinha muita família em Lisboa, ah, os tios! Ah! Muitos em Lisboa... Tios e tias, porque a minha avó teve dez filhinhos, ah, ah, ah (ri muito)

Dez filhinhos, não é brincadeira, eh, eh, eh, (ri muito). Eu, realmente, calcorreei Lisboa! Coisa que agora...não se pode fazer, não é? Agora é tudo carro para ali carro para acolá! Mas antes não, havia poucos carros, não é? Primos e tudo, nunca mais acabavam, olhe estava para vir agora cá um destes dias, um...que é, aparentado com o General G.M., naturalmente nunca ouviu falar, no General G.M., é meu primo! É, e vive em Lisboa, vive em Lisboa, e então, tenho lá muitos primos, em Lisboa, muitos, ah, ah, (ri muito) E essa família G.M. é uma família muito conhecida!

Quando era novinha, ainda, fui a Londres. Aquelas catedrais! É uma coisa extraordinária! Agora já lá não vou há muito tempo! Londres é interessante, e mesmo as pessoas simpáticas, mas já foi há muito tempo! E Paris também! E Atenas! Atenas, então é que foi uma maravilha! Fui, fui, não foi de avião, foi de...foi de barco, mas também andei de avião quando foi dessa viagem, não sei em que sítio é que eu andei de avião mas gostei imenso da Grécia! E das pessoas da Grécia, ai, são muito simpáticas! Pois é, por exemplo os italianos, já são diferentes! A Itália, praticamente não a conheço, não fiquei com ideia nenhuma, agora a Grécia sim! Humnão sei se fui com a G., já não me recordo bem, a minha cabeça agora está um bocadinho fraca, um bocadinho fraca...

Ah, quando me reformei! Ah, soube-me bem! Bem, eu como tinha muitos netinhos, tinha sempre que dar uma ajuda...e foi sempre o melhor possível! Ehehehe Então quando é as festas do Natal, isso então! É um encanto! Mas são poucos os netos que vivem cá! Muitos foram para Lisboa, lá para os lados de Lisboa, ehehe, e Porto! Maneira que...tudo correu bem, não me lembro assim de nada...de desagradável, não me lembro. Eu ia-me sentindo sempre nova, sempre a mexer-me, cá em casa...no jardim, a varrer, a limpar, sempre, sempre a trabalhar! Maneira que não me sentia muito....agora é que já é diferente....Bem, eu nunca tive uma dor! A cabeça é que está estonteadinha, está estonteada! Agora, dores, nunca tive! Eu acho isto uma coisa extraordinária! Mas de vez em quando havia festas, lá no liceu! E eu era convidada para ir a essas festas! É, do Liceu Infanta Dona Maria que era um edifício enorme, não é? E então era muito agradável porque encontrava as minhas antigas alunas e colegas; era agradável era! Colegas, então, ui Jesus, tive algumas tão amigas, tão amigas! M.T.B., essa então!

Portugal é muito lindo, é muito lindo! E rico, rico, ao mesmo tempo, não é só beleza! É riqueza! Oh, oh, é...Portugal tem assim uma história! Tem coisas curiosíssimas!

(ri) Bem, eu, eh, eh, olhe, conheço o Algarve, mas é, acho muito interessante, o Algarve...hum, o Alentejo também, Portugal é lindo, eh eh (ri) Trás-os-Montes, acho interessantíssimo, e o Minho? O Minho, uh, uh! Uh, uh, (ri) uma maravilha! Portugal é lindo é! Graças a Deus... Ai, pode ser, se houver bom tempo...que vá passear com o meu filho do Porto, ou com a G., com a G. também passeio muito, muito, ela é muito boa, mas com o meu filho arquitecto, também, ele tem uma pachorra! Ah, ah, (ri) Costumamos ir ao Buçaco! Ao Luso e ao Buçaco, Na televisão também...gosto muito de ver Portugal! Mas agora o senhor que tem mostrado Portugal não tem, não tem aparecido, tem estado em férias, ou qualquer coisa assim não é? Não me lembro agora do nome, é tão conhecido, credo! Mostra Portugal aos Portugueses! É muito conhecido! E agora de repente não me lembro do nome...É isso, Saraiva, José Hermano Saraiva, é muito conhecido,

No outro dia já sabe que nos juntámos todos? Fomos almoçar aqui perto! Ui! Ah! Não sabia? Fomos aqui a um restaurante eh... conhece... como é que se chama, aqui em cima...Vale de Canas...é isso. Depois de Vale de Canas, pouco depois, há um...hotel, ou melhor um restaurante, isso é que é.... porque não tem quartos de dormir, é só...de comida... no restaurante, mas é uma coisa enorme! Tem uma sala de jantar, uma coisa enorme, não é! E então fomos, a família foi toda lá... almoçar! Um almoço muito agradável e aquele gente também muito simpática! Todos muito simpáticos... e foi, foi um encanto, não é? Almoçar lá, eh, eh (ri) Éramos quase cem, uma quantidade enorme!

Hoje então, andámos... eu com a minha filha já andámos por ali fora, descemos por aqui, e demos uma volta por aqui nas redondezas. Acolá aquela terra que se vê cá de casa, é o Roxo. Chama-se Roxo porque havia uma planta, urze, que dava o tom à terra... Antigamente não havia lá casa nenhuma, só havia as plantas, então as plantas dão o nome à terra, é o Roxo, o Roxo. Eh, eh, esta Coimbra que eu amo, desde, desde os 18 anos. Mas agora há umas coisas que mudaram, não é? Há tanta casa na baixa de Coimbra, na rua da Sofia....mas aquelas casas...têm um aspecto de...abandono, é pena! Mas agora acho que vai melhorar, estão a aproveitar a baixa. A procissão da Rainha Santa é que ainda é uma coisa....que tem muito valor, tem!

Pois, é, é (ri) os filhinhos foram também muito bons, também foi uma sorte muito grande! E agora, então, tenho mais uma bisneta! Ai, foi, foi! Nasceu ontem (ri) na maternidade é filhinha de uma médica! Como se chama? Olhe que eu não sei... são

tantas...É uma jóia de pessoa, essa minha neta médica, é um encanto, os netos todos são um encanto! É uma sorte, mas uma sorte! Treze, ah, ah, (ri) uma grande família!

Eu devia estar sempre a agradecer a Deus, por tanta coisa boa! Não é? Saúde, saúde, saúde, principalmente saúde! Nunca ter tido uma dor! Eu acho isto uma coisa! Nada, desde a cabeça aos pés, dor nunca tive nenhuma! É extraordinário, não é? Ah ah, ah (ri muito) É realmente uma coisa fora.....não sei...hoje toda a gente se queixa (começa a gozar) “ai a minha cabeça, ai nanana” (ri muito), não, nunca me doeu nada, é uma coisa, realmente...espantosa!

O que quero fazer? Agora? Ah, ah, tinha que pensar muito, coisas sociais, não é? Sim, pois, coisas sociais! Hum..., propriamente minhas não, eu graças a Deus não preciso de nada, não é? Mas, coisas sociais, se eu pudesse fazia! Para benefício, para benefício dos pobres, não é? Isso eu gostaria muito, mas...já não tenho cabeça... eh, eh, (ri)...a cabecinha!

Tive uma vida tão recheada, tão boa, não é? Um pai maravilhoso e um marido maravilhoso, que sorte, não é? O marido foi também especial, uma bondade! Bem conhecido, cá em Coimbra! Era militar, mas foi realmente muito querido...

É a Sr.^a Dona Catarina, não é? Psicóloga, vem visitar-me, ehehehe (ri), que engraçado, foi o meu filho Nuno que escreveu, é o meu filho dos cavalinhos! Já tem uma idadezinha, não sei se ele tem 60, 70 ou uma coisa assim! É bom filho, é um filho muito bom, muito bom, maravilhoso, oh, mas são todos! Mas uns....Os mais perto de mim... então o do Porto, esse ai vem cá só para me passear, eu tenho corrido....este distrito de Coimbra! E não só de Coimbra! Porque Portugal é muito lindo! O Minho é um encanto, não é, Trás-os-Montes, é um encanto! A Beira-Baixa também, a Beira Alta! Olhe é tudo lindo! Tudo lindo, ehehehe! Sim, já tenho, netinhos de lá, são um encanto, são um encanto...é, ele tem filhos e já tenho bisnetos, até! Os bisnetinhos são muito pequeninos ainda! Mas estou com eles raras vezes...muito raras, raras vezes...

Com o meu filho N. estou muita vez! Então, ele dorme cá muita vez! Quando não tenho empregada, ele dorme cá. Temos muito boa relação, é um filhinho muito bom, sempre! Graças a deus são todos bons, ehehe

Eu tenho, tenho, várias empregadas, ora vem uma, ora vai outra, mas felizmente....bem os nomes, isso não me lembro, se me disserem vários nomes eu sou capaz de saber. A memória está assim...fraquita....é uma pena, não é? Eu estou muito em baixo, muito em baixo... Eu acho, que não foi há muito tempo, não. Não, não há assim muito tempo, não ...há meses. Estou com a memória muito fraquinha, estou de todo, estou de todo! O que acho em relação ao estar assim? Bem, eu já vivi uma vida tão longa, não é? E tão boa! Sim, porque isso é que é verdade, não é? Porque tive 6 filhos maravilhosos, um marido maravilhoso, não é? Um pai também! É muita sorte, não é? A mãe morreu quando era pequenina mas tive um pai e tios tão bons, tão bons, não é? E toda a família, não é? Todos nos acarinhavam, até gente que não era da família! Quando éramos pequeninas todos nos acarinhavam muito lá em S. Pedro.

Há muito pouca gente com esta idade! Penas?! Ah, perdas... Hum, tudo foi mais ou menos, não é, de modo natural, o meu pai não morreu muito cedo, a minha mãe é que morreu muito cedo, a minha mãe é que morreu muito cedo... É, é....tios, tive tios e tias....que eram maravilhosos, acarinhavam-nos de uma maneira....e até as pessoas que nem eram da família; famílias amigas!

Não, não....nem me lembro de tomar alguma coisa assim de importante, tive sempre muita saúde! É uma coisa! Médico? Ah, sim, quando tive os filhinhos e isso...Mas por mim só, não me recordo de ter ido alguma vez ao médico...tive sorte, muita sorte! Não ouço, olhe, não ouço! Não há possibilidade de melhorar nem compensar.. Ah, faz falta, faz falta, mas...tenho que me conformar! Pois é, ouvir mal, é o pior que tenho, porque ver, ainda vejo bastante, é verdade, não vejo como antigamente mas ainda vejo, não é? Com a minha idade, não é? Estes números são todos enormes! Então hoje é 17 não é? É que eu marco, faço aqui uma bola no calendário, para marcar! Pois, assim sei a quantas ando...Quando a gente não sabe as quantas anda, é desagradável, não é...

Quando era nova via sem óculos as horas da torre da Universidade! Tinha uma vista! Fora de série! Agora é diferente! Bem, mesmo ao perto, eu ainda vejo, eu leio, não é? Mas, já não é bem como dantes, olhe aqui: A. é o número, 239 222 hum....eu para os números já nem sei o que diga...Hoje é segunda feira, porque ontem foi domingo e eu ouço sempre a missa pela televisão, maneira que marca, marca um bocadinho, não é? Mas, a minha memória está, está, está de todo! Está muito fraquinha, muito fraquinha!

Conhece os versos de Coimbra? (começa a lê-los e a recitar) Coimbra menina e moça, rouxinol de Bernardim, não há terra como a nossa, não há no mundo outra assim, do choupal até à lapa, foi Coimbra os meus amores, a sombra da minha capa caiu no chão e abriu em flores! Coimbra é de Portugal como a flor é do jardim, como a estrela é do céu, como as saudades é de mim!

Anexo 2: Cronograma dos encontros

Cronograma dos encontros com a participante

1º entrevista	2º entrevista	3º entrevista	4º entrevista	5º entrevista	6º entrevista
12/01/04	16/01/04	6/02/04	27/02/04	16/04/04	17/05/04

Nota: a 5ª e 6ª entrevistas foram mais semi-directivas

Todas as entrevistas tiveram uma duração entre 60 a 90 minutos

Anexo 3: Temas para entrevistas directivas

Temas a abordar na 5ª entrevista e 6ª entrevistas
(16/04/04 e 17/05/04)

- Relação com a mãe: como viveu a sua morte, onde morreu, de quê, como se sentiu, foi uma morte lenta ou prolongada...
- Relação com o pai: qual o seu papel na educação, influenciou a tirar o curso em Coimbra, onde estava quando fez o liceu em Viseu, ausente, saudades?
- Relação com a irmã: como se davam as duas, achava-a melhor que ela? Onde ficou quando veio para Coimbra?
- 2º casamento do pai (influência na relação paterna)
- Morte do pai e do marido
- Como sentiu a menopausa
- Como correram as gravidezes
- Mudanças de emprego (1º emprego, mudança de escola, promoções, reforma...)
- Como era ser professora? Estava realizada com o que fazia? Quem se ocupava das tarefas domésticas? Como se relacionava com as colegas de escola?
- Mudanças sociais (Guerra do Ultramar, 25 de Abril, Portugal na União Europeia)
- Mudanças de casa
- Viagens que já realizou
- Relacionamentos sociais: amizades mais íntimas durante o ciclo de vida

- Envelhecimento: quando começou a sentir os 1ºs sinais do envelhecimento, o que sente quando se vê ao espelho? O que acha da sua lucidez? Quais as maiores perdas e limitações? Como vive com elas? Como lida com a adversidade?

Anexo 4: Transcrição integral das entrevistas

Transcrição directa da 1ª entrevista

... tive tios tão bons, gente de família tão boa que não cheguei a sentir, pode dizer-se, a falta da minha mãe. É extraordinário, é graças a Deus, não é, ter assim uma família tão boa... e então o paizinho... esse foi especial. Hum hum hum hum... (ri). Era um Pai... porque era assim, ele era médico, tinha de ir a cavalo às terrinhas longínquas, eu e a minha irmã também íamos a cavalo atrás dele, com oito anos...

Com oito anos?

Com oito aninhos!..., íamos atrás dele...

Isso aonde?

Olhe, nunca ouviu falar das cantadeiras de Manhouce, nunca ouviu falar?

Manhouce? Não...

Manhouce, é uma aldeinha longínqua de Couto S. Pedro, tão longínqua que não havia estradas para lá, nos tempos antigos. O meu pai ia muitas vezes lá ver os doentes, porque era médico, e nós íamos atrás dele, a cavalo também. Não era assim vulgar, pois não?

Pois não...

Não era vulgar, eh eh eh ... (ri)

Então e mais coisas...

A minha vida foi muito interessante. Em S. Pedro, muito interessante, não é? Ficámos sem mãezinha ... mas um pai estremoso e parentes... todos os parentes nos acarinhavam muito, muito, muito, lá em S. Pedro do Sul, e S. Pedro é um encanto de terra eh eh eh ... (ri)

O meu pai era o director do hospital, e enfim, muito querido, muito querido, muito estimado, a ponto que tem, agora nas termas...

O nome dele ...

O nome dele, tem tem. E foi assim, a minha mocidade, a minha juventude, foi um encanto. Fiz o liceu em Viseu, em casa de tios e tias, também boas a valer, não é... muito boas, muito boas, muito boas, fiz lá o liceu, e depois, eu tinha uma tia em Londres, e pensei: vou para Londres, aprendo inglês, depois venho para cá, ensino inglês, pronto, já ganho dinheiro... mas o meu paizinho tinha outra visão das coisas e disse: não, é melhor formares-te cá em Coimbra eh eh eh ... (ri)

e então cá vim p'ra Coimbra que é realmente a minha terra ...

Ficou a sua terra ...

Coimbra para mim é uma terra extraordinária... é realmente linda e ... onde fui muito acarinhada, não é? Era interessante porque tinha uma grande amiga, tenho ali o retrato dela, era linda, linda... era tão linda que eu dizia que a beleza dela passava também p'ra mim eh eh eh ... (ri)

Eh eh eh ... (riem ambas) qual é?

M.T.C.S.B.... (procura no álbum de fotografias) é esta, olhe! Eu hei-de mandar fazer uma ampliação, era linda, linda, linda, casou com um rapaz F...

De?

F. da família F.!... F. S., era uma família muito importante... olhe e tem muita graça aqui este retrato que é a minha mãe e a minha avó... nem toda a gente tem o retrato da mãe e da avó...

Ah, exactamente...

Com saia de volume ainda... lembra-me a história que *Deus a abandone*, Maria chica chica, Maria chica choca...

A sua mãe é esta de blusa, aqui...

A minha mãe tinha eh eh eh ... (ri) aqui eu já tinha quarenta e tal anos...

Ah, é a Dr.^a V.... muito bonita!

Mas pareço mais nova não é? Não tinha uma ruga ... (apontando para as fotografias) o meu marido, aqui e aqui...

Aqui também?

Também é ele... este é o meu filhinho mais novo, Al., este é o meu pai e a minha irmã eh eh eh ... (ri) e estes somos eu, a M. T. e a D.C.... foi reitora do Liceu.

Isto quando andava a estudar na Universidade?

Era, era... (aponta para uma fotografia) aqui p'ra cima é a casa onde viveu o Salazar... aqui... (continua a apontar) entra-se por ali por uma porta e aqui em cima é a casa onde viveu o Salazar...

Qual destas três é que era a Dr.^a V.?

Como?

Qual destas três é que era ...

A do meio

A do meio...

Ele saiu de lá e deixou-me licença de eu usar a mobília da sala de jantar...

O Salazar...?

O Salazar... acho tanta graça, porque ele vivia em Santa Comba Dão e quando eu vinha de Viseu para a universidade muitas vezes vínhamos no mesmo comboio, e ele sempre todo delicado comigo, muito delicado... e então, realmente chegou a isto: foi-se embora – foi para ministro – e deixou a mobília de sala de jantar para eu utilizar...

Para si...

Para eu utilizar, ainda me lembro de convidar pessoas amigas, fizemos lá uma jantarada e tal, mas depois deu-se a uma casa de pobres, a mobília não é?... Mas o Salazar era assim, ia no comboio, quando ia da terra dele para Coimbra, e muitas vezes, portanto, éramos companheiros de comboio, mas sobretudo quando passava para minha casa, que era na Rua dos Grilos, subiam-se umas escadinhas – há o Palácio dos Confusos, tem ouvido falar no Palácio dos Confusos?

Palácio dos...

Confusos...

Palácio dos Confusos... não...

Numa terra, numa casa grande que tinha três cruces de azulejo...

Mas onde fica esse palácio?

Agora já não, essas três cruces foram para um museu qualquer, não é? Mas essa casa era muito interessante porque era muito alta e eu passava ali às vezes horas a ver o Rio Mondego, em baixo, a ir!... eh eh eh ...(ri).

Vamo-nos sentar um bocadinho?

Vamos, vamos. Pois, é assim, é extraordinário porque, não tendo mãe, parece que eu devia ter tido uma juventude assim esquisita, mas não. Tive um pai maravilhoso e ter... tão boa, tão boa, tão boa, extraordinária, família tão boa, eh eh eh ...(ri). Ah!, (pegando numa moldura) isto é... para... para

Para pôr o...

Para pôr o retrato.

Aqui (pegando no livro sobre os reitores da Universidade de Coimbra) já mostrei o retrato do avô e do bisavô, não mostrei?

Posso ver mais uma vez?

São os reitores da Universidade, julgo que já lhos mostrei...

Já, já.

Ah! Enfim, os retratos deles (tentando ler os nomes)

Este está ao contrário (inverte o retrato)

Abreu... Talvez, com licença (pegando no livro e endireitando-o ela própria)

Exacto. J.M.A.

É M.A....

1850 – 1853

Este e depois o outro

A.A.C.M.

C.M.

Mas são os dois seus bisavós?

Este... não sei se era neto deste, talvez fosse... agora de repente não me lembro. São todos meus ascendentes...

Sim senhor...

Eh eh ...(ri)

Eu quando vim para cá, também foi interessante por aquela senhora, M.T., tinha um primo que era o doutor Á.B. que era lente, de maneira que daí também resultou uma coisa interessante, é que eu e a minha companheira M.T. íamos para a Sala dos Capelos, para as tribunas, porque como o primo era lente, tinha direito a mandar para lá a família, não é, e então nós íamos, caloiritas, eh eh ...(ri).

De caloiras foram logo para a Sala dos Capelos eh eh eh... (riem ambas)

E está lá o retrato do meu bisavô num salão, agora está no salão.

Dum desses bisavós que nós estivemos a ver naquele livro...

É aquele, é aquele, está lá o retrato dele, agora eh eh ...(ri), foi uma vida muito interessante, muito, muito, muito, muito, muito agradável, por ter assim uma pessoa amiga e famílias muito amigas, muito amigas. Houve uma família, tenho lá em cima, no meu quarto de dormir, um quadro assim muito grande, com uma Nossa Senhora, quem mo deu? D. P.S.S., que era mulher dum lente de medicina, S. e S., não sei se sabe, há uma rua com o nome dele, S. e S. Enfim, graças a Deus tudo correu bem eh eh eh ... eh eh eh eh ...(ri muito).

Então e a senhora lembra-se de alguma coisa do Porto? Nasceu no porto, não foi?

Eu nasci no Porto, na Rua de Cedofeita.

Na rua?

Cedofeita, já lhe contei, onde nasceu Carolina Michaelis...

Exactamente...

Aqui nasc... viveu Carolina Michaelis, está lá, na porta, na Rua de Cedofeita. Enfim, é uma rua grandinha, não é assim muito estreitinha... no Porto as ruas são muito estreitinhas eh eh ...(ri) é curioso até. Acho lindo, o Porto, muito simpático, eu tenho impressão – nos tempos actuais não sei – mas nos tempos antigos não havia uma pessoa má no Porto. É um povo bom. Uma coisa curiosa, não há ideia de uma pessoa...

Nunca conheceu uma pessoa má, no Porto.

Não?...

Estou a perguntar à Dr.^a V. se nessa altura todas as pessoas que conheceu eram todas pessoas boas.

Boas. Todas pessoas boas. É curioso! eh eh ...(ri). E a minha mocidade, também, até porque íamos muito, quando éramos pequeninas, para a praia de Leça da Palmeira, fica ao pé de Matosinhos, o mar de Leça da Palmeira é o mar de Matosinhos.

Conheço

Leça da Palmeira... vivia lá uma tia e era para lá que íamos quando éramos pequeninas. Mais tarde íamos para Espinho porque tínhamos lá um tio que era até o director do Vale do Vouga, era engenheiro, ele é que fez o caminho de ferro do Vale do Vouga, e então íamos para Espinho quando éramos assim já meninas crescidas.

Com que idade é que ia para Espinho? Que idade é que tinha na altura?

18, 19 anos, quando ia para Espinho. Foi assim uma vida muito especial porque tivemos uma família muito muito boa. A minha avó teve dez filhinhos, não é? eh eh ...(ri).

A sua avó mater...

Nós éramos só dois, os meus pais tiveram só dois, a minha avó é que teve dez eh eh ...(ri) ai que graça... eh eh ...(ri).

E era a sua avó materna ou paterna, que teve dez filhos?

Paterna

Paterna

Paterna avozinha... muito boa.

Portanto, era o seu pai e depois ainda tinha mais nove tios. A Dr.^a V. teve 9 tios.

Eu? Eu? Eu só tive seis.

Seis?

Seis filhinhos.

Sei filhos, mas teve nove tios.

Tive nove?

Nove tios, os irmãos do seu pai. Não era?

Irmãos...

Irmãos do pai, do pai da Dr.^a V.

Mas quem é que teve nove filhos?

Nove tios!

Ai tios! Eu não estava a perceber... eh eh ...(ri).

Estava a perceber filhos eh eh eh... (riem ambas)

Já estava a ficar intrigada...

eh eh eh ... eh eh eh eh ...(ri muito). Ai que riso, eh eh

Foi assim uma vida linda, linda, linda, quando era pequenina. Não é vulgar, não é vulgar. Andar a cavalo quando era pequenina, atrás do meu pai, quando ele ia p'ra li e p'racolá, ia p'ra terrinhas difíceis, não havia estradas, não é? O médico tinha que ir e eu e a minha irmã íamos atrás dele. Não era assim muito vulgar, não. Mas tivêmos muita sorte: olhe, ficámos sem mãe quando éramos pequeninas...

Que idade é que tinha quando perdeu a sua mãe?

Ah?

Que idade é que tinha quando perdeu a mãe?

Ah, eu era muito pequenina, não sei se teria alguns sete anos ou coisa assim

Hum hum

Mas houve uma senhora, D. G.M. de uma família M., lá de S. Pedro, julgo que ainda tem descendentes a possuir a casa, a casa é um palacete lindo, não é, tem um jardim à frente, depois uma rua, que vai para a ponte, e depois a propriedade da casa vai até ao Rio Vouga! É uma propriedade enorme, enorme, enorme... mas então a casa tem palmeiras lindíssimas, não é, e a senhora que lá vivia – chamava-se G.M. – como o meu pai era médico e não tinha tempo de andar a levar-me para as festas, ela resolveu levar-nos para as festas...

Para as festas?

Todas as festas que havia: romarias – dantes as romarias eram uma coisa muito vulgar – levava-nos para todo o lado! A D. G.M. era um encanto de senhora e portanto nós tínhamos uma mocidade realmente muito boa. Depois então foi mais então na casa do M.A. e porque essa família também nos acarinhou de uma forma extraordinária...

E isso ainda em S. Pedro...

S. Pedro do Sul.

S. Pedro do Sul foi muito importante para si.

Muito, muito, muito... com o Rio Vouga e o Rio Sul... olhe é o Vouga – isto é do Correia de Oliveira, dum poeta que lá vivia – há um rio que separa uma parte da vila da outra parte – a Ponte – e esse trabalho chama-se a Ponte, que é do Correia de Oliveira, um poeta conhecido de muita gente, o António Correia de Oliveira, não é? E então.... (tenta recordar-se...) ah, é o Vouga:

"Olha o Vouga, entre verduras

Como vai devagarinho

Parece que vai pasmado

Por ver tão lindo caminho"

(recita)

Uhm...

Isto é uma quadra do Correia de Oliveira eh eh eh (ri) realmente aquilo é lindo. E nós quando éramos meninas andávamos muito de barco no rio...

Muito?...

Muito, e isso era bom porque era um bom exercício... era muito bom.

Com os remos, não era?

Mas o meu pai também era especial. Ele foi Presidente da Câmara, fez uma coisa que em Viseu não havia – um ténis! – eu era menina, aprendi a jogar ténis! As meninas da cidade não sabiam jogar ténis, e nós, que éramos de uma vilinha dali próxima...

Já sabiam...

Já sabíamos, não é?

A Dr.^a V. foi para Viseu com que idade?

Bem... eu fui fazer o Liceu... p'raí não sei, alguns doze anitos... para casa de uma tia, não é, muito boa... he he ... a família era maravilhosa, não é. A minha avó teve dez filhinhos e os tios sempre nos trataram... como tínhamos falta da mãe, não é, eles achavam mais obrigação de nos acarinhar, uma coisa extraordinária. Tive tios que eram, realmente, que eram muito bons, muito bons. E tenho ainda primos em Londres, que são filhos de uma delas... Tenho primos londrinos! Eh eh eh (ri)

Costuma vê-los com frequência?

Eu gostava muito de escrever a minha vida. Foi realmente muito boa, muito boa, muito boa. Tenho muito que agradecer a Deus. Tanta coisa boa que me aconteceu, apesar de não ter mãezinha, é extraordinário, não é?

Conseguido...

Ficar sem mãe e não sentir essa falta, tal foi o carinho que nos envolveu, não é? É extraordinário! E então, era assim, com essa senhora D. G.M. íamos a todas as festinhas a que ela nos levava.

E como eram, na altura, essas festas?

Eh?

Como é que eram essas festas?

Festas?

Sim

Romarias! Havia uma capela, coisas religiosas, depois foguetes, dança...

Foi nessa altura, então, que aprendeu a dançar!

Bem, mas... dançar...

Ou não?

Eh eh eh (ri) não, nas romarias não... eh eh eh (ri) não que dizer que eu não soubesse dançar, também! Jogo de roda, chamavam jogo de roda... era jogo de roda.

Hum...

Aprendi a dançar minuete, isso é que foi assim uma coisa um bocadinho mais fora do vulgar; dançar o minuete nem toda a gente sabia.

E quando é que aprendeu a dançar o minuete?

É que eu tinha... minha mãe quando casou com o meu pai já tinha dois filhos, já lhe contei.

Sim...

E em Leça da Palmeira vivia precisamente um pianista que... como é que se diz... que fazia música...

Um compositor.

Um compositor, eh... e então havia esse compositor escreveu o minuete e depois então eu aprendi a dançar o minuete... em menina.

Em menina...

Em menina, aprendi a dançar o minuete eh eh eh (ri) foi uma vida realmente fora de vulgar...

E aprendeu a tocar piano também com ele?

Queria aprender mas não... havia piano, tínhamos piano, mas não consegui, tive muita pena, muita pena de não aprender. Nunca consegui, só consegui...

Mas sabe tocar, sabe tocar e canta muito bem eh eh eh (riem ambas)

Isso cantar... fazia parte de coros, não é...

Ai era?

Era, era, sempre cantei, sempre cantei. Cantar o fado... e até sem ser fados.

Começou a cantar quando?

A cantar? Isso desde pequenina! Desde muito novinha...

Mas no coro da igreja?

Também, também, na igreja... hui, na igreja... nos coros da igreja... muito.

Meu pai era uma pessoa muito acatadora, não é, respeitadora da religião mas ele não... não... hum... só mais tarde, só muito mais tarde é que ele voltou a ter as suas... enfim, umas atitudes boas para a Igreja, mas houve assim muito tempo em que ele andou assim afastado da da...

Da Igreja...

Mas deixava-nos ir, isso é que era o importante eh eh eh (ri)

Gostava então de ir...

Lá em S. Pedro há igrejas muitas lindas! Olhe querida, não conhece S. Pedro?

Não, não, não conheço.

Ah! Quem me dera ir lá consigo!

Eh eh eh (riem ambas)

Para me mostrar aqueles sítios todos!

Quem me dera!

E Viseu, também não conhece?

Viseu conheço, mas conheço pouco, conheço muito pouco.

Pois é... ainda temos então um terreno nosso junto do Rio Pavia... Avogases que é um... um arrabalsinho...

Perto de Viseu...

É... praticamente ainda é Viseu, mas é num extremo... é onde viviam os meus avós. Há uma casa grande e que criou três filhos. Eram sacerdotes da família, engraçado... a casa tinha uma capelinha, e tem, ainda, não é, mas houve um tempo em que aquilo andou assim um bocadinho fora da família, mas agora está dentro da família, a casa da B., chamada a casa da B.!

Casa da B....

Casa da B., é a casa maior que há para ali naqueles arredores...tem um jardim lindo, não é, jardim lindo... e então depois tem quinta até ao Rio Pavia. Mas foi... fiz lá o liceu e foi muito bom, não é, porque estava em casa de uma tia que não tinha filhos, e era muito religiosa, e como não tinha filhos e era muito religiosa eh... dava almoços e jantares a padres e cónegos e assim de lá da igreja! Um deles foi meu professor, o cónego F.C., foi meu professor, e outro foi bispo, D.C.... muito bons, muito simpáticos, e foi, conheci-os todos lá de casa da minha tia, que não tinha filhos e então achava graça dar alimento a esses

senhores que eram muito religiosos e ela era, aliás, também muito religiosa... dez filhos, que a minha tia teve! Um deles foi engenheiro e foi director do caminho de ferro de Vale do Vouga, que agora não existe! Há coisas que a gente não entende! Aquele caminho de ferro de Vale do Vouga é tão lindo, tão lindo, tão lindo, passava por terras tão interessantes, mas agora... julgo que acabou! O Vale do Vouga! Não tem ouvido falar?

Não!

Não? Pois é eh eh eh (riem ambas)

E na altura em que estava em Viseu vivia só com a sua tia. E o seu pai? Não estava lá consigo?

O paizinho... não, o meu pai era médico em S. Pedro do Sul...

S. Pedro do Sul, mantinha-se lá em S. Pedro do Sul...

Chegava a lá ir muitas vezes mas não... dei-me com muita gente lá em Viseu! É uma terra simpática, até, uma gente simpática... de uma maneira geral.

É sim senhora.

A minha avó teve três filhinhos, não é? Filhinhas andaram naqueles colégios bons, não é, daí que depois relacionaram-se com muita gente também boa, lá de Viseu, não é, foi interessante, muito interessante!... Graças a Deus!... Foi tudo bom, foi tudo bom...

Uma vida óptima!

Vim para Coimbra, e pronto!

E por cá ficou, por cá se apaixonou, não é? Eh eh eh (riem ambas)

Foi bonito, foi... essa coisa do marido foi muito interessante...

Como é que foi?

Eh... ele era militar, o meu marido, era militar, e eu já era professora, mas ele olhe: encantou-se comigo e não me largou... E fez bem porque ele foi um bom marido! Muito bom, muito bom, era assim uma pessoa... dava banho aos meninos, poucos pais faziam...

Porque na altura, para um homem...

Dava banho aos meninos... depois sempre muito, muito bom, muito bom. Era muito querido... ele era oficial, não é, em St.^a Clara, foi lá o comandante, foi lá comandante, mas os soldados gostavam imenso dele. Dantes os oficiais tinham os impedidos, tem ouvido, não tem ou não?

Sim...

Uma espécie de criados, não é? E como tínhamos aqui a quinta, grande, que era boa para cultivar – e dantes estava cultivada e agora não está nada! – então tínhamos esses impedidos que cultivavam isto tudo. Aqui tínhamos tudo: tínhamos batata, tínhamos milho, tínhamos tudo na quinta! Ai, como as coisas mudam! É uma coisa extraordinária. Mas é, os impedidos adoravam, gostavam muito do meu marido, de maneira que tínhamos sempre esses criados, davam-nos muito jeito. Até p'ra fazer compras, fazer compras na cidade, dava muito jeito, muito jeito... Ai, meu Deus!

A Dr.^a V. casou-se com... casou-se com...

Com... tri...nta e dois anos, parece que foi eh eh eh (ri). Olhe, estava jovem...

Exactamente...

É extraordinário! É verdade, estava jovenzinha, fresca como uma alface

Eh eh eh (riem ambas)

Pois foi... muito interessante, graças a Deus, toda a minha vidinha foi boa, e então o meu marido, seis anos como Governador Civil, não foi brincadeira nenhuma.

Governador Civil aqui em Coimbra?

Ah?

Aqui em Coimbra...

Em Coimbra, foi Governador Civil, seis anos. Depois tinha muitos amigos... o meu marido também tinha um feitio especial. Dava-se bem com toda a gente, e tudo, mas... tinha assim amigos de famílias muito boas, muito agradáveis, muito bem educadas... enfim, de maneira que... mesmo já depois de casados nós davamo-nos assim com pessoas importantes... os Condes do A., tem ouvido falar, não tem?

Sim...

A condessa... eu julgo que tenho aí retratos, com a condessa do A.. Era muito simpática e muito boa, muito boa para os pobres, um encanto. E... então eu dei-me muito bem com essa senhora, com a condessa do A.. Agora, a casa da... como é que se chama aquele casarão enor...me, na B., agora é tribunal, parece-me que é tribunal...

Ah! Já sei...

Eram as casas do conde do A..

Aqui, condes de F., nesta casa grande que aqui há perto...

Aquela ali, por trás, não é?

O condes de F., e então havia os condes do A., mas essa condessa do A... eu tenho o retrato... era um encanto de senhora, muito, muito boa, muito simpática, a condessa do A.. (Procura numa gaveta) Eu devo ter p'raqui retratos e mais retratos... Eu tirei muitos, muitos retratos... mas agora aqui não estou a ver nenhum. Aqueles ali...

São mais antigos...

Aqueles ali são do meu casamento eh eh eh (ri)... em S. Pedro do Sul.

Ah, casou-se em S. Pedro do Sul...

Sim, casei-me em S. Pedro do Sul e... então... ali já é com os filhinhos todos. A G. tem agora 60 e tal anos é a que está sentadinha no chão. Vestidinha de branco...

Sim, sim

Eh eh eh (ri) eram uns aninhos grandes, eh eh (ri)

Mas a que está sentada no chão é sua filha?

Ah?

É filha a que está sentada no chão?

É M.Al. é o nome de uma madrinha que é irmã do meu pai, M.Al.. É o nome de uma princesa qualquer, isso diz respeito a políticas, não é? Já não sei bem essa princesa M.Al. de que partido era, sei que por ser daquele partido, demos o nome

Decidiram dar o nome...

Eh (ri) M.Al. não há muitas M.Al....

Pois não!

Não há, eh (ri) por uma questão política que puseram o nome mas ela não estava cá quando... agora veio. Pois já não estava...

Portanto, é a filha mais velha?

Ah... a mais velha é a A., são ambas muito boas, um encanto, filhinhas muito boas, filhinhas e filhinhos também....

Quantos filhos teve? Teve seis não é?

Seis!

Quantas meninas e quantos meninos?

Duas filhinhas e quatro rapazes.

Quatro rapazes

E são todos muito bons, muito bons, muito bons.....

Um pai maravilhoso e um marido maravilhoso, oh, oh, oh, e uns filhinhos também, maneira que só tenho que agradecer a Deus, eh eh (ri) tanta coisa boa que me deu! Isso é verdade! E agora é aqui esta calma este sossego.... do penedo da meditação... já foi ao penedo?

Já, já é lindíssimo!

É curioso aquele...

Aquele vale, não é?

É o terreno, não é vulgar... no penedo da saudade, também há uma coisa parecida, é uma coisa abrupta....

É!

Como é que a natureza fez uma coisa destas?!

E aqui no meio da cidade não é?

Eh, eh, eh (ri) Olhe, eu agora com os filhinhos tenho andado assim a passear....por este, esta região, não é...e ...e é dá gosto andar..... por estas estradas fora.

Tem passeado muito?

Muito! Os filhinhos são muito bons! Levam-me ali, levam-me acolá...

Exactamente

Eh, Eh (ambas riem)

É realmente agradável!

Tem quantos netos?

Ah?

Quantos netos é que já tem?

Netos...são treze...eh, eh, eh (ri)

Treze netos...E quatro bisnetos... ou cinco bisnetos... é assim uma coisa, agora de repente, eh... não me... não me lembro. é assim! Só tenho que dar graças a Deus, mais nada. De estar sem dores, sem dores, isso é que é preciso!

Isso é que é bom

Nada me dói!

Nunca teve uma dor?

Desde a cabeça aos pés! Nada me dói, é que é extraordinário! Muito bom, muito bom...

Nunca esteve doente?

Ah?

Nunca esteve doente?

Não, não... é espantoso eh, eh, eh (ri)

Chegar aos 104 anos sem estar doente e sem ter dores, Dr^a V.!

Nunca tive uma dor! É espantoso!

Espectacular!

É realmente uma coisa...extraordinária...eh, eh, eh, (ri)...é como já mais ou menos lhe contei não é? Desde menina sempre com coisas... uns familiares maravilhosos, uma família maravilhosa.... Tios, primos tudo bom, tudo bom, maneira que... agora, agora tenho também netinhos, ah, também já são tantos, já não sei quantos já são

Mas estão cá por Coimbra?

No outro dia já sabe que nos juntámos todos? Fomos almoçar aqui perto!

Foi?

Uj! Ah! Não sabia?

Não, não sabia...

Ui! Fomos aqui a um restaurante eh.... Conhece... como é que chama, acima...vale de canas...

Sim!

E depois de Vale de Canas, pouco depois, há um...hotel, ou melhor um restaurante, isso é que é.... Porque não tem quarto de dormir, é só...de comida... no restaurante, mas é uma coisa enorme! Tem uma sala de jantar, uma coisa enorme, não é! E então fomos, a família foi toda lá... almoçar! Um almoço muito agradável e aquele gente também muito simpática! Todos muito simpáticos... e foi, foi um encanto, não é? Almoçar lá, eh, eh (ri)

Quantos eram?

Ah?

Quantos eram?

Quantos eram ?

Sim

Quase cem! (ri) uma quantidade enorme...

A família toda

Não me recordo já quantos eram... agora não viu as minhas filhitas ou viu? A A. e a G..

Quando elas vieram agora cá a casa?

Pois

Vi

Elas também foram...

Mas estas duas filhas estão cá em Coimbra?

Sim, a G. ainda é professora, no liceu Maria Amália, onde eu também fui professora trinta e tal anos... foi uma coisa, fui lá professora muitos anos

No liceu Maria Amália?!

No liceu... D. Maria!

Ah, D. Maria!

Enganei-me...

Ai, foi professora no D. Maria?

Fui professora, 35 anos que fui professora,

De Físico-Químicas?

De ciências Físico-Químicas... sabe dantes era completamente diferente de agora...porque as alunas, eram amigas das professoras, tive alunas encantadoras! Muito amigas, não é? Agora são assim um bocado, frias não é? É diferente, muito diferente....Eu tive realmente alunas encantadoras, encantadoras! Felizmente! Alunas muito boas e muito espertas. Algumas seguiram um caminho bom, um caminho.... Formaram-se e... ainda nos encontramos.... Foi muito agradável! Coimbra para mim, (começa a cantar) "Coimbra tem mais encanto, na hora da despedida" eh, eh, eh, (ri) (continua a cantar com melodia a canção que iniciou com a letra) Isto é uma cançãozinha de cá.

E quando esteve na faculdade, na Universidade também cantava em algum sítio especial, ou ...

Sim eu sobretudo cantava na igreja...

Na igreja!

Na Sé Velha, não era na Sé Nova, na Sé Nova não!

Na Sé Velha.

Na Sé Velha, eh, eh, eh (ri) e o marido já me lá ia... não, o marido ia-me ouvir cantar era na igreja de Sta Cruz.

Ah!

Também cantei na igreja de Sta Cruz! Eh (ri) e ele ia-me lá ouvir cantar... eh, eh, eh (risos) o marido...

Como é que se conheceram?

Eh! Agora assim de repente... não sei... havia uma colega... que se dava muito com a família dele ... e... não sei se... foi por intermédio dela ... que eu fui a casa deles... eu lembro-me... lembro-me de eles estarem a jantar e eu ir para a sala sozinha, tava ali sozinha, e ele de vez em quando vinha ter comigo... não sei, bem já como eram essas vidas, sei que tinha um piano, tinha uma irmã que tocava piano... mas,... já não me recordo bem, não... eh, eh, eh (ri) sei onde é a casa que é... há a praça da república, não é?

Hum, hum, exacto

Depois há aquela que vai para os arcos do jardim

Sim...

E logo... a quarta casa que se encontra quando a gente vai a subir à direita é a casa... que era dos meus sogros... a casa dos meus sogros.....é verdade... foi uma coisa... Um...um amor verdadeiro... lá isso foi... porque o meu marido foi um bom marido...um bom pai... com uma paciência, dava banho aos filhinhos, nem todos os pais têm essa paciência, não é?

Exactamente

Ele é que dava banho aos filhinhos, sempre, um bom marido e um bom pai, foi, foi... graças a Deus! Ah (suspira) É eu, eu, devia ter uma ampliação (a falar de uma fotografia do marido) mas não tenho, está ali um retratinho dele no piano (foto em cima do piano), não é? Ao pé do meu... mas eu... gostava de mandar fazer uma ampliação... (suspira)... Aquele armário (aponta um armário ao fundo da sala) é eh, como é que se...estilo renascença e era meu em solteira eh, eh, eh, (ri) julgo que o comprei no Porto mas não tenho bem a certeza... mas é estilo renascença

Tem aqui uma casa toda gira!

Ah, eh (ri) as cadeirinhas também eram minhas de solteira

Também?

Aquelas cadeiras pequeninas, é, é, tem um estilo engraçado... ..eram coisas com mais de 100 anos, uma boneca que era...eu já não sei de quem era aquela boneca...

Aquela que está ali...

Aquela que está em baixo...até tem uma perna partida coitadinha, tem, tem, também já não sei de quem era aquela boneca... a minha cabeça agora está assim, não é? São coisas que têm mais de 100 anos, muita coisa com mais de 100 anos...

Muita história que está aqui nesta casa!

Ah?

Muita história que está aqui nesta casa!

Ah, sim, eh, eh, (ri) mas sabe eu, trabalhava muito, sobretudo no liceu, eu além de ser professora de física e química, tinha alunas de trabalho manual...

Ah!

E então... trabalhavam... em barro! Trabalhavam em barro e fizeram coisas, realmente, muito lindas, há ali coisas feitas por elas em barro, pelas minhas alunas... está ali, não está ali um menino Jesus? Que está a ser...

Em barro branco?

Adorado pelos reis magos e por ah ah santa Nossa Senhora e o São José, eh, eh (ri)

Foram elas que fizeram?...As suas alunas?

Hum...não aquelas fui eu que fiz

Ai, foi a Drª V. que fez aquele presépio?

Fui, fui,... (ouve-se mal)... eu vou ali...(não se percebe)... eu trabalhava muito no barro, muito!... isto é de certeza feito por mim...

Ah, que giro! Muito bonito!

(...não se percebe)

A senhora é uma mulher super talentosa!

(risos)

Faz barro, canta, toca piano,...

Tudo isso era quando eu tinha jeito! (não se percebe) Paciência! Paciência!

AH, ah, (Risos)

Isto era ... (não se percebe) o que eu fazia..

Espectacular!

Tive muitas! Ai, a certa altura ... (não se percebe)

Muito giro! Muito jeito!

Ah, Ah (risos)

Olhe há ali uma coisa pequenina É o...o...o...

Aquele homem...

Aquele homem... é o...é o.....

Zé povinho, representa o Zé povinho

O Zé povinho não, é o.... Ai como é que se chama! Ai! Esqueci-me!

Deixe estar..

Não me lembro! É uma coisa... vulgar cá em Portugal, mas agora não me recordo

Não faz mal

Aqui também estas... (não se percebe)... aconteceu-lhe ali qualquer coisa

Ah...

Nem sei o quê.....Eu tinha jeito para moldar... tinha um jeito...

Muito jeito!

Eh eh eh eh eh (riem ambas)

Mas aquele, aquele não teve problema com a lavoura, aquela...aquela coisinha pequenina...

Hum, hum

Esqueço-me dele...ai como é que se chama?!

Não se preocupe porque daqui a um bocadinho vem-lhe o nome à cabeça!

Pois é .!!... É do povo! É do povo!

Zé do Povo?!

Zé do...

Não é Zé Povinho?

Ah.. É, É ! Oh, vá-mo dali tirar!

Quer que eu o tire?

A ver se eu me lembro...mais...

Está a comer a sopa? parece-me...

Não nãoé, mas isto é uma coisa antiga, muito antiga, muito antiga...

(não percebo o que eu digo!!!)

Já é uma longa história (risos)..já não me recordo...olhe aquela coisa do meio também é interessante...aquilo foi dado aos filhos... foi, foi, eh, e é isto aqui...por uma amiga...

S.G.! Há cá em Coimbra uma, uma rua chamada S.G.!

Há?Não sei

Não?

Não sei

S.G. (não se percebe bem, ruído) ...e então esse S.G. era poeta... ai uma "pessoa" importante cá de Coimbra, não é? Tinha muitos filhos e queria que eu casasse com um dos filhos...

Eh, Eh! Queria que casasse com um dos filhos dele.

Ai! (riso)

Mas a Dra V. não estava para lá virada, não era? (risos)

Não estava para lá virada (diz a frase a rir) Eu gostava muito daquela família porque foram sempre..., quando eu fui calóira e tudo, foram sempre muito bons para mim, mas lá para casar com um deles é que não, (ri)

Como é que era o tempo da universidade nessa altura?

Como?

Como é que era a Universidade nessa altura?

A Universidade....ah, hu..os condescípulos, tínhamos condescípulos, muito delicados muito...agora sei lá , tratavam-nos com toda.. a delicadeza.

Era?

Era, era,

Mas....

Condescípulos muito bons.....foi agradável..

A Dr^a V. deveria ser das poucas mulheres na Universidade nessa altura, não era?

Se havia poucas?

Hum, hum

Sim, aí isso havia poucas, sim não havia muitas, agora, agora quase que há mais mulheres do que homens!

Em alguns cursos é!

É extraordinário! (ri)

Há bocadinho disse-me que o seu marido era militar

O meu marido era militar...

Hum, hum

Mas ele chegou a estar em alguma guerra?

Ele andou, andou, andou e... andou a ajudar os ingleses.. de tal maneira que quando cá veio a princesa M. deram um jantar em Lisboa...

Hum, hum

E, e o meu marido foi convidado...e eu também! Estava ao lado, estava ao lado do Champalimau, ah! (ri) pouco simpático!

É?

A mulher era muito simpática, agradável, mas ele era assim... (faz uma careta de antipática)

(ri) Fiquei mesmo ao lado do C.! (tom de gozo), até foi azar, eh, eh, eh, eh (ri muito)..

Aconteceram-me coisas muito engraçadas... já depois de casada...houve coisas muito curiosas (ri), essa foi uma das boas! Ao lado do C., eh! Quando cá veio a princesa M. de Inglaterra!

E foi em que ano, mais ou menos?

Eh,...em que ano seria? 1900 e ...não me lembro bem...

Hum, hum

Não me lembro bem!Podia.. ver a idade, não é, procurar aí coisas

Mas assim de repente, não me lembro bem (ri) quando cá veio a princesa Margarida!

Mas nessa altura o seu marido esteve na guerra?

Hummm....

Ou não chegou..a participar?

Hum, as últimas coisas hum, não... ele esteve ...ele ajudou os ingleses...

Os ingleses

Mas, mas, mas, não, já não... me recordo bem...agora estou com a cabecinha um bocadinho tonta

É?

(ri)

Quer parar Dr^a V.? Quer parar? Está cansada?

(ri muito)

Hum

(continua a rir) Diz que recordar é viver! (ri) eu realmente passo muitas horas da minha vida a recordar, eh, eh, porque vale a pena,

Vale a pena, no seu caso vale a pena recordar, não é ?

Pois...foi, foi, foi uma vida muito linda, a minha vida! Um pai maravilhoso, não ée um marido maravilhoso também.. oh, oh e graças a deus os filhinhos também são bons! E os netinhos também ! eh, eh, eh, eh (ri muito)

Só sorte! Só coisas boas!

Que..tão lindinhos! Lindinhos! Os netos e os bisnetos! Têm muita graça!

(silêncio)

É, é, eu...tenho... um passado bom para recordar.... S. Pedro do Sul! Para mim é uma terra!

Marcante!

Encantadora! Encantadora! Ainda agora se agente passar.... Atravessa-se o rio Vouga..e o, o, em, em, S. Pedro há um afluente do Vouga, Sul, chama-se rio Sul,...e então agente passa esses dois rios e vamos para aqui para um S. Pedrozinho está aqui e depois agente vai para aqui por uma escada onde se vê muito bem S. Pedro do Sul, não é, que lindo não é?! É um encanto, mesmo...nem todas as terras têm assim, uma vista como aquela, é um encanto! E por aqui passa então o rio Vouga! E aqui vem um afluente, o rio Sul! É mesmo aqui em S. Pedro que eles se juntam, é engraçado! (ri)

E era aí que também andava de barco?

Também, muito, muito, muito,... o meu pai gostava muito que nós nos, hum, nos desenvolvêssemos, não era só....tinhamos professor de ginástica e até por vezes o meu

próprio pai nos ensinava ginástica, ensinava-nos ginástica,mas... tive uma mocidade muito boa, muito boa, é extraordinário por ter ficado sem mãe, não é? Muito novinha!

Exactamente!

Mas que os tios e parentes tudo, (toca o telefone, interrompemos)

Uma família de gente tão boa, tão boa, tão boa, tios e primos! Tudo bom, tudo bom, não é!

E a minha mãezinha morreu quando eu era pequenina...podia ter ficado....mal, mas um pai extremoso, tios maravilhosos! Olhe foi uma maravilha! É de agradecer a deus, agradecer muito a Deus,....não sei onde é que tenho...

Quer um lenço?

(procura lenço) não tenho aqui... não tenho, não faz mal.

Tem aqui

É uma questão de ir lá cima (vê, então um rolo de papel higiénico), pronto já está, pronto, já não é preciso mais nada.

Não?

Não

(silêncio)

Sim senhora,

É, é uma vida interessante, em S. Pedro um pai maravilhoso, não é ?

Como é que se chamava o seu pai?

J.F:A., J:F:A.

Hum, hum

Ali...ali.. já vem não é , no livrinho já vem, o nome dele

O nome do seu pai?

O nome do meu pai...

E este livrinho é sobre o quê?

Hum?

É sobre o quê este livrinho?

Isto é sobre ...antigos....reitores

Ah! Reitores da Universidade!

Antigos reitores , hum, (procura algo no livro, mas este está virado do avesso) Ele também foi presidente da câmara, presidente da câmara! Isso é que ele foi... como é isto...é curioso!...não percebo!

O quê , o que é que está à procura?

Há, hum,

está a procurar o índice?

O quê, não está aqui indicado nada, pois não, aqui é o meu bisavô, não é o meu pai

hum....pois é, pois é,....atão como é isto,....atão há aí um livro em que vem o retrato do meu pai

É aquele senhor que está ali, não é? (aponto para um retrato na parede)

É, é aquele é!

Aquele senhor com o chapéu

É, é muito lindo!

Hum, hum,

Por acaso! Ah, ah, ah, uma vez uma velhinha...quando ele estava no Estoril, já, já estava quase que na, na reforma, não é?

Hum, hum

Mas o o ele estava lá , num, restau num hotel, convivia com pessoas e tal e depois uma velhinha voltou-se para ele " o senhor é muito bonito!" (ri) Uma velhinha podia dizer (ri) mas foi verdade Disse que ele era muito bonito! (ri) tem graça,....mas realmente, não era só lindo era bom ! A questão é essa, a beleza está em segundo lugar, (ri)...Pois é! Não sei o que é que eu...

Aqui só estão os seus bisavós

Aqui é bisavô, é bisavô, (não se percebe, mas há risos)

E chegou a conhecê-los? Os bisavós?

O meu bi, eu não,

Não?

Não

Não chegou a conhecer, só os avós?

Avós mesmo, hum, Canavalsse, hum conheci em muito piquinina.

Hum, hum

Passamos por, por Viseu quando fomos por S. Pedro de Sul porque a minha mãe foi professora numa terrinha que não era muito longe daqui, Pedralva! É uma terrinha chamada Pedralva e a minha mãe foi professora lá..não tinha curso nenhum! Mas era bisneta de um que foi lente cá em Coimbra e só isso resolveram era ser lá professora mas foi durante pouquinho tempo. E depois foi atão para S. Pedro, ah, ah (ri) a minha mãe.... Tocava piano...era (não se percebe bem) toca piano e fala francês eh, eh, eh (ri muito)

Risos de ambas

A sua mãe tocava piano?

Também ,também, também tocava, tocava piano,...era bonitinha, bonita! Ah... pois é eu tenho uma ligação enorme a Viseu e a S. Pedro! Não é só a Coimbra!

Para Coimbra, só veio então, quando veio para a Universidade?

Com 18 aninhos.

Com 18 anos.

18 anos...

E depois ficou cá

(fala ao mesmo tempo que eu) eu ao início queria ir para Londres aprender inglês mas o meu paizinho, "não, não é melhor ires para Coimbra tirar o curso" eh, e depois uma sorte não é? Aqui foi só tirar o curso com gente muito boa, não é ? Então quando o meu marido foi governador civil isso então, eh eh (ri)

Conheceu o seu marido com que idade?

Hum?

Com que idade é que conheceu o seu marido?

Em que o conheci...já não era uma criança, para aí trinta e um anos

Conheceu-o com 31 e casou-se com...

Parece que me casei com...eu parece que me casei com 32.

Sim, há bocadinho disse-me tinha casado com 32; mas namorou antes com ele, antes de casar namorou

Ah pois (ri) era assim, ioa para casa dele, ainda está a casa onde ele vivia, os pais e eu ia para lá e depois à noite iam me levar a casa, a mãe acompanhava-me e ia-me levar a casa. Foi sempre tudo muito na ordem, tudo muito bem! Ah!

Está cansada Dr^a V., está cansada?

Eu , cansada, nem por isso, não.

Não sei, por estar muito tempo a falar.....

O corpo não, o corpo,.....estou....

Está rija!

(ri) Aí, que engraçado... é , é ,,,,recordar é viver! Realmente a minha vida tem sido interessantíssima, apesar de ter ficado sem mãe em pequenina! Mas, foi tão acarinhada, tão acarinhada, pelos tios, pelas tias, e um pai maravilhoso! Foi uma vida linda, linda, linda, linda,..... era assim, nós.. só íamos a casa dos Viscondes, dos Condes e marqueses, marqueses de "E." (não percebo) não porque não (não percebo), o D.!, o D. era o marquês de E., rapaz que andou aqui a estudar e com quem eu dançava ali no tiro e sport

Aonde? Aonde é que dançava?

No tiro e Sport. Que era onde havia festas e.. um clube...

Hum, hum

Um clube, tinha uma parte na rua da Sofia e outra parte ali em Celas

Ah! Ia para lá dançar?

Ah, fartei-me de dançar!

Ambas riem

Com o D...

Com o D.?

O D. era o Marquês de ...como é que era, M. de....ah, ah, ah, (ri muito) ai que vontade de rir! Esqueço-me do título. O D. era muito bem educado, muito simpático, e até se deu bem com o meu marido foi sempre muito amável para o meu marido, o D.! Ai que graça! (risos) E e em Coimbra, com a amiga maravilhosa que tinha o tio, ah, como é que ele se chamava...o senhor...olhe não me lembro de repente, lente! Maneira que nós, olhe é a tal história podíamos ir para a sala dos capelos..

Exacto

Íamos para as tribunas quando havia.... coisas, sabe o que são as tribunas? Estes camarotes na sala dos capelos

Hum, hum

E nós íamos para ali, em caloiritas, íamos para ali! Porque a minha colega e grande amiga era prima de um lente, maneira que...

Então podiam ir para lá

Pois, eh (ri)

E essa sua colega e grande amiga também estava no mesmo curso que a dr^a V.?

Sim, sim, no mesmo curso

Em Físico-Química?

Ela, ela casou com um rapaz... S.? Como é que ele se chamava... ela era muito linda!

Transcrição da 2^a entrevista

Foi mas é fazer uma, uma represa..., não é?... no rio Vouga

O seu pai mandou fazer uma represa no rio Vouga?

No rio Vouga, no rio Vouga, pois foi! Olha o Vouga entre verduras! (declama) Já estava não é?

Já contei, eh?

(continua a declamar) Onde vai devagarinho, eh, eh, parece que vai pasmado de ver tão lindo caminho! Eh, eh, o rio Vouga! Onde eu tomei muitos banhos quando era novinha! É um encanto aquele rio, realmente! Muito bom! E S. Pedro do Sul é lindo! Conhece?... S. Pedro do Sul?

Não conheço muito bem S. Pedro do Sul.

Não! Ai! É de rios, há a confluência entre dois rios: o rio Vouga e o rio sul e é mesmo ali é que convergem, ali naquela vila, é engraçadíssimo! Maneira que....desde muito novinha eu andei a a tomar banhos no rio, no rio e então andar de barco! Isso nem se fala! Não é? Andar de barco, a remar, a remar! Isso é... poucas meninas tiveram...

Tiveram assim uma infância, não é?

Como eu tive, poucas meninas.... E então já sabe que com o meu pai médico, isso foi extraordinário, não é? Andarmos a cavalo! Quais eram as meninas que andavam a cavalo atrás dele? Eh

Que idade é que tinha nessa altura dr^a Virgínia?

Quando andávamos nos cavalinhos?

Sim

Eu sei lá...! Eh...era muito novinha! Era muito novinha, era! Eu digo que já desde os oito anos já eu, já eu andava a cavalo.

Não, mas quando começou a andar a cavalo?

Quando comecei?

Quando era pequenina?

Muito pequenina mas, hum... talvez assim os meus oito anos! Mas não tenho a certeza!

Eh,eh,eh (risos)

Mais ou menos oito anos, não é ?

Mais ou menos oito anos. Íamos para Manhouce atrás do meu pai! Manhouce que é a terra das cantadeiras! Que é uma terra célebre! As cantadeiras de manhouce.

Hum, hum

Eh, eh,

E foi lá que também cantou?

Como?

Foi lá que também começou a cantar nos coros?

No?

No coro, foi lá que também começou a cantar?

Em coro! Não, não...

Não

Em coro não, não

Mas, mas chegou a cantar no coro da igreja!

Ah, isso muito! Muito! Então cá! Até em Coimbra! Quando fim para cá, oh, oh! Tinha fama de cantar...na Sé Velha e o meu marido, quando era noivo ia-me ouvir cantar! Ah, ah, ah (muitos risos) Ai, que graça! É, é eu para cantar foi extraordinário, não é? Ah, era... tive, tive uma mocidade muito, muito especial... porque não tendo mãe era para ficarmos mal, não é? Assim, sem mãe, mas quê?! Tive um pai maravilhoso e tios e primos! Tão bons, tão bons! Que eu não...não sentia falta da mãe, não é! Não sentia, tal foi o mimo que me cercou,

sempre! Que eu não sentia falta da minha mãe, não, não! Ainda me lembro dela! Ainda me lembro dela, mas não...não senti a falta, não.. Foram todos muito bons, muito bons, Exactamente porque não tínhamos mãe, é que nos acarinhavam de uma forma especial

Claro

É, é, por não termos mãezinha! E...S. Pedro do Sul é uma terra muito linda! Conhece? Ai Jesus! Quem me dera levá-la lá!

Eh!

Ai, meu Deus! Não conhecer S- Pedro é uma peninha! Eh, eh, eh, eh, é a tal história..

Descreva-me lá S. Pedro

Olha o Vouga entre verdura, como vai devagarinho, parece que vai pasmado de ver tão lindo caminho, pois é ! O rio Vouga, um encanto, é um encanto! (ri)

E tinha lá amigos em S. Pedro?

Ah?

Tinha lá amigos, na altura?

Eh, eu tenho lá parentes

Parentes

Tenho, tenho, tenho lá. Até há lá uma prima, ou sobrinha, sobrinha que tem a casa onde o meu pai viveu, e eu também em pequenina, não é? E agora é desses primos, mas dão-nos o direito de ir lá passar o tempo que agente quiser! É curioso, não é? E fica ao pé do...jardim que o meu pai mandou fazer, quando foi presidente da câmara.

O seu pai, então foi presidente da câmara de S. Pedro do Sul...

De S. Pedro do Sul

E era também um médico...

Era médico do Hospital

Do hospital

Do hospital, director!

Era director do Hospital

Director do Hospital. Sempre muito querido..de...todos, era muito bom!

(batem à porta) Ah, que será? Quem será?

(era o filho, dono de um centro hípico, explica-nos)

Em, em, Ceira, onde ele vive agora, ainda, não é?

Hum, hum

Em Ceira, mas depois vieram "pouquechinho" (não se percebe bem) era pequenino e então... foi para o centro hípico que agora serve para os meninos, meninos e meninas! É uma loucura! Nunca foi ao Centro Hípico?

Não aqui em Coimbra, não

Ai! Oh! (fala para o filho) Oh, Nuno, esta senhora nunca foi ao Centro Hípico...esta menina,...não é senhora!

(Risos)

É casada ou solteira?

Solteira

Solteirinha, pois! Olhe que eu só casei aos 32! E ainda tive seis filhinhos!

E fez muito bem!

Ai muito bem! (risos) (mostra fotografias dos filhos) Este é o N., é o N. este é o filho que é arquitecto

Quem?

Este arquitecto, trabalha no Porto.

Hum, hum

Este é que é então o seu filho que está no Porto?

É um que está no Porto, arquitecto... tem sido...ele é...uma coisa, vem cá Com uma frequência e leva-me a passear, leva-me a passear, uma bondade!

(entra na sala a empregada carregada com um cesto de lenha para a lareira)

Ai, coitada, é demais, é demais, pois é (continua) este é militar...

Portanto, este aqui é o que está no Porto

Este é o que está no Porto, este, e e

Este é o militar?

Militar e então é o pai dos meninos que andam cá....o pai dos meninos que andaram cá a estudar, na universidade. A A.(continua a descrever a fotografia), Que já é avó, eh, eh, eh, e a G., a mais novinha!

(intervenção da empregada) Então e aquele quem é?

He, este é o meu filho N..

(empregada) É o sr. N.?

É, É

AH! está tão diferente!

Eh, eh

Então, e o Dr. A.e é este, o Dr. A.? É D. V.? É este, não? O Dr. A., o que esteve cá agora?

(empregada)

Não.

Ah, A. é aquele! Ah! (emp)

É o P., o P., este é o Gi....é o arquitecto

É o sr. Arquitecto? (emp) Ai que diferentes, que diferentes que eles estão!

Esta é a A.

Pois a A também é muita linda (emp)

E a G....

Ah!

Graças a Deus vieram perfeitos!

Foi a filha que esteve cá na semana passada, não foi?

Sim,sim,sim, a mais magrinha porque a mais gorda é a A. (emp)

Seis filhos, todos um encanto!

Estão todos muito diferentes! O meu marido (quando a emp. aponta para outro retrato)

Ai é?! (emp)

O meu marido!

Ah! (emp)

Mas aqui parecia mais velho do que era

Pois parecia, pois parece (emp)

É, é, o cabelo assim branco e tal... mas não estava assim... não estava assim...

Mas aqui estão sete!

Sete quê?

Sete filhos!

Não...

Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete!

Seis filhos!

Sete, então tem aqui sete! (emp)

Então, este é o sr. N. (emp)

O N., o P., o Gi., o A. e a G.

Então e esta? (emp)

Ai, e a A.,

E esta quem é? (emp)

Não, esta sou eu!

Ahhh! Atão e esta? (emp)

A minha sogra

Ah! (emp)

A mãe do meu marido.

Tá bem, a sr^a era muita linda! (emp)

Eu estou aí gordinha!

Gordinha, linda, ah! Com uma pernoca toda jeitosa! (emp) Por isso é que o marido andou sempre a piscar-lhe o olho! Quando a senhora estava a cantar nas igrejas! (emp)

(risos)

Ah! Então esta era a sogra da Dr^a V.!

A mãe do meu marido!

Pois

Ela tem um nome engraçado, G.!

G.

G.! É muito engraçado (risos)

(não se percebe bem) Foi aqui...

Aqui já nesta casa?

Vimos para aqui por causa de não fazermos barulho ao P.Q.

Ao P.Q.?

P.Q., é conhecido!

Pois, claro

Ele vivia ao pé de nós, os meninos faziam muito barulho e ele queixou-se

Ah!

Do barulho que os meninos faziam, era uma risota, eles eram muito garoteiros, muito brincalhões, então por isso mudámo-nos de casa

Ah, então por isso é que vieram para esta casa!

Eh, eh, pois foi! Mas foi uma bela ideia porque aqui tem sido um lar tão bom, tão bom..., nunca aqui tive doenças, eh, é um sitio realmente maravilhoso, é. Já foi ao penedo da meditação aqui?

Da meditação, já, já é muito giro, não é?

É fora do vulgar!

Aquela coisa abrupta! É uma coisa fora do vulgar...

E como eram os seus tempos de juventude cá em Coimbra?

Como?

Os seus tempos de juventude cá em Coimbra?

Ah, Faz lá alguma ideia!

Como eram?

Maravilhosos, porque tive uma amiga, que é a M.T., está ali o retratinho, que tinha um primo lente!

Exactamente

Com um primo lente, bastava isto! O que havia na sala dos capelos nós tínhamos acesso visto que o primo podia ir para as tribunas que são uma espécie de camarotezinhos que há, na sala dos capelos, há uns camarotezinhos em cima, e nós em pequeninas íamos para ali, não é? Porque, como, eh.. o primo era lente! Então nós íamos para ali, tivemos, assim, hum quer dizer, quando viemos para Coimbra foi assim uma coisa um bocadinho fora do vulgar. Fora do vulgar porque em S. Pedro do Sul havia uma senhora que era filha de um senhor. cá de Coimbra que nos acarinhou de uma forma assim, também, fora de vulgar. Coimbra, para mim, foi uma terra, uma terra maravilhosa, não é? Gosto imenso de S. Pedro do Sul porque é lindíssimo também, e gosto das pessoas de lá, não é? Mas Coimbra é uma coisa, eh, eh, eh (risos) para mim tem um encanto. (começa a cantar) Coimbra, Coimbra tem mais encanto na hora da despedida. Há assim esta cantiga, não é?

É sim, Senhora

(continua) na, na, na, não me lembro já dos outros refrões, (ri) Coimbra tem mais encanto, na hora da despedida. Eu, eu gosto muito de Coimbra, também. Conhece Sta Clara, não conhece?

Conheço

Sta Clara e ...Coimbra para mim tem histórias, é porque...

Conte-me lá algumas dessas histórias

Eu sempre desejava em ir para Londres porque tinha lá uma tia, mas o meu pai achou que era melhor eu vir para Coimbra para tirar o curso

Tirou o curso de...

Físico-Químicas

Físico-Químicas, mas na altura chamava-se mesmo curso de Físico-Químicas?

Chamava, chamava, e... e então, tirei as cadeiras, não é? Quando agente vai pra, Sé Nova, Sé Nova, à direita há um edifício enorme que agora é espécie de um museu e depois em frente tem um laboratório de química, que frequentei...

Sim, sim, exactamente

Assim com umas colunas!

Sim, sim, muito antigas!

Antigo! Calcorreei isso de uma maneira! Eh, eh (ri) Antigamente era calcorrear, não se andava... havia já, havia já, eléctricos mas eu calcorreava, até mesmo quando vim para aqui calcorreava para ir para o Liceu!

O liceu D. Maria

O liceu D. Maria, fica longe!

Pois fica!

Pois eu ia todos os dias! A pé! Eu julgo que é por isso que estou aqui!

Risos, Olhe que é bem provável! É bem provável Dr^a V.!

É, eu acho que sim,...o sitio daqui, também o sitio é especial, também é um ar muito puro, muito bom, não é?

Agora, já é um bocadinho mais poluído!

Ah, pois é, ui! Com os automóveis....

Passam a vida aqui a passar os carros....

Pois o que vale é o vento, que o vento ajuda muito a não vir para cima da casa

É, ainda há esse jeito! Mas, a, a é um movimento! Uma coisa! Ai, é demais!

É uma grande diferença dos tempos de agora dos seus tempos de juventude, não é?

Faz lá uma ideia! Eu posso levá-la lá acima para ver, do quarto, o antigo carreirinho, por onde se vinha ao penedo, não havia nada destas ruas, nada! Era um carreirinho assim muito estreitinho, só apenas este largo é que existia!

E, não sei se já lhe contei de um senhor que era assim, veterano, que se chamava veterano a esses estudantes antigos...

Hum, hum

E, quando nós chegamos aqui, e a minha companheira que era muito linda, disse, "olha não vamos ao penedo", que ele pode vir falar connosco e então...(ri) e ele vai assim: "ó minhas senhoras, o penedo da meditação é pra li" e essa minha companheira que era uma formosura, disse que nós não queríamos ir ao penedo, foi a primeira vez que eu quis ir ao penedo e não fui ao penedo! Para não darmos confiança...

Confiança ao veterano

É, é (ri), ai os tempos mudaram, tanto, tanto, tanto! Mas felizmente, realmente cá em Coimbra foi, foi maravilhoso, (ri) não foi só por ter o avô, o bisavô, reitor! Eu tenho aí o livro, já lhe mostrei

Já me mostrou, já

Com a carinha dele, eh, eh

Na altura em que a Dr^a V. veio para a universidade, nessa altura, ainda o seu bisavô era reitor, ou foi antes?

Não, foi antes, foi, eu tenho aí o livro do reitor

Pois tem, já me mostrou!

Eh,eh,(ri) eu não sei onde é que tenho isso.

Olhe e como é que era lá o tempo da faculdade? Eram poucas as mulheres, não eram?

Muito poucas, muito poucas, mas o que havia era um respeito!

Era?

Ai, os nossos condescípulos, um respeito que não é nada como agora, não é? É diferente! Tínhamos sempre amizade aos condescípulos, também, de uma maneira geral, mas eram muito, muito simpáticos os companheiros, eh, eh, eu vim numa altura boa!

Veio sozinha?

Não, com a Maria Teresa

Com a sua amiga

Com a minha amiga, na mesma casa, sempre! No palácio dos confusos.

No palácio dos confusos

Só queria ir consigo um dia ao palácio dos confusos! Vem-se da universidade por aquela ruazinha estreita, que vai à Sé Velha

Pois

Conhece essa ruazinha, não conhece? Pois é, essa é que eu calcorreei anos e anos, não é? Mas depois havia, a certa altura, umas escadinhas, e essas escadinhas iam então para um larguinho que se chamava Palácio dos Confusos

Exactamente

E, a e a casa onde eu vivi, tinha 3 cruces, 3 cruces assim de espécie, não é de cimento, essa coisa...ah, ah

Azulejo?

Ah,ah, azulejo, exactamente

Era?

É, é a casa das cruces! É para onde eu fui. Só me lembro, não é? que tínhamos possibilidade de ir para o último andar que era onde se comia, ah, a questão da condoria também, umas vezes vinham coisas de fora outras vezes era lá que se arranjava, enfim, tem muita história, mas finalmente, eu ia para o último andar e consolava-me a ver o rio! Era tão linda aquela vista! Do rio...havia vista do palácio dos confusos, o rio Mondego, ai é tão lindo, tão lindo, tão lindo!

E nessa casa também morava a sua amiga?

E morava a minha amiga.

E quem é que era o dono da casa?

Uma senhora, uma senhora velhinha,

Que alugava, portanto, a casa a estudantes?

Era, exactamente

Como agora

Havia lá rapazes...

Também havia rapazes?

E no começo eles comiam a uma hora e nós comíamos a outra, acabamos por comer todos juntos, eram uns rapazes muito finos, muito bem educados, maneira que, comíamos todos juntos... A Sé Velha... é muito linda, a Sé Velha, é um encanto, mesmo!

Há muita história ali na Sé Velha, não é?

Muita história, o meu marido ia-me ouvir cantar,

Na Sé Velha?

Primeiro era na igreja da baixa, Sta Cruz, que eu cantava lá e ele ia-me ouvir cantar e depois na Sé Velha, também, eh, graças a deus foi uma vida muito linda, eh, eh, eh, vale a pena recordar, não é?

Exactamente. Que idade é que tinha quando ia cantar para a igreja de Sta Cruz?

Ah, alguns 18 anos, 19, eh, eh, 19 anitos! Igreja de Sta Cruz! Feita de pedra morena! (começa a declamar) dentro de ti vão rezar, dois olhos que me dão pena! Antigamente era muito...os poetas eram muitos...faziam, assim, umas quadrazinhas, pronto, eh, eh, esta é...é da época.."dentro de ti vão rezar dois olhos que me dão pena" (repete em surdina) ah... mas a Sé Velha, realmente é muito linda! Muito linda, muito linda! E eu calcorreava aquilo tudo, eh, eh... mas é engraçado por termos, possibilidade de irmos pra...pra sala dos capelos, por essa minha amiga que tenho ali o retrato lindo, ser prima de um lente!

Hum, hum

Maneira que...nós íamos para as tribunas da sala dos capelos, têm uma espécie de camarotes chamados tribunas

Hum, hum

E nós íamos para ali,...Coimbra, encantou-me sempre, gostei sempre muito do rio, de... achei lindo sempre, Coimbra! Agora tem coisas muito modernas, mas ainda tem as coisas antigas, porque ao pé do jardim botânico, aquilo é lindo, não é? O jardim botânico é muito lindo! Ah, também tem muita história, muita! Ah,

Ainda continua a ter muita história, o jardim botânico...

Ah, ah, (ri muito) qualquer dia vou escrever, qualquer coisa, acerca da...da Coimbra, da velha Coimbra, eh, menina e moça! "não há terra como a nossa, não há no mundo outra assim!" Ah...muita gente se encantava com Coimbra, ainda agora, não é?

Ainda agora...

Ainda agora, mas para mim tem um encanto especial, não é? Por causa do meu marido ser comandante do, da artilharia de Sta Clara, não é?

Na altura em que conheceu o seu marido, ele era comandante...

Não era comandante ainda, era oficial.

Era oficial.

Oficial, e os oficiais, havia assim um dia na semana em que eles tinham que estar a dirigir aquilo tudo, não é?

Hum, hum

Os oficiais, maneira que, quando eu lhe disse que sim, ele acendeu as iluminarias do quartel, que só se acendiam no tempo da Rainha Santa.

Ah (risos)

Só nos dias da festa da Rainha Santa, é que à noite se acendia, quando eu lhe disse que sim a alegria foi tanta, que acendeu à noite

Acendeu logo

As iluminarias.... É que eu quando via as iluminarias acesas ria-me sempre! (ri) Achava graça!

Lembrava-se sempre desse episódio, não era?

Era, eh, eh, muita graça,...e só depois mais tarde foi comandante! Lá da artilharia, foi alguns anos comandante, mas foi sempre muito querido, os rapazinhos, os soldadinhos, gostavam muito dele! Gostavam, gostavam, ele era bondoso para eles, maneira que, foi sempre tudo muito bom. A Rainha santa!

Também costumava ir às festas da Rainha santa, a Dr^a V., não costumava?

Ah, sim, sim pois...procissão, a procissão, ainda agora.

Ainda agora....

Ainda agora, a procissão é uma coisa que tem....ainda hoje...tem valor, tem. E a baixa de Coimbra, agora, é que vai melhorar! A rua da Sofia...

Hum, hum

Há tanta casa, mas aquelas casas....têm um aspecto de...abandono, é pena! Aquela baixa de Coimbra, não está muito bem, não,

Pois não.

Não está!

Deviam restaurar as casas, não era?

É, é,agora há umas coisas que mudaram, não é? Estão a aproveitar, na baixa...foi uma sorte...vir para Coimbra....

Com que idade é que conheceu o seu marido?

Com que idade....olheé complicado....ele vivia na (não se percebe bem) era oficial, ...Sta Clara...e a idade que eu tinha?

Hum, hum

A idade que eu tinha...agora de repente, a cabecita está assim fraca, não é? Não me lembro bem...

Mais ou menos

Ah, vinte e poucos, vinte e poucos, vinte e poucos anos...ah,ah

Mas só casou aos 32.

Hum?

Mas só casou com 32!

Mas só casei com 32, ah, ah,....foi muito bem, muito bem...porque agora, hoje, casam com 18, eu tenho pena!

Pois

Casam cedo demais, não gozam a sua liberdade! (risos de ambas) Até tarde, eu foi sempre a gozar! A minha mocidade!.....tive muita, muita sorte, muita sorte, por causa da grande amiga, não é? que tinha o primo lente, não é? E isso, permitiu-nos muita coisa, gozar muita coisa que nem todas as raparigas puderam gozar! Agente também, estive com uma família fora do vulgar.... Família dos G.! A Dona I.G. que nos acarinhou de uma forma espantosa!

A família dos G..

G.!

Como é que conheceu essa família?

Ah, eram parentes da minha amiga que já cá tinham vivido em Coimbra e que os conheciam e, pronto, foram nos apresentar à casa dos G., sabe onde fica, não sabe?

Não

A gente está na baixa, depois atravessa-se aquele, (não se percebe), atravessa-se assim, um arquinhol!

Hum, hum

Aí...a meio da baixa há um caminho para a alta?

Hã, hã, sim senhora

Pois exactamente e até por sinal há assim, uma espécie de...casa que cobre o caminho, agente atravessa isso, e ao lado esquerdo vê-se assim lá para longe uma casa que era a tal casa dos G..

Acho que já sei onde fica.

Ah, ah

Acho que já sei onde fica

Casa dos G., ali fomos tão bem, tão bem tratados!

Mas nessa altura em que ia a casa dos G. estava a viver no Palácio dos Confusos, não era?

E depois íamos lá jantar a casa dos G. e depois os 2 G., o P. e o A. é que nos iam acompanhar a casa, não chegavam a ir mesmo ao pé da casa

Hum, hum

Perto da casa, ah, ah, ah, que engraçado

O P. e o...A.?

Ah?

O P. e o....?

E o A., é, é, (ri muito)

Mas eles eram vossos colegas na altura?

Não, não, já eram...

Ah, já eram...os donos da casa

Os donos da casa, os G. tinham uma irmã, dona R.G. que era casada com um ministro!

Hum

Eh, eh,... Dona R.G.! Foi sempre muito boa para nós, ai, tão boa, tão boa, o A. e o P....P.G., acho o nome engraçado, P.! Agora não se vê assim nenhum P.!

Mas ainda existe o nome

Ah?

Ainda costuma ser, relativamente comum, antigamente parece-me que era mais.

P., P.G.....Tratavam-nos com carinho, uma coisa! Ah, A M.T. era muita linda!

A M.T., que era a sua amiga....

Transcrição da 3ª entrevista

(no jardim)

De vez em quando há aqui grandes festas!

Pois, espaço aqui não falta, não é, Drª V.?

Festas familiares, aqui, oh, ah! Muito lindas, muito lindas...

Então fale-me um bocadinho dessas festas

Ah?

Fale-me um bocadinho dessas festas

Ai é, eh, eh (ri muito)!

Tive cá crianças muito piquininas, maneira que, as crianças aqui fazem o que lhes apetece, não é? Vão para a direita, vão para a esquerda, isso, isso dá muita graça! Eh, eh, deixá-los à vontade, fazer o que elas querem, é, é.

Então junta aqui a família toda, os seus filhos, as suas noras, os netos, os bisnetos...

Tem havido aqui festas tão lindas, tão lindas, um encanto, um encanto!

Quando é que essas festas costumam...ser?

É habitualmente no Natal

No Natal

Mas agora há ali uma árvore, uma tangerineira, não é tangerineira, é laranjeira

Laranjeira

Laranjeira, aquela além, não gosta de laranjas, não nem tangerinas?

Gosto!

Ai! Há-de ali então comer! Levar um saco delas

(ambas riem)

E acolá, ali é tangerineira,

Ali são tangerinas

E são docinhas, são muita boas! Muito boas, ah, ah, (ri) ali é o limoeiro! Ali é um limoeiro.

Antigamente ali, vivia um médico casado com uma médica

Aonde?

Aqui nesta casa.

Nesta casa... em tijolo?

Ah, ah, entra-se por ali...

Hum, hum

E também entra-se por aqui, tem duas entradas, tem duas entradas! Mas, agora o senhor morreu...

Ah!

Tenho muito, tenho muita pena!

Mas a Drª V. dava-se bem com eles?

Muito bem, muito bem, muito bem, ê,ê, era de uma delicadeza! E depois encantavam-me, nunca, nunca vi aquele senhor sair de casa sem a mulher ou a mulher sair de casa sem o senhor. É engraçado não é? Nunca um andava sem o outro! Eram ambos médicos, portanto trabalhavam aqui, ultimamente trabalhavam aqui! Maneira que eram umas pessoas, realmente, muito apreciáveis, muito, muito, muito mesmo.

Mas eles já não moram aqui? Quer dizer, o senhor já faleceu, não é?

O senhor faleceu, o senhor faleceu e ela, ela mora, na, tem a filha na Figueira da Foz, vive com a filha.

Ah, na Figueira da Foz.

Quer dizer, vem aqui também, ver a casa, não é? Por causa do trabalho que tem no hospital

E quando ela vem cá, vem visitar a Drª V.

Não, não cumprimentamo-nos de longe, mas não

Pois

Ela tem mais que fazer, coitada, ah, ah, ah, (ri)

Que idade é que ela tem?

Já não é assim muito novinha, não, já não é nova! (ri) Já trabalha há muito tempo como médica, no hospital

Olhe, Dr^a V., conte-me lá, assim dessas festas do Natal! Como é que foi este Natal, também o passaram aqui?

Sim, sim, o Natal aqui sempre foi um encanto, sempre um encanto, com as crianças, não é? Meninos, muito alegres, muito alegres... e então sempre tivemos umas cantorias especiais, não é?

Cantavam todos?

Cantigas do Natal, isso é que... não é comum, muito vulgar em todas as famílias. Aqui havia, realmente umas festas de Natal lindas, lindas, lindas. Agora... vamos lá ver.

E este Natal, também fizeram festa, cá?

Ah?

Este último Natal, agora há pouco tempo, também fizeram cá festa?

Pois

Foi?

Foi, foi

Fazem uma árvore de Natal grande! A árvore

Árvore de Natal, eh, eh

Fazem-na?

Fazíamos, sempre uma árvore grande, uma árvore toda enfeitadinha, um encanto! Mas hoje então, andámos... eu com a minha filha já andámos por ali fora, descemos por aqui, descemos por aqui, depois andaadaadaadaa e vai pró...

Ai já foi dar um pazeiozinho, hoje?

Hã?

Hoje já estive aqui a passear?

Sim, já dei hoje a volta, fomos por ali e depois (não percebo) acolá chama-se o Roxo porque havia uma planta urze que dava o tom à terra

Aquele tom roxo

Muito antigo, muito antigo, não havia lá casa nenhuma, só havia as plantas, então as plantas dão nome à terra, é o Roxo, o Roxo

O Roxo?

O roxo e agora há... no sitio... o autocarro

(entretanto passa um autocarro na rua e pergunta-me o que diz o autocarro)

O que é que ali diz, no autocarro, o que é?

Tovim,

Sabe o que diz no autocarro?

O que diz?

Tovim

Tovim

E vai para o Palácio da Justiça

Pois, Palácio da Justiça, fica ali para cima

O Palácio da Justiça fica para baixo, para a rua da Sofia, não é?

Rua da Sofia, esta Coimbra, esta Coimbra! Eh, eh, esta Coimbra que eu amo, desde, desde os 18 anos.

Desde os 18 anos que está cá

É, o meu paizinho, pensava em eu ir mais para Londres por ter lá uma tia, irmã do meu pai e, e, então vai para Londres, aprende inglês e tal, é bom, mas eu antes quis vir para Coimbra, não quis ir para Londres.

Não?

Mas fui lá, fui, fui

Foi lá visitar?

Eh, eh, foi há muito tempo...

O que é que gostou mais em Londres?

De quê?!

De que é que gostou mais?

Lá, sim, ai! Aquelas catedrais, é uma coisa extraordinária! Agora já lá não vou há muito tempo! Se me lembrarem (não se percebe), tá bem, mas agora de repente, quero pensar numa coisa qualquer que lá há mais interessante e sou capaz de

Já não se recorda...

É,

Em que altura é que foi lá, a Londres, mais ou menos?

A Londres?

Estava cá a estudar?

Era novinha, ainda, ainda era nova

Então foi na altura em que estava cá a estudar em Coimbra, ainda, ou antes?

Ah?

Foi na altura que ainda cá estava a estudar em Coimbra, ou foi antes?

Ah, eh, ah, eh, (parece que não entende)...Coimbra...Coimbra tem os seus encantos, os seus encantos, gostei sempre muito de Coimbra! E agora,...agora,...está com tantas alterações, Coimbra tem tido grandes alterações,...desde que eu vim para cá, porque é muito engraçado que eu fui viver.....para o palácio dos confusos, bem, sabe-se agora muito bem, onde é...a rua dos Grilos...

Sim

A rua dos Grilos e depois onde viveu o Salazar

Hum, hum

E sabe que o Salazar era muito meu amigo...

Até lhe deu uma mobília, não foi?

É verdade, para eu, para eu, utilizar um dia enquanto quisesse e precisava

Mas de onde é que o conhecia?

Bem, ele era condescípulo de um tio meu, ambos andaram no seminário, era para serem padres, mas nenhum deles, afinal de contas...

Nenhum deles quis ser

Mas o Salazar então, vivia em Sta Combão e eu vivi, vinha de Viseu, nas férias, não é? Sempre, quase sempre íamos no mesmo comboio, e ele todo amável, delicado e tal e depois há mais outras coisas não é? Porque ele dava-se muito com uma família de um lente, S.S. e a mulher dele, Dona P., era uma senhora muito religiosa! E com quem eu me dava também muito bem, não é? E...maneira que...com o Salazar tive assim uma,a...a...um certo à vontade, não é? Sobretudo quando vínhamos de férias, ah, ah, ah (ri muito). Então...

Mas ele na altura ainda não estava no poder

Não...

Nessa altura ele ainda não estava no poder?

Não, ele ainda não estava no poder, agora, a...a, casa, a casa dele...eu ainda utilizei, então, a mobília da sala de jantar dele que ele não sabia onde a havia de pôr e depois...deu-a, deu-a...

Hum, hum

Deu-a.... A gente pobre, não é? Não foi bem a uma pessoa, foi a um, um...

A uma instituição

É, é o Salazar!

E então e ele era boa pessoa?

O Sala..., ah?

Era, era...

Gostava dele?

Sim, ele era boa pessoa....errar todos erram e alguns erram mais, até sem querer,

E então o que é que acha da política dele aqui no país? Depois quando ele foi para Lisboa...

Teve grandes...aderentes, ah,

Qual foi assim a ...A Dr^a V., nessa altura sentiu alguma mudança no estilo de vida, ou não? No seu?

Sentiu alguma mudança no estilo de vida...em Portugal, quando ele esteve no governo

Hum, pouca...

Quando foi a época do Salazar como é que...

Só sei que fui utilizar os móveis dele!

Hum, hum

Eh, eh, porque ele era muito, muito, amigo da família S. e S. que era um lente na Universidade e que era muito, muito minha amiga, eh, eh, é engraçado!

De quem é que era amiga?

A Sr^a Dona P.

E também era muito amiga do Salazar, não é? E com esta coisa toda, eu utilizei os móveis do Salazar, olhe que dá vontade de rir, não dá, eh, eh, (ri) Utilizar os móveis do Salazar! Os móveis da sala de jantar! Eh, que graça, eh. A minha vida, teve a sua graça, teve... uma vida interessante... a minha vida toda, não é? Um pai maravilhoso, fiquei sem mãezinha em pequenina... era também boa, mas... morreu quando eu ainda era muito novinha, não é..... fez falta, mas, com o pai que tive! Este, não era vulgar, não era...

Também tinha uma irmã, não era?

Uma irmã muito boa, e... é engraçado que tínhamos irmãos muito bons, já lhe contei, não contei?

Os meios irmãos...

Meios-irmãos! Curiosíssimo, não é? Ter meios irmãos e termos assim, uma... de uma delicadeza!... de uma simpatia!... olhe, eu não posso dizer melhor deles, ah, é... que coisa linda! Esses dois irmãozinhos... são do lado, são do lado da minha mãezinha.

Então, e... e... esses seus meios irmão eram de onde?

De donde eram?... todos do Porto

(entretanto começou a arrefecer e fomos para dentro de casa. A televisão estava ligada e a Dr^a V. começa a mexer no telecomando)

Ui credo! É uma pena mesmo!

O que é que gosta mais de ver na televisão?

Hã?

O que é que gosta mais de ver na televisão?

Na televisão... gosto de ver Portugal! Mas agora o senhor que tem mostrado Portugal não tem, não tem aparecido, tem estado em férias, ou qualquer coisa assim não é?

Hum, hum

Não me lembro agora do nome, é tão conhecido, credo! Mostra Portugal aos Portugueses! É muito conhecido! E agora de repente não me lembro do nome...

Saraiva?

Ah?

José Armando Saraiva?

É isso, Saraiva esse homem é muito, muito, José Armando Saraiva é muito conhecido, eh, eh, eh, eh, (silêncio)... Pois é... (silêncio) Eu, tive muita sorte... apesar da minha mãe morrer quando eu era piquinina, mas tive um pai! E tios maravilhosos! Tios, primos, uma família que nunca mais acabava...

Nunca mais acabava...

Ah, ah, ah, (ri muito)

E juntavam-se em alturas...

E sempre tudo para nós, com um carinho! Ficamos sem mãe mas as pessoas parece que por esse motivo tratavam-nos, parece-me que com mais carinho, é, é... é extraordinário, é... pois, ah, o meu pai, era uma pessoa muito, muito especial, com o nome nas terras de S. Pedro do Sul! Ah, ah, ah, rua Dr. F. A., nome do meu paizinho, e o rio Vouga, o rio Vouga com a, com a, ... com as como é que se chama, com as , foi o meu pai que mandou fazer, para os banhistas poderem andar de coiso, de de

De barco..

Eh, eh

De barco com remos?

Com remos, ... mandou fazer uma represa! Foi o meu pai que mandou fazer a represa. Se for, se for a S. Pedro, vê tudo isso...

Esta represa, é uma coisa enorme, não é... a represa, ah, ah, (silêncio)... mas, tive, também, ... pessoas de família de uma bondade muito grande, muito grande... tive muita sorte, muita sorte, que nem toda a gente tem!

Os seus tios, não é? Os tios da Dr^a V., a maior parte deles estavam aonde? Viviam aonde?

Os meus filhinhos?

Tios

Ah, os tios! Ah! Muito em Lisboa, muito em Lisboa...

Em Lisboa?

Em Lisboa... tios e tias, porque a minha avó teve dez, ah, ah, ah (ri muito) Dez filhinhos, não é brincadeira, eh, eh, eh, (ri muito) Dez filhinhos....

Então a Dr^a V., também ia passar férias a Lisboa, não ia? Ou não?

Ah, pois, também, também ...muito boas, Lisboa...eu calcorreei Lisboa! Coisa que agora...não se pode fazer, não é? Agora é tudo carro para ali carro para acolá! ,Mas antes havia poucos carros, não é?

Hum, hum

De maneira que...andava-se a pé, a pé, a pé, a pé, uma coisa, extraordinária, eu posso dizer que calcorreei Lisboa! (eh, eh, ri muito) Lisboa é muito interessante!

É sim senhora!

Lisboa é lindo! Então aquele, aquele, rio, aquilo tudo! Tem coisas muito, muito giras, mas a, mas, a Lisboa para mim tem...como o meu marido foi governador civil, de Coimbra, não é?

Hum, hum

Tivemos muitas vezes que ir lá, e ele como governador, não é? E portanto...assistir a imensas festas, não é? Que lá havia, vinha a princesa de Inglaterra e, os governadores civis eram convidados; o meu marido foi governador civil, não é? E portanto lá íamos, nós às festas da princesa, ah, ah, ah,

E como é que eram aquelas festas?

Ai, a sério, sabe...eu julgo que já lhe contei que fiquei ao lado do C....

Sim, sim, sim

Ah,ah, ah (ri) Era...pouco simpático, ah, ah,

Era?

A mulher era simpática, a mulher era simpática, mas ele era assim, um bocadinho...enfadonho. Ah, o C., ah, ai...eu digo coisas muito curiosas, realmente na minha vida, graças a deus com um marido muito bom, um pai muito bom e um marido muito bom...

Hum, hum

O meu marido foi, uma pessoa muito querida! Foi governador civil, não é?

Exacto

Cá de Coimbra e como...foi militar eh....foi comandante de...Sta Clara...já sabe a história, não é? Há as iluminarias que se acendiam nas festas da rainha santa...

Exactamente e ele acendeu-as...

Quando eu lhe disse que sim...ah, ah, ah ai que vontade de rir! Há cada uma mais engraçada! (ambas riem)

Como é que eram as festas da rainha santa? A Drª V. participava sempre?

A procissão, hum, à noite, não é? Tudo iluminado! E depois...foguetes e mais foguetes!

Uma coisa...era bonito!

Costumava ir sempre na procissão?

Era, era muito bonito...as festas da rainha santa! Muito lindo...e então quando o meu marido esteve governador! Isso então! (ri)

Como é que era, quando ele era governador qual era a diferença?

Ah, ah, o governo civil sabe onde é, não é?

Sei

E aí à noite, nós recebíamos as pessoas, não é? Havia festa!

Havia lá festa?

Quando havia a procissão...nós dávamos lá uma festa, não é? Meu marido...dava-se assim com gente muito boa, muito boa, mesmo, não é? (algum silêncio) é engraçado! Ah, ah, (ri) ...Quando vim cá para Coimbra, nunca calculei que havia de ser a esposa do governador civil, (riem ambas)

Ele foi governador civil durante quanto tempo?

Hã?

Foi governador civil durante quanto tempo?

Foi seis anos.

Seis anos. E depois?

Ah?

E depois, o que é que ele fez?

Ele...depois já não tinha que...não tinha que...era oficial,

Hum, hum

De reserva, não é?

Pois

Era oficial de reserva, já não tinha trabalho, ah, ah, (ri)

Era, ...como é que se costuma dizer, era...

Reformado

Reformado! Exactamente, era oficial reformado.

Hum, hum

(ri) Foi muito engraçado..

E nesse altura, a Dr^a V., ainda dava aulas no colégio Dona Maria?

No colégio D. Maria...dei aulas no colégio D. Maria, e é muito diferente de agora...porque havia uma amizade tão grande, entre a professora e as alunas! É uma coisa! Tão diferente de agora, tão diferente! Eu adorava as minhas alunas, e elas eram muito, muito minhas amigas também, era interessante! Ah, ah (riso com suspiro) não era assim uma indiferença, uma frieza, não!

Hum, hum

Não, havia uma, uma ternura! Ah, ah, (ri) entre alunas e professores, ah, foi muito interessante, a minha vidinha! E eu realmente,...Coimbra foi a terra, a minha terra de eleição, sempre gostei muito de Coimbra...ui umas migalhinhas, ah, ah (vê um pacote de cheerios na mesa e oferece-me)

Dr^a V., a senhora lembra-se da altura em que foi a I Guerra Mundial?

Lembro-me, lembro-me...ainda me lembro da...já vivia nessa altura...I Guerra Mundial! Não era brincadeira credo, que horror...

Como é que sentiu essa guerra?

O meu marido andou nisso,

Andou?

Pois, que ele era oficial...

Pois

Ele era oficial...andou, andou na I Guerra, credo! O pior inimigo do homem é o próprio homem, é triste!

É verdade...

O pior inimigo...olhe que é o pior! Há cada coisa quase...incom..preensível, como é que o homem é tão mau para o próprio homem?! Nada é tão mau pró homem como o próprio homem, é cada coisa!

Mas pronto...

Então o seu marido participou nessa guerra?

O meu marido...pois, pois

E a senhora ficou cá, não é?

Ah, ah, (ri) nós ainda não éramos, não éramos casados...

Não eram casados?

Não! Ainda não...

Mas namoravam na altura?

O quê?

Eram namorados?

Julgo que ainda nem isso, ..

Não

Ainda nem isso, eh, eh, agora a minha cabecinha, não é? Está diferente!

Mas o que é que a senhora, assim, se recorda melhor dessa guerra?

Da guerra? (silêncio) Sei que foi triste! Foi muito triste! Os homens matarem-se uns aos outros, não há coisa mais triste...que horror! O pior inimigo do homem é o próprio homem, ai credo, é tão esquisito!

(entretanto procura um lenço e só encontra um rolo de papel)

(ri) (muito silêncio)

Então este fim de semana vai passear com o seu filho?

O meu filho...

Vai passear?

Ai, pode ser, se houver bom tempo...

Pois, aonde é que gostava de ir?

Eu?

Sim

Bem, eu, eh, eh,mmm olhe, conheço o Algarve, mas é, acho muito interessante, o Algarve...hum, o Alentejo também, Portugal é lindo, eh eh (ri) Trás os Montes, acho interessantíssimo, e o Minho? O Minho, uh, uh! Uh, uh, (ri) uma maravilha! Portugal é lindo é! Graças a Deus...

Costuma ser com esse seu filho arquitecto que a Dr^a V. vai passear?

É, é mais com esse é!

É mais com esse que vem do Porto

Ou com a G., com a G. muito, também passeio muito, muito, ela é muito boa, mas com o meu filho arquitecto, também, ele tem uma pachorra! Ah, ah, (ri)

E normalmente aonde é que costumam ir?

Olhe, ao Buçaco!

Ao Buçaco? (silêncio)

Ao Luso e ao Buçaco,

Ah, também é muito lindo

É muito lindo, é muito lindo! E rico, rico, ao mesmo tempo, não é só beleza! É riqueza! Oh, oh, é... Portugal tem assim uma história! Tem coisas curiosíssimas! (ri)

E a senhora teve o privilégio de viver muito dessas histórias!

Pois é, é verdade, eu tive muita sorte ... então, o meu marido militar, oh, oh (ri)

Viajavam muito? Viajavam?

Ah...como?

Se viajavam muito, nessa altura?

Os militares?

Sim

Sim, muito, havia grande delicadeza, ah (ri), com o meu marido sempre foi...uma beleza, uma beleza!... tivemos muita sorte, ah! Muita sorte, muita sorte! Mas então, quando me lembro! Caloira! Nos palácios dos confusos! Agora a casa já não tem cruces, a casa onde eu vivi em caloira, tinha, ham, na, na parte da frente, três cruces enormes! De azulejo! Toda a gente conhecia a casa das cruces! Toda a gente sabia onde era a casa das cruces! Mas então, hum...havia também estudantes, lá...acabaram, tudo por jantar uns com os outros e eram pessoas muito delicadas, muito agradável, primeiro não, jantavam uns, depois jantavam outros e e e e depois passou a outro....mas era engraçado, porque, no último andar é que era a sala de jantar, e era alta, muito alta, não é? E eu adorava ir para lá ver o rio....mondego....achava tão lindo, aquilo...ê ê era capaz de estar ali horas a ver o rio Mondego, ah, ah (ri). Agora,...ê, não sei bem...agora passam-se outras coisas bastante diferentes....no rio Mondego...

Que tipo de coisas?

Hã?

Que tipo de coisas?

Hum...no meu tempo, bem....havia muito....barquinhos que levavam o, o, que levavam turistas, levavam turistas, quer dizer, não haviam só....os que precisavam de andar...de barco, não é? Havia os que andavam a passear de barco! É ê, o rio era muito lindo, muito lindo.

Transcrição da 4ª entrevista

(risos)

Eu, eu, tive um pai médico, não é?

Pois, eu sei

Que andava, naquele tempo, quase sempre, a ver doentes, a cavalo! Porque não havia sequer estradas, por exemplo para Manhouce, tem ouvido falar nas cantadeiras de...

De Manhouce.

Ora, pois bem, não havia estrada para lá, só se podia ir lá a cavalo, o meu paizinho era médico, tinha que ir ver doentes,

E a Drª V. ia com a sua irmã, não era?

E eu e a minha irmã íamos atrás dele, a cavalo...

Exactamente

De pequenina! De muito pequenina! Não é vulgar!

Pois não

Não é vulgar, eram cavalos mansinhos, não é? Muito mansinhos, maneira que, olhe, nunca houve a mais pequenina coisa de desagradável naquelas passeatas, nunca, nunca,...foi,...um...não se pode descrever, sabe, a minha vida foi especialíssima, por causa do pai que tive, sem mãezinha, mas com um pai tão bom, e tios e tias, também, maravilhosos, uma família toda muito boa, muito boa, muito boa....maneira que, foi assim, uma vida extraordinária! Porque o meu paizinho, por exemplo, foi presidente da câmara, muitos anos...mandou fazer em S. Pedro, um campo de ténis! Não havia em Viseu, que era

ao pé de nós, um campo de ténis e as raparigas de lá não aprenderam, e nós que éramos provincianas,....(risos)...aprendemos a jogar ténis.

Aprenderam

Mas quando me vim formar para Coimbra....

Já sabia!

Joguei ténis!

Ah, jogou cá ténis, em Coimbra?

Pois já, já havia, já havia ténis e eu joguei aqui, maneira que, isso tudo era assim uma coisa que me tornava um bocadinho....

Diferente?

Diferente, pois é! Ah, ah, ah, (ri muito) não era só andar a cavalo, ah, ah,, jogava o ténis...também

E também cantava, não era?

Cantar, isso não se faz uma ideia, ah, ah, ah, ah (ri muito)

E tocava piano...

Não, isso, tocar piano, nunca, nunca, toquei nada que prestasse...só acompanhar, não é?

Só acompanhar o canto...

Para cantarolar ainda sou capaz de acompanhar ali no, no piano, (ri)..foi assim, fiquei sem mãezinha muito cedo, não é? mas não faz...não senti falta dela por causa do pai maravilhoso que tive e tios e tias...e primos, toda a família, não é? E até como ficamos sem mãe, parece que todos nos acarinhavam mais...

Muito.

Uma coisa extraordinária, ah, ah,ah, (ri muito)

E os seus primos, onde é que estavam os primos na altura?

Primos?

Sim

Primos, nunca mais acabavam

Nunca mais acabavam?

Nunca mais acabavam (risos)..

Mas viviam lá perto de si?

Olhe estava para vir agora cá um destes dias, um...que é, aparentado com o General G.M., naturalmente nunca ouviu falar, no General G.M., é meu primo!

Ai é?

É, e vive em Lisboa, vive em Lisboa, e então, tenho lá muitos primos, em Lisboa, muitos, ah, ah, (ri muito) E essa família G.M., que é uma família muito conhecida, hum, vive lá, principalmente em Lisboa

Em Lisboa

É, eh (ri), em Lisboa, mas sabe, a minha vida foi extraordinária, extraordinária! Fiquei sem mãezinha, mas com um pai tão bom como eu tive, nãoo...e toda a gente boa, a nos acarinhou, de uma maneira, ai credo!

(risos)

Não foram só os parentes, foram as pessoas

As pessoas em geral?

Conhecidas, que nos acarinhavam de uma maneira, extraordinária, extraordinária! (ri) tive muita sorte, tem sido uma sorte enorme! E depois, S. Pedro do Sul também é uma terra...especial! Não conhece?

S. Pedro do Sul, não

É linda! Com dois rios, não é? Passam por lá, é mesmo lá que se encontram, o rio Sul com o rio Vouga, o rio Vouga é um rio muito cantado, não é? (começa a declamar): olha o Vouga entre verduras, como vai devagarinho, parece que vai pasmado por ver tão lindo caminho! Isto são versos de um poeta de lá, Correia de Oliveira...

Correia de Oliveira...

É conhecido, ah, ah (ri)

E chegou a conhecer esse poeta?

Ah?

Conheceu esse poeta, a Dr^a V.?

Não, não, eu propriamente, não

Não

Não, não, não conheci, ah, ah, (ri)

Dr^a V., diga-me uma coisa, a senhora recorda-se da época do 25 de Abril?

De quando foi, agora essa coisa toda? Não..

O 25 de Abril? A revolução cá em Portugal?

Não me lembro, não me tocou nada, ah, ah (ri)...

Não lhe tocou?

Não, não...

Como assim, não sentiu grandes diferenças na vida, no dia a dia?

Não, não, não, o 25 de Abril para mim não me diz nada...

Porquê?

Pode ser que tenha grandes influências sociais, mas a mim...nada!

Mas era contra?

Eu? Não, não, não (ri) não tenho nada contra o 25 de Abril (ri) mas é, é, é assim...tive muita sorte, por me ter formado em Coimbra! Foi o meu paizinho que escolheu! Eu estava para ir para Londres onde tinha uma tia, e estava para ir para lá para aprender inglês, e depois vinha para cá ensinar inglês, mas o meu pai disse "não é melhor ires para Coimbra, formares-te em Coimbra" E então não se pode descrever a minha vida cá, que linda coisa! Porque vinha com a fama de cantar, isso foi também uma coisa importante para mim.

Exactamente.

Porque cantava nas igrejas! Cantava na Sé Velha! Na Sé Nova, nem por isso, na Sé Velha cantava lá muito, noutras igrejas muito importantes cá de Coimbra.

Na igreja de Sta Cruz?

Sta Cruz! Feita de pedra morena (começa a declamar) dentro de ti ouvem missas dois olhos que me dão pena, ah, ah, (ri) (volta a declamar, mas desta vez a cantar)

Muito bem!

Ah, ah, (ri muito) A igreja de Sta Cruz é muito linda! Conhece-a, não conhece?

Conheço

Tanto por fora, como por dentro, ah! É um encanto, mas então...para mim tem história, não é? Que era onde o meu marido me ia ouvir cantar, ainda não namorávamos, mas ele já andava atrás de mim, (ri) ia-me ouvir cantar, ai! (ri) que graça! Porque,...também tive uma sorte especial, em S. Pedro do Sul esteve delegado o F....o Doutor F.M. que era irmão de um célebre A. M. que tem fama! Nos fados cá de Coimbra, o A. M., aquele que cantava na ponte!

Sim

Na ponte antiga, de noite! O silêncio era de tal ordem, na cidade...agora, é a a automóveis a toda a hora, ah, naquele tempo não havia o menor ruído! Ele ia para lá cantar e quem vivia ali perto, ouvia o cantar dele, eu fui uma das pessoas que o ouvi cantar!

Porque morava no Palácio dos Confusos, não era?

Ah?

Porque morava no palácio dos Confusos...

No palácio dos Confusos, ai, ah, ah, ainda se lembra! (ri) o palácio dos confusos, pois é, uma célebre, célebre casa, não é? Chamada casa das cruzes que tinha no, no coiso,... na frente, umas cruzes de azulejo, três cruzes! Chamada a casa das cruzes (ri) uma casa histórica! Não é só por mim, especial a casa das cruzes é porque, andou por lá gente também muito especial! (ri) a viver, e eu então, no último andar, encantava-me! Ia para a janela à noite ver o rio Mondego! Porque se via de lá o rio Mondego, não é? E então as serenatas que se passavam na ponte!

E a Dr^a V. via-as todas de ali..

Ali! (ri) o que se passava ali!...maneira que....depois é assim, é Coimbra, ah, ah....tem coisas extraordinárias, olhe veio para cá um senhor, que era padre, muito amigo da minha família! Esse, logo falou de mim, de uma maneira especial, para várias famílias e tal...e, e até por outros lados, a minha amiga apresentou-me a pessoas, ah, uma das pessoas importantes era um professor da universidade...a...foi sempre muito bom, e a mulher também! E a ..uma célebre família G.!

G.!

Essa família foi também, muito extraordinária, uma das famílias....uma das meninas G. casou com um que foi ministro chamado A. C., (ri) e com essa gente então, eu convivi muito, muito, muito...

Com essa família?

Com essa família do A. C., da Senhora Dona I.G. que nos tratou sempre de uma maneira....tive sorte! Ah, ah, ah (ri muito) A casa ainda lá está! A gente sobe, da baixa, não é? Por aquela coisa que tem um arco...

Exactamente

Ah, é o quebra-costas e a, a casa dos G. fica logo ali ao lado, esquerdo, de quem sobe. Coimbra, é assim para mim, só tem saudades! (ri) a palavra saudade..(ri)

Então, e ainda hoje costuma ir passear lá à Sé Velha? Costuma ir à Sé Velha? De vez em quando?

De vez em quando, vou, vou....

Matar saudades?

É, matar saudades, não se faz uma ideia! Além de que é muito linda, a Sé Velha...eu acho que é uma igreja linda linda linda, e muito antiga, muito antiga! (ri) não toca piano?

Não,

Toca?

Não

Eu só, eu só sei acompanhamento para cantarolar, (ri)

Daqui a um bocadinho, se quiser, podia tocar um pouquinho

Ah, ah, ah, (ri muito)

Eu sei que toca muito bem!

Ah! Fadinho de Coimbra! (ri) sei só um bocadinho, já sabe, eu já lhe contei do meu paizinho, não é? Mandou fazer um violão, pois é, tenho ali o violãozinho, pequenino!

Feito à medida para si!

Eu era tão pequenina que não podia tocar num violão

Claro, grande

Mandou cortar, mandou fazer um por...nem todos os pais tinham essas ideias, não é?

É verdade

No Porto, mandou fazer um violão pequenino para eu poder tocar! (ri) Que era tão pequenina ainda, que não podia tocar num violão vulgar! Mandou fazer o violão, que é, é aquele que ali está, já o conhece, não conhece? Toca violão?

Não

Ai que graça! (ri)

Olhe. e na altura. a Dr^a V. tocava no violão e a sua irmã tocava...

Guitarra.

Guitarra, tocavam as duas

Era mais velhinha que eu, já tinha mais desenvolvimento e então tocava guitarra

Que idade tinha a sua irmã, quantos anos de diferença havia entre as duas?

A assim, mais dois anitos..

Dois

É "pouquechinho"!

É pouquito, é

Está ali o retratinho dela, o retratito dela está ali, era linda! E tinha um cabelo, ai que lindo! Que cabelo tão lindo, meu deus! (vai buscar o violão) Nem todos os pais eram capazes de fazer uma coisa destas! Mandar fazer um violão! Para a filhinha tocar, ora bem, agora, é capaz de não estar... é capaz de estar...

É capaz de estar um bocadinho desafinado, não é?

Desafinado, é...(começa a tocar violão)

Mas, olhe, quem é que a ensinou a tocar violão, quem foi?

O meu pai...

Ah, foi o seu pai...

E então nisto tocava tudo! Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, sabia tudo.

Ah! Sabia as notas!

Tudo!

E soube, também, ler pautas?

Ainda agora sei, o ré, o ré, assim, olhe (toca o ré) (começa a tocar uma música e a cantar)...Ai, mas não está bom..

Está um bocadinho desafinado, não é?

Está desafinado, não está bom..

É pena..

Mas sabe, o meu paizinho era uma pessoa especial, não é? Mandou fazer o violão piquinino! Os anos que isto tem!

Que idade é que tinha quando começou a tocar violão?

Um, sei lá, alguns oito anos ou coisa que o valha! Era muito novinha! Muito pequenina! Até esta parte já foi posta de novo (braço do violão)

Pois

A certa altura, escangalhou-se, começou,...

A estragar-se com o tempo, não é?

É, um tampo novo, mandei por este tampo novo

Fez muito bem!

Tenho um amor enorme a este violãozinho, ah, ah (ri muito)

Claro!

Ainda, ainda, aprendi um bocadinho de piano, mas muito pouco, muito pouco, agora, no piano é só acompanhamento para cantarolar, não sei tocar nada, ah, ah, (ri)...é assim

Então e depois, como é que foi, assim mais, a sua vida de casada, já me falou muito da sua vida quando era criança, quando era adolescente...e depois de casada?

A minha vida de casada, a minha vida de casada, faz lá uma ideia! Depois de casada era professora, não é? E isso já me tirava imenso tempo!

Claro

Mas o que meu foi...coisas ...que pouca gente teve, por causa de o meu marido ser governador civil, como foi governador civil e era muito...politicamente muito, muito querido, ê, ê, ele era um político, não como esses políticos que agora há, ah, tinha grandes amigos! Pessoas da maior categoria, não é? Eram amigos dele, maneira que, sobretudo quando eram as festas da rainha santa, nós dávamos...

Grandes festas

Uma festa, lá no governo civil

No governo civil

Havia uma ceia, um jantar e uma ceia, uma coisa!

E nessa altura já tinha filhos?

Ah?

Já tinha filhos nessa altura?

Já, já...

E os filhos também iam à festa?

Pois, também, hum, tenho aí retratos, qualquer dia, antes de vir tenho que pôr aí esses retratos a funcionar.

A funcionar (risos)

É mais fácil as memórias virem com os retratos, não é?

Pois, é, é (ri) os filhinhos foram também muito bons, também foi uma sorte muito grande! E agora, então, tenho uma bisneta!

É uma bisneta que nasceu ontem?

Ai, foi, foi! (ri) na maternidade,...é filhinha de uma médica!

Da sua neta médica.

É uma jóia de pessoa, essa médica, é um encanto, os netos todos são um encanto! É uma sorte, mas uma sorte!

São quantos os netos que tem?

Treze, ah, ah, (ri) uma grande família!

E quantos filhos, seis, não é?

Eu, seis, seis filhinhos

E quantos bisnetos?

Bisnetos não sei se quatro ou cinco

Com esta nova, já?

Sim, sim, (ri)

Tantos!

Bisnetinhos! (ri)

Então tem que ir lá ver a bisneta!

Eu devia estar sempre a agradecer a Deus, por tanta coisa boa! Não é?

É porque a mereceu!

Saúde, saúde, saúde, principalmente saúde! Nunca ter tido uma dor! Eu acho isto uma coisa!

É extraordinário

Nada, desde a cabeça aos pés, dor nunca tive nenhuma! É extraordinário, não é?

É sim senhora!

Ah ah, ah (ri muito) É realmente uma coisa fora.....não sei...hoje toda a gente se queixa (começa a gozar) "ai a minha cabeça, ai nanana" (ri muito) (ambas rimos) não, nunca me doeu nada, é uma coisa, realmente...

Espectacular

Espantosa, espantosa!

É sim senhora!

É uma vida fora de série! Por causa de um pai muito bom, não é? Andar a cavalo naquela altura, quais eram as meninas que naquela altura, andavam a cavalo? E haviam meninas ricas que tinham não só cavalos como carruagens! Mas que exactamente quando saiam, iam na carruagem que tinha um cocheiro próprio! Que era o empregado da casa, o criado...

Pois

E lá iam no seu carro, não é? Lá em S. Pedro...e depois começou a haver automóveis! Primeiro não, era só carros...

Pois é, a Dr^a V. acompanhou o movimento da sociedade, que foi assim uma evolução...muito grande!

Ah, pois, pois, foi, foi

Desde essa altura até agora, já mudaram muitas coisas!

Ui, credo! Ah, ah, a minha vida, foi realmente uma vida, por ter um pai fantástico! E todos!

Na família, tudo gente muito boa, muito boa, de maneira que...depois tive muita sorte por ter vindo para Coimbra que é a terra da minha predilecção, Coimbra, Ah!

Olhe, e quando veio para Coimbra, a sua irmã ficou aonde?

Em S. Pedro

Em S. Pedro

Ficou, fez também exames, lá, em Viseu, aprendia, porque havia lá senhores que ensinavam e ela, pois esteve assim, pois coitadinha! Fez uns examezinhos, não sei se foi de francês, de inglês não tenho a certeza, de francês fez. Era bonita, a minha irmãzinha! Está ali o retratinho dela! (ri) não se vê bem daqui? Eu vou buscar! Ela tinha um cabelo! Coisa mais linda! Um cabelo enorme, ondulado e , e loiro

Ai era loira?

Ah, era lindo, lindo o cabelo dela, um encanto!

E o seu cabelo como era?

Cor do cabelo?

O seu, o seu

Ah, o meu não, é tem assim..era assim escuro e não era ondulado, era mais ou menos liso.

Era liso?

Era, era, não ...olhe (mostra o retrato) era linda?

Era, sim

Muito lindinha! Lindinha e boa rapariga! Também teve muitos filhinhos! Tinha um cabelo, lindo, lindo, lindo! Muito comprido, muito mais lindo que o meu, nem se compara! Olhe o caixilhinho (moldura) também é engraçado! (ri muito)

É sim senhora! Quer que eu volte a pôr (o retrato em cima dói piano)?

Olhe, se tiver pachorra! (começa a tocar piano- ponha aqui o seu pezinho)

Muito bem, fantástico!

(ri) São cançõeszinhas do povo sabe tocar?

Não

(ri) Eu já soube tocar algumas coisas!

E ainda continua a saber

Agora não, agora não, é só assim uns acompanhamentos

Toca muito bem

(ri) uns acompanhamentos...(não se percebe) este (aponta para um retrato) tem muita graça por ser a minha avó e a minha mãe! É o retrato maior, hei-de mandar ampliar...

A avó e a mãe!

Tem muita graça, gostava de ter (não se percebe) ...o meu paizinho e a minha irmã (continua a mostrar os retratos)

Ai, é a irmã...

É, é e ali é o paizinho! (ri) é é era lindo, o meu paizinho era lindo!

E aqui está a Dr^a V.

(não se percebe) olhe em cima era a casa onde viveu o Salazar que eu depois fui ocupar, já sabe dessa?

Já

(Olhando para uma fotografia) Esta é a M. T.que foi professora do liceu e esta foi reitora, D. C.

Ah!

E eu estou no meio

Pois, está no meio, a Dr.^a V.

Vínhamos aqui, a casa inglesa era para baixo, eram as escadinhas e depois era o palácio dos confusos

Ah!

(ri) E eu tenho o palácio dos confusos no meu peito! Olhe é muito bom a gente poder recordar

Recordar, os velhos tempos, não é?

Recordar...ao longo de toda a minha vida realmente, tive um pai fora de série, não é? e também um marido fora de série... (assoa-se) o marido foi fora de série... tinha grandes amigos!

Tem aqui uma fotografia nova, Dr.^a V.!

Ah?

Tem ali uma fotografia nova! Esta aqui...

Ah, é uma menina, é uma bisnetinha! E esta é que estava aí em último agora, não sei onde.

É muito gira, ela!

Eh eh eh (ri)

Como se chama? Como se chama esta sua bisneta?

Como se chama? Olhe que eu não sei... são tantas...

Já não se lembra bem dos nomes delas, é?

Não, não sei...(tentando retirar outras fotos de uma estante)

Deixe lá... Deixe estar que eu tiro.

(Não se percebe)

Deixe estar. Olhe, sente-se que eu ponho aqui.

São tantos!

Pois é, é tanta gente...

São tantos, tantos que é difícil...

É difícil ficar com eles todos... já está!

Tem graça... esta é antiga como tudo... estes eram os pais da minha sogra.

Ah, os pais da sogra, há quantos anos isso não foi...

E esta é a netinha, médica, que agora teve um filho, a menina...

A menina que vimos agora...

É... no dia do casamento.

Exactamente...

Esta é muito conhecida...

Esta aqui... é a Mona Lisa!

A Mona Lisa! É mesmo, é é!

E ali é Coimbra!

Exactamente, e aqui também!

Foi um filhinho...

Que fez?

Ah, mas este foi uma pessoa ... (não se percebe) ... um artista, o meu marido na altura era o Governador Civil, o senhor foi amável com ele, não é, e o senhor deu-lhe isto que é um encanto. Olhe aí é um carro que era dos senhores do regimento, que iam buscar os oficiais e os oficiais iam não era de automóvel, era num carro de cavalos...

Mas nesta altura já existiam automóveis?

Não, praticamente não havia...

Não havia quase nada, pois não?

Era tudo assim, não era? Com coches...

Havia... tem muita graça, não é? O carro com os cavalos, para os oficiais... Já lhe contei uma história, quando eu disse que sim ao meu marido ele acendeu as iluminárias?

Isso é que foi!

Acendeu as iluminárias, ele acendeu as iluminárias em sinal de regozijo! Há coisas muito engraçadas, eh eh eh (ri) que nos fazem rir...

Exactamente...

Foi a Dr.^a V. que abriu a estante?

Ah?

Já estava aberta, não estava?

O quê?

Esta estantezita...

Ai isto é, pode ser que utilize..

Pois, para reciclar...

É uma coisinha....

Oh, Dr^a V. diga-me uma coisa, na época em que foi para a universidade estudar o que é que era preciso para entrar na faculdade?

O que era preciso?!

Teve que fazer exames?

Ah, havia um exame para entrar,

Havia também um exame

Não sei se, já não me recordo bem, se quando se tinha uma nota elevada se nos dispensavam

Ah!

Tenho a impressão que isso acontecia e eu tinha 16 valores maneira que...

Foi, então, dispensada!

Tive mais facilidade, é, é...e então o tal primo da M.T.era lente, na universidade, maneira que eu e a minha amiga, quando havia grandes festas lá na, na, na sala, como é que se chama? (ri)

É a sala dos capelos

Onde, onde há, em cima uns camarotezinhos, hum, nós íamos sempre a essas festas, como o primo era lente!

Podiam ir

(ri muito) ah, ah, ah,

Isso é que foi sorte!

Ah, ah, nem todas as raparigas, tiveram essa sorte, não é?

É verdade!

(ri) Nem todas, eu tive muita sorte, com a outra família também, família dos G.! Ui era cá uma família! Uma das senhoras casou com um que foi Ministro, A. C., não sei se já ouviu falar de A. C.?

A. C.?

De C., é, foi ministro, uma dessas senhoras de uma família muito amiga! D. R.G., essa casou com, com esse ministro, A. C., quer dizer, nós demo-nos assim com pessoas...

Importantes

Eh, eh (ri) importantes! Já não digo quando me casei, porque então, isso então!

Ainda aumentou mais a fasquia!

Ui, ui, eh, eh (ri) era com condes e condessas, marques e marquesas, (ri muito) o meu marido foi governador civil...

Pois

E então nessa altura, houve assim festas muito interessantes, quando era a altura da Rainha santa, houve, e lá no governo civil, nós dávamos o, recebíamos, essas pessoas, é, algumas delas muito, muito simpáticas, eh (ri) enfim, muitas graças tenho que dar a Deus! Muitas, muitas, muitas

Então quer dizer que ao longo da sua vida toda, a Dr^a V. sente que cumpriu tudo aquilo que quis fazer?

O quê?

Conseguiu cumprir tudo o que queria fazer?

Ah

Agora, olhando para trás para toda a sua vida, conseguiu fazer tudo aquilo que queria?

Tudo foi lindo!

Foi?

Tudo, tudo, tudo foi lindo, uma coisa! É verdade! Os filhinhos também, graças a Deus, têm sido muita bons! Muito bons! Umas joiinhas, mesmo! Até os netos, eh eh (ri)! Até os netos são bons, olhe que é uma sorte muito grande!

É verdade!

Agora então com o meu filho do Porto, que é o, é, não é engenheiro é arquitecto. É arquitecto. João Gildo, esse é de uma bondade! De volta e meia, leva-me a passear! E eu agora, já conheço aqui, muito desta região, mas não só desta! Por exemplo, Minho! Trás-os-Montes! Portugal é pequenino, mas é um encanto! É um encanto, muita gente não conhece. Trás-os-Montes é curiosíssimo! Bragança! (ri) Eu conheço, mais ou menos Portugal de alto a baixo! (ri) Desde Trás-os-Montes até ao Algarve, os filhinhos, consegui, passear Portugal!

Então agora se eu lhe fizesse a pergunta de quais seriam os seus objectivos no dia-a-dia, o que é que a Dr^a V. me diria?

Agora?

Sim

O que é que agora a faz feliz, o que é que lhe apetece fazer?

O que é que quero fazer?

Ah, ah, tinha que pensar muito, coisas sociais, não é?

Coisas sociais...

Sim, pois, coisas sociais!

Como assim?

Hum, propriamente minhas não, eu graças a Deus não preciso de nada, não é? Mas coisas sociais, se eu pudesse, fazia!

O quê, por exemplo?

Para benefício, para benefício dos pobres, não é? Isso eu gostaria muito, mas...já não tenho cabeça... eh, eh, (ri)...a cabecinha!

Então sente-se completamente realizada?

Tive, tive uma vida....

Tão recheada, tão boa, não é?

Um pai maravilhoso e um marido maravilhoso, que sorte, não é? O marido foi também especial, uma bondade! Bem conhecido, cá em Coimbra! Era militar, mas foi realmente muito querido...

O seu marido participou na 1^a Guerra Mundial, chegou a participar?

Ele?

Ele foi para a Guerra, ou não?

Teve, teve

Esteve?

Esteve em França!

Esteve em França

Esteve, esteve, longe (silêncio e fica apreensiva)...pois ele, ele, sacrificou-se....eu já lhe contei que fomos uma vez a Lisboa a um jantar onde estava o célebre, mas a minha cabeça, agora, já não me lembro, que era casado, olhe!

Mas nessa altura em que ele esteve em França, a Dr^a V. já era casada com ele?

Em França?

Sim

Não, não, eh, eh (ri)

Mas namoravam? Namoravam na altura?

Ainda não, ainda não...Ali está, no retrato do meio, a saída da igreja, ali à saída da igreja de S. Pedro, não é? À direita! Ah, pois...tenho ali outro retrato mas é tirado dentro da igreja, onde se vê pessoas da família, pessoas amigas, ali não, ali estou logo no princípio, à saída, não se vê ninguém. Mas ali tenho muita coisa, ainda, ainda, não tive tempo de pôr tudo em ordem, como devia ser, eh, eh (ri). O casamento foi bonito, gostava muito de ir lá, à casa que era do meu paizinho lá em S. Pedro. Era uma casa, simpática, porque tem muitas varandas, muitas varandas, está em frente a um jardim, jardim que o meu paizinho fez quando era presidente da câmara, maneira que, S. Pedro do Sul, para mim, é uma terra especial! Não só S. Pedro, mas também as terrinhas que estão à volta, Viseu, foi onde eu fiz o liceu, não é?

Exacto

Mas, hum lá perto então de S. Pedro,o meu pai ia a cavalo, por exemplo até Cruz da Trapa, é uma terrinha perto, não é? Eu e a minha irmã íamos de cavalo atrás dele, ...Cruz da Trapa, é engraçado, não é (ri) outra era Sul! Chamava-se só, uma terrinha chamada Sul! (ri) E então, as termas de S. Pedro que têm o nome do meu pai numa rua, (ri) consola! Consola, não é? Ver que as pessoas reconheceram

São reconhecidas...

Eh, eh (ri) Aquele rio Vouga! E as termas! Tem, realmente, a possibilidade de se andar de barco! Devido ao meu paizinho!

Que fez uma barragem...

Que mandou fazer umas represas, chama-se aquilo uma represa, não é? Maneira que o rio Vouga era assim, tempestuoso, não é? Não se podia andar de barco, o meu paizinho depois foi presidente da câmara e mandou fazer o coiso, hum, como é que chama? Ainda agora disse mas já não me lembro...

A represa

A represa! Exactamente! Mandou fazer a represa, maneira que é como se fosse um lago enorme onde os banhistas podiam andar de barco. É uma coisa muito boa!

Então não é?

É desporto!

Claro

É desporto, não é? E ténis também foi o meu pai que mandou fazer

A senhora também foi uma desportista

Ah! Bem, na questão de jogar ténis, olhe mas nadar é que eu nunca aprendi..

Não?

Não, andava muito a tomar banho no rio Vouga, mas, nunca,....aprendi a nadar como devia ser, não, não, (tosse) Olha o solzinho, ui, que vem lá no alto

Finalmente, não é?

Eu consolo-me aqui com o solzinho, ai é tão bom! É muita sorte, ter assim uma vida, não é?

Apesar de não ter mãezinha desde pequenina. Não senti a falta

Não senti muita falta

Ainda me lembro dela, dela coitadinha ser boa e de nos tratar muito bem quando éramos piquinininhas

Que idade é que tinha ...

Quando ela faleceu?

Sim

Oito aninhos, assim uma coisa...

E o seu pai veio a falecer muito mais tarde?

Muito mais tarde...

Já a Dr^a V. estava casada?

Já, já

Ele sempre viveu em S. Pedro do Sul, o seu pai?

Ele, ia muito, no fim, como não tinha, obrigações, ia passar assim, quase um mês a Lisboa

Ah

Ao Estoril, ao Estoril, e depois, era assim agradável e geralmente nessas casas encontram-se pessoas simpáticas, bem educadas, não é?

Pois

Ainda me lembro de ir para lá, passar por lá e ver assim umas senhoras velhinhas muito agradáveis, muito simpáticas, eh, eh (ri). No Estoril! Estoril! Lisboa é muito lindo!

A senhora está com uma memória do passado óptima

Eh eh (ri muito)

As coisas do passado estão bem fresquinhas, não é?

Sim...nasci no Porto na rua de Cedofeita, na casa onde viveu, já sabe? Carolina Michaelis

Carolina Michaelis (repito ao mesmo tempo)

Ah, ah, ah (ri muito) Aqui viveu Carolina Michaelis, diz lá na porta!

E a senhora até fica chateada por não estar lá o seu nome, também, não é?

Eh, eh (ri) Brincadeira, a rua da Cedofeita! É uma rua curiosa, o Porto é uma terra muito especial! De uma maneira geral eu considero uma terra de boa gente! É mau e nasceu no Porto? Não, não, não conheço ninguém mau no Porto, interessante, não é?

Alguma vez a Dr^a V. conheceu alguém que não gostasse?

Alguém que...

Que não gostasse

De quem não gostasse?

Sim

Há pessoas, assim, que não são sérias, mas agora, propriamente, não me lembro, eh, eh (ri)

Só se lembra das coisas boas, não é?

Hã?

Só se lembra das coisas boas, daquilo que foi....

(ri muito) que é bom! Pessoas más não prestam, (ri). Não merecem ser lembradas (ri) Mas, é, eu realmente tive uma sorte enorme, não é? Em ter um pai como tive! E tias, também, muita boas! Fazer o liceu em Viseu, em casa de tias, não é? Foram sempre todos muito nossos amigos! Não sei se era por ver que não tínhamos mãezinha, isso fazia com que

Com que lhe dessem mais amor

É verdade, mais carinhosos, é uma coisa! Pois a minha avó teve dez filhinhos! Tantos, tios e tantas tias!

Pois tinha muitas tias que andavam pelo estrangeiro, não era?

Hã?

Tinha tias que andavam pelo estrangeiro

Houve uma que casou em Londres, não é? É onde eu tenho primos, tenho lá muitos primos em Londres, eh, eh (ri) Primos e tios

Já foi a Londres?

Já

E o que é que achou de Londres?

Londres é interessante, e mesmo as pessoas simpáticas, mas já foi há muito tempo! E Paris também!

Ah, também já foi a Paris?

E a Atenas! Atenas, então é que foi uma maravilha

Ah, já foi a Atenas?

Fui, fui, não foi de avião, foi de...

Barco

Foi de barco, mas também andei de avião quando foi dessa viagem, não sei em que sítio é que eu andei de avião mas gostei imenso da Grécia! E das pessoas da Grécia, ai, são muito simpáticas!

Foi com quem, com o seu marido?

Pois é, por exemplo os italianos, já são diferentes!

Também já foi a Itália?

A Itália, praticamente, não. Não sei se fui a alguma, mas se lá passei foi assim uma coisa, não fiquei com ideia nenhuma, agora Grécia sim, a Grécia, calcorreei-a bastante! (ri)

Foi com quem para a Grécia?

Hã?

Com quem é que foi?

Hum não sei se fui com a G., já não me recordo bem, a minha cabeça agora está um bocadinho fraca, um bocadinho fraca

Ah, mas já foi com a filha,

Mas gostei imenso, os Gregos são simpáticos! Muito delicados! É verdade, é um povo, especial! Os Gregos! (ri) Eu tenho que dar muitas graças a Deus, sobretudo por não ter dores! É extraordinário, espanta-me a mim mesma, não é? Como é que eu nunca tive dores! Tive tios e tias muito bondosos! Um encanto, e então o pai! A mãezinha morreu quando eu era pequenina, pouco convivi com ela, coitadinha,

Quais são as recordações que guarda da sua mãe?

Da minha mãe? Tratava de nós bem, quando éramos pequeninas, tratava, mas coitadinha, morreu era eu muito pequenina!

Ainda estavam no Porto quando ela morreu?

Ah, não (diz muito baixinho)

Ou já estavam em S. Pedro do Sul?

S. Pedro (volta a dizer muito baixinho) Temos que ir dar um passeio a S. Pedro (diz num tom mais alto) Ir de Viseu a S. Pedro, ai, quanto gostava de a levar! S. Pedro, passa-se o rio Vouga e até o outro rio, chamado rio Sul e depois vai-se por ali fora, para ir até Viseu! Mas é que há, então, uma curva, já alta, donde se vê S. Pedro! Aqui passa um rio, não é? Um vem dali, outro vem assim (exemplifica com gestos) e então, atravessa-se o rio e vai-se, então, para Viseu, não é? Ah, a vista dali, sobre S. Pedro é um encanto! Só me admira como não há livrinhos, eu não conheço! Não conheço, pode ser que haja, mas eu...

Deve haver, deve haver

É capaz, aquilo é uma coisa! É tão lindo!

Está cheia de saudades!

O rio Vouga e o rio Sul! Encontram-se os dois ali: "olha o Vouga entre verduras como vai devagarinho, parece que vai pasmado de ver tão lindo caminho" (declama) E é certo, eh, eh, (ri) o rio Vouga!

Chegou a ir a S. Pedro do Sul depois de casada e com os filhos?

Hã?

Chegou a ir a S. Pedro do Sul depois de estar casada e com os filhos? Chegou a ir lá?

Desculpe mas não ouvi

Se chegou a ir a S. Pedro do Sul quando já estava casada?

Ah, sim, sim...

E com os seus filhos, se costumava ir lá frequentemente?

Muitas vezes não, mas fui lá, a minha irmã era muito delicada

Ah, quando lá ia ficava em casa da sua irmã?

Sim, ficava que era a nossa antiga casa, a que era do meu pai, não é?

Exacto

O meu pai foi médico anos e anos, não é? Gostava, de ir lá consigo, também! A S. Pedro! Eh, eh, (ri) Aquilo tem tanta coisa linda, tanta história! Tem muita coisa! E então gente, ai credo! Havia, os condes de B., uma simpatia de gente! O meu pai não podia ir às festas, não tinha tempo, nós não faltávamos a uma festa, com quem íamos? Com a senhora Dona G. M. que é baronesa de P.. O meu pai não podia ir às festas, não tinha, possibilidade, essa senhora

Levava-as

A baronesa, levava, a Dona G., ela chamava-se Dona G. M., vivia numa casa que ainda é deles, não é? Que tem, o, à frente tem uma tal propriedade que vai ter ao rio Vouga! Diante da casa deles tem um jardim e uma estrada, pois a estrada é tudo deles, tudo deles até ao rio! Que coisa linda! Quem me dera ir a S. Pedro consigo, eh, eh, (ri muito). Temos que ir a S. Pedro, talvez a G., nos leve!

Era giro, não era?

Era, por acaso era, era bem bom! É, é, S. Pedro do Sul, tudo aquilo para mim é encantador! E então Viseu, onde eu fiz o liceu, em casa de tios! Uma família enorme, a minha avó teve dez filhos, não é brincadeira!

Mas esteve mais só em casa de uma tia, não foi?

Hum?

Teve só em casa de uma tia? Quando estive em Viseu

Sim, fiz o liceu em casa de uma tia, mas havia lá outra que tinha uma quinta e uma casa muito linda onde eu também passava muitos dias e dias, uma quinta linda! É a tia Al., tenho uma filha chamada Al., eu.

Al.

É a madrinha dessa, quer dizer, é afilhada dessa, afilhada dessa, tia Al.! E então essa, foi uma tia fora de série, casou, não teve filhinhos, maneira que...

Adoptou-a...

Era como se fôssemos os filhinhos dela, ai! Extraordinário! De uma bondade para conosco!

Tia Al.! O nome é engraçado, é o nome de uma princesa!

Ai, esse nome tem história

É, é, Al....

Foi por isso que quis pôr o nome à sua filha?

Eh, eh (ri) Que quê?

Foi por isso que quis pôr esse nome à sua filha?

Que pôs... ah, sim, sim, ela é Maria Al. que é afilhada dela

Exacto

Morreu aqui.

Quem a ...

A M. Al. (tia), tadinha não foi aqui sepultada, foi sepultada em Lisboa porque tinha lá um jazigo

Ah

Tinha lá um jazigo, foi para Lisboa, não ficou aqui

E já foi há muito tempo que ela morreu?

Já! Há muito tempo! Mas foi sempre uma tia! Como não tinha filhinhos, olhe nós era como se fôssemos os filhos dela, extraordinária! (silêncio) Tem graça, a vida de cada um, eu estar aqui foi porque o meu paizinho gostou que eu me viesse formar...

É verdade, é por isso que veio para Coimbra, não é?

A minha vida toda aqui em Coimbra foi um encanto, um encanto, um encanto! A minha vida! E então depois de casada! Ele foi de uma bondade, sempre, o meu marido foi muito bom, não só para mim como para toda a gente! É agradável! E os soldadinhos, a gostarem todos dele! Todos gostavam, impedidos, chama-se impedido, conhece o termo?

Sim

Eh eh (ri) é o impedido! Os oficiais têm direito a um impedido

O seu marido já faleceu há muito tempo?

Hã?

Já faleceu há muito tempo, o seu marido?

O meu marido, ah, sim, há bastante tempo, eu agora não me estou a lembrar, mas já há bastante tempo, mas ele foi um bom pai, foi extraordinário, foi um bom pai! (toca o telefone) hoje é sexta, uso sempre isto

Faz muito bem

Mas hoje ainda não pus a marca

Põe sempre a marca?

Como?

Em cada dia que passa põe sempre uma marquita é (no calendário)?

Sempre, sempre, ainda não pus aqui o sinal, é dia 27, sexta feira, de Fevereiro! (ri)

Sim, senhora... a senhora tem ali um cãozinho cá fora

É uma cadelita, por acaso, uma cadelita! A história, foi a G. que trouxe, eu agora já não me lembro da história de estar aí a cadelita! Já não me lembro! Como está a minha cabecinha, ui, ui! Credo, mas a cadela é, é patusca!

É?

É muito engraçada, a cadelita! Olhe o céu! O sol ainda vai alto: " Se este estrelo vai alto, mais alto vai o luar, mais alto vai a aventura que Deus tem para nos dar"

O que é isso?

É uma, uma quadra, "se este estrelo vai alto, mais alto vai o luar", não sei se isto é engano, se este estrelo vai alto mais alto vai o luar, eh (ri) a lua, porque se este estrelo?! "mais alta vai a aventura que Deus tem para nos dar". Não, não concordo,

Com quê?

A minha vida tem sido tão boa! Tão boa, tão boa, tão boa! Só não ter dores! Olhe que isto é uma coisa!

Isso já é ótimo!

É uma coisa, não ter dores! É uma maravilha mesmo! E não é só isso, é ter filhinhos maravilhosos, e netinhos também! Os netinhos até hoje, encantam!

Ligam-lhe muito, vêm cá?

Vêm cá, quando há festas, ui! Brincam aí! Engraçadíssimos, eh, eh (ri) os netinhos!

Já em solteira frequentava as casas melhores das proximidades, não é? Depois casei e continuámos, foram sempre muito atenciosos, comigo, muita sorte, muita, muita sorte! Extraordinário! Governador...

Como?

Governador Civil

Ah, pois, mas ele só foi governador civil depois de ter sido militar?

Ah pois, pois, pois, antes era coronel, era coronel. Uma vida interessantíssima, dava-se com gente muito interessante, muito boa, que viveu em palácios! É, eu também convivía com gente muito especial! (silêncio) tínhamos esmola para os pobrezinhos, depois no final íamos entregá-la lá, ao M. A. que era para ele dar aos pobrezinhos.

Ao avô

Ao avô deste

Ao avô do M. A. (figura importante da política nacional), Ah, O avô do M. A., também se chamava M. A.?

Ah, e então tem graça porque ele vinha-nos abrir a porta, já lhe contei? Em camisa de dormir. (ri) Mas era a fingir, tirava a camisa e ficava vestido, não é? Mas vinha-nos abrir a porta, olhe lá que brincadeira, com um cristal aceso, com a velinha acesa e camisa de dormir, era um brincalhão, não é? Nem todos os senhores tinham estas ideias, eh (ri) de nos vir receber. Mas era uma pessoa que gostava muito de música, de maneira que, os sogros viviam num palácio lá de S. Pedro, só queria lá ir consigo! Ai que lindo! Os tectos! Sabe estes tectos que fazem assim,

Abóbodas

Madeira, em madeira, pintado, uma coisa linda, linda, linda! E uma quinta que nunca mais tinha fim, ao lado dessa casa, e então nessa quinta ele também arranjava, oferecia jantares, sobretudo jantares, não é? E a gente jantava lá na quinta, também muito bem, não é? E então depois íamos lá para casa para cantar

Isso é que era uma festa!

Eh, eh, eh, (ri muito) A. L., foi um senhor, um músico célebre que também lá esteve! Também lá tocou, o A. L.! S. Pedro do Sul, só queria lá ir consigo, não conhece?

Não

É muito lindo! E depois não é só S. Pedro, é as proximidades, não é? Os condes de B. viviam numa quinta lindíssima, também nos dávamos lindamente com os condes, viscondes de M., isso então nem se fala, não é? Tratavam-nos todos muito bem! Como não tínhamos mãezinha, parece que sentiam aquela obrigação de nos tratar de uma maneira especial! Os viscondes de M. foram espantosos, de uma bondade para conosco! É, e então a G.M. que era a baronesa de P., essa é que nos levava às festas todas, o meu pai não podia, não tinha tempo...

Claro, e ia a senhora com essa baronesa

Ela agarrava em nós e levava-nos. E é assim extraordinário, não é? (ri muito)

Transcrição da 5ª Entrevista

Ai meu Deus

Olhe fale-me um bocadinho da relação que teve com a sua mãezinha, com a mãe

Com a minha mãe

Sim, o que é que se lembra, assim...da sua mãe?

A minha mãe era muito rigorosa, bem...dava-nos o banhinho, era muito rigorosa...queria que a gente andasse sempre sempre muito arranjadinhas, a mas eh...enfim...a minha impressão é de que ela era boa, não é? Era viúva quando casou com o meu pai...

Pois

Já tinha dois filhos, esses filhos podiam não ter gostado do casamento, mas não, foram de uma bondade conosco, sempre! Uma coisa linda, linda. Linda...esses dois irmãos...

E eles viviam consigo e com a sua irmã?

Ah?

Na altura viviam todos juntos?

Sim, sim, em S. Pedro do Sul

Em S. Pedro do Sul

Conhece?

Então e depois, o que aconteceu?

Já sabe que nas termas está uma rua com o nome do meu paizinho?

Do seu pai, é verdade

Ehehehe...Rua Doutor F. A....e a minha vida foi assim....foi uma vida...especial!

Humhum

A dar-mo-nos com os marqueses e com os condes e viscondes, ehehehe

Só com gente importante, não era?

É, é, é...e palacetes lindíssimos, maneira que...tive muita sorte, muita sorte...

Mas a sua mãe morreu muito cedo, não foi?

Muito cedo, muito cedo...mas depois houve uma senhora que era um encanto de pessoa que nos levava a ver aldeias, terrinhas, não é? Havia uma romaria, porque dantes havia muito disso, das romarias, não é? Havia uma romaria e nós íamos também à romaria, ehehe...ver...de pequenitas, não é? Com essa Senhora

Que era...

M., M., da família M.,

A Dona G. M., não era?

É, é, é...um encanto, um encanto de senhora!

Então ela foi quase como uma mãe para si?

É, é, de uma bondade...extraordinária! Depois, então, houve também a família...do M. A.!

Já contei, não contei?

Também lá de S. Pedro...

Também lá de S. Pedro...viviam num palácio! Era uma coisa! Olhe eu nunca vi casas com uns tectos como aqueles daquela casa! Era um palácio lindo! Depois uma quinta para trás linda, também muito bem cuidada! E ele era...era uma pessoa especial, não é? Gostava muito de dar almoços e jantares...ou fora da quinta ou dentro da quinta! Ele era uma pessoa muito sociável, muito, muito sociável! M. A., o avô deste!

O avô deste M. A.

Ehehehehe

Ele era amigo do seu pai, era? O M. A.?

Ele dava-se bem com o meu pai....

Por isso é que Dr.^a V. também os conheceu, não é?

Ah, já conhecia a família... a família C., e ele casou lá com uma das senhoras dessa família, por isso é que o conheci, que ele era da vista alegre, não era? Penso que ele era da vista alegre

Ah

Terrinha donde ele... ehehe, M. A. era da terrinha Vista Alegre... mas casou com uma senhora de lá....

De S. Pedro

E depois vivia lá... ia para lá muitas vezes, mas realmente... era uma pessoa engraçada, eu já lhe contei, parece, que havia... quando era no Natal andávamos a pedir para os pobres a cantar e fomos depois entregar o dinheiro a ele, não era? Ele aparecia com uma camisa de dormir, e não sei o que era mais uma coisa qualquer, eram trajes de estar na cama, e um castiçal com uma velinha acesa e vinha-nos abrir a porta, assim nessa figura, ehehehehehe

Para brincar com vocês, não era?

Pois é... tirava aquilo e estava vestido

Pois

Ehehehehe M. A., o avô deste, M. A.! Ai, foi realmente uma coisa...

Oh, Dra V., ainda em relação à sua mãe..

Hã?

Ainda em relação à sua mãe... ela, ela faleceu de quê?

A minha mãezinha?

Sim, ela morreu de quê?

Eu não sei bem a doença que ela teve,

Mas lembra-se daquela altura, como é que foi.... deve ter sido custoso...

Sim, sim, foi ela morreu... relativamente nova, não é? E lembro-me que era lindinha, olhe, está ali o retrato eheheheh

E como é que foi... ela ficou em casa? Morreu em casa? Ou ...

Não me recordo, não me recordo...

Não recorda?

Mas julgo que teria sido em casa, sim, teria sido...

E consegue-me dizer, assim um bocadinho, o que é que sentiu nessa altura? O que é que sentiu?

Quando a minha mãe morreu?

Sim, e aquele período em que ela esteve doente...

Já não me lembro, só me lembro que ela era viúva e que tinha dois filhos.

Humhum

E esses dois filhos foram para nós como verdadeiros irmãos! Eram de uma bondade!

Eram dois rapazes?

Rapazes, um deles era muito conhecido porque foi comandante dos bombeiros em Matosinhos em Leça da Palmeira, não é? E tem lá o retrato no quartel, tem lá o retrato porque ele foi lá comandante, e muito bom, muito amigo, lá daquela gente, não é? Maneira que têm um grande, um retrato ampliado, no coiso dos bombeiros, ehehehe, ai meu deus!

E o outro, o outro quem era?

O outro também uma jóia, também era uma jóia! Quando eu fui para Lisboa fui para casa dele

Pois é, essa altura em que a Dr.^a V. foi para Lisboa, foi mais ou menos quando?

Ai, não me lembro... Já não me lembro

Já não se recorda, mas deve ter sido, portanto, quando acabou a universidade

Sim... sim, sim, pois, pois. A minha cabeça...

(procura algo, um papel)

O que está a procurar?

Eu já lhe li estes versos, não já?

Olhe então e a bisneta, está boa?

A que nasceu a pouco tempo

É a sr^a dona Catarina, não é? Eheheheheeh

Sim, está aí o recado

Psicóloga, vem visitar-me, ehehehe que engraçado, foi o meu filho N. que escreveu

Pois foi com ele com quem eu falei na sexta-feira

É, é o meu filho N., é o dos cavalinhos

O dos cavalinhos

É uma pessoa curiosa, não é?

Que idade é que já tem o seu filho N.?

Que idade tem? Já tem uma idadezinha, não sei se ele tem 60, 70 ou assim uma coisa Ehehehe, é deve ter, deve ter, ehehe o meu filhinho N....é bom filho, é um filho muito bom, muito bom, maravilhoso, oh, mas são todos! Mas uns....

Uns são mais que os outros?

Os mais perto de mim... então o do Porto, esse ai vem para cá só para me passear, eu tenho corrido...este distrito de Coimbra! E não só de Coimbra! Porque Portugal é muito lindo! O Minho é um encanto, não é, Trás-os-Montes, é um encanto! A beira-baixa também, a beira alta! Olhe é tudo lindo! Tudo lindo, ehehehe

Há zonas muito bonitas em Portugal

É, é acho, Portugal um país muito lindo, porque é mesmo muito lindo...

Tem netos do seu filho do Porto, não tem?

Tenho, já tenho netinhos de lá

E como é a sua relação com eles?

São um encanto, são um encanto...é ele tem filhos e já tenho bisnetos, até

Também já tem bisnetos da parte do seu filho do Porto?

Do Porto, já, já...

E que idade é que têm os bisnetos?

Os bisnetos? Ah, os bisnetinhos são muito pequeninos ainda

São pequeninos ainda

Muito pequeninos

E costuma estar com eles, várias vezes?

Ah, não, várias vezes não, raras vezes...

São, raras, mais, as vezes

Muito raras, raras vezes...

Hum

Este do Porto é que é assim, é de uma bondade! Extrema!

Qual é o seu filho mais velho?

O mais velho é o N.

O N....

É o que trata dos cavalos

Costuma estar cá nas sextas-feiras

É, é, ele...ele é que fundou, digamos, o centro hípico de Coimbra!

E ele tem filhos? O seu filho N.?

Não tem não

Ai, não tem filhos

Não, não tem...ele é muito bondoso, muito bondoso, e...é uma pessoa fora de série...

Então e a Dra V. costuma estar com esse filho muitas vezes?

Como?

Costuma estar com esse filho muitas vezes?

Muita vez! Então, ele muita vez dorme cá!

Pois

Quando não tenho empregada, ele dorme cá.

Então têm uma boa relação?

Muito boa relação

Dão-se bem os dois?

Muito bem...é um filhinho muito bom, sempre! Graças a deus são todos bons, ehehe

E aquela bisneta que nasceu agora há pouco tempo?

Uma bisnetinha, é filha da médica!

Exactamente, como é que ela se chama?

Não sei, ehehehehe

(risos)

Já são tantos, não é?

Pois é! É possível que tenha ai escrito algures mas não sei aonde, ehehe, não sei aonde é que eu escrevi o nome dela...e não sei se já foi baptizada, já foi à pouquechinho tempo, não é?

Se calhar ainda não foi, senão a senhora lembrava-se da festa, não?

Pois é, pois é...ehe (silêncio) Pois é, esta Coimbra!

Então foi o seu pai que lhe disse que era melhor vir para Coimbra tirar o curso

É, é...

Porque pela Dr.^a V., tinha ido para Inglaterra
 Eu era para ir para Inglaterra por ter lá a tia, a irmã do meu pai...
 E quem é que escolheu o curso que a senhora quis cá tirar? Foi o seu pai que lhe disse que era melhor tirar aquele curso, ou foi a Dr.^a V. que escolheu?
 Não, eu, é que com certeza, o escolhi
 (entra a empregada) Pausa
 É uma empregadinha boa
 É sim, senhora e muito simpática
 Eu tenho, tenho várias empregadas, ora vem uma ora vai outra, mas felizmente....
 Ai, é? Mas eu só conheço esta senhora, como é que ela se chama?
 Esta?
 Sim
 (pausa) ehehe
 Não recorda?
 Não me lembro, se me disserem vários nomes eu sou capaz de saber
 Pois, reconhece
 Mas a memória está assim...fraquita....é uma pena, não é? Eu estou muito em baixo, muito em baixo
 Há quanto tempo é que começou a sentir mais dificuldades na memória?
 Eu acho, que não foi à muito tempo, não
 Não?
 Não, não há assim muito tempo, não ...há meses
 Há meses que tem vindo a sentir a memória mais fraca?
 Estou com a memória muito fraquinha, estou de todo, estou de todo!
 E o que é que sente em relação a isso Dr.^a V.?
 Hum?
 Como é que a senhora se sente em relação a isso?
 Em relação ao estar assim?
 Sim
 Bem, eu já vivi uma vida tão longa, não é? E tão boa! Sim, porque isso é que é verdade, não é? Porque tive 6 filhos maravilhosos, um marido maravilhoso, não é? Um pai também!
 É muita sorte, não é? A mãe morreu quando era pequenina mas tive um pai e tios tão bons, tão bons, não é? E toda a família, não é? Todos nos acarinhavam, até gente que não era da família! Quando éramos pequeninas todos nos acarinhavam muito lá em S. Pedro.
 Lá em S. Pedro
 Conhece S. Pedro, não conhece? Linda! Terra linda, eheheheh com dois rios!
 Entre rios não é?
 O rio Vouga e o rio Sul! Ehehe
 Então, e diga-me cá uma coisa, quando a senhora quis ir para Inglaterra como é que tudo aconteceu? Como é que foi, o seu pai disse-lhe que não a deixava ir? Como é que foi?
 Eu tinha lá a tia, não é...
 Humhum
 Até casou lá, a tia L., eu, eu cheguei a ir a Londres!
 Mas chegou a ir lá para ficar ou...
 Não, não
 Ou só visita?
 Não, eu fui a Londres mas foi já crescida, não foi em pequenina
 Ah
 Foi já crescida, e gostei até de Londres! Calcorreei Londres, antigamente era assim, não é?
 Era assim que se dizia
 Era, não era bem de automóvel como agora tudo, de táxi, não não e eu conseguia isso, não é?
 Eu ia daqui todos os dias para o meu liceu!
 Pois, quando dava aulas ali no D. Maria
 E é longe, não é?
 Pois é
 E depois com altos e baixos, altos e baixos, ai meu Deus
 (entra o filho N., pausa)
 Este é que é o meu filho do centro hípico, a pachorra que ela tem para aturar as crianças! É, ele tem um jeito! Um jeito para aturar as crianças, que é uma coisa extraordinária! É realmente, ehehe

Sim senhora, então nós estávamos a falar de quê Dr.^a V., recorda-se?
 Como?
 Recorda-se do que estávamos a falar?
 Não... já não me lembro, o que era?
 Estávamos a falar do seu curso, tirado aqui em Coimbra
 Do curso?
 Sim, do seu curso
 O meu curso?
 Sim
 Oh, oh, era complicado...
 Complicado?
 Complicado porque tinha muitas coisas! Tinha física, tinha química, tinha desenho...tinha, sei lá, ainda mais coisas, não é?
 Quantos anos demorou a tirar o curso?
 Foi o normal, foi...
 Que eram quantos anos, nessa altura?
 Eram quatro anos e depois tínhamos mais dois de....de
 Estágio?
 É, é estágio...
 E o estágio foi fazê-lo aonde, em Lisboa?
 Não, não...
 Fê-lo cá em Coimbra?
 Cá, cá
 Só depois é que foi para Lisboa?
 Depois, foi, foi o liceu de lá. lá de Lisboa, foi graças a Deus uma vida, bem linda! Nesses tempos, eheheh
 Andou sempre satisfeita?
 E depois tive a sorte, também, de ter um marido muito bom! Um marido muito bom! Militar! De Santa Clara, do, do quartel de Santa Clara! De onde eu via as horas da torre da Universidade! De Santa Clara! Era fora do vulgar! Via sem óculos as horas da torre da Universidade! Tinha uma vista! Fora de série
 E agora, já precisa dos óculos?
 Agora é diferente! Já
 Para ver ao longe ou ao perto?
 Ah?
 Para ver ao longe ou ao perto?
 Bem, mesmo ao perto, eu ainda vejo, eu leio, não é? Mas, ...já não é bem como dantes, olhe aqui: A. e o número, 239 222 hum....eu para os números já nem sei o que diga...
 Já é mais complicado
 (filho entra na sala – pausa)
 Hum, tem sido um filhinho muita bom! Todos! Todos muito bons, graças a Deus!
 Hoje é segunda feira, porque ontem foi domingo e eu ouço sempre a missa pela televisão, maneira que marca, marca um bocadinho, não é? Mas, a minha memória está, está, está de todo! Está muito fraquinha, muito fraquinha
 Olhe Dr.^a V. conte-me lá um bocadinho sobre a altura em que era aqui professora
 Quando eu era cá professora?
 Sim, como é que era? Gostava de dar aulas? Gostava?
 Muito! E olhe que as minhas alunas adoravam-me!
 Era?
 Era, ainda agora tenho antigas alunas que me estimam! É verdade, mas eu dei-me sempre muito bem, muito bem com as alunas! O liceu da Infanta Dona Maria! Naqueles tempos era, um encanto! Muitas aulas práticas de física e de química, muitas aulas práticas!
 Tinham muitas aulas práticas?
 Muitas aulas práticas, no laboratório
 Pois eram no laboratório
 E, e realmente tive colegas muito boas, muito boas
 Como é que era a sua relação com as colegas, eram pessoas amigas faziam a programação das aulas em conjunto?
 Pois, no que fosse preciso e em qualquer coisa em que precisasse de alguma ajuda, tive colegas maravilhosas, tive, tive! Agora as coisas são diferentes

Mas porque diz isso, que agora as coisas são diferentes?
 Não sei, dá-me a impressão que não há aquela amizade que a gente tinha no outro tempo, a minha filha é professora e eu também....
 Ah, então ouve o que a sua filha lhe conta e não sente...
 É, é que no meu tempo realmente havia grandes amizades, no liceu e só a relação da professora com a aluna era um encanto, ehehe As minhas alunas! Foi uma sorte! Dei-me sempre muito bem, muito bem com elas! Um encanto mesmo! Graças a Deus a minha filha
 Quantos anos é que deu aulas? Durante quantos anos?
 Trinta e tal, trinta e tal, foi muito tempo
 E as professoras, as suas colegas eram sempre as mesmas ou havia aquelas mudanças de professores?
 Variou muito, variou muito...
 Era, e como é que lidava com essas mudanças, uma vez que a Dr.^a V. se manteve sempre lá, como é que lidou com essas mudanças de professores e colegas?
 Não tenho ideia nenhuma de me dar mal com alguém
 Não?
 Não
 Mas se calhar tinha amigas/colegas que depois se iam embora e como era?
 Pois, não, não, não me recordo....não tenho ideia nenhuma de coisa desagradável
 Não?
 Não
 Isso é fantástico!
 É verdade, não me recorda. Os tempos antigos! Então com as alunas era um encanto, realmente! Era um encanto, eu gostava delas e elas gostavam de mim, ehehehe
 Humhum
 Era um encanto!
 Então e enquanto ia dar aulas quem é que ficava em casa a tomar conta dos filhos quando eram pequenos?
 Quando eram pequeninos?
 Sim
 Bem, hum tinha a minha sogra, vivia cá muito tempo, e uma tia, uma tia também. A minha sogra até está ali no retrato connosco! Naquele grupo grande!
 Posso tirar o retrato?
 Pode, pode aquele grupo!
 Este aqui?
 Esse aí da esquerda.....então, cá estou eu não é?
 Cá está
 O meu marido, e os meus seis filhinhos! A G. que agora já tem 60 e tal aninhos, ehehehe e a A....
 É a mais nova, é a filha mais nova?
 É, é a mais novinha e o mais velho é o N.!
 Pois
 Eheh, o mais velho e então, o Gi. que é arquitecto, este que é militar...
 E este?
 Este é professor do liceu
 Como é que ele se chama?
 Al.!
 Ah, Al. e é professor de liceu, aonde? Em Lisboa?
 Ah?
 Aonde é que ele é professor?
 Ai, devo saber, é perto de Lisboa, lá para cascais ou para uma dessas terrinhas
 Ah! E a G....
 Vem cá de vez em quando
 A sua filha G. também é professora?
 Também é professora
 Cá em Coimbra?
 Cá em Coimbra!
 É professora de quê?
 Inglês, a G. é professora de inglês
 E a A.?

A., a A. agora...julgo que já está na reforma, não sei
 Já está na reforma, mas o que é que ela fazia antes?
 A A., a A. era professora de quê?
 Também era professora?
 Agora é que eu não me lembro, aí que riso! A minha cabeça está de todo, não é?
 Então e este filho aqui quem é (olhando para o retrato) é o arquitecto?
 Este é o arquitecto, exactamente
 Do Porto, é o que a leva a passear muitas vezes?
 Esse é que me passeia, ehehehe
 E este aqui do meio?
 O P.
 É o militar?
 O P., militar, militar!
 E este senhor aqui era o seu marido?
 O meu marido!
 E esta senhora aqui era a sua sogra?
 A minha sogra
 O seu marido, nesta fotografia, parece mais velho que a senhora, não era?
 Ele é, era mais velho, era mais velho que eu
 Ainda era mais velho quantos anos?
 Olhe já não me lembro....
 Mas parecia ser uma diferença ainda grande
 Era uma diferença, não sei se eram 5 anos se quê, não me recordo bem, não me recordo
 A senhora aqui estava toda fresquinha!
 Ohohohoh (muitos risos) estava com a perna ao léu
 E era aqui nesta casa, a fotografia, não é?
 É nesta casa, é, ele foi governador civil... durante anos!
 Nesta altura o seu marido ainda era governador civil ou já estava reformado? Lembra-se?
 Já não me recordo
 Mas recorda-se de tirar esta fotografia?
 Sim foi aqui, mas....
 Lembra-se dessa altura?
 Não, não, não, não me lembro, nesta altura estávamos cá todos, mas não, não me recordo,
 não. Ehe, bem nós tratamos a sogra sempre com muita delicadeza e ela, coitadinha, morreu
 cá
 Morreu aqui em casa?
 Ah, pois, mas foi sempre muito bem tratada, médicos muito bons! Muito amigos do meu
 marido! Pelo que há mais pequenina coisa, vinham
 Vinham sempre...ela morreu de quê?
 De velha, eheheheheh
 Ah, foi de velhice!
 É, é de velhinha, nunca teve nenhuma doença prolongada, nenhuma coisa assim, não, não
 E o seu marido?
 O meu marido...
 Morreu de quê?
 O meu marido, também agora, não sei bem dizer, já não me lembro, a minha cabeça agora
 está muito fraquinha! Eu já não me lembro de quê que ele morreu...já não me recordo
 Mas também faleceu cá em casa?
 Era uma pessoa muito boa, muito boa, muito boa! Ele era muito bondoso! Tinha grandes
 amigos, grandes amigos, ui
 Mas também morreu cá em casa?
 Morreu, morreu...quer dizer a mim também me aconteceu ter condes e marqueses na
 família, a ele também! Eheh. Até os condes F. que eram nossos amigos têm ali um casarão
 Aquele casarão que está ali atrás do hospital, não é?
 Os condes F. foram sempre simpáticos connosco! Eheh, graças a Deus!
 Então quer dizer que a sua sogra, ajudava na criação dos netos?
 Eh, não coitadinha, ela dava-lhes mimo
 Também é importante, não é?
 É, é
 Também é importante, o mimo

É verdade, ela já estava numa idade em que não fazia nada eu coitadinha, trabalhar, não!

Já estava viúva na altura em que veio para cá?

Ah?

Já era viúva na altura em que estive cá?

Ah, já, já, eheh

Então mas naquela altura, se a Dr.^a V. trabalhava e o seu marido também e tinham tantos filhos, tinham que ter muitos criados para tomar conta das crianças, ou não?

Tínhamos sempre duas criadas, não era, não era só uma! Ehehe

Pois, tinha que ser mais

Duas e felizmente também tivemos sorte, tivemos criadas, simpáticas e boas, de boas famílias, não tenho a menor ideia de ter tido criadas más, ehehe, não tive, não....ai, uma vida tão longa, tão longa!

Olhe e consegue-me falar um bocadinho da altura em que se reformou? Recordar-se dessa fase da sua vida? Da reforma? Como é que foi a altura da reforma? Como é que se sentiu, teve de deixar o seu trabalho na escola...

Ah, soube-me bem

Soube-lhe bem? Eheh

Ah, pois não, ehehehe (muitos risos)

Já estava cansada de trabalhar?

Pois, pois, mas de vez em quando havia festas, lá no liceu! E eu era convidada para ir a essas festas!

Ah! Ia matar saudades?

É, do Liceu Infanta Dona Maria que era um edifício enorme, não é?

Pois é e continua a ser!

É e então era muito agradável porque encontrava as minhas antigas alunas,

E as colegas....

E colegas, era agradável era, colegas, então, ui Jesus, tive algumas tão amigas, tão amigas! Maria T. B., essa então!

Essa sua colega e amiga também foi professora de Física-Química?

Pois foi, foi

Foi?

Aonde, na mesma escola que a senhora?

Na mesma, na mesma, M.T.C.S. B. F., casou com um rapaz da família F.! Que era uma família assim de certa, categoria! E ela era muito linda! Eu até dizia que a beleza passava dela para mim! Dizia a brincar, não é? Eu estava quase sempre com ela, e ela era tão linda, tão linda! Ehehehehe que eu dizia que a beleza chegava para ela e para mim! Dizia a brincar, ehehe, fomos sempre muito, muito amigas! Nunca houve a mais pequenina coisa, não é? Que dissesse, olha fez-me isto ou aquilo, não! Sempre, sempre amiga, sempre boa! E linda que ela era, linda, ui, ui, ui! Ehehehe, muito linda, era, era! Era prima de um lente!

Pois, então ela também viveu cá em Coimbra?

Pois! Pois, no penedo da Saudade

Até quando?

Ai, isso agora já não me lembro, que ela depois foi para Lisboa!

Ah, então ela depois foi para Lisboa, depois de casar, já?

É, é, estive não sei em que liceu, já não me recordo!

E depois, nunca mais teve contactos com ela?

Hum, não, devo ter, devo ter, mas, hum, não me recordo, não me recordo, sei que com ela, era como se fosse minha irmã! Muito boa, muito boa, muito, muito, delicadinha! Um encanto!

Pois é, e a sua irmã? Portanto, a sua irmã ficou por S. Pedro?

A minha irmã ficou em S. Pedro....

Mas toda a vida dela? Ou saiu de lá?

Ela foi sempre muito boa para mim e eu não ia para lá, mas não é que fosse....fui mais tarde, para lá, para ao pé das minhas sobrinhas, e estava lá um mês ou assim, não sei quanto tempo é que la estive porque eu....a casa, ficou com essa condição, de eu querer ir para lá, tenho direito a ir para lá! Engraçado, ehehehe

Ainda tem sobrinhas?

Tenho, uma sobrinha muito simpática, muito simpática, muito, muito

Que vive aonde?

Vive mesmo em S. Pedro

Ah, continua lá a viver em S. Pedro!
 Ela é, ela é, na mesma casa...
 Na mesma casa
 Uma casa grande! Tem um jardimzinho! E na frente um jardim enorme que o meu pai fez quando foi presidente da câmara
 Então e a Dr.^a V. dava-se bem com a sua irmã?
 Muito bem!
 Não costumavam discutir?
 Não, não, não, sempre me dei muito bem com ela, com a minha irmãzinha! Eheheh, muito simpática! E tem muitos filhinhos, tenho muitos sobrinhos!
 Quantos filhos é que a sua irmã teve?
 Foram seis
 Também?
 Também, e bonzinhos, bonzinhos
 Isso é que é uma grande família!
 São simpáticos, ehehe, ainda lá está, um agora, uma filhinha! Ainda lá vive! Olhe o céu, olhe, o sol a radiar, ehehe mas há nuvens!
 Pois, há, há
 O céu não está azul
 Pois não, não
 Olhe, Dr.^a V., então diga-me uma coisa, depois a senhora quando se reformou...
 Quando me casei?
 Quando se reformou
 Ah, quando me reformei,
 Depois ficou sem fazer nada ou começou a fazer outra coisa? Lembra-se?
 Bem, eu como tinha muitos netinhos, tinha sempre que dar uma ajuda...
 Pois, a cuidar deles... Como é a sua relação com os netos?
 Ah, é o melhor possível! ehehehe
 É, costuma estar muitas vezes com eles?
 Então quando é as festas do Natal, isso então! É um encanto!
 Ajudou a criá-los, então
 Pois, alguns...
 Quais?
 Ah, não me lembro agora, eheheh, são tantos! Ehehehe
 Se calhar aqueles cujos pais vivem cá em Coimbra não?
 É, é, mas são poucos os que vivem cá!
 São poucos...
 Muitos foram para Lisboa, lá para os lados de Lisboa, ehehe, e Porto! O meu filho arquitecto vive no Porto
 Pois...
 Esse é de uma bondade!
 Os de Lisboa é que não tem estado muito com eles, pois não?
 De vez em quando vêm cá também! Sobretudo, o casado com a T.! O P.
 O P., que é militar
 Ah!
 Está na reforma...
 Ah, ele também está reformado?
 Está na reforma, maneira que, esses vêm cá muitas vezes, e são muito bons, muito amigos... são todos bons, graças a Deus! Ehehe, são todos bonzinhos
 Quando é que a Dr.^a V. começou a sentir, assim, mais os efeitos do envelhecimento? As rugas, os braços e as pernas a ficarem mais doridos...
 Ehehe (ri)
 Quando é que começou a sentir mais esses efeitos? Quando sentiu que começou esse processo?
 Ah, quando o meu marido foi governador... já eu tinha uma idadezinha, não é?
 Que idade?
 Hum... não sei se seriam uns sessenta, já não sei, não sei
 Então quer dizer que quando o seu marido era governador civil, a Dr.^a V. já devia ter os seus 60 anos? Estava já reformada?

Sim, sim....foi um período muito interessante, não é? Fomos viver lá para baixo, onde é o governo civil!

Aquilo é muito giro!

Muito lindo, aquela vista sobre o rio! É um encanto!

Então e depois esta casa ficou desabitada?

Nunca me esqueço é que fui jantar, a Lisboa, quando cá veio a princesa M.! Fomos convidados porque o meu marido tinha andado, como militar, em auxílio em Inglaterra, esteve a auxiliar a Inglaterra, maneira que...quando veio cá a princesa M., nós fomos convidados para o jantar...da princesa! E eu fiquei ao lado sabe de quem? Do C.! Ehehe, nunca mais me esqueço que o achei muito antipático! O C.! Então, fui a Lisboa, não é? Hum, ao jantar da princesa M. e fiquei ao lado do C., achei muita graça! Ehehe, aconteceram-me coisas tão engraçadas!

E o que é que fez, para aquilo ficar mais engraçado, o que é que fez? Como o achou antipático, o que é que a Dr.^a V. fez para tornar o jantar mais agradável?

Ai, eu....não, não me recordo, não me recordo...ai, o C., ehehehe, a mulher era simpática! Era...

Então conversou mais com a mulher

Com a mulher, era, era alegre! E muito simpaticazinha, era, era, era, o C.! Eh, é que é muito engraçado, porque há coisas assim curiosas, não é? Por exemplo,

Transcrição da 6ª entrevista

Lá em S. Pedro, sobretudo com quem nos demos mais foi com a baronesa de palma! A M., da família M.!

Mas ela não fazia parte da sua família?

Nada!

E como é que a conheceu?

Como o meu pai não tinha tempo de me andar a levar para ali e para acolá...

Pois

Ela como via que nós não tínhamos mãezinha, e o pai não nos podia...levava-nos a toda a parte! A dona G. M., ai, um encanto de pessoa! Vivía num palácio lá de S. Pedro que ainda lá existe, era da família, não é?

Mas depois da sua mãe falecer, como é que foi para o seu pai tomar conta, sozinho, de si e da sua irmã? Deve ter sido um bocadinho complicado, não?

Eu fiz o liceu em Viseu, fui para casa de uma tia, não é? De maneira que, a instrução primária lá em S. Pedro.....tive toda a gente muito amiga! E então a família do M. A., essa nem se faz uma ideia!

Fez a instrução primária aonde?

Lá em S. Pedro

Mas andou na escola, ou teve aulas particulares em casa?

Andei pouco tempo na escola, ainda me lembro que andei algum tempo na escola oficial, é verdade!

E depois, como era? Iam lá os professores a casa?

Não, não, depois foi o liceu, fui para Viseu! Para casa de uma tia

Mas na altura a escola primária...tinha 4 anos, também

Não mas, he..he..a escola primária foi em S. Pedro, depois o liceu é que foi em Viseu

E quem é que foi seu professor na escola primária?

Foram professores muito simpáticos, mas não me lembro

Não recorda?

Não, não, agora não me lembro...

E a sua irmã também fez a escola primária...

Sim, também fez a escola primária! Era lindinha a minha irmãzinha! Tinha um cabelo tão lindo, tão lindo!

Era?

Ai!

Ela era parecia com aquela sua amiga, que depois, com a Dona...

Com a filha, parentes dela?!

Não, se ela era parecida com aquela sua grande amiga que veio para Coimbra consigo?

Não! Não, não

Não tinham nada a haver..

Nada! A que veio para Coimbra era uma beleza! Era tão linda que eu dizia que a formosura dela passava para mim! Andava sempre com ela e eu dizia, olha a formosura dela passa para mim! Era tão linda! Eheheheh

Mas a sua irmã também era muito bonita?

A minha irmã era bonita, era, tinha um cabelo, ai que lindo!

E o seu cabelo como era, e o seu?

O meu era preto, era, brilhante, assim, bonzinho, mas o dela era muito mais lindo, o da minha irmã! Era as ondas e dourado, não sei como...era tão diferente de mim! Mas era, no cabelinho era muito diferente. A minha irmãzinha! Está ali o retratinho dela, eheh, naquele retrato pequenino! (mostra o retrato)

Qual? Aquele ali?

Esse, esse que está na parede! Não, não, não, não, aquele! Exactamente!

Pois era

Muito lindinha, muito lindinha, ehehehee

Pois era, pois era

Aí (mostrando um outro retrato) sou eu e as companheiras já em Coimbra! Na rua dos Grilos, olhe, na casa onde viveu o Salazar...

Aqui?

Ahahaha (ri muito) na rua dos Grilos é perto do palácio dos confusos

Pois é

Há ali umas escadinhas...

Há, exactamente

Pois isto é precisamente ao lado dessas escadinhas

E é, eu estou no meio, a M. T. que casou com o F. está ali e a directora do liceu, D. C. está ali.

E essa senhora, a D. C., quando é que a conheceu?

Bem...eu, a ...D. C. quando a conheceria, já nem me recordo bem, mas...não, não

Eram muito amigas as 3?

Muito, muito, a D. C. foi reitora do meu liceu, não é? Mas foi sempre muito boa!

Foi reitora?!

Reitora!

Do seu liceu?!

Do meu liceu...

Ah, foi?

Foi, foi, ela foi reitora!

Mas ela era da sua idade, não era?

Mais velha, pouco mais velha

Pouco mais...

E ela também estava a tirar o curso de físico-química?

Não, não ela foi, era toda...letras!

Ah, das letras!

Sim das letras, D. C. M., depois casou com um senhor, afidalgado até...ainda tem, ainda tem as filhas a viver lá em baixo, ainda tem a mesma casa....

A sua amiga tinha uma trança muito grande!

Eheheh, eram boazinhas, foram boas!

Lembra-se desta altura, de tirarem esta fotografia, lembra-se deste episódio?

Sim, mais ou menos, mais ou menos...

Quem é que tirou a fotografia?

Uh, já não sei, já não sei...eu estou no meio delas!

Pois está

Nota-se disso, uma certa amizade, não sei...ehehehe, eu no meio, eheheh

Está cansada Dr.^a V., está cansada?

Eu, cansada, eh

De falar?

Um bocadinho tonta, ehehehehehe

Mas conte-me lá como é essa sensação de tonta

Não, não se cansa...

Então diga-me uma coisa, Dr.^a V. com o envelhecimento, a senhora já tem 105 anos!

É

Não é brincadeira!

Não é brincadeira

Já viveu muito!

Há muito pouca gente com esta idade

É verdade! Diga-me então quais foram ou são as perdas que a senhora sentiu mais com o envelhecimento

Penas?!

Perdas

Ah, perdas...

Sim

Hum, tudo foi mais ou menos, não é, de modo natural, o meu pai não morreu muito cedo, a minha mãe é que morreu muito cedo, a minha mãe é que morreu muito cedo...

Pois, isso marcou-a, um bocadinho...

É, é...tios, tive tios e tias....

Como é que viveu essa perda, lembra-se?

...os tios eram maravilhosos, acarinhavam-nos de uma maneira...e até as pessoas que nem eram da família, famílias amigas! Ui! Trataram-nos sempre tão bem, tão bem, ehehehe, lá em S. Pedro do Sul! S. Pedro do Sul para mim é uma terrinha especial! E depois Viseu, onde eu fiz o liceu, não é, onde também tive tanta família, tanta família...

Em Viseu estive em casa de uma tia, não foi?

Sim, pois estive, estive,

Esteve a viver em casa dessa tia

A família era de Viseu, da parte do meu pai, mas era de um bairrinho chamado B.! A casa da B., a casa da B. eu tenho ai retratos, não é? Era uma casa muito grande, com um jardim enorme! E até com uma quinta que ia até ao rio Pavia! E como havia 3 irmãos padres a casa tinha uma capelinha! Onde eu sonhei casar!

Três irmãos padres?

Três irmãos padres.

Mas irmãos de quem, do seu pai?

Irmãos...do meu pai...que graça, dá riso agora...sim, irmãos do meu pai, irmãos do meu pai! Creio que eram. Tinha o tio...hum, não me lembro bem porque o tio T....o tio T. era engenheiro, era engenheiro...foi engenheiro do vale do Vouga, director do Vale do Vouga! O tio T.! Dos caminhos de ferro, eheh, o tio T. muito bom! Muito meu amigo! Ai, e a mulher também! A esposa dele também muito minha amiga, muito, muito, foram encantadores, sempre! O tio T.! E havia outro tio To., esse era, era também empregado em coisas, coisas, hei, como é que hei-de dizer...antigamente havia, havia assim, coisas, he, olhe, não sei dizer...o tio To., não lhe sei dizer...

Mas que tipo de coisas?

É uma coisa bonita, uma coisa bonita mas não me lembro agora do nome... o tio To., um encanto de pessoa!

Que também era irmão do pai?

Irmão do pai, era..., o tio T. esse era engenheiro, foi director do vale do Vouga, e ...o tio To. era um tio encantador, era encantador o tio To.

Mas esses dois tios também viviam em Viseu?

Não, não, o de Vale do Vouga residia em Espinho....

E o outro, o tio To.?

O outro andou por várias terrinhas, não é? Ele era assim...he...qualquer coisa...como é que há agora assim... câmaras municipais e assim, ele andou por esse género de coisas, agora de repente não me lembro...ehehe, o tio To., muito bom, muito bom...e lindo, e lindo era bom e lindo o tio To.. O meu pai também era muito lindo, eu já lhe contei de uma senhora que chegou ao pé dele...

Já num hotel, no hotel do Estoril....

E ela disse-lhe: o senhor é muito bonito! Era uma velhinha, tinha direito a dizer isso! Ehe, declarou-se! Que ele era muita bonito! E realmente era, até se vê por ali!

Pois, o seu pai, teve muita força em cuidar de si e da sua irmã, não foi?

Ah, muita força! Foi um bom pai! Primeiro, por causa dessas histórias de andar a cavalo atrás dele quando ele ia para...

Mas a senhora e a sua irmã iam a cavalo atrás dele porquê? Por serem pequeninas e não poderem ficar sozinhas em casa?

Era, era e os cavalos eram muito mansinhos! Maneira que não havia perigo nenhum e íamos assim, as vezes para muito longe!

Pois

É, acompanhavamo-lo, nem todas as meninas... havia lá meninas riquíssimas em S. Pedro, não é? A família M., a família, sei lá! Que não tinham essa vida, mas o meu pai achava que era bom....pronto! Lá íamos nós, a cavalo, eheheh, atrás dele, foi um pai fora de série! Lá isso foi

Mas depois quando a Dr.^a V. foi para Viseu, frequentar o liceu...

Fui para casa da tia Conceição

Para casa da tia C., que era uma tia que não era casada?

Era casada

Ai, era?

Não tinha era filhos

Ah, não tinha era filhos....

Não tinha filhos, mas era uma pessoa muito religiosa e como não tinha filhos, resolveram ter lá em casa, a comer lá em casa, pessoas que foram depois bispos e padres e cónegos. Comiam lá em casa, em vez dos filhos, porque eles achavam que eram pessoas muito boas, não é? Também não tinham filhinhos....

Por isso a Dr.^a V. esteve lá e foi muito bem tratada

Muito bem! Oh, com esses tios, muito bem, muito bem!

E depois a sua irmã também foi para lá?

A minha irmã não, a minha irmã não...

Não?

Lembro-me que ela ainda lá esteve algum tempo, mas não foi como eu! Não tirou o liceu como eu

Ah, não tirou o liceu?

Não, não, foi diferente

A sua irmã, esteve então, só em S. Pedro do Sul?

Sim, em S. Pedro do Sul

E enquanto a Dr.^a V. esteve em Viseu, não ia a S. Pedro do Sul?

la muito, ia muito, então nas férias....

Ah, mas era mais nas férias

O meu pai era presidente da câmara, maneira que nas ferias, havia, he,he, as termas, de S. Pedro do Sul, que têm até o nome do meu paizinho lá. Maneira que, íamos para lá, para todas as festinhas que lá se faziam...não é? Onde éramos acarinhadas de uma forma...especial, ehehehe, nas termas la de S. Pedro!

Mas foi a primeira separação que teve do seu pai, foi quando esteve em Viseu?

Sim, pois, foi....

E como é que viveu essa altura, como é que essa altura foi sentida?

Ai em Viseu muito bem, porque em casa da tia Conceição....

Não mas e a separação do pai e da irmã? Como é que viveu?

Ah, he,...eu, não houve assim nada que...nas férias lá íamos sempre para casa...

E nessa altura o seu pai já tinha voltado a casar?

Pois a certa altura, casou, casou a 2^a vez, casou! Mas a senhora morreu, depois, muito novinha

Também?

Morreu, morreu...Era boa criatura, mas não sei já porque foi, morreu. Pois foi, o meu pai casou segunda vez casou, casou...Mas coitadinho, não teve sorte, era fraquinha, adoeceu e morreu...Tenho ideia, Dona O., ehehe

O.

Era o nome dela! Ehehehehe

Nessa altura havia muita tuberculose, não havia?

Sim, talvez....mas ela não foi por tuberculose...

Não?

Não, não

Foi devido a quê? Consegue lembrar-se?

Já não me lembro....Lembro-me, sim de quando estávamos em casa da tia C. nos darmos muito com a família Ci.! Lá em Viseu, havia esta família que tinha, vários, vários ramos, não é? E com quem nos dávamos! Eram pessoas, a tia era muito religiosa, essa senhora Ci., também era, iam muito à Sé, a essas cerimónias todas! Maneira que davamo-nos muito com essa família, Ci.! Ehehehe

Isso em Viseu?

Viseu! Em Viseu, havia assim...havia o grémio, havia umas famílias muito célebres, a célebre família Ca., que eram todos afigados! Ehehe

A Dr^a V. assim, na sua época de moça, na altura que esteve por Viseu, dava-se mais com pessoas mais velhas, não era?

Ah, pois, é, pois, é

E como é que isso era? Custava-lhe, entrar no mundo dos adultos?

Mas também tínhamos muitas primas!

Era?

Era, a minha avó teve 10 filhos, de maneira que uns viviam lá, casaram lá e tiveram filhos lá, maneira que, éramos recebidos, também, em casa deles, não é? Fomos sempre muito bem tratadas, muito bem, lá em Viseu! Os primos, priminhos

E a sua amiga, a M. T., também esteve em Viseu a frequentar o liceu?

Ela, era mesmo de lá...

Ah, era mesmo de lá...

Era mesmo de Viseu

E conheceu-a lá?

E um parente, um avô ou qualquer coisa, tinha uma ourivesaria! Que depois o pai dela herdou! Uma ourivesaria, mas uma coisa boa! A M. T., casou com um F.! Era muito linda! Era a tal que eu dizia que passava a beleza dela para mim!

Dr.^a V. consegue-me contar, algo mais da sua vida, mas mais relativo à sua fase adulta, quando era mais velha

Ehehehe, mais velha...

O que é que recorda? A partir da reforma, por exemplo, o que é que me pode contar acerca de coisas que lhe aconteceram...

Uhuhuhu, é que eu fui professora trinta e tal anos! Aguentei muito tempo!

E depois quando teve a reforma, como é que foi?

E as minhas alunas, foram sempre encantadoras! Não é como agora, é diferente!

Eu tive alunas encantadoras! Muito dedicadas, muito simpáticas, muito bem educadas, enfim, um encanto! No liceu, Infanta D. Maria!

Para além de ser professora, a senhora fazia mais alguma coisa? Como é que costumava ocupar os seus tempos livres?

Hum....não havia assim muito....não, não

Era mais a rotina de ir para a escola, voltar para casa....

Era, era! Mais trabalho que outra coisa

Mais trabalho... e depois com a reforma ficou sem nada para fazer?

Ah, sim

E como é que se entretinha?

Ah, como é que quê?

Como é que se entretinha depois?

Ah, netinhos já, já havia netinhos! Maneira que...tudo correu bem, não me lembro assim de nada...de desagradável, não me lembro

E quando é que se começou a sentir assim os efeitos da idade?

Ahahaha

Lembra-se dessa altura?

Eu ia-me sentindo sempre nova, sempre a mexer-me, cá em casa...no jardim, a varrer, a limpar, sempre, sempre a trabalhar! Maneira que não me sentia muito....agora é que já é diferente....

Agora é que já sente um bocadinho mais, é?

Agora, ahahah, (risos) agora....é bem diferente....

Quais as grandes diferenças?

Bem, eu nunca tive uma dor! A cabeça é que está estonteadinha, está estonteada! Agora, dores, nunca tive! Eu acho isto uma coisa extraordinária!

É espectacular é!

Não é? Nunca ter tido uma dor, desde os pés à cabeça!!

A senhora toma medicação? Assim, alguns medicamentos que tome?

Não, não....nem me lembro de tomar alguma coisa assim de importante, tive sempre muita saúde! É uma coisa!

Nunca foi a um médico?

Ah, sim, quando tive os filhinhos e isso...

Não, mas ao médico por sua causa? Devido a alguma doença que tivesse tido

Não me recordo...tive sorte, muita sorte!

Mas actualmente o que sente pior é o quê? A audição, não é, e mais o quê?

Ai, agora é!

E como é que lida com isso?

Não ouço, olhe, não ouço

Mas tenta compensar isso de alguma forma?

Não há possibilidade

Não?

Não, não

E como é que se sente com essa perda, com a perda da audição?

Ahhh hhh, faz falta, faz falta, mas...tenho que me conformar! Pois é, ouvir mal, é o pior que tenho, porque ver, ainda vejo bastante, é verdade, não vejo como antigamente mas ainda vejo, não é? Com a minha idade, não é? Estes números são todos enormes! Então hoje é 17 não é?

Isso mesmo

É que eu marco, faço aqui uma bola no calendário, para marcar

E faz muito bem!

Pois, assim sei as quantas ando...

Pois é..

Quando a gente não sabe as quantas anda, é desagradável, não é...

Então está a ver, isso é uma estratégia que encontrou para compensar o facto de não saber muito bem em que dia estamos

Ahaha (ri) mas realmente, a falta de vista é pequena... para aquilo que eu tenho que fazer chega!

Até agora a senhora só me falou de coisas boas que aconteceram na sua vida....e coisas más ou menos boas, aconteceram algumas?

Más? Não....não...

Não?

Não... tive namorados que me escreveram cartas...

Ai teve? Ah, isso ainda não me tinha contado

Não tive namorados, tive quem me escrevesse declarações, eu é que não...

Então e quem foi?

Tenho uma ideia de ter havido dois ou três rapazes que me escreveram a declarar-se mas já nem me lembro do nome deles, já nem me lembro

Mas nessa altura já namorava com o futuro marido?

Não, era rapariguinha, rapariguinha, ahahaha (ri), no liceu, não é? Até houve, os que escreviam versos! Havia o jornal académico, não é, e havia rapazes que escreviam lá...eu sei que ainda tinha isso, não sei se para ai anda, esse jornalzinho pequenino, académico, com versos dedicados a mim!

A sério? Mas isso quando andava no liceu?

Na altura do liceu! Foi, foi, tenho toda a ideia Tive assim uns apaixonadinhos, um foi lente cá! Ainda me lembro do nome dele: L. A.! Foi lente cá na universidade!

E ele era de onde, de Viseu?

De perto de Viseu, ai de uma terrinha perto de Viseu... E esse, realmente, foi muito dedicado, mas eu é que nunca...

Foi muito dedicado?

Mas nunca, nuca houve namoro.

Então só namorou com o seu marido?

Só, só, só com o meu marido, ahahah

Então e aquele seu amigo, o D.

Ah? O D.Não! Muito simpático, muito delicado, mas não! O D., esse até jogava ao ténis cá, quando a gente veio para cá, não é? No mesmo sítio onde agora ainda parece que está...e...o D., como é, qual é o nome, D., qual é o apelido...agora não me lembro do nome...

Era um marquês?

Era, o D., a gente chamava-lhe o D., era por acaso muito amigo do meu marido! Davam-se muito bem...ahaha, davam-se muito bem, davam! Foi uma vida maravilhosa, enfim! Só tenho que agradecer a deus, filhinhos muito bons, netinhos muito bons, olhe, uma sorte! E agora já tenho bisnetos, ehehe, é verdade!

Quantos são, ao todo?

Os bisnetinhos? Os bisnetinhos não sei se são sete ou oito!

Não me lembro bem

E os netos, quantos são?

Ah, netos são mais, netos são muitos mais, bisnetos é que são oito, netos, são treze!

E sabe o nome deles todos?

Bem, eu dantes sabia, agora já nem os tenho visto, alguns já cá não vêm há muito tempo, maneira que baralho com certeza os nomes,

E como é a sua relação com eles?

Ah?

Como é a sua relação com eles, dão-se bem?

Damos, muito bem! Felizmente, muito bem! Eheheh, os filhinhos também todos muita bons!

Oh que sorte, que sorte! Seis filhinhos! (entra a empregada) tenho assim, várias empregadas! Não tenho só uma, a outra vem à noite! Conhece os versos de Coimbra? (começa a lê-los e a recitar) Coimbra menina e moça, rouxinol de Bernardim, não há terra como a nossa, não há no mundo outra assim, do choupal até à lapa, foi Coimbra os meus amores, assombra da minha capa caiu no chão e abriu em flores! Coimbra é de Portugal como a flor é do jardim, como a estrela é do céu, como as saudades é de mim!
























Anexo 5: Quadro de análise categorial temática

Biograma

INF	ADL	JOV.AD	M. ID	T. ID	Q. ID	Temáticas
Perda						Perda
Vinculação afectiva						Vinculação afectiva
Afastamento/separação						Afastamento/separação
Família						Família
Escola						Escola
Trabalho						Trabalho
Lazer						Lazer
Residência						Residência

Legenda: INF- Infância; ADL- Adolescência; JOV.AD- Jovem Adulta; M.ID- Meia-Idade; T.ID- Terceira Idade; Q.ID- Quarta Idade

Codificação

Perda:	 Morte	 Vinculação afectiva:	 Vínculo familiar	 Residência	 Progenitor
Afastamento:	 Estudar fora	 Vínculo extra-familiar	 Amizade	 Casa Balsa	 P. Confusos
Família:	 Família origem	 Convívio social	 Ensino Primário	 Familiar	 Desporto
	 Família alargada	 Ensino Secundário	 Ensino Superior	 Lazer:	 Canto
	 Família constituída	 Trabalho:			 Carreira